ALEGREM-SE OS POVOS

A SUPREMACIA DE DEUS NAS MISSÕES

JOHN PIPER



Alegrem-se os Povos © 2000, Editora Cultura Cristã. © 1993, John Piper. Originalmente publicado em inglês com o título *Let the Nations Be Glad* pela Baker Books, uma divisão da Baker Book House Company, Grand Rapids, Michigan, 49516, USA. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2002 – 3.000 exemplares
2ª edição 2012 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial
Ageu Cirilo de Magalhães Jr.
Cláudio Marra *(Presidente)*
Fabiano de Almeida Oliveira
Francisco Solano Portela Neto
Heber Carlos de Campos Jr.
Mauro Fernando Meister
Tarcízio José de Freitas Carvalho
Valdeci da Silva Santos

Produção Editorial
Tradução
Rubens Castilho
Vagner Barbosa
Revisão
Vagner Barbosa
Sandra Couto
Wilton Lima
Editoração
Rissato
Capa
Osiris Carezzato Rangel Rodrigues
Imagem da capa: Matej Hudovernik © 123RF

P665a Piper, John
Alegrem-se os povos / John Piper; traduzido por Rubens Castilho e Vagner Barbosa. _ São Paulo: Cultura Cristã, 2012

272 p.: 16x23 cm

Tradução *Let the nations be glad*

ISBN 978-85-7622-450-1

1. Espiritualidade 2. Missões 3. Vida Cristã

CDU 2-167

EDITORA CULTURA CRISTÃ
R. Miguel Teles Jr., 394 – Cambuci – São Paulo – SP – 01540-040
Caixa Postal 15.136 – 01599-970 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3279-1255
www.editoraculturacrista.com.br - cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

A
Tom Steller

na preciosa parceria de adoração,
oração e sofrimento
pela supremacia de Deus
em todas as coisas,
para a alegria de todos os povos
por meio de Jesus Cristo,
crucificado e ressurreto.

Sumário

Prefácio à terceira edição 9
Agradecimentos 13
Introdução à terceira edição: novas realidades no mundo cristão e doze apelos aos pregadores da prosperidade 15

Primeira Parte – Reconhecendo que Deus é supremo nas missões: propósito, poder e preço

1. A supremacia de Deus nas missões por meio da adoração 35
2. A supremacia de Deus nas missões por meio da oração 60
3. A supremacia de Deus nas missões por meio do sofrimento 85

Segunda Parte – Reconhecendo que Deus é supremo nas missões: necessidade e natureza da tarefa

4. A supremacia de Cristo como foco da fé salvadora 123
5. A supremacia de Deus entre "todas as nações" 161

Terceira Parte – Reconhecendo que Deus é supremo nas missões: o trabalho prático de compaixão e adoração

6. A supremacia de Deus e a compaixão pela alma humana: Jonathan Edwards sobre a unidade de motivos para missões mundiais 205
7. A simplicidade interna e a liberdade externa da adoração 215

Conclusão 230
Epilogo: a supremacia de Deus em ir e enviar – *Tom Steller* 234
Notas 239
Índice de textos bíblicos 261
Índice de pessoas 268
Índice de assuntos 270

Prefácio à terceira edição

Minha paixão é ver pessoas, igrejas, agências missionárias e ministérios sociais se tornarem teocêntricos, exaltarem a Cristo, serem capacitados pelo Espírito, satisfazerem a alma, serem permeados pela Bíblia, mobilizarem missões, ganharem almas e buscarem a justiça. A supremacia de Deus em todas as coisas para a alegria de todos os povos por meio de Jesus Cristo é o compromisso central, orientador e unificador de minha vida.

Esta visão é tão clara e firme em meu coração em 2010 quanto era em 1993, ano em que este livro foi publicado pela primeira vez, e em 2003, quando foi revisado. De fato, esta visão foi profundamente solidificada neste ínterim pela conclusão de outro livro meu que trata de missões mundiais: *What Jesus Demands from the World*.[1] O que orientou aquele livro foi o mandamento de Jesus na Grande Comissão: "Ensinando-os a guardar tudo o que vos tenho ordenado" (Mt 28.20). Aquele livro foi meu esforço para reunir, nos quatro Evangelhos, o que Jesus queria dizer com "tudo que vos tenho ordenado". É um manual para disciplinar as nações na obediência a esta parte da Grande Comissão.

Por isso a visão não enfraqueceu. Sou grato a Deus por ter sido misericordioso em usar *Alegrem-se os povos* para se tornar mais central em missões e mais satisfatório no coração daqueles que entregam a vida por causa de seu nome.

Agradeço novamente ao Baker Publishing Group pelo privilégio de publicar com eles esta edição expandida e refinada. Se eu fosse perguntar por que este livro continua a ser útil, a resposta seria que é porque ele é principalmente uma reflexão bíblica, não uma aplicação metodológica. Os métodos mudam. No entanto, adoração, oração, sofrimento, povos não alcançados, evangelho, fé, céu e inferno, tudo isso permanece.

John Stott disse algo que gosto muito de ouvir e repetir:

> O maior dos motivos para se fazer missões não é obediência à Grande Comissão (apesar disso ser muito importante) nem o amor pelos pecadores que estão alienados e perecendo (por mais forte que seja este incentivo, quando contemplamos a ira de Deus...), mas o zelo – zelo ardente e apaixonado – pela glória de Jesus Cristo... Somente um imperialismo é cristão... e se refere à Majestade Imperial de Jesus Cristo, para a glória de seu império.[2]

Ele faz essa declaração ao analisar Romanos 1.5. Ali, o apóstolo Paulo resume seu chamado como missionário: "Viemos a receber graça e apostolado *por amor do seu nome*, para a obediência por fé, entre todos os gentios". Observe: "Por amor do seu nome". Stott exulta novamente nesta grande paixão de Paulo:

> Devemos ser "zelosos"... pela honra de seu nome – ficarmos incomodados quando ela permanece desconhecida, feridos, quando é ignorada, indignados, quando é blasfemada. E, todo o tempo, ansiosos e determinados para que ela receba a honra e a glória que lhe são devidas.[3]

Oh!, anseio pelo dia em que mais pastores, estudiosos e missionários não apenas dirão isso, mas sentirão isso como a força que orienta suas vidas!

O apóstolo João aplica esta paixão que exalta a Cristo a todos os missionários, quando diz: "Por causa do nome foi que saíram" (3Jo 7). Meu amigo e companheiro na Maior das Causas por trinta anos, Tom Steller, escreveu um posfácio para este livro baseado neste texto de 3João. Dediquei este livro a Tom com profunda afeição.

Na medida em que nos aproximamos mais e mais da última linha juntos, queremos entregar nossa vida para criar, enviar e sustentar cristãos pelo mundo que vivem e morrem "por causa do nome". Cada vez mais, o que queima dentro de nós é a pergunta: "De onde vêm essas pessoas teocêntricas, que exaltam a Cristo e são orientadas a missões?". Cremos que vêm de lares, escolas, igrejas e ministérios encharcados de Deus, dedicados a Cristo, que respiram Bíblia. É isto que este livro procura alimentar.

Há um amor encantado por Deus, que tem estima por Cristo, abnegado, que busca a plenitude de Deus na alma e no serviço prestado a Jesus. Ele não é absorvido na antropologia, nem na metodologia, nem mesmo na teologia – é absorvido em Deus. Ele clama com o salmista: "Louvem-te os povos, ó Deus, louvem-te os povos todos... Salmodiai a Deus, cantai louvores; salmodiai ao nosso Rei, cantai louvores. Deus é o Rei de toda a terra; salmodiai com harmonioso cântico" (Sl 67.3-4; 47.6-7).

Há uma cosmovisão específica que engrandece a Deus e exalta a Cristo. Ela é incansável em anunciar Deus constantemente. Ela é a mola propulsora do Deus Triúno na antropologia, na metodologia e na teologia. Ela não pode ficar em paz com o planejamento ou a pregação que ignora ou negligencia Deus ou vaga sem rumo.

Essas pessoas apaixonadas por Deus são aquilo de que precisamos. Por exemplo, mesmo depois de todos estes anos, ainda fico feliz em dizer que *Alegrem-se os povos* é como um pequeno barco que navega no encalço do grande empreendimento de Patrick Johnstone e Jason Mandryk e sua equipe na publicação de *Operation World.* Todo cristão deveria usar esse livro para conhecer as nações e orar.

Olho para este livro que desperta a igreja e provoca o avanço missionário e pergunto: "Que tipo de pessoa usa um livro como este?" Ouça.

> Todas as forças surpreendentes que abalam o mundo são liberadas pelo Senhor Jesus Cristo. Ele reina hoje. Ele está na sala de controle do universo. Ele é a única Causa Primária. Todos os pecados humanos e todas as artimanhas de Satanás têm o objetivo de atacar a glória e o reino de nosso Salvador. Isto é verdade sobre nosso mundo hoje – em guerras, fome, terremotos e males que, aparentemente, têm o predomínio. Todas as ações de Deus são justas e amorosas. Temos de ter consciência do inimigo para poder retomar o aspecto bélico da intercessão. Precisamos ser mais conscientes de Deus para que possamos dar a risada da fé, sabendo que temos poder sobre todo o poder do inimigo (Lc 10.19). Ele já perdeu o controle por causa do Calvário, onde o Cordeiro foi imolado. Que grande confiança e descanso de coração isso nos dá quando encaramos um mundo em desordem e tamanha necessidade espiritual.

É isso. Onde estão os mestres, pregadores, executivos de missões e diretores de seminário que falam assim? Seu número está aumentando. Quero ser um deles. Quero soprar cada centelha de zelo centrado em Deus que puder encontrar na alma do leitor. Sinta-se livre para esquadrinhar este livro em qualquer lugar em que você sentir este sopro. Ele não precisa ser lido de capa a capa.

Permita-me ser claro: este livro não é apenas para missionários. É para pastores que (como eu) querem conectar seus labores frágeis, momentâneos e locais aos propósitos invencíveis, eternos e globais de Deus. É para os membros da igreja que querem uma maior motivação que as estatísticas para serem cristãos mundiais. É para classes de faculdades e seminários sobre teologia de missões que realmente querem ser *teológicas* tanto quanto são antropológicas, metodológicas e tecnológicas. E é para líderes que precisam

ter o pavio trêmulo de sua vocação transformado novamente em chama com foco na supremacia de Deus sobre todas as coisas.

Tom Steller e eu amamos Jesus Cristo, amamos a igreja e amamos missionários. Nossa oração e nosso compromisso assumido em uma igreja local mobilizadora de missionários e na recém-inaugurada Bethlehem College and Seminary, é que Deus seja misericordioso conosco e torne nossos labores frutíferos para a Majestade Imperial de Cristo. Que ele levante gerações de cristãos mundiais que desejem dedicar suas vidas a tornar as nações felizes na glória de Deus por meio de Jesus Cristo.

Agradecimentos

Estou cercado de pessoas que me estimulam, porque compartilham comigo a visão de espalhar a paixão pela supremacia de Deus em todas as coisas para a alegria de todos os povos por meio de Jesus Cristo.

Esta terceira edição não teria sido possível sem o pronto auxílio e encorajamento de meu assistente executivo pastoral, David Mathis. Obrigado, David, por me manter estimulado e atender às demandas sempre urgentes.

Agradeço a Bethlehem Baptist Church, que, sob a liderança de presbíteros visionários, de mentalidade global e teocêntricos, me dá liberdade para escrever.

Obrigado, Carol Steinbach, amiga e companheira de batalha pela alegria, por tornar o livro mais acessível e útil com os índices de textos bíblicos e de pessoas.

Obrigado, Noël e Talitha, por fortalecerem minhas mãos para a Grande Obra e aceitarem meus esforços imperfeitos para amá-los como marido e pai.

Obrigado, acima de todos, querido Jesus, por ter dado a ordem de ensinar os discípulos a "guardar todas as coisas que vos tenho ordenado", com a dupla promessa: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra" e "eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século" (Mt 28.18-20).

Introdução à terceira edição

Novas realidades no mundo cristão e doze apelos aos pregadores da prosperidade

As missões não são o alvo fundamental da igreja. A adoração é. As missões existem porque não há adoração. A adoração é fundamental, não as missões, porque Deus é essencial, não o homem. Quando esta era se encerrar e os incontáveis milhões de redimidos estiverem perante o trono de Deus, não haverá mais missões. Elas são uma necessidade temporária. A adoração, porém, permanece para sempre.

A adoração é, portanto, o combustível e a meta das missões. Esta é a tese central deste livro desde sua primeira edição, em 1993. Apesar de todas as mudanças no mundo, *isso* não mudou. A adoração sempre foi e sempre será o propósito fundamental de Deus no universo. Ela sempre foi o fogo que alimenta nossa paixão por alcançar as pessoas que não adoram o verdadeiro Deus por meio de Jesus Cristo. É disso que tratamos no capítulo 1.

Entretanto, antes de chegarmos lá, uma nova situação no Cristianismo mundial requer nossa atenção. Lamin Sanneh, professor de história e Cristianismo mundial em Yale, usa a palavra "empolgante" para descrever a nova situação:

> Entre os muitos desenvolvimentos empolgantes no mundo pós-Segunda Guerra e nas subsequentes eras coloniais, poucos são mais surpreendentes que o ressurgimento do Cristianismo no mundo. Com força viva incansável, o Cristianismo se tornou, ou está se tornando rapidamente, a principal religião dos povos no mundo. Sociedades primitivas que ficavam fora da órbita principal da fé se tornaram centros

> importantes de impacto cristão, enquanto a Europa e a América do Norte, que eram consideradas a área central da religião, estão em notável recessão. Parece que estamos no meio de massivas mudanças e realinhamentos culturais cujas implicações somente agora estão ficando claras.[4]

A Europa e a América não estão mais no centro de gravidade do Cristianismo mundial. O centro está mudando para o Sul e o Oriente. As igrejas da América Latina, África e Ásia estão experimentando um crescimento fenomenal e estão se tornando as grandes igrejas que enviam missionários.

Apresentando o Sul do globo

Philip Jenkins, professor de história e estudos religiosos na Pennsylvania State University, talvez tenha esclarecido este desenvolvimento melhor que qualquer outro. A nova terminologia que foi introduzida em nosso vocabulário é o termo "Sul do globo", uma referência ao surpreendente crescimento da igreja na África, na América Latina e na Ásia, enquanto os antigos centros predominantes de influência cristã na Europa estão enfraquecendo. Por exemplo:

- No início do século 20, os europeus dominavam o mundo eclesiástico, com aproximadamente 70.6 % da população cristã mundial. Em 1938, nas vésperas da Segunda Guerra, o aparente domínio europeu do catolicismo e do protestantismo permanecia forte. No entanto, no fim do século 20, a porcentagem da participação europeia na quantidade de cristãos no mundo despencou para 28% do total. A América Latina e a África, juntas, possuem 43% dos cristãos do mundo.[5]
- Em 1900, a África tinha 10 milhões de cristãos, o que representava 10% da população. Em 2000, esta quantidade cresceu para 360 milhões, que representam quase a metade da população. Quantitativamente, esta bem pode ser a maior mudança em filiação religiosa já ocorrida em qualquer lugar.[6]
- O número de cristãos africanos está crescendo por volta de 2,36% ao ano, o que nos leva a projetar um aumento de 100% na quantidade de cristãos no continente em menos de trinta anos.[7]
- Por volta de 2050, o Cristianismo será a principal religião da África e da diáspora africana. Nessa ocasião haverá cerca de 3 bilhões de cristãos no mundo e a população daqueles que serão brancos e não latinos será entre um quinto e um sexto do total.[8]
- Na Conferência Lambeth, em 1998, o mais alto corpo consultivo da Comunhão Anglicana, 224 dos 735 bispos eram da África, em comparação com apenas 139 do Reino Unido e da Europa. Os anglicanos

da Nigéria relataram 17 milhões de membros batizados, em comparação com 2,8 milhões nos Estados Unidos.[9]

A nova forma do Cristianismo mundial

Mark Noll tem um modo ainda mais impactante de chamar nossa atenção para as novas realidades do Sul do globo.

- "A adesão cristã ativa se tornou mais forte na África que na Europa."
- "A quantidade de cristãos praticantes na China pode ser aproximadamente a mesma que existe nos Estados Unidos."
- "A quantidade de pessoas na igreja é muito maior no Quênia que no Canadá."
- "Mais crentes adoram juntos na igreja de domingo a domingo em Nagaland que na Noruega."
- "A quantidade de trabalhadores cristãos ativos provenientes do Brasil em ministérios transculturais fora de sua terra natal é maior que a quantidade de trabalhadores cristãos provenientes da Inglaterra e do Canadá."
- "Domingo passado... mais crentes foram à igreja na China que em toda a chamada 'Europa cristã'."[10]
- "Domingo passado, o número de anglicanos que foram à igreja no Quênia, na África do Sul, na Tanzânia e em Uganda (em cada país separadamente) é maior que o número de anglicanos da Inglaterra e do Canadá e o de episcopais dos Estados Unidos somados."
- "Domingo passado, mais presbiterianos foram à igreja em Gana que na Escócia."[11]
- "Na semana passada, na Grã-Bretanha, pelo menos 15 mil missionários cristãos estrangeiros trabalharam duro, evangelizando os moradores locais. A maioria desses missionários é procedente da África e da Ásia."[12]

Em uma palavra, diz Noll, "a igreja cristã tem sofrido uma redistribuição geográfica nos últimos cinquenta anos maior que em qualquer período comparável da História, com exceção dos primeiros anos da história da igreja".[13]

A época dos missionários ocidentais não acabou

Este é um motivo para os cristãos se alegrarem na graça soberana de Deus. No entanto, nem todas as notícias são boas. Por exemplo, um dos efeitos desse tipo de notícia é fazer muitos cristãos ocidentais pensarem que o tempo de mandar missionários de nossas igrejas passou. Isso é trágico.

Presumivelmente, o que devíamos fazer é dar suporte às missões provenientes do Sul do globo. Meu modo de dizer isso seria: deixem-nos derramar *seu* sangue. Nós só enviaremos *dinheiro*.

Muitos têm adotado a noção uniformizada de que é sempre mais eficiente culturalmente dar suporte a igrejas e ministérios locais provenientes do Sul do globo que pagar dezenas de milhares de dólares ao ano para enviar missionários ocidentais.

Não me oponho a fazer parcerias com missionários indígenas do Sul do globo. Há muitas igrejas e agências respeitáveis que tornam isso possível. No entanto, não é correto presumir que igrejas locais ou missionários das redondezas sempre podem alcançar um povo melhor do que os missionários ocidentais.

Isso não é correto, antes de tudo, porque, em situações missionárias pioneiras, não *há* igrejas locais para fazerem o trabalho. Este é o *significado* de um povo não alcançado.[14] Além disso, não há certeza se um missionário das redondezas será mais eficaz que você em aprender a nova língua e fazer um trabalho transcultural ensinando a verdade. Isso é especialmente verdadeiro se houver antigas hostilidades tribais a serem vencidas localmente. Esta estratégia pode, em alguns casos, ser melhor e, em outros, não.

O tempo das missões ocidentais não passou. Há muitas formas de fazer parcerias com crentes ao redor do mundo além de simplesmente enviar dinheiro. Há, como escrevi em 2009, segundo o Projeto Josué, 6.645 povos não alcançados no mundo, de um total de 16.309 povos étnico-linguísticos. E, desses, o Projeto Josué relaciona 1.540 como não possuindo trabalho missionário. Vocês podem verificar as estatísticas sempre em alteração no *site* www.joshuaproject.net.

O Sul do globo e o evangelho da prosperidade

Outra ambiguidade na atual magnífica expansão missionária do Cristianismo é que nem todas as formas dessa fé são baseadas naquilo que o apóstolo Paulo chama de "sã doutrina" (Tt 1.9; 2.1). Michael Horton faz esta observação fantástica:

> A comemoração da expansão do cristianismo muito anunciada em dois terços do mundo (mais notavelmente nos últimos anos, no *The Next Christendom* [A Cristandade Futura], de Philip Jenkins) deveria ser, pelo menos, atenuada pelo fato de que o evangelho da prosperidade é a versão mais explosiva deste fenômeno.[15]
>
> O evangelho da prosperidade é o movimento mais abrangente do continente africano.[16]

O que quero dizer com "evangelho da prosperidade" é um ensino que enfatiza o objetivo que Deus tem de fazer os crentes serem saudáveis e

prósperos nesta vida e, ao mesmo tempo, negligencia ou minimiza os perigos da riqueza, o chamado bíblico para uma mentalidade bélica e a necessidade e o propósito do sofrimento.

O evangelho da prosperidade é representado por um grande pregador africano da prosperidade, que diz: "Muitos são ignorantes do fato de que Deus já fez provisão para que seus filhos sejam prósperos aqui na terra. Quando digo prósperos, quero dizer muito, muito ricos... Libertem-se! Não é pecado desejar ser rico!"[17]

Fico profundamente preocupado quando um pregador encoraja uma multidão a doar 200 dólares para "se abrirem para a bênção" em uma cultura em que um professor ganha 150 dólares por mês. No entanto, mais de 300 pessoas foram à frente para receber a unção com óleo e, "dentro de minutos, a igreja arrecadou 60.000 dólares livre de impostos".[18]

O alcance desse ensino na África é notável. Em um panorama de 2006, Pew perguntou aos participantes se Deus "concede prosperidade material a todos os crentes que têm fé suficiente". Oitenta e cinco por cento dos pentecostais do Quênia, 90% dos pentecostais da África do Sul e 95% dos pentecostais da Nigéria disseram que sim.[19]

"o pior ramo da prosperidade africana é, talvez previsivelmente, uma exportação americana."[20] A televisão se tornou a sala de aula da religião africana. "As pessoas a ligam e presumem que TBN é Cristianismo americano e os americanos sabem tudo, portanto, porque não ouvir o que têm a dizer?"[21] E, é claro, o ensino da prosperidade não exclusivo da África e da América. Ele tem suas formas latino-americana e asiática e pode ser encontrado em todo o Sul do globo, de Seul a São Paulo.[22]

O que devemos dizer sobre o evangelho da prosperidade?

A primeira coisa que devemos dizer sobre o evangelho da prosperidade é que os ricos ocidentais são, provavelmente, tão culpados por seus excessos quanto os pobres do Sul do globo. A diferença é que o pobre *não* tem prosperidade e quer tê-la, enquanto o rico a possui, espera mantê-la e fica irado se Deus a retira. Ambos têm o coração colocado na prosperidade. Isso é apenas mais sutil no ocidente porque podemos tomar a prosperidade como certa. É por isso que passo mais tempo orientando nossa igreja a viver de modo diferente do que orientando o Sul do globo a pensar de modo diferente.[23] Sou mais responsável pelos pecados de casa.

A prosperidade é relativa e os caminhos são diversos

Mas este é um livro sobre missões globais. E o que pensamos sobre dinheiro e bens é profundamente importante no modo como fazemos missões

e discipulamos os convertidos. Por isso, gostaria de oferecer uma resposta bíblica ao evangelho da prosperidade. Quando saliento algumas de suas fraquezas, procuro manter em mente meus próprios pecados e espero me lembrar de que este não é um movimento monolítico e que "prosperidade" é um termo relativo.

Prosperidade, em uma parte do mundo, significa um teto sobre a cabeça, comida sobre a mesa duas vezes ao dia e água limpa para beber. "Atualmente, cerca de 315 milhões de africanos subsaarianos vivem com menos de um dólar por dia."[24] E o que chamaríamos de vida modesta na América (com uma casa, um carro, eletricidade, refrigeração, encanamento interno, água potável, aquecimento central, computador, telefone, várias mudas de roupas e fartura de guloseimas) seria grande opulência na maior parte do mundo. Esta é uma razão pela qual os críticos dos pregadores da prosperidade devem ser criteriosos e cautelosos.

Outro motivo de cautela para os críticos é que há diferentes formas de pensar sobre como o Cristianismo traz prosperidade. Poucos discordariam que um movimento orientado pelo evangelho caracterizado por honestidade, trabalho duro, paciência, generosidade, perseverança e amor pela excelência, ao longo do tempo, tiraria uma cultura da disfunção da corrupção e traria tempos mais prósperos e estáveis. Se fosse isso o que os pregadores da prosperidade estivessem dizendo, haveria pouca controvérsia.[25]

No entanto, considerando o modo esbanjador como os pregadores da prosperidade geralmente vivem, até mesmo para padrões ocidentais – voando em jatos particulares, vivendo em palácios com oito banheiros e pernoitando em suítes de 5 mil dólares a diária – e considerando o modo como vestem o evangelho eterno de Cristo com roupas mundanas, parece sábio oferecer uma resposta bíblica. Colocarei esta resposta na forma de doze apelos. Não estou ávido por difamar, mas por redimir e transformar.

Doze apelos aos pregadores da prosperidade

1. Não preguem um evangelho que coloque obstáculos desnecessários no caminho das pessoas que estão indo para o céu.

Jesus disse: "Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!" Seus discípulos ficaram embaraçados, como muitos adeptos da "prosperidade" também ficariam. Por isso Jesus tratou de deixá-los ainda mais surpresos, dizendo: "É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus", eles responderam, com desconfiança: "Então, quem pode ser salvo?". Jesus respondeu: "Para os homens é impossível; contudo, não para Deus, porque para Deus tudo é possível" (Mc 10.23-27).

Isso significa que eles tinham motivo para se espantar. Um camelo não pode passar pelo buraco de uma agulha. Isto não é uma metáfora para algo que requer grande esforço ou um sacrifício humilde. Isso simplesmente não pode ser feito. Sabemos disso porque Jesus disse que é *impossível.* Esta é uma palavra dele, não nossa. "Para os homens, é impossível." O ponto é que a mudança de coração exigida é algo que o ser humano não pode fazer por si mesmo. Deus precisa fazer isso. "Para Deus tudo é possível."

Não conseguimos parar de ajuntar dinheiro acima de Cristo. Mas Deus pode. Esta é a boa-nova. E isso deveria ser parte da mensagem que os pregadores da prosperidade anunciam antes de instigar as pessoas a serem como camelos. Por que um pregador pregaria um evangelho que encoraja as pessoas a desejarem ser ricas e, assim, confirmá-las em sua inaptidão natural para o reino de Deus?

2. Não preguem um evangelho que estimule desejos suicidas nas pessoas.

O apóstolo Paulo advertiu contra o *desejo* de riquezas. E, por implicação, advertiu contra pregadores que encorajam o desejo de adquirir riqueza, em vez de ajudarem as pessoas a se livrarem dele. Ele disse:

> Os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é a raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores (1Tm 6.9-10).

Essas são palavras muito sérias, mas não parecem encontrar eco na pregação do evangelho da prosperidade. Não é errado os pobres quererem prosperidade para que tenham o que precisam e possam ser generosos e dedicar tempo e energia a tarefas que exaltam a Cristo além de lutar pela subsistência. Não é errado pedir a Cristo ajuda nesta busca. Ele cuida de nossas necessidades (Mt 6.33).

No entanto, todos nós – pobres e ricos – corremos constantemente perigo de colocar nossas afeições (1Jo 2.15-16) e nossa esperança (1Tm 6.17) nas riquezas, em vez de em Cristo. Esse "desejo de ser rico" é tão forte e tão suicida que Paulo usa a mais forte linguagem para nos alertar. Meu apelo é que os pregadores da prosperidade façam o mesmo.

3. Não preguem um evangelho que encoraje a vulnerabilidade à traça e à ferrugem.

Jesus adverte contra o esforço de ajuntar tesouros sobre a terra, isto é, ele nos diz para sermos *doadores,* não *guardadores.*

> Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam (Mt 6.19-20).

Sim, todos nós guardamos alguma coisa. Jesus admite isso. Ele não espera, exceto em casos extremos, que nossa doação signifique que não seremos mais capazes de doar. Pode haver um tempo em que daremos nossa vida para alguém e, assim, não poderemos dar mais nada. Mas, ordinariamente, Jesus espera que vivamos de um modo que haja um padrão permanente de trabalho e ganho e vida simples e doação continua.

Entretanto, considerando a tendência embutida em direção à cobiça em todos nós, Jesus sente a necessidade de advertir contra "ajuntar tesouros na terra". Isso parece ganho, mas conduz à perda ("traça e ferrugem corroem e ladrões escavam e roubam"). Meu apelo é que a advertência de Jesus encontre forte eco na boca dos pregadores da prosperidade.

4. Não preguem um evangelho que transforma a boa obra em um meio de conseguir riqueza.

Conseguir riqueza não é algo pelo que devamos nos empenhar. Paulo disse que não devemos roubar. A alternativa é trabalhar duro com nossas próprias mãos. No entanto, o propósito principal não era meramente amontoar ou mesmo *ter*. O propósito era "ter *para dar*".

"Aquele que furtava não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado" (Ef 4.28). Isso não é uma justificativa para *ser* rico para dar mais. É um chamado para fazer mais e guardar menos para poder dar mais. Não há razão pela qual uma pessoa que prospera mais e mais em seus negócios deva aumentar indefinidamente a prodigalidade de seu estilo de vida. Paulo diria: "Cubra suas despesas e dê o resto".

Não posso determinar sua "cobertura". No entanto, em todos os textos que estamos examinando neste capítulo, há um impulso em direção à simplicidade e à generosidade abundante, não a posses abundantes. Quando Jesus disse: "Vendei os vossos bens e dai esmola" (Lc 12.33), ele pareceu implicar não que os discípulos fossem ricos e dessem o que lhes sobra. Parece que eles tinham tão poucos recursos financeiros que teriam que vender alguma coisa para ter algo para dar.

Por que os pregadores querem encorajar as pessoas a pensar que devem possuir bens para serem doadoras generosas? Por que não encorajá-las a ter uma vida mais simples e serem doadoras ainda mais generosas? Isso não

acrescentaria à sua generosidade um forte testemunho de que Cristo, não as posses, é seu tesouro?

5. Não preguem um evangelho que promova menos fé na promessa de Deus e diminua a glória do socorro de Deus.

A razão pela qual o autor de Hebreus nos diz para nos contentarmos com o que temos é que o oposto implica menos fé nas promessas de Deus. Ele diz: "Seja vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes; porque ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim, afirmaremos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?" (Hb 13.5-6).

Por um lado, podemos confiar no Senhor como nosso ajudador. Ele proverá e protegerá. E, nesse sentido, há uma medida de prosperidade que ele nos dará. "Vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas" (Mt 6.32). Mas, por outro lado, quando ele diz "seja vossa vida sem avareza" *porque* as promessas de Deus nunca nos deixarão, isso significa que podemos facilmente nos mover da confiança em Deus no suprimento de nossas *necessidades* para usar Deus para o que quisermos.

A linha entre "Deus me ajuda" e "Deus me torna rico" é real e o autor de Hebreus não quer que a cruzemos. Os pregadores devem ajudar seus ouvintes a se lembrarem e reconhecerem esta linha, em vez de falarem como se ela não existisse.

6. Não preguem um evangelho que contribua para que as pessoas sejam sufocadas até a morte.

Jesus nos adverte que a Palavra de Deus, que tem o objetivo de nos dar vida, pode ser sufocada até a morte pelas riquezas. Ele diz que a Palavra de Deus é como uma semente que cresce entre espinhos: "A que caiu entre espinhos são os que ouviram e, no decorrer dos dias, foram sufocados com os cuidados, riquezas e deleites da vida; os seus frutos não chegam a amadurecer" (Lc 8.14).

Os pregadores da prosperidade devem advertir seus ouvintes de que há um tipo de prosperidade financeira que pode sufocá-los até a morte. Por que quereríamos encorajar as pessoas a buscar exatamente aquilo que Jesus adverte que pode torná-las infrutíferas?

7. Não preguem um evangelho que retira o tempero do sal e coloca a luz sob um cesto.

O que dizer sobre cristãos que são o sal da terra e a luz do mundo? Isso não é riqueza. O desejo de riqueza e a busca da riqueza são coisas do mundo.

Desejar ser ricos nos torna *como* o mundo, não diferentes. No exato ponto em que devíamos ser diferentes, temos a mesma cobiça agradável que o mundo tem. Nesse caso, não oferecemos ao mundo nada diferente daquilo em que ele já crê.

A grande tragédia da pregação da prosperidade é que a pessoa não tem que ser espiritualmente reavivada para abraçá-la. Basta ser gananciosa. Enriquecer em nome de Jesus não é ser o sal da terra e a luz do mundo. Nisso, o mundo vê simplesmente um reflexo de si mesmo. E, se as pessoas forem "convertidas" a isso, elas não terão sido verdadeiramente convertidas, apenas terão colocado um nome novo em uma vida velha.

O contexto da declaração de Jesus nos mostra que são o sal da terra e a luz do mundo. São a prontidão jubilosa de sofrer por Cristo. Eis o que ele disse:

> Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós. Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo (Mt 5.11-14).

O que fará o mundo *provar* o sal e *ver* a luz de Cristo em nós não é o fato de amarmos a riqueza como o mundo a ama, em vez disso, será a prontidão e a habilidade de os cristãos amarem os outros por meio do sofrimento, ao mesmo tempo em que se alegram porque sua recompensa está no céu com Jesus. "*Regozijai-vos* e exultai [na adversidade]... Vós sois o sal da terra." A capacidade de salgar é o sabor da alegria na adversidade. Esta é uma vida *incomum* que o mundo pode experimentar como diferente.

Esta vida é inexplicável em termos humanos. É sobrenatural. No entanto, atrair pessoas com promessas de prosperidade é algo simplesmente natural. Esta não é a mensagem de Jesus. Ele não morreu para alcançar isso.

8. Não preguem um evangelho que oculte a necessidade de sofrimento na vida cristã.

Negligenciado pela maior parte dos pregadores da prosperidade é o fato de que o Novo Testamento enfatiza a necessidade de sofrimento muito mais do que a noção de prosperidade material.

Jesus disse: "Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: não é o servo maior que o seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa" (Jo 15.20). Novamente, ele disse: "Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?" (Mt 10.25).

Paulo lembrou aos novos crentes, em suas viagens missionárias, que "através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus". (At 14.22). Ele disse aos crentes de Roma que seu sofrimento era uma parte necessária do caminho para a herança eterna:

> O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados. Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós (Rm 8.16-18).

Pedro também disse que o sofrimento é o caminho normal para a bênção eterna de Deus.

> Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo; pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando. Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus (1Pe 4.12-14).

O sofrimento é o custo normal da piedade: "Ora, todos quantos quiserem viver piedosamente serão perseguidos" (1Tm 3.12). Estou consciente de que estas palavras sobre o sofrimento se movem para frente e para trás entre um sofrimento mais geral, proveniente da queda (Rm 8.8-15) e um sofrimento mais específico, em razão das hostilidades humanas. Entretanto, argumentarei adiante, no capítulo 3, que, quando se trata do propósito de Deus em nosso sofrimento, não há diferença substancial.[26]

Os pregadores da prosperidade deveriam incluir em suas mensagens importante ensino sobre o que Jesus e os apóstolos disseram sobre a necessidade do sofrimento. Ele virá, disse Paulo (At 14.22), e prestamos aos novos discípulos um desserviço se não lhes dissermos logo isso. Jesus dizia isso antes mesmo da conversão, para que os futuros crentes levassem em conta o custo: "Aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo" (Lc 14.33).

9. Não preguem um evangelho que obscureça os propósitos ordenados por Deus do sofrimento na vida cristã.

O Novo Testamento não apenas deixa claro que o sofrimento é necessário aos seguidores de Cristo, mas também se esforça para explicar

por que isso acontece e quais são os propósitos de Deus nisso. É crucial que os crentes conheçam esses propósitos. Deus os revelou para nos ajudar a entender por que sofremos e para nos restaurar como o ouro é restaurado pelo fogo.

Mais adiante, no capítulo sobre sofrimento, revelarei estes propósitos.[27] Por isso, aqui, apenas os citarei e direi aos pregadores da prosperidade: *Incluam os grandes ensinos bíblicos em suas mensagens.* Os novos convertidos precisam saber por que Deus ordena que eles sofram.

1. O sofrimento aprofunda a fé e a santidade;
2. O sofrimento faz seu cálice aumentar;
3. O sofrimento é o preço por tornar outras pessoas corajosas;
4. O sofrimento cumpre o que está faltando nas aflições de Cristo;
5. O sofrimento enfatiza a ordem missionária de ir;
6. A supremacia de Cristo é manifesta no sofrimento.

10. Não preguem um evangelho que ignore a mudança de uma religião "venha e veja", no Antigo Testamento, e uma religião "vá e diga", no Novo.

Uma mudança fundamental aconteceu com a vinda de Cristo ao mundo. Até aquela época, Deus tinha focalizado sua obra recreativa em Israel com obras ocasionais entre as nações. Paulo disse: "[Deus] nas gerações passadas, permitiu que todos os povos andassem em seus próprios caminhos" (At 14.16). Ele chamou essas gerações passadas de "tempos de ignorância". "Não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam" (At 17.30). Agora o foco mudou de Israel para as nações. Jesus disse: "O reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que produza os respectivos frutos" (Mt 21.43). Um endurecimento veio sobre Israel até que a plenitude dos gentios entrou (Rm 11.25).

Uma das principais diferenças entre essas duas eras é que, no Antigo Testamento, Deus se glorificou abençoando Israel para que as nações pudessem ver e saber que o Senhor é Deus.

> Que estas minhas palavras, com que supliquei perante o SENHOR, estejam presentes, diante do SENHOR, nosso Deus, de dia e de noite, para que faça ele justiça ao seu servo e ao seu povo de Israel, segundo cada dia o exigir, *para que todos os povos da terra saibam que o SENHOR é Deus e que não há outro* (1Rs 8.59-60).

Israel não foi enviado em uma "Grande Comissão" para ajuntar as nações. Em vez disso, ele foi glorificado para que as nações vissem sua grandeza e viessem até ele, por isso, quando Salomão edificou o templo do Senhor, ele foi espetacularmente generoso com revestimentos de ouro.

> Era o Santo dos Santos de vinte côvados de comprimento, vinte de largura e vinte de altura; cobriu-o de ouro puro. Cobriu também de ouro o altar de cedro. Por dentro, Salomão revestiu a casa de ouro puro; e fez passar cadeias de ouro por dentro do Santo dos Santos, que também cobrira de ouro. Assim, cobriu de ouro toda a casa, inteiramente, e também todo o altar que estava diante do Santo dos Santos (1Rs 6.20-22).

E quando o mobiliou, o ouro foi, novamente, abundante.

> Também fez Salomão todos os utensílios do Santo Lugar do SENHOR: o altar de ouro e a mesa de ouro, sobre a qual estavam os pães da proposição; os castiçais de ouro finíssimo, cinco à direita e cinco à esquerda, diante do Santo dos Santos; as flores, as lâmpadas e as espevitadeiras, também de ouro; também as taças, as espevitadeiras, as bacias, os recipientes para incenso e os braseiros, de ouro finíssimo; as dobradiças para as portas da casa interior para o Santo dos Santos e as das portas do Santo Lugar do templo, também de ouro (1Rs 7.48-50).

Salomão levou sete anos para construir a casa do Senhor. Depois, levou mais treze anos para construir sua própria casa (1Rs 6.38–7.1). Ela também era cheia de ouro de pedras de grande valor (1Rs 7, 10).

Então, quando tudo estava edificado, o ponto máximo de sua opulência é visto em 1Reis 10, quando a rainha de Sabá, representando as nações gentias, vem ver a glória da casa do Senhor e de Salomão. Quando a viu, "ficou como fora de si" (1Rs 10.9).

Em outras palavras, o padrão, no Antigo Testamento, é uma *religião venha e veja.* Há um centro geográfico do povo de Deus. Há um templo físico, um rei terreno, um regime político, uma identidade étnica, um exército para travar as batalhas terrenas de Deus e um grupo de sacerdotes para fazer sacrifícios de animais pelos pecados.

Com a vinda de Cristo, tudo isso mudou. Não há centro geográfico para o Cristianismo (Jo 4.20-24); Jesus substituiu o templo, os sacerdotes e os sacrifícios (Jo 2.19; Hb 9.25-26); Não há um regime político cristão porque o reino de Cristo não é deste mundo (Jo 18.36); e não travamos batalhas terrenas com carruagens e cavalos ou bombas e balas, mas batalhas espirituais, com a Palavra e o Espírito (Ef 6.12-18; 2Co 10.3-5).

Tudo isso dá suporte à grande mudança em missões. O Novo Testamento não apresenta uma religião venha e veja, mas uma religião vá e fale.

> Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar tudo o que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos (Mt 28.18-20).

As implicações disso são enormes para o modo como vivemos e o modo como pensamos sobre dinheiro e estilo de vida. Uma das principais implicações é que somos "peregrinos e forasteiros" (1Pe 2.11) sobre a terra. Não usamos este mundo como se ele fosse nossa casa. "Nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo" (Fp 3.20).

Isso conduz a um estilo de vida de guerra. Isso significa que não acumulamos riqueza para mostrar ao mundo quanto Deus nos tornou ricos. Trabalhamos duro e buscamos uma austeridade de guerra em favor da divulgação do evangelho até as extremidades da terra. Doamos o máximo que podemos para o esforço de guerra, não para conforto em casa. Educamos nossos filhos com o objetivo de ajudá-los a abraçar o sofrimento necessário para terminar a missão.

Por isso, se um pregador da prosperidade me questiona sobre todas as promessas de riqueza pela fidelidade do povo no Antigo Testamento, minha resposta é: leia seu Novo Testamento cuidadosamente e veja se encontra a mesma ênfase. Você não encontrará. E a razão para isso é que as coisas mudaram dramaticamente.

"Nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes" (1Tm 6.7-8). Por quê? Porque o chamado a Cristo é um chamado para participar dos seus "sofrimentos como bom soldado de Cristo Jesus" (2Tm 2.3). A ênfase do Novo Testamento não é sobre riquezas para nos atrair ao pecado, mas sobre o sacrifício que o leva embora.

Uma confirmação providencial que Deus estabelece para esta distinção entre a orientação venha e veja no Antigo Testamento e a orientação vá e diga no Novo Testamento é a diferença entre a linguagem do Antigo Testamento e a do Novo. O hebraico, a língua do Antigo Testamento, não era falado por outros povos do mundo antigo. Era exclusivo de Israel. Isso faz um contraste assustador com o grego, a língua do Novo Testamento, que era a língua do comércio no mundo romano. Assim, as próprias línguas do Antigo e do Novo Testamento sinalizam a diferença em missões. O hebraico não era uma língua bem adaptada a missões no mundo antigo. O grego era perfeitamente adaptado a missões no mundo romano.

11. Não preguem um evangelho que minimize o pecado de transformar a piedade em fonte de lucro.

O apóstolo Paulo nos dá o exemplo de quanto ele era vigilante para não dar a impressão de que estava no ministério por dinheiro. Ele disse que os ministros da Palavra tinham o direito de viver do ministério, mas, depois, mostra-nos o perigo pelo qual se recusa a usar plenamente esse direito.

> Na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi, quando pisa o trigo. Acaso, é com bois que Deus se preocupa? Ou é, seguramente, por nós que ele o diz? Certo que é por nós que está escrito; pois o que lavra cumpre fazê-lo com esperança; o que pisa o trigo faça-o na esperança de receber a parte que lhe é devida. Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais? Se outros participam desse direito sobre vós, não o temos nós em maior medida? Entretanto, não usamos desse direito; antes, suportamos tudo, para não criarmos obstáculo ao evangelho de Cristo (1Co 9.9-12).

Em outras palavras, ele renunciou a um direito legítimo para não dar a ninguém a impressão de que o dinheiro era a motivação de seu ministério. Ele não quis o dinheiro das pessoas que se converteram em seu ministério: "A verdade é que nunca usamos de linguagem de bajulação, como sabeis, nem de intuitos gananciosos. Deus disso é testemunha" (1Ts 2.5).

Ele preferia trabalhar com suas próprias mãos em vez de dar a impressão de que estava mascateando o evangelho:

> De ninguém cobicei prata, nem ouro, nem vestes; vós mesmos sabeis que estas mãos serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo. Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber (At 20.33-35).

Ele sabia que havia mercadores da Palavra de Deus que ensinavam que "a piedade é fonte de lucro" (1Tm 6.5). Ele, porém, recusava-se a fazer alguma coisa que o colocasse nessa categoria: "Não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus" (2Co 2.17).

Um número muito grande de pregadores da prosperidade não apenas dá a impressão de que "mercadejam a Palavra de Deus" e fazem da "piedade uma fonte de lucro", mas realmente desenvolve uma teologia adulterada para justificar suas exibições extravagantes de riqueza. Paulo fazia exatamente o oposto.

12. Não preguem um evangelho que obscureça a verdade bíblica de que o próprio Deus é o maior de todos os tesouros.

Minha maior preocupação com os efeitos do movimento da prosperidade é que ele diminui Cristo, tornando-o menos central e menos satisfatório que suas dádivas. Cristo não é exaltado principalmente por ser o doador da riqueza. Ele é exaltado principalmente por satisfazer a alma daqueles que se sacrificam para amar os outros no ministério do evangelho.

Quando apontamos para Cristo como aquele que nos torna ricos, glorificamos as riquezas e Cristo se torna um meio para alcançarmos o fim que realmente almejamos – a saber, saúde, riqueza e prosperidade. Porém, quando apontamos para Cristo como aquele que satisfaz a nossa alma para sempre – mesmo quando não há saúde, riqueza e prosperidade – então Cristo é engrandecido como sendo mais precioso que todas as dádivas.

Vemos isso em Filipenses 1.20-21, em que Paulo diz: "Minha ardente expectativa e esperança de que... será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte. Porquanto, para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro". Cristo é honrado quando o estimamos tanto que morrer é *lucro,* porque morrer significa "partir e estar com Cristo" (Fp 1.23).

Esta é a nota que falta na pregação da prosperidade. O Novo Testamento tem como alvo a glória de Cristo, não a glória de suas dádivas. Para deixar isso claro, ele coloca toda a vida cristã sob a bandeira de jubilosa autonegação: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me" (Mc 8.34). "Estou crucificado com Cristo" (Gl 2.19).

Muito embora a autonegação seja um caminho difícil que conduz à vida (Mt 7.14), ela é o mais jubiloso de todos os caminhos. "O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo" (Mt 13.44). Jesus diz que encontrar Cristo como nosso tesouro torna todas as outras posses *alegremente* dispensáveis. "*Transbordante de alegria*, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo."

Não quero que os pregadores da prosperidade parem de chamar as pessoas para a máxima alegria. Pelo contrário, suplico que parem de encorajar as pessoas a buscarem sua alegria em coisas materiais. A alegria que Cristo oferece é tão grande e tão durável que nos capacita a perder a prosperidade e ainda nos alegrarmos. "Não somente vos compadecestes dos encarcerados, como também aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens, tendo ciência de possuirdes vós mesmos patrimônio superior e durável" (Hb 10.34). A graça de sermos jubilosos na perda da prosperidade – este é o milagre que os pregadores da prosperidade deviam buscar. Isso seria o sal da terra e a luz do mundo. Isso exaltaria Cristo como supremamente valioso.

Jesus edificará a sua igreja

Deus é soberano sobre o mundo e sobre a missão da igreja. Toda a autoridade pertence a ele no céu e na terra (Mt 28.18). A nova configuração do Cristianismo mundial é obra dele. Ele está edificando sua igreja (Mt 16.18). Tanto as bênçãos quanto as vergonhas da igreja estão sob seu controle soberano. O evangelho do reino *será* pregado como testemunho a todos os povos não alcançados do mundo (Mt 24.14). O Senhor da seara verá que os trabalhadores são enviados e a seara está pronta para a colheita (Mt 9.38). O Bom Pastor tem outras ovelhas fora do aprisco e *deve* trazê-las também. Elas ouvirão sua voz e haverá um só rebanho e um só pastor (Jo 10.16).

A tarefa fundamental das missões mundiais continua sendo a mesma – durante dois mil anos. O alvo ainda é visto nas palavras do salmo 67.4: "Alegrem-se e exultem as gentes". A felicidade das nações pela fé em Cristo para a glória de Deus – este é o grande alvo das missões. Declarar sua glória – a glória da graça na morte salvadora e na ressurreição de Jesus – é a grande tarefa entre todos os povos não alcançados do mundo. "Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos, as suas maravilhas" (Sl 96.3).

Deus é infinitamente apaixonado por sua glória e por seu louvor entre as nações. Ele foi, é e sempre será supremo em missões, até que o próprio Senhor Jesus retorne e traga a história, como a conhecemos, a um fim. O preço para a realização dessas missões será muito sacrifício e muitas vidas (Cl 1.24; Ap 6.11). O combustível desse sacrifício não será o amor pelo dinheiro ou a paixão pela prosperidade, será o amor por Cristo e a paixão por sua glória. Que o Senhor purifique sua igreja. Que ele refine como ouro a fé crescente do Sul do globo. E que ele tenha misericórdia e conceda à Europa e à América um grande despertamento para a glória de seu nome e a felicidade das nações.

PRIMEIRA PARTE

RECONHECENDO QUE DEUS É SUPREMO NAS MISSÕES

PROPÓSITO, PODER E PREÇO

1

A supremacia de Deus nas missões por meio da adoração

As missões não são o alvo fundamental da igreja. A adoração é. As missões existem porque não há adoração. A adoração é fundamental, não as missões, porque Deus é essencial, não o homem. Quando esta era se encerrar e os incontáveis milhões de redimidos estiverem perante o trono de Deus, não haverá mais missões. Elas são uma necessidade temporária. A adoração, porém, permanece para sempre.[28]

A adoração é, portanto, o combustível e a meta das missões. É a meta das missões porque, nelas, simplesmente procuramos levar as nações ao júbilo inflamado da glória de Deus. O alvo das missões é a alegria dos povos na grandiosidade de Deus. "Reina o SENHOR. *Regozije-se* a terra, *alegrem-se* as muitas ilhas" (Sl 97.1). "Louvem-te os povos, ó Deus; louvem-te os povos todos. *Alegrem-se e exultem* as gentes" (Sl 67.3-4).

Mas a adoração é também o combustível das missões. A paixão por Deus em adoração precede o oferecimento de Deus por meio da pregação. Você não pode recomendar o que não aprecia. Os missionários jamais exclamarão: "*Alegrem-se os povos*", se não puderem dizer de coração: "*Eu me alegrarei* no Senhor... *Alegrar-me-ei e exultarei em ti*; ao teu nome, ó Altíssimo, cantarei louvores" (Sl 104.34; 9.2). As missões começam e terminam com a adoração.

Se a busca da glória *de Deus* não for colocada acima da busca do bem humano nas afeições do coração e nas prioridades da igreja, o *homem* não será bem servido e *Deus* não será devidamente honrado. Não estou pleiteando

uma diminuição de missões, mas a exaltação de Deus. Quando a chama da adoração arder com o calor digno de Deus, a luz das missões brilhará para os povos mais remotos da terra. Eu anseio pela chegada desse dia!

Onde a paixão por Deus for fraca, o zelo pelas missões será fraco. As igrejas que não estão centradas na exaltação da majestade e da beleza de Deus raramente se inflamam por um desejo fervente de "anunciar entre as nações a sua glória" (Sl 96.3). Até os leigos sentem a disparidade entre a ousadia de nossa reivindicação das nações e a brandura do nosso compromisso com Deus.

A acusação de Albert Einstein

Por exemplo, Charles Misner, um cientista especializado em Teoria Geral da Relatividade, expressou o ceticismo de Albert Einstein sobre a igreja com palavras que deveriam nos despertar para a falta de profundidade da nossa experiência com Deus na adoração:

> O desígnio do universo... é demasiado magnificente e não deveria ser dado por certo. Na realidade, acredito que é por isso que Einstein tinha tão pouco apreço pela religião institucionalizada, embora me surpreendesse como um homem essencialmente religioso. *Ele deve ter observado o que os pregadores diziam sobre Deus e sentiu que estavam blasfemando. Ele tinha visto muito mais majestade do que eles jamais poderiam imaginar e eles simplesmente não estavam falando sobre algo real.* Meu palpite é que ele simplesmente sentiu que as religiões que encontrou não tiveram um respeito apropriado... para com o autor do universo.[29]

A acusação de blasfêmia é pesada. A intenção é dar um golpe por trás da acusação de que, em nossos cultos, Deus simplesmente não aparece como ele é, sendo inconscientemente depreciado. Para aqueles que estão surpresos com a indescritível magnitude do que Deus tem feito, sem levar em conta a grandiosidade infinita daquele que fez tudo isso, a refeição tranquila na manhã de domingo com manuais práticos de aprendizagem, o relaxamento psicológico, a terapia relacional e o planejamento tático parecem dramaticamente alienados da realidade – o Deus de grandeza esmagadora.

É possível ser desviado de Deus ao tentar servi-lo. Como Marta, negligenciamos a única coisa indispensável e logo começamos a apresentar Deus como sendo tão ocupado e impaciente quanto nós. A. W. Tozer nos advertiu sobre isso:

> Comumente, descrevemos Deus como um Pai ocupado, ansioso e um tanto frustrado que se apressa na busca de ajuda para a execução do seu

> plano benevolente de trazer paz e salvação ao mundo... Muitíssimos apelos de missionários baseiam-se nessa suposta frustração do Deus Todo-Poderoso.[30]

Os cientistas sabem que a luz viaja à velocidade de 9,392 trilhões de quilômetros em um ano. Sabem também que a galáxia da qual nosso sistema solar faz parte tem cerca de 100 mil anos-luz de diâmetro – aproximadamente 939 quatrilhões de quilômetros. Há cerca de um milhão de tais galáxias no raio de ação óptico de nossos telescópios mais potentes. Estima-se que, em nossa galáxia, existam aproximadamente 100 bilhões de estrelas. O Sol é uma delas, uma estrela modesta que queima a uma temperatura de 6 mil graus centígrados na superfície e viaja em uma órbita a 248 quilômetros por segundo, o que significa que ele leva cerca de 200 milhões de anos para completar uma revolução em torno da galáxia.

Os cientistas sabem de todas essas coisas e ficam extasiados diante delas. Eles dizem: "Se há um Deus pessoal, como os cristãos dizem, que chamou este universo à existência, então, quando falamos sobre ele e o adoramos, devemos fazê-lo com certo respeito, reverência, admiração e temor".

Nós, que cremos na Bíblia, sabemos disso ainda melhor que os cientistas, porque ouvimos algo ainda mais surpreendente:

> A quem, pois, me comparareis para que eu lhe seja igual? diz o Santo. Levantai ao alto os olhos e vede. Quem criou estas coisas? Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, todas bem contadas, as quais ele chama pelo nome; por ser ele grande em força e forte em poder, nem uma só vem a faltar (Is 40.25-26).

Cada uma dos bilhões de estrelas no universo está lá por uma determinação específica de Deus. Ele sabe o seu número e, o mais assombroso, as conhece todas pelo nome. Elas cumprem suas ordens como agentes exclusivas. Quando sentirmos o peso dessa imensidão nos céus, teremos apenas tocado a bainha de suas vestes. "Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos! Que leve sussurro temos ouvido dele" (Jó 26.14). Eis por que clamamos: "Sê exaltado, ó Deus, *acima* dos céus" (Sl 57.5). Deus é a realidade absoluta com quem todos no universo devem harmonizar-se. Tudo depende inteiramente da sua vontade. Todas as outras realidades comparadas a ele são como uma gota de chuva no oceano ou como um formigueiro diante do monte Everest. Ignorá-lo ou diminuí-lo é uma insensatez absurda e suicida. Como pode ser um emissário do grande Deus aquele que não tremeu diante dele com assombro jubiloso?

A segunda principal atividade do mundo

O aspecto mais difícil nas missões é colocar Deus como o centro da vida da igreja. Se as pessoas não se estupefazem ante a grandeza de Deus, como podem ser enviadas com a mensagem vibrante: "*Grande* é o SENHOR e *mui digno* de ser louvado, temível mais que todos os deuses!" (Sl 96.4)? As missões não são o começo e o fim. Deus é. Essas não são meras palavras. Essa verdade é a energia vital da inspiração e da perseverança do missionário. William Carey, o pai das missões modernas, que velejou da Inglaterra à Índia, em 1793, expressou sua experiência:

> Quando deixei a Inglaterra, minha esperança de converter a Índia era muito forte; porém, diante de tantos obstáculos, ela minguaria, se não fosse pelo sustento recebido de Deus. Bem, Deus está comigo e sua Palavra é verdadeira. Embora as superstições dos pagãos fossem mil vezes mais fortes e o exemplo dos europeus, mil vezes pior, mesmo diante do abandono e da perseguição, minha fé, posta na segurança da Palavra, ainda superaria todos os obstáculos e suportaria cada provação. A causa de Deus triunfará.[31]

Carey e milhares como ele têm sido movidos pela visão de um Deus grande e triunfante. Essa visão deve vir em primeiro lugar, devendo o missionário experimentá-la na adoração antes de difundi-la nas missões. Isso se resume em avançar em direção a um grande alvo: a adoração inflamada a Deus e a seu Filho por todos os povos da terra. As missões não são esse objetivo, são os meios e, por essa razão, são a segunda principal atividade no mundo.

A paixão de Deus por ele mesmo é o fundamento para a nossa

Uma das coisas que Deus usa para fazer essa verdade se apoderar de uma pessoa e de uma igreja é a surpreendente constatação de que isso também é verdadeiro para ele. As missões não são a meta suprema de *Deus*, a adoração, sim. Quando isso penetra no coração de uma pessoa, tudo muda. O mundo está frequentemente mudando seu curso e tudo parece diferente – inclusive o empreendimento missionário.

O princípio fundamental para a nossa paixão de ver Deus glorificado é sua própria paixão de ser glorificado. Deus é único e supremo em suas próprias afeições. Não há quaisquer rivais para a supremacia da glória de Deus em seu próprio coração. Deus não é um idólatra. Ele não desobedece o primeiro e grande mandamento. Com todo o seu coração, alma, força e mente, ele se deleita na glória das suas múltiplas perfeições.[32] O coração mais apaixonado por Deus em todo o universo é o seu próprio coração.

Essa verdade, mais do que qualquer outra que conheço, ratifica a convicção de que a adoração é o combustível e a meta das missões. A razão mais importante para que a nossa paixão por Deus supra as missões é que a paixão de Deus por ele mesmo provê suprimento para as missões. As missões são o transbordamento de nosso regozijo em Deus porque são o transbordamento do regozijo de Deus em ser ele próprio. A razão mais importante para a adoração ser o alvo das missões é porque ela é a meta de Deus. Certificamo-nos desse objetivo pelo registro da Bíblia sobre a busca incansável de Deus pelo louvor entre as nações. "Louvai ao SENHOR, vós todos os gentios, louvai-o todos os povos" (Sl 117.1). Se essa é a meta de Deus, deve ser também a nossa.

O propósito principal de Deus é glorificar-se e alegrar-se em si mesmo para sempre

Todos os meus anos de pregação e ensino sobre a supremacia de Deus em seu coração têm provado que essa verdade atinge muitas pessoas como um caminhão carregado de frutas desconhecidas. Se as pessoas sobreviverem ao impacto, descobrirão que é a fruta mais saborosa do planeta. Revelei essa verdade com argumentos mais extensos em outras publicações.[33] Então farei aqui apenas uma breve abordagem dos fundamentos bíblicos. O que estou querendo dizer é que a resposta à primeira pergunta do Catecismo de Westminster é a mesma para Deus e para o homem. Pergunta: "Qual é o fim principal do homem?" Resposta: "O fim principal do homem é glorificar a Deus e alegrar-se nele para sempre". Pergunta: "Qual é o fim principal de Deus?" Resposta: "O fim principal de Deus é glorificar-se e alegrar-se em si mesmo para sempre".

Simplesmente, outro meio de dizer isso é: Deus é justo. O oposto da justiça é valorizar e apreciar o que não é verdadeiramente valioso ou gratificante. Eis a razão de as pessoas serem chamadas de injustas em Romanos 1.18. Elas oprimem a verdade do valor de Deus e trocam-no por coisas criadas, reduzindo-o e desacreditando a sua valia. A justiça é o oposto, o que significa o reconhecimento do verdadeiro valor pelo que ele é e o apreço e estima na proporção de sua real valia. O injusto, em 2Tessalonicenses 2.10, perece porque se recusa a *amar* a verdade. Os justos, entretanto, são aqueles que acolhem o *amor* pela verdade. A justiça reconhece, acolhe, ama e sustenta o que é verdadeiramente valioso.

Deus é justo. Isso significa que ele reconhece, acolhe, ama e sustenta com zelo e energia imensuráveis o que é infinitamente valioso, isto é, o seu próprio valor. A paixão e o deleite justos de Deus são para revelar e amparar sua glória infinitamente valiosa. Essa não é uma vaga conjectura teológica.

Ela flui inevitavelmente de dúzias de textos bíblicos, que mostram Deus, da criação do mundo à consumação do século, na busca incansável de louvor e honra.

Provavelmente, nenhum texto bíblico revela a paixão de Deus por sua própria glória de maneira mais clara do que Isaías 48.9-11, no qual Deus diz:

> *Por amor do meu nome*, retardarei a minha ira e *por causa da minha honra* me conterei para contigo, para que te não venha exterminar. Eis que te acrisolei, mas disso não resultou prata; provei-te na fornalha da aflição. *Por amor de mim, por amor de mim*, é que faço isto; porque *como seria profanado o meu nome? A minha glória, não a dou a outrem.*

Descobri que, para muitas pessoas, essas palavras funcionam como seis marteladas no modo centralizado de o homem enxergar o mundo.

Por amor do *meu* nome!
Por causa da *minha* honra!
Por amor de *mim*!
Por amor de *mim*!
Como seria profanado o *meu* nome!
A *minha* glória, não a dou a outrem!

O que esse texto inculca em nós é a centralidade de Deus em suas próprias afeições. O coração mais ardente para a glorificação de Deus é o seu próprio coração. O alvo principal de Deus é manter e demonstrar a glória do seu nome.

Textos bíblicos que mostram o zelo de Deus por sua própria glória

Deus escolheu seu povo para sua glória:

> [Ele] nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, *para louvor da glória de sua graça*, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado (Ef 1.4-6; cf. v. 12 e 14).

Deus criou-nos para a sua glória:

> Trazei meus filhos de longe e minhas filhas, das extremidades da terra, a todos os que são chamados pelo meu nome, e *os que criei para minha glória* (Is 43.6-7).

Deus chamou Israel para a sua glória:

> Tu és o meu servo, és Israel, *por quem hei de ser glorificado* (Is 49.3).
>
> Fiz apegar-se a mim toda a casa de Israel e toda a casa de Judá, diz o SENHOR, *para me serem por povo, e nome, e louvor, e glória* (Jr 13.11).

Deus resgatou Israel do Egito para a sua glória:

Nossos pais, no Egito, não atentaram às suas maravilhas... e foram rebeldes junto ao mar, o Mar Vermelho. Mas ele os salvou *por amor do seu nome, para lhes fazer notório o seu poder* (Sl 106.7-8).

Deus levantou Faraó para mostrar seu próprio poder e glorificar seu próprio nome:

Porque a Escritura diz a Faraó: "Para isto mesmo te levantei, para mostrar em ti o meu poder e para que o meu nome seja anunciado por toda a terra" (Rm 9.17).

Deus derrotou Faraó no Mar Vermelho para mostrar a sua glória:

Endurecerei o coração de Faraó, para que os persiga, *e serei glorificado em Faraó* e em todo o seu exército; e saberão os egípcios que eu sou o SENHOR. ... e *os egípcios saberão que eu sou o SENHOR, quando for glorificado em Faraó*, nos seus carros e nos seus cavalarianos (Êx 14.4, 17-18).

Deus poupou Israel no deserto para a glória do seu nome:

O que fiz, porém, *foi por amor do meu nome, para que não fosse profanado* diante das nações perante as quais os fiz sair (Ez 20.14).

Deus deu a Israel a vitória em Canaã para a glória do seu nome:

Quem há como o teu povo, como Israel, gente única na terra, a quem tu, ó Deus, foste resgatar para ser teu povo? E *para fazer a ti mesmo um nome* e fazer a teu povo estas grandes e tremendas coisas, para a tua terra, diante do teu povo, que tu resgataste do Egito, desterrando as nações e seus deuses (2Sm 7.23)?

Deus não desamparou o seu povo para a glória do seu nome:

Não temais; tendes cometido todo este mal; no entanto, não vos desvieis de seguir o SENHOR. Pois o SENHOR, *por causa do seu grande nome*, não desamparará o seu povo (1Sm 12.20-22).

Deus livrou Jerusalém do ataque para a glória do seu nome:

Porque eu defenderei esta cidade, para a livrar, *por amor de mim* e por amor de meu servo Davi (2Rs 19.34; cf. 20.6).

Deus restaurou Israel do exílio para a glória do seu nome:

Dize, portanto, à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: Não é por amor de vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas *pelo meu santo*

nome... Vindicarei a santidade do meu grande nome... as nações saberão que eu sou o SENHOR (Ez 36.22-23, 32).

Jesus buscou a glória de seu Pai em tudo o que fez:

Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas *o que procura a glória de quem o enviou*, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça (Jo 7.18).

Jesus ensinou-nos a fazer boas obras para glorificarmos a Deus:

Brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas obras e *glorifiquem a vosso Pai que está nos céus* (Mt 5.16; cf. 1Pe 2.12).

Jesus advertiu que não buscar a glória de Deus torna a fé impossível:

Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não *procurais a glória que vem do Deus único* (Jo 5.44)?

Jesus disse que responderia as orações para que Deus fosse glorificado:

Tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, *a fim de que o Pai seja glorificado no Filho* (Jo 14.13).

Jesus suportou sofrimentos até o último momento para a glória de Deus:

"Agora, está angustiada a minha alma, e que direi eu? 'Pai, salva-me desta hora?' *Mas precisamente com este propósito vim para esta hora. Pai, glorifica o teu nome.*" Então, veio uma voz do céu: *"Eu já o glorifiquei e ainda o glorificarei"* (Jo 12. 27-28).

"Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti" (Jo 17.1; cf. 13.31-32).

Deus ofereceu seu Filho para vindicar a glória da sua justiça:

[Jesus] a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação... para manifestar a sua justiça... tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente (Rm 3.25-26).

Deus perdoa nossos pecados por amor de si:

Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões *por amor de mim*, e dos teus pecados não me lembro (Is 43.25).

Por causa do teu nome, SENHOR, perdoa a minha iniquidade, que é grande (Sl 25.11).

Jesus recebe-nos em sua comunhão para a glória de Deus:

Acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu *para a glória de Deus* (Rm 15.7).

O ministério do Espírito Santo é glorificar o Filho de Deus:

Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar (Jo 16.14).

Deus instrui-nos a fazer todas as coisas para a sua glória:

Quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, *fazei tudo para a glória de Deus* (1Co 10.31; cf. 6.20).

Deus instrui-nos a servir de maneira que ele seja glorificado:

Se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, *para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado*, por meio de Jesus Cristo, a quem pertencem a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém (1Pe 4.11).

Jesus enche-nos com os frutos da justiça para a glória de Deus:

E também faço esta oração:... que [sejais] cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, *para a glória e louvor de Deus* (Fp 1.9, 11).

Todos estão sob julgamento por desonrarem a glória de Deus:

Tornaram-se loucos e mudaram *a glória do Deus* incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível (Rm 1.22-23).

Pois todos pecaram e carecem *da glória de Deus* (Rm 3.23).

Herodes morreu fulminado por não ter dado glória a Deus:

No mesmo instante, um anjo do Senhor o feriu, *por ele não haver dado glória a Deus* (At 12.23).

Jesus está voltando novamente, para a glória de Deus:

Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando *vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram* (2Ts 1.9-10).

O último desejo de Jesus foi o de que víssemos e nos alegrássemos em sua glória:

Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, *para que vejam a minha glória* que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo (Jo 17.24).

Mesmo na ira, o propósito de Deus é fazer conhecida a riqueza da sua glória:

> Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, *a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória* em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão (Rm 9.22-23).

O plano de Deus é encher a terra com o conhecimento de sua glória:

> Pois a terra se encherá *do conhecimento da glória do* SENHOR, como as águas cobrem o mar (Hc 2.14).

Todas as coisas que acontecem redundam na glória de Deus:

> Porque dele e por meio dele e para ele são todas as coisas. *A ele, pois, a glória eternamente.* Amém (Rm 11.36).

Na Nova Jerusalém, a glória de Deus substitui o sol:

> A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois *a glória de Deus a iluminou*, e o Cordeiro é a sua lâmpada (Ap 21.23).

A paixão de Deus por si mesmo é inconfundível. Isso me impressionou de maneira poderosa quando li pela primeira vez o livro de Jonathan Edwards, intitulado *The Dissertation Concerning the End for Which God Created the World.*[34] Nesse livro, o autor reúne razões e textos das Escrituras para mostrar esta verdade:

> A grande finalidade das obras de Deus, expressas na Bíblia de modo diverso, é, de fato, apenas UMA; e essa *finalidade única* é mais apropriada e compreensivelmente chamada de A GLÓRIA DE DEUS.[35]

Em outras palavras, o propósito principal de Deus é glorificar-se e alegrar-se em si mesmo para sempre.

A depreciação da glória de Deus e os horrores do inferno

A condição do coração humano lançou o "teocentrismo" de Deus em uma região árida. O homem, por natureza, não tem coração para glorificar a Deus. "Todos pecaram e *carecem da glória de Deus*" (Rm 3.23). Em nossa iniquidade, oprimimos a verdade de que Deus é nosso Soberano e digno de toda nossa submissão e afeição. Por natureza, trocamos a glória do Deus imortal por imagens obscuras da criação (Rm 1.18, 23). Abandonamos o manancial de águas vivas e cavamos para nós cisternas rotas, que não podem reter nenhuma água (Jr 2.13).

Os povos são obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração (Ef 4.18). Por natureza, estávamos todos mortos em delitos e pecados, seguindo o senhor da escravidão, Satanás e, portanto, éramos filhos da ira (Ef 2.1-3). Nosso fim era "o castigo eterno" (Mt 25.46), o banimento "da face do Senhor e da glória do seu poder" (2Ts 1.9) e os tormentos infindáveis "no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte" (Ap 14.11; 20.10; 21.8).[36]

Deus pretende, com os horrores infinitos do inferno, demonstrar vividamente o valor infinito da sua glória. A indicação bíblica da justiça do inferno é um testemunho claro à infinidade do pecado da falta de exaltação a Deus. Todos nós temos falhado, todas as nações, também. Por conseguinte, o peso da culpa infinita permanece na cabeça de todos os humanos em razão do nosso fracasso em acalentar a glória de Deus. A visão bíblica de Deus é a de que ele está supremamente empenhado, com paixão infinita, em manter e demonstrar a glória de seu nome.

A visão bíblica do homem sem a graça é que ele abandona essa verdade e, por natureza, encontra mais alegria em sua própria glória do que na de Deus. Deus existe para ser adorado, porém o homem adora a obra de suas próprias mãos. Essa dupla realidade cria a necessidade crucial das missões. E o "teocentrismo" específico de Deus, que cria a crise, também cria a solução.

Como pode a autoexaltação ser amor?

Há mais de vinte anos tenho tentado apresentar aos cristãos de vários lugares essa verdade central da paixão de Deus por sua glória. A maior objeção tem sido que isso parece tornar Deus sem amor. O coração misericordioso, bondoso e amoroso de Deus parece desaparecer nas paixões de um ego vaidoso. A Bíblia não diz que "o amor não procura os seus interesses" (1Co 13.5)? Como, pois, pode Deus amar e buscar sua própria glória? É uma boa pergunta. Em resposta, veremos como a supremacia de Deus em seu coração é a fonte de misericórdia, bondade e amor – o que significa a fonte das missões.

Há dois modos de se ver a harmonia entre a paixão de Deus por sua própria glória e a afirmação de Paulo: "O amor não procura os seus interesses". Um é que Paulo não quis dizer que *todo* meio de buscar seu próprio interesse está errado. Alguns são, outros não. O segundo é que Deus é único e que a afirmação de Paulo não se aplica a ele da mesma maneira que se aplica a nós. Acredito que ambos são verdadeiros.

O amor procura sua própria alegria na alegria dos outros

Primeiramente, a declaração paulina de que "o amor não procura seu próprio interesse" não significa que Paulo condene todo meio possível de "procurar seu próprio interesse". Ele não quer dizer que buscar sua própria felicidade amando os outros seja uma postura destituída de amor. Sabemos disso porque, em Atos 20,35, Paulo disse aos presbíteros da igreja de Éfeso para "*lembrarem*" da palavra do Senhor Jesus: "Mais bem-aventurado é dar que receber". Se o desamor fosse motivado pela bem-aventurança de amar, então Paulo não teria pedido aos presbíteros para "*lembrarem*" dessa afirmação, ou seja, para mantê-la em mente onde pudesse funcionar como um motivo consciente. Se buscar sua própria bênção ao dar a outros prejudicasse esse ato, Paulo não teria nos dito para ter essa bênção em mente.

Aqueles que têm pensado mais profundamente sobre motivação compreendem isso e interpretam as palavras de Paulo em 1Coríntios 13.5 com grande sabedoria. Por exemplo, Jonathan Edwards salientou que o que Paulo está contrapondo nas palavras "o amor não procura seus interesses", não é

> em que grau [uma pessoa] ama sua própria felicidade, mas colocar sua felicidade onde não deveria e limitar e restringir seu amor. Alguns, embora amem sua própria felicidade, não colocam essa felicidade em seu próprio bem restringido, ou naquele bem que é limitado a elas mesmas, mas no bem comum – naquilo que é bom para os outros ou no bem a ser desfrutado em e por outros. ... E quando se diz que a *caridade não procura seu próprio interesse*, devemos entender como *seu interesse particular* – o bem limitado a si mesma.[37]

Em outras palavras, Paulo não pretendeu condenar todo meio possível de procurar seu próprio interesse. Ele tinha em mente a atitude egoísta que busca sua felicidade não em ajudar os outros, mas em usá-los ou ignorá-los para um ganho pessoal. Ele também não tinha em mente a atitude que *busca sua própria* satisfação precisamente em fazer o bem aos outros. De fato, ele recorre a esse motivo dois versículos acima, quando diz: "Ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, *nada disso me aproveitará*" (1Co 13.3). Ele está dizendo: "Certamente, você não quer que *'nada disso tenha proveito'* para você, não é? Muito bem, então certifique-se de que ama e você terá muito a ganhar". Assim, o apóstolo recorre, de fato, ao mesmo motivo que alguns dizem que ele está condenando. Mas ele não está apelando para motivos baixos, egoístas e materialistas. Ele está considerando a transformação radical do coração, que procura sua alegria *no* ato de amar e em toda a bondade que deriva dele.

Portanto, o caminho está aberto, talvez, para Deus "procurar seu próprio interesse" e ainda ser amoroso. Mas eu disse que há dois meios de vermos harmonia entre a paixão de Deus por sua própria glória e a afirmação de Paulo: "O amor não procura os seus interesses". Acabamos de ver um motivo, isto é, que Paulo não está sendo contrário a que "alguém procure seus próprios interesses", se "esses próprios interesses" são realmente o bem dos outros.

O pecado de imitar a Deus

Agora, outro meio de ver essa harmonia é dizer que Deus é único e a afirmação de Paulo não se aplica a ele da mesma maneira que a nós. Isso é verdade. Coisas são proibidas a nós que não são proibidas a Deus, precisamente porque não somos Deus e ele é. A razão pela qual não devemos exaltar nossa própria glória, mas a de Deus, é pelo fato de ele ser Deus e nós, não. Para Deus, ser fiel a esse mesmo princípio significa que ele não exaltaria a nossa glória, mas a dele. O princípio unificador não é: exalte sua própria glória. O princípio unificador é: exalte a glória daquele que é infinitamente glorioso. Para nós, isso quer dizer exaltar a Deus e, para ele, exaltar a si mesmo. Para nós, significa *não buscarmos* nossa própria glória. Para Deus, significa *buscar* sua própria glória.

Isso pode ser muito ardiloso. Satanás percebeu isso e usou no jardim do Éden. Ele veio com a tentação para Adão e Eva: se vocês comerem da árvore proibida, "como Deus, [serão] conhecedores do bem e do mal" (Gn 3.5). Ora, Adão e Eva deveriam ter dito: "Já somos como Deus. Fomos criados à *sua imagem*" (Gn 1.27). Mas, em vez de terem usado a verdade de Deus contra a tentação de Satanás, permitiram que a verdade de fazer o que era errado parecesse plausível: "Se somos a imagem de Deus, então não pode ser errado querer ser como ele. Portanto, a sugestão da serpente de sermos como Deus não pode ser ruim". Por isso, comeram do fruto proibido.

Mas o problema é que *não é* correto os seres humanos tentarem ser como Deus em todos os aspectos. A divindade de Deus permite que algumas coisas sejam permitidas somente a ele. No caso de Adão e Eva, é direito de Deus decidir o que era bom e mau, proveitoso ou prejudicial. Eles eram limitados e não dispunham da sabedoria para conhecer todos os fatores que deveriam ser levados em conta para terem uma vida feliz. Somente Deus conhece tudo quanto precisa ser conhecido. Portanto, os humanos não têm o direito de serem independentes dele. O julgamento independente acerca do que é útil e prejudicial é insensatez e rebelião. Isso foi a tentação e o âmago da sua desobediência.

O objetivo é simplesmente ilustrar que, embora tenhamos sido criados à imagem de Deus e, em alguns aspectos, devamos ser "imitadores de Deus" (Ef 5.1), é um equívoco pensar que Deus não possui certos direitos que

também não temos. Um pai deseja que o filho imite suas maneiras, cortesias e integridade, mas não quer que ele imite sua autoridade, seja para com seus pais ou para com seus irmãos e irmãs.

Assim, concluo que é justo que Deus faça algumas coisas que somos proibidos de fazer. E uma dessas coisas é exaltar a sua própria glória. Ele seria injusto se não fizesse isso, uma vez que não estaria apreciando o que é infinitamente valioso. Seria, na realidade, um idólatra, se estimasse como seu tesouro infinito algo menos precioso que sua própria glória.

Deus é mais glorificado em nós quando mais nos satisfazemos nele

Mas exaltar a sua própria glória representa amor por parte de Deus? Sim. E há vários meios para constatarmos essa verdade. Um dos meios é ponderar esta afirmação: *Deus é mais glorificado em nós quanto mais nos satisfazemos nele*. Essa talvez seja a afirmação mais importante em minha teologia.[38] Se isso é verdadeiro, então se torna evidente por que Deus se apraz quando procura enaltecer sua glória em minha vida, pois isso significa que ele procura maximizar minha satisfação nele, já que é mais glorificado em mim à medida que mais me satisfaço nele. Consequentemente, a busca de Deus por sua própria glória não está em descompasso com minha alegria, o que significa que não é insensibilidade, impiedade ou desamor da parte dele buscar sua glória. Na realidade, isso significa que, quanto mais apaixonado Deus está por sua própria glória, mais apaixonado ele está por minha satisfação nessa glória. Assim, o "teocentrismo" de Deus e o seu amor elevam-se juntamente.

Para ilustrar a verdade de que Deus é mais glorificado em nós quando mais nos satisfazemos nele, consideremos o que posso dizer em uma visita pastoral, quando entro em um quarto de hospital onde se encontra um membro de minha igreja. Ele olha de sua cama com um sorriso e diz: "Ah!, pastor John, que bom que o senhor veio me visitar. Que ânimo o senhor me traz!" Suponhamos que eu levante minha mão, como se me desviasse das palavras, e diga sem demonstrar sensibilidade: "Imagine. É meu dever como pastor". O que está errado aqui? Por que nos sentimos diminuídos com tal afirmação pastoral impensada? *É* meu dever. O dever é uma boa coisa. Assim, por que essa afirmação causa tanto dano?

Ela é danosa porque não honra a pessoa doente. Por quê? Porque o deleite confere mais honra que o dever. Fazer uma visita em um hospital por mera obrigação honra o dever. Fazer isso por deleite honra o paciente. E ele sente isso. A resposta correta do pastor à saudação do paciente deveria ter sido: "É um prazer estar aqui. Estou contente de poder vir". Você vê aqui o paradoxo? Aquelas duas sentenças mostrariam que estou "buscando meu interesse". "É um prazer *[eu]* estar aqui. *Estou* contente de poder vir." No

entanto, a razão dessas afirmações não é egoísta, pois elas conferem honra ao paciente, não ao pastor. Quando alguém se deleita com você, você se sente honrado. Quando alguém está feliz por estar com você, você se sente valorizado, apreciado, glorificado. É uma atitude amorosa visitar um doente, porque isso faz que você se sinta satisfeito de estar ali.

Então, essa é a resposta por que Deus não está sendo egoísta em magnificar sua glória. Deus é glorificado precisamente quando nos satisfazemos nele – quando nos deleitamos em sua presença, gostamos de estar perto dele ou valorizamos sua companhia. Essa é uma descoberta que transforma completamente a nossa vida. Ela nos liberta para buscarmos nossa alegria em Deus e ele, sua glória em nós, porque estas não são buscas diferentes. Deus é mais glorificado em nós quando mais nos satisfazemos nele.

Autoexaltação de Deus: orientação para a satisfação humana

Portanto, quando lemos centenas de textos na Bíblia que mostram Deus exaltando, apaixonadamente, sua própria glória, não as vemos mais como paixões de um ego presunçoso e indiferente. Passamos a vê-las como exaltação justa àquele que é infinitamente exaltado e como a busca, por Deus, de nossa mais profunda satisfação nele. Deus é absolutamente único, o único ser no universo digno de adoração. Por isso, quando exalta a si mesmo, ele conduz as pessoas à verdade e à alegria duradoura. "Na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra delícias perpetuamente" (Sl 16.11). Mas, quando nos exaltamos, estamos desviando as pessoas daquilo que trará a verdade e a alegria duradoura. Portanto, para que nos deleitemos, devemos exaltar a Deus e, para que Deus se deleite, deve exaltar a si próprio. O amor ajuda as pessoas a irem em direção à maior das belezas, ao mais alto valor, à mais profunda satisfação, à mais duradoura alegria, à maior recompensa, à mais encantadora amizade e à mais intensa adoração – o amor está conduzindo as pessoas em direção a Deus. Fazemos isso revelando a grandeza de Deus. Deus faz isso mostrando sua própria grandeza.

Deus exalta-se em misericórdia

Há outro meio de ver como a paixão de Deus por sua própria glória significa amor. A conexão entre missões e a supremacia de Deus são encontradas nesta afirmação: *A glória que Deus busca magnificar é supremamente a glória da sua misericórdia*. O texto-chave é Romanos 15.8-9:

> Digo, pois, que Cristo foi constituído ministro da circuncisão, em prol da verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos nossos pais; e *para que os gentios glorifiquem a Deus por causa da sua misericórdia*.

Observe três verdades interligadas nestes grandes versículos missionários.

1. *O zelo pela glória de Deus motiva as missões mundiais.* Paulo apresenta três razões para que Cristo se humilhasse como um servo e viesse a este mundo na primeira grande jornada missionária do céu para a terra. Primeira, "Cristo foi constituído ministro da circuncisão, *em prol da verdade de Deus*". Segunda, ele veio "*para confirmar as promessas [de Deus]*". Terceira, ele veio "para que os gentios *glorifiquem a Deus* por causa da sua misericórdia".

Em outras palavras, Cristo estava em missão para magnificar a Deus. Ele veio para mostrar que *Deus* é verdadeiro, cumpridor de promessas e glorioso. Jesus veio a este mundo *por causa do amor de Deus* – para certificar a integridade *de Deus*, sustentar a Palavra *de Deus* e exaltar a glória *de Deus*. Considerando que Deus enviou seu Filho para fazer tudo isso, é evidente que o motivo primordial da sua primeira grande missão aos povos não alcançados – a missão de Jesus vinda do céu – foi o zelo de Deus por sua glória. Essa é a primeira verdade de Romanos 15.8-9: O zelo pela glória de Deus motiva as missões mundiais.

2. *Um espírito de serviço e um coração misericordioso motivam as missões mundiais.* "Cristo foi constituído *ministro da circuncisão*... para que os gentios glorifiquem a Deus por causa da sua *misericórdia*." Cristo tornou-se um servo... e Cristo trouxe misericórdia. Tornou-se um servo não somente porque se humilhou para fazer com grande custo o que o Pai desejava que ele fizesse. Ele foi também um servo por ter vivido para o propósito de estender a misericórdia às nações. Durante sua vida entre nós, ele mostrou a conexão entre compaixão e missões. Vemos isso, por exemplo, em Mateus 9.36-38:

> Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor. E, então, se dirigiu a seus discípulos: "A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara".

A compaixão de Jesus veio no pedido de oração por mais missionários. Do princípio ao fim, a misericórdia esteve incitando as missões em sua vida. E não somente em vida, mas também em sua morte. "Foste *morto* e com o teu *sangue* compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação" (Ap 5.9). A misericórdia era a própria essência da missão de Jesus. Ninguém mereceu sua missão, ela decorreu totalmente da misericórdia e do propósito de servir. Essa é a segunda verdade de Romanos 15.8-9: um espírito servil e um coração misericordioso motivam as missões mundiais.

3. *A terceira verdade é que a primeira e a segunda são uma única verdade.* O zelo pela glória de Deus e um coração misericordioso para as nações são um. Isso está claro nas palavras do versículo 9: Cristo veio "para

que os gentios glorifiquem a Deus..." Sim! Esta foi a paixão de Cristo e deverá ser a nossa paixão – que as nações amem a glória de Deus e louvem-na. Mas o versículo continua: Cristo veio "para que os gentios glorifiquem a Deus *por causa da sua misericórdia*". O motivo da misericórdia e o motivo da glória de Deus não são diferentes, porque a glória que desejamos ver exaltada entre as nações é supremamente a glória da misericórdia de Deus.

A misericórdia é o ápice da glória de Deus, assim como o transbordamento de uma fonte é o ápice da plenitude da fonte. Deus está livre para ser misericordioso, porque é repleto e totalmente autossuficiente em si mesmo. Ele não tem deficiências, necessidades ou defeitos. Ele se escuda amplamente em si mesmo por tudo quanto é. Ele nunca iniciou nem se submeteu a qualquer processo de desenvolvimento por alguma influência alheia a ele. A glória da sua autossuficiência transborda na liberdade da sua misericórdia para com as nações. Por conseguinte, propagar a misericórdia de Deus e exaltar a sua glória são uma única coisa.[39]

Um coração para a glória de Deus e um coração de misericórdia para com as nações fizeram de Cristo um missionário e devem ser mantidos interligados. Se não tivermos zelo algum para com a glória de Deus, tornamos nosso aperfeiçoamento antropocêntrico, superficial e egoísta, sem nenhum significado eterno. E se o nosso zelo pela glória de Deus não se alegra em sua misericórdia, então nosso suposto zelo, a despeito de todos os seus protestos, é alheio a Deus e hipócrita (cf. Mt 9.13).

Ele faz todas as coisas para o louvor da glória de sua graça

Essa maravilhosa conformidade entre a paixão de Deus para ser glorificado e sua paixão para ser misericordioso é também admiravelmente evidente no primeiro capítulo de Efésios. Paulo afirma três vezes que Deus está fazendo toda a sua obra de salvação "para o louvor de sua glória". E o versículo 6 deixa claro que essa glória é "a glória de sua *graça*". Eleição, predestinação, adoção, redenção, selagem pelo Espírito, fazendo todas as coisas de acordo com o conselho de sua vontade – Deus faz tudo isso para suscitar louvor para a glória de sua graça. Versículos 5 e 6: "[Deus] nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo... *para louvor da glória de sua graça*". Versículos 11 e 12: "... fomos [em Cristo] também feitos herança, predestinados... *a fim de sermos para louvor da sua glória*". Versículo 14: "[O Espírito Santo] é o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade, *em louvor da sua glória*".

Isso é exatamente o que vimos em Romanos 15.9. Ali os gentios glorificam a Deus por sua misericórdia. Aqui, louvam-no por sua graça. Em ambos os casos, Deus recebe a glória e os humanos, a alegria. Assim, quanto

mais apaixonado Deus está por sua glória, mais se apaixona por satisfazer nossas necessidades como pecadores. A graça é a nossa única esperança e a única esperança das nações. Portanto, quanto mais zeloso Deus é por sua graça de ser glorificado, mais esperança há de que as missões sejam bem-sucedidas.

Em resumo: o poder das missões é a adoração

O que viemos mostrando é que a supremacia de Deus em seu próprio coração não é desamor. É, na realidade, a fonte de amor. O pleno deleite em sua própria perfeição transborda em seu misericordioso desejo de compartilhá-lo com as nações. Podemos reafirmar, então, a verdade anterior de que a adoração é o combustível e a meta que nos conduzem nas missões, porque é o combustível e a meta que conduzem Deus nas missões. Eles fluem da plenitude da paixão de Deus por si próprio e visam a participação das nações nessa mesma paixão (cf. Jo 15.11; 17.13, 26; Mt 25.21, 23). A força do empreendimento missionário deve ser alcançada no combustível e na meta de Deus. E isso significa estar envolvido na adoração.

Somente um Deus trabalha para as pessoas que esperam nele

Essa visão extraordinária de Deus como quem "exalta a si mesmo para mostrar misericórdia" (Is 30.18) impulsiona as missões mundiais em mais de uma direção. Um aspecto que não ponderamos é a absoluta singularidade desse Deus entre todos os deuses das nações. Isaías observa isso e diz: "Desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu Deus além de ti, que trabalha para aquele que nele espera" (Is 64.4). Em outras palavras, Isaías está pasmo de a grandiosidade de Deus ter o efeito paradoxal: ele não precisa que as pessoas trabalhem para ele, mas, em vez disso, exalta a si mesmo em trabalhar para elas, se elas renunciarem à autoconfiança e "esperarem nele".

Isaías antecipou as palavras de Paulo em Atos 17.25: "[Deus] nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse, pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais". A unicidade no coração do Cristianismo é a glória de Deus manifesta na liberdade da graça. Deus é glorioso porque não necessita das nações para trabalharem para ele. Ele é livre para trabalhar para elas. "O próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos" (Mc 10.45). As missões não são um projeto de recrutamento da força de trabalho para Deus. É um projeto de libertação dos pesados fardos e jugos de outros deuses (Mt 11.28-30).

Isaías diz que um Deus assim não foi visto nem ouvido em quaisquer lugares do mundo. "Desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu Deus além de ti." O que Isaías vê por toda parte são deuses que *devem ser servidos*, em lugar de servir. Por exemplo, os deuses babilônios Bel e Nebo:

> Bel se encurva, Nebo se abaixa; os ídolos são postos sobre os animais, sobre as bestas; as cargas que costumáveis levar são canseira para as bestas já cansadas. Esses deuses juntamente se abaixam e se encurvam, não podem salvar a carga; eles mesmos entram em cativeiro. "Ouvi-me, ó casa de Jacó e todo o restante da casa de Israel; vós, a quem desde o nascimento carrego e levo nos braços desde o ventre materno. Até a vossa velhice, eu serei o mesmo e, ainda até às cãs, eu vos carregarei; já o tenho feito; levar-vos-ei, pois, carregar-vos-ei e vos salvarei" (Is 46.1-4; cf. Jr 10.5).

A diferença entre o Deus verdadeiro e os deuses das nações é que estes devem ser carregados e Aquele carrega. Deus serve, eles devem ser servidos. Deus glorifica seu poder mostrando misericórdia. Eles glorificam os seus fazendo escravos. Portanto, a paixão de Deus por sua glória, que o conduz à misericórdia, propulsiona as missões porque ele é absolutamente único entre todos os deuses.

A mensagem mais compartilhada no mundo

Há, ainda, outro meio pelo qual Deus motiva o empreendimento missionário. A exigência do evangelho que flui deste Deus para as nações é uma exigência eminentemente compartilhável e factível, a saber, alegrar-se e ter prazer em Deus. "Reina o SENHOR. *Regozije-se* a terra, *alegrem-se* as muitas ilhas!" (Sl 97.1). "Louvem-te os povos, ó Deus; louvem-te os povos todos. *Alegrem-se e exultem as gentes!*" (Sl 67.3-4). "Vejam isso os aflitos e *se alegrem*; quanto a vós outros que buscais a Deus, *que o vosso coração reviva*" (Sl 69.32). "*Folguem* e em ti *se rejubilem* todos os que te buscam; e os que amam a tua salvação digam sempre: Deus seja magnificado!" (Sl 70.4). Que mensagem melhor que esta os missionários poderão transmitir: Alegrem-se em Deus! Regozijem-se em Deus! Cantem com júbilo a Deus! Pois Deus é mais glorificado em vocês quando mais vocês se satisfazem nele! Deus ama exaltar-se mostrando misericórdia aos pecadores.

O fato libertador da mensagem que levamos às fronteiras é que as pessoas de todas as partes devem buscar seu próprio interesse. Estamos chamando-as para Deus. E aquelas que vêm dizem: "Na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente" (Sl 16.11). Deus

glorifica-se entre as nações pelo ordenamento: "Agrada-te do Senhor!" (Sl 37.4). A sua primeira e grande exigência é que todos os homens de todas as partes se arrependam de procurar sua alegria em outras coisas e comecem a procurá-la somente nele. Um Deus que não pode ser servido[40] é um Deus que só pode ser desfrutado. O grande pecado do mundo não é que a raça humana tenha falhado em trabalhar para Deus de modo a *aumentar* sua glória, mas que falhamos em ter prazer em Deus de modo a *refletir* sua glória, pois a glória de Deus é mais refletida em nós quando mais nos satisfazemos nele.

O pensamento mais animador no mundo é que o propósito inexorável de Deus para revelar sua glória na missão da igreja é virtualmente o mesmo para dar ao seu povo satisfação infinita. A glória de uma nascente de água é medida pelas pessoas (e pessoas muito diferentes!) que encontram satisfação e vida em suas correntes transbordantes. Por isso, Deus está comprometido com a santa alegria dos redimidos de todas as tribos, línguas, povos e nações com o mesmo zelo que o leva a buscar sua própria glória em tudo o que faz. A supremacia de Deus no coração de Deus é a força impulsora da sua misericórdia e o movimento missionário da sua igreja.

Expressões bíblicas da supremacia de Deus nas missões

Diante do cenário que desdobramos até aqui, podemos, agora, ser capazes de sentir a força plena daqueles textos bíblicos que enfatizam a supremacia de Deus no impulso missionário da igreja. Os motivos que veremos confirmam a centralidade de Deus na visão missionária da Bíblia.

Vemos alguns textos do Antigo Testamento que fazem da glória de Deus o cerne da proclamação missionária: "Anunciai entre as nações *a sua glória*, entre todos os povos, *as suas maravilhas!*" (Sl 96.3). "Relembrai que *é excelso o seu nome!*" (Is 12.4). Há muitas outras.[41] E ainda não percorremos as afirmações incisivas de Jesus, Paulo e João, que dizem a mesma coisa.

Deixando família e posses por amor do Nome

Quando Jesus dispensou o jovem rico porque ele não estava disposto a deixar a riqueza para segui-lo, disse o Senhor: "Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus" (Mt 19.23). Os apóstolos ficaram surpresos e disseram: "Sendo assim, quem pode ser salvo?" (v. 25). Jesus respondeu: "Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível" (v. 26). Então Pedro, falando como um tipo de missionário que deixou seu lar e sua vida para seguir Jesus, disse: "Eis que nós tudo deixamos e te seguimos:

que será, pois, de nós?" (v. 27). Jesus respondeu com uma censura branda à noção de sacrifício de Pedro: "Todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe [ou mulher], ou filhos, ou campos, *por causa do meu nome*, receberá muitas vezes mais e herdará a vida eterna" (v. 29).

Aqui o ponto central que devemos focalizar é a frase, "por causa do meu nome". A razão a qual Jesus virtualmente toma por certa quando um missionário deixa lar, família e bens materiais é *por causa do amor ao seu nome*. Isso acontece por causa da reputação de Jesus. O objetivo de Deus é que o nome de seu Filho seja exaltado e honrado entre todos os povos do mundo, pois, quando o Filho é honrado, o Pai é honrado (Mc 9.37). Quando todo joelho se dobrar perante o nome de Jesus, isso será feito "para glória de Deus Pai" (Fp 2.10-11). Assim, as missões teocêntricas existem por causa do nome de Jesus.

Uma oração missionária para que o nome de Deus seja santificado

As duas primeiras petições da Oração do Senhor talvez sejam a afirmação mais clara de todos os ensinamentos de Jesus de que as missões são movidas pela paixão de Deus por ser glorificado entre as nações. "Santificado seja o teu nome; venha o teu reino" (Mt 6.9-10). Aqui Jesus nos ensina a pedir que Deus tenha seu nome santificado e que seu reino venha. Esta é uma oração missionária. Seu objetivo é encaixar a paixão de Deus por seu nome entre aqueles que se esquecem dele ou o injuriam (Sl 9.17; 74.18). Santificar o nome de Deus significa colocá-lo em uma categoria própria, apreciá-lo e honrá-lo acima de qualquer dedicação ou afeição. O interesse primordial de Jesus – a primeira petição da oração que ele ensinou – é que cada vez mais pessoas cheguem a santificar o nome de Deus. Esta é a razão de o universo existir. As missões existem porque não há essa santificação universal.

Quanto se deve sofrer pelo Nome

Quando Paulo foi convertido na estrada de Damasco, Jesus Cristo tornou-se o tesouro e a alegria supremos de sua vida. "Considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor" (Fp 3.8). Esta foi uma lealdade custosa. O que Paulo aprendeu em Damasco não foi somente a alegria dos pecados perdoados e comunhão com o Rei do universo, mas também quanto ele teria de sofrer. Jesus enviou Ananias a Paulo com esta mensagem: "Pois eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer *pelo meu nome*" (At 9.16). Os sofrimentos missionários de Paulo foram "pelo amor ao nome de Jesus". Quando chegou próximo ao fim de sua vida e foi advertido a não ir a Jerusalém, ele respondeu: "Que fazeis

chorando e quebrantando-me o coração? Pois estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém *pelo nome do Senhor Jesus*" (At 21.13). Para Paulo, a glória do nome de Jesus e sua reputação no mundo eram mais importantes do que a vida.

"Por amor do seu nome, para a obediência por fé, entre todos os gentios"

Paulo torna evidente, em Romanos 1.5, que sua missão e chamado são por amor do nome de Cristo entre todas as nações: "Por intermédio de quem viemos a receber graça e apostolado *por amor do seu nome, para a obediência por fé, entre todos os gentios*".

O apóstolo João expôs da mesma maneira a razão dos primeiros missionários. Ele escreveu a uma de suas igrejas para dizer que ela deveria enviar irmãos cristãos por "modo digno de Deus". E a razão que ele apresenta é que "*por causa do Nome* foi que saíram, nada recebendo dos gentios" (3Jo 6-7).

John Stott comenta esses dois textos (Rm 1.5; 3Jo 7): "Eles sabiam que Deus tinha superexaltado Jesus, entronizando-o à sua destra e conferindo-lhe a mais alta distinção, para que toda língua confessasse o seu senhorio. Eles ansiavam que Jesus recebesse a honra devida ao seu nome".[42] Essa ânsia não era um sonho, mas uma certeza. No fundo de toda a nossa esperança, quando tudo desmoronar, permaneceremos firmes nesta grande realidade: o Deus sempiterno e todo suficiente é infinita, inamovível e eternamente dedicado à glória do seu grande e santo nome. Ele agirá entre as nações por amor do seu nome. Seu nome jamais será profanado. A missão da igreja será vitoriosa. Ele sustentará seu povo e sua causa em toda a terra.

Possa o bendito Redentor ver o labor da sua alma!

David Brainerd, o missionário entre os indígenas em Nova Jersey, na década de 1740, foi sustentado por essa confiança até a sua morte, aos 29 anos. Sete dias antes de morrer, em 1747, ele falou de seu anseio pela glória de Deus no mundo. Estas foram as últimas palavras que teve forças para escrever com sua própria mão:

> Sexta-feira, 2 de outubro. Minha alma estava, neste dia, de quando em quando, docemente posta em Deus: ansiei estar "com ele" para que pudesse "contemplar sua glória". [...] Ah!, que o seu reino venha a este mundo; que todos eles amem e glorifiquem a Deus pelo que ele é em si mesmo e que o bendito Redentor possa "ver o labor de sua alma e fique satisfeito". Ah!, "vem, Senhor Jesus, vem depressa! Amém".[43]

A ausência da paixão que Brainerd tinha por Deus é a grande causa da fraqueza missionária nas igrejas. Foi essa a conclusão de Andrew Murray há cem anos:

> Quando procuro saber por que, com tantos milhões de cristãos, o exército real de Deus, que está enfrentando as hostes das trevas, é tão pequeno, a única resposta é: falta de coração. O entusiasmo pelo reino está esquecido, porque há muito pouco entusiasmo pelo *Rei*.[44]

Hoje, isso é ainda verdadeiro. Peter Beyerhaus também vê isso claramente e conclama-nos a pôr a glória de Deus no centro de nossa vida e missão.

> Somos chamados e enviados para glorificar o reino de Deus e manifestar sua obra salvadora perante o mundo todo... Hoje é extremamente importante enfatizar a prioridade desse objetivo doxológico antes de todos os outros alvos da missão. Nossa preocupação unilateral com o homem e a sociedade ameaça perverter a missão e fazer dela um empreendimento secular ou mesmo quase ateísta. Estamos vivendo em uma época de apostasia, na qual o homem arrogantemente se considera um parâmetro para todas as coisas. Portanto, é parte de nossa tarefa missionária confessar corajosamente, diante de todos os inimigos da cruz, que a terra pertence a Deus e ao seu ungido... Nossa tarefa na missão é hastear a bandeira do Senhor ressurreto perante o mundo inteiro, porque ele lhe pertence.[45]

O zelo da igreja pela glória do seu Rei não vai aumentar até que os pastores, líderes de missões e professores de seminário façam muito mais pelo Rei. Quando a glória do próprio Deus saturar nossas pregações, ensinamentos, palestras e literatura e quando ele predominar sobre nossa discussão de métodos e estratégias, palavras psicológicas furtivas e tendências culturais, então o povo poderá começar a sentir que ele é a realidade central de suas vidas e que a expansão da sua glória é mais importante do que suas posses materiais e todos os seus planos.

O poder das missões quando o amor pelo perdido é fraco

A compaixão pelo perdido é um motivo belo e sublime para o trabalho missionário. Sem isso, perdemos a doce humildade de compartilhar o tesouro que recebemos gratuitamente. Vimos, porém, que a compaixão pelas pessoas não deve se separar da paixão pela glória de Deus. John Dawson, um líder do programa "Jovens com uma Missão", acrescenta mais uma razão para que isso ocorra desse modo. Ele chama a atenção para o fato de que um forte sentimento de amor pelo "perdido" ou pelo "mundo" é uma experiência muito difícil de manter e nem sempre é reconhecido quando ocorre.

> Você já imaginou alguma vez o que significa amar um perdido? Este é o termo que usamos como parte do nosso jargão cristão. Muitos crentes examinam seus corações com condenação, esperando pela chegada de algum sentimento de benevolência que os impulsione à evangelização audaz. Isso nunca acontecerá. É impossível amar "o perdido". Você não pode sentir algo profundo por uma abstração ou um conceito. Você acharia impossível amar profundamente o indivíduo desconhecido de uma fotografia, muito menos uma nação, uma raça ou alguma coisa tão vaga como "todas as pessoas perdidas".
>
> Não espere por um sentimento de amor para falar sobre Cristo com um estranho. Você já ama seu Pai celestial e você sabe que esse estranho é criado por ele, mas está separado dele, por isso tome aqueles primeiros passos na evangelização porque você ama a Deus. Primariamente, não é por compaixão pela humanidade que compartilhamos nossa fé ou nossa oração com o perdido; é, acima de tudo, por amor a Deus. A Bíblia diz, em Efésios 6.7-8: "Servindo de boa vontade, como ao Senhor, e não como a homens, certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo, quer livre".
>
> A humanidade não merece o amor de Deus mais do que você ou eu. Nunca devemos ser humanistas cristãos, levando Jesus ao pobre povo pecaminoso, reduzindo-o a algum tipo de produto que vai melhorar sua sorte. As pessoas merecem ser condenadas, mas Jesus, o Cordeiro de Deus sofredor, merece a recompensa por seu sofrimento.[46]

O milagre do amor

As palavras de Dawson são uma advertência sábia e incentivadora para não limitarmos nosso empreendimento missionário ao nível da compaixão que sentimos por pessoas que não conhecemos. Contudo, não quero minimizar o que o Senhor é capaz de fazer, dando às pessoas uma quantidade sobrenatural de amor por povos distantes. Por exemplo, Wesley Duewel, da OMS International, conta a história da compaixão fora do comum de sua mãe pela China e pela Índia:

> Minha mãe, durante muitos anos, carregou grande compaixão pelo povo da China e da Índia. Por muitos anos, praticamente todos os dias, quando orava durante o culto familiar por essas duas nações, ela se emocionava até às lágrimas antes de terminar sua oração. Seu amor era profundo e constante e ela será recompensada eternamente pelos seus anos de amor por aquelas terras. Esse é o amor de Jesus alcançado e mediado pelos cristãos por intermédio do Espírito Santo.[47]

Enfatizo novamente que o motivo da compaixão e o motivo do zelo pela glória de Deus não estão separados. As lágrimas da compaixão são as lágrimas da alegria em Deus, impedida de se estender em direção aos outros.[48]

O chamado de Deus

Deus está nos chamando, acima de tudo, para sermos o tipo de pessoa cujo tema e paixão é a supremacia de Deus em toda a vida. Ninguém será capaz de elevar-se à magnificência da causa missionária se não sentir a magnificência de Cristo. Não haverá nenhuma grande visão universal sem um grande Deus. Não haverá nenhuma paixão para atrair outros à adoração se não houver nenhuma paixão pela adoração.

Deus está buscando com paixão onipotente um propósito universal de reunir seus adoradores jubilosos de todas as tribos, línguas, povos e nações. Ele tem um entusiasmo inesgotável pela supremacia do seu nome entre as nações. Por isso, alinhemos nossas afeições com as dele e, por amor do seu nome, renunciemos à busca de confortos mundanos e abracemos o seu propósito global. Assim fazendo, o compromisso onipotente de Deus para com o seu nome estará sobre nós como um estandarte e não nos perderemos, apesar das muitas tribulações (At 9.16; Rm 8.35-39). As missões não são o alvo supremo da igreja. A adoração é. As missões existem porque não há adoração. A Grande Comissão é, primeiramente, "agrada-te do SENHOR" (Sl 37.4), e, depois, declarar: "*Alegrem*-se e *exultem* as gentes" (Sl 67.4). Desse modo, Deus será glorificado do começo ao fim e a adoração fortalecerá o empreendimento missionário até a vinda do Senhor.

> Grandes e admiráveis são as tuas obras,
> Senhor Deus, Todo-Poderoso!
> Justos e verdadeiros são os teus caminhos,
> Ó Rei das nações!
> Quem não temerá e não glorificará o teu nome,
> Ó Senhor?
> Pois só tu és santo;
> Por isso, todas as nações virão
> e adorarão diante de ti,
> Porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos.
> Apocalipse 15.3-4

2

A supremacia de Deus nas missões por meio da oração

Não podemos saber para que serve a oração até sabermos que a vida é uma guerra

A vida é uma guerra. Nossa fraqueza ao orar deve-se amplamente à nossa negligência dessa verdade. A oração é principalmente um aparelho comunicador do campo de batalha para a missão da igreja, à medida que ela avança contra os poderes das trevas e da descrença. Não é de surpreender que a oração não funcione bem quando tentamos fazer dela um comunicador doméstico, para comunicar-nos da sala térrea com o quarto no andar de cima, para maior conforto. Deus nos deu a oração como um radiotransmissor no campo de batalha, para que possamos entrar em contato com o quartel para qualquer coisa que precisemos, à medida que o reino de Cristo avança no mundo. A oração dá a *nós* a importância das forças da linha de frente e dá a *Deus* a glória de um Provedor ilimitado. Aquele que dá o poder recebe a glória. Assim, a oração salvaguarda a supremacia de Deus nas missões, enquanto nos liga à graça incessante para todas as necessidades.

A vida é uma guerra

Quando Paulo chegou ao fim da sua vida, ele disse, em 2Timóteo 4.7: "Combati *o bom combate*, completei a carreira, guardei a fé". Em 1Timóteo

6.12, ele diz a Timóteo: "*Combate o bom combate* da fé. Toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado". Para Paulo, toda a vida era uma guerra. Sim, ele usou outras imagens, tais como – agricultura, atletismo, família, construção, pastoreio e outras. E sim, ele era um homem que amava a paz. Mas a difusão da guerra é vista precisamente no fato de que uma das armas de guerra é o evangelho da paz (Ef 6.15)! Sim, ele foi um homem de intensa alegria. Mas essa alegria era geralmente "regozijo nas tribulações" da sua missão sob o fogo da batalha (Rm 5.3; 12.12; 2Co 6.10; Fp 2.17; Cl 1.24; cf. 1Pe 1.6; 4.13).

A vida é uma guerra porque, para manter a nossa fé e nos apoderarmos da vida eterna, estamos em constante luta. Paulo evidencia, em 1Tessalonicenses 3.5, que Satanás coloca nossa fé como alvo da destruição. "Mandei indagar o estado da vossa *fé*, temendo que o *tentador* vos provasse, *e se tornasse inútil o nosso labor*." O ataque de Satanás em Tessalônica era contra a fé dos cristãos. Seu objetivo era tornar o trabalho de Paulo ali "vão" – vazio e destruído.

É verdade que Paulo acreditava na segurança eterna dos eleitos ("... e aos que [Deus] justificou, a esses também glorificou" [Rm 8.30]). Mas as únicas pessoas que estão eternamente seguras são aquelas que "[confirmam] a [sua] vocação e eleição", [combatendo] o bom combate da fé e [tomando] posse da vida eterna (2Pe 1.10; 1Tm 6.12). Jesus disse: "... aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo" (Mc 13.13). E Satanás está em constante guerra para destruir a nossa fé e levar-nos à ruína.

A palavra "combater", de 1Timóteo (*agonizesthai*, da qual temos "esforçar-se dolorosamente"), é usada repetidamente na descrição da vida cristã. Disse Jesus: "*Esforçai-vos* por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão" (Lc 13.24). Hebreus 4.11 afirma: "*Esforcemo-nos*, pois, por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, segundo o mesmo exemplo de desobediência". Paulo compara a vida cristã a uma corrida e diz: "Todo atleta em tudo *se domina*; aqueles para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível" (1Co 9.25). Ele descreve seu ministério de proclamação e ensinamento do seguinte modo: "Para isso é que eu também me afadigo, *esforçando-me* o mais possível, segundo a sua eficácia que operara eficientemente em mim" (Cl 1.29). E ele diz que a oração é parte dessa luta: "Saúda-vos Epafras, que é, dentre vós, servo de Cristo Jesus, o qual *se esforça* sobremaneira, continuamente, por vós, nas *orações*" (Cl 4.12). "[Rogo-vos]... *que luteis* juntamente comigo nas *orações* a Deus a meu favor" (Rm 15.30). É a mesma palavra todas as vezes: "luta".

Paulo é ainda mais ilustrativo com outra linguagem referente a luta. Em relação à sua própria vida, ele disse: "Assim *corro* também eu, não sem

meta; assim *luto*, não como *desferindo golpes no ar*. Mas *esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão*, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado" (1Co 9.26-27). Ele participa de uma corrida, luta como um pugilista e se esforça contra as forças de seu próprio corpo. Com referência ao seu ministério, ele afirmou: "Embora andando na carne, não *militamos* segundo a carne. Porque *as armas da nossa milícia* não são carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas; anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2Co 10.3-5).

Paulo incentivou Timóteo a ver todo o seu ministério como uma guerra: "Este é o dever de que te encarrego, ó filho Timóteo, segundo as profecias de que antecipadamente foste objeto: *Combate*, firmado nelas, *o bom combate*" (1Tm 1.18). "*Nenhum soldado em serviço* se envolve em negócios desta vida" (2Tm 2.4). Em outras palavras, missões e ministério são uma guerra.

Provavelmente, a passagem mais familiar sobre a guerra que vivemos diariamente é a de Efésios 6.12-18, na qual Paulo relaciona os elementos que compõem "a armadura de Deus". Não podemos deixar de ver aqui o óbvio: o simples pressuposto dessa conhecida passagem é que a vida é uma guerra. Paulo simplesmente reconhece isso e, então, mostra-nos que espécie de guerra é essa: "Não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus" (v. 12-13).

Então todas as preciosas bênçãos da vida que podem ser concebidas em contextos diferentes deste contexto de guerra são recrutadas para a batalha. Se conhecemos a *verdade*, ela é um cinto na armadura. Se temos *justiça*, devemos usá-la como uma couraça. Se estimamos o *evangelho da paz*, ele se torna o calçado de um soldado. Se apreciamos *descansar* nas promessas de Deus, esta fé deve ser colocada em nosso braço esquerdo, como um escudo contra as flechas inflamadas. Se nos deleitamos em nossa *salvação*, devemos usá-la seguramente em nossa cabeça, como um capacete. Se amamos a *Palavra de Deus*, mais doce que o mel, devemos fazer da doçura uma espada. Na realidade, cada bênção "civil" na vida cristã é convocada para a guerra. Não há parte guerreira e não guerreira: a vida é uma guerra.[49]

A ausência de austeridade

Muitas pessoas, porém, não creem nisso em seus corações. Muitas delas mostram, por suas prioridades e sua abordagem casual às coisas espirituais, que acreditam estarmos em paz e não em guerra.

Em tempo de guerra, os jornais estampam manchetes sobre o desempenho das tropas, as famílias falam sobre seus filhos e filhas nos campos de batalha, escrevem-lhes e oram por eles com o coração apertado de preocupação em relação à sua segurança. Na guerra, estamos alertas, armados, vigilantes e gastamos o dinheiro de maneira diferente – há austeridade não em interesse próprio, mas porque há meios mais estratégicos de se gastar dinheiro do que em enfeites novos para a casa. O esforço de guerra atinge a todos. Todos economizam. Um navio de luxo torna-se um transportador de tropas.

Muito poucas pessoas pensam que estamos em uma guerra maior que a Segunda Guerra Mundial ou alguma guerra nuclear imaginável. Poucos supõem que Satanás é um inimigo muito pior do que qualquer adversário terreno ou reconhecem que o conflito não é restrito a um cenário global qualquer, mas está em cada cidade e metrópole do mundo. Quem considera que os grandes infortúnios dessa guerra não são apenas a perda de um braço, de um olho ou de uma vida terrena, mas a perda de tudo, até mesmo da própria alma, e a entrada em um inferno de tormento eterno?

Em *Screwtape Letters,* de C. S. Lewis, Screwtape (o diabo) diz a Wormwood (um espírito mau inferior): "Não espere muito de uma guerra". Ele estava se referindo às agonias da Segunda Guerra Mundial. Ele explica que a guerra não destruirá a fé dos verdadeiros crentes e, graças aos caminhos arbitrários de Deus, produzirá uma boa quantidade de seriedade desnecessária sobre a vida, a morte e as questões da eternidade. "Quão desastrosa para nós", reclama o diabo, "é a lembrança contínua da morte que a guerra provoca. Uma de nossas melhores armas, as discussões mundanas, fica inútil. Em tempo de guerra, nem um único ser humano pode acreditar que viverá para sempre."[50] Portanto, até mesmo uma guerra menor – como a Segunda Guerra Mundial ou uma guerra de absoluto terrorismo – pode nos despertar para a guerra mais séria que é travada diariamente pela alma.

A oração serve para controlar a palavra

Até que sintamos a força disso, não oraremos como devemos. Nem sequer saberemos o que é oração. Em Efésios 6.17-18, Paulo faz a conexão entre a vida de guerra e a obra da oração: "Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; *com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos*".

No original grego, o versículo 18 não começa uma nova sentença. Ele está ligado ao versículo 17 deste modo: "Tomai a espada do Espírito, que é a palavra de Deus, orando com toda oração e súplica em todo tempo". Tomar a espada... orando! Eis como devemos controlar a palavra – pela oração.

A oração é a comunicação com o quartel por meio do qual as armas de guerra são distribuídas de acordo com a vontade de Deus. Essa é a conexão entre as armas e a oração em Efésios 6. A oração é para a guerra.

Missões são como um campo de batalha para a oração

Essa associação entre oração e missões pode ser vista em João 15.16, uma passagem que não usa termos de guerra, mas trata da mesma realidade. Disse Jesus:

> Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros, e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; *a fim de que* tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda.

A lógica desta sentença é decisiva. Por que o Pai dará aos discípulos o que eles pedirem em nome de Jesus? Resposta: porque eles foram enviados para produzir frutos. A razão de o Pai dar aos discípulos o instrumento da oração é porque Jesus havia lhes dado uma missão. Na realidade, a gramática de João 15.16 implica que a razão de Jesus ter dado a eles uma missão é para que estivessem habilitados a usar o poder da oração. "Eu vos escolhi... para que vades e deis fruto... *a fim de que* tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda." Essa é apenas outra maneira de dizer que a oração é um aparelho comunicador no campo de batalha. Deus o projetou e o entregou a nós para o usarmos em uma missão. Você pode dizer que a missão é "dar fruto" ou "libertar cativos". O objetivo permanece o mesmo: a oração é designada para estender o reino em território inimigo infrutífero.

Por que a oração não funciona direito

Provavelmente, a razão número um pela qual a oração não funciona direito nas mãos dos crentes é que tentamos converter um comunicador para ser usado no campo de batalha em um aparelho doméstico. Até que você reconheça que a vida é uma guerra, não pode saber para que serve a oração. A oração é para o cumprimento de uma missão de guerra. É como se o comandante no campo (Jesus) chamasse as tropas, desse a elas uma missão decisiva (ir e produzir frutos), entregasse a cada uma delas um transmissor codificado com a frequência do quartel-general e dissesse: "Companheiros, o general tem uma missão para vocês. Seu objetivo é vê-la executada. Para essa finalidade, autorizou-me a dar a cada um de vocês um acesso pessoal a ele por intermédio desses comunicadores. Se vocês permanecerem leais à sua missão e buscarem primeiramente a vitória, ele estará sempre atento ao seu comunicador, para dar-lhes conselho tático e mandar reforço aéreo quando precisarem".

Mas o que milhões de cristãos têm feito? Temos deixado de crer que estamos em uma guerra. Não há urgência, atenção e vigilância. Nenhum plano estratégico. Apenas uma paz cômoda e prosperidade. E o que fazemos com os comunicadores? Tentamos instalá-los em nossas residências, casas de campo ou praia, barcos e carros, para servirem como comunicadores internos – não para serem usados como poder de fogo para o conflito contra um inimigo mortal, mas para obter mais conforto em nosso aconchego.

Tempos de grande aflição

Em Lucas 21.34-36, Jesus advertiu seus discípulos que viriam tempos de grande aflição e oposição. Então ele disse: "Vigiai, pois, a todo tempo, *orando*, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder, e estar em pé na presença do Filho do Homem". Em outras palavras, se seguirmos a Jesus, seremos levados a um intenso conflito contra o mal. Isso significa uma guerra. O mal nos envolve, ataca-nos e ameaça destruir a nossa fé. Mas Deus nos deu um comunicador. Se formos dormir, ele não terá utilidade, porém, se estivermos alertas, como Jesus disse, e pedirmos ajuda durante o conflito, o socorro virá e o comandante não permitirá que seus fiéis soldados sejam desprovidos de sua coroa da vitória perante o Filho do homem. Assim, vemos repetidamente a mesma verdade: não podemos saber para que serve a oração até que reconheçamos que a vida é uma guerra.

A oração pela paz faz parte da guerra

Mas 1Timóteo 2.1-4 parece conflitar com essa imagem de campo de batalha da oração. Paulo diz que deseja que oremos por reis e por todos que estão em posições eminentes "para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito" (v. 2). Ora, isso soa muito doméstico, civil e pacífico.

Mas leiamos adiante. A razão para orar dessa maneira é altamente estratégica. Os versículos 3 e 4 afirmam: "Isto [orar pela paz] é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade". Deus objetiva salvar pessoas de todas as tribos, línguas, povos e nações. Porém, um dos grandes obstáculos para a vitória é quando as pessoas são levadas a conflitos sociais, políticos e militaristas, que afastam sua atenção, tempo, energia e criatividade da verdadeira batalha do universo.

O alvo de Satanás é que ninguém seja salvo e chegue ao conhecimento da verdade. Uma de suas estratégias-chave é começar batalhas no mundo que desviem nossa atenção da batalha real pela salvação do perdido e a

perseverança dos santos. Ele sabe que a verdadeira batalha, como Paulo diz, não é contra a carne e o sangue. Por isso, quanto mais guerras, conflitos e revoluções de "carne e sangue" Satanás puder começar, melhor será para ele.

Portanto, quando Paulo nos diz para orar pela paz precisamente porque Deus deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade, ele não está imaginando a oração como uma espécie de comunicador doméstico inofensivo, para aumentar nosso conforto civil. Ele a está imaginando como um apelo estratégico ao quartel, para pedir que o inimigo não consiga ganhar poder de fogo nos conflitos de carne e sangue, que ele usa como armadilha.

A necessidade urgente do momento

A verdade é assim reafirmada: Deus nos deu a oração porque Jesus nos deu uma missão. Estamos nesta terra para desbaratar as forças das trevas e nos foi dado acesso ao quartel, por meio da oração, para levar adiante esta causa. Quando tentamos transformá-la em um comunicador civil para melhorar nosso conforto, ele para de funcionar e nossa fé começa a hesitar. Domesticamos tanto a oração que, para muitos de nós, ela não serve mais para o que foi destinada – um aparelho comunicador do campo de batalha para o cumprimento da missão de Cristo.

Devemos simplesmente procurar para nós e para o nosso povo a mentalidade do campo de guerra. De outro modo, o ensino bíblico sobre a urgência, a vigilância, a perseverança da oração e o perigo de abandoná-la não vai fazer nenhum sentido e não terá nenhuma ressonância em nossos corações. A menos que sintamos o desespero de um ataque de bombas ou a sensação de uma nova ofensiva estratégica para o evangelho, não oraremos no espírito de Jesus.

A necessidade urgente do momento é colocar as igrejas no ritmo do campo de batalha. Líderes de missões estão bradando: "Onde está o conceito de militância da igreja, de um exército poderoso pronto a sofrer, marchando com exultante determinação para tomar o mundo de assalto? Onde está a audácia, a confiança somente em Deus?"[51] A resposta é que eles foram absorvidos por uma mentalidade de tempo de paz.

Somos um "século do terceiro solo". Na parábola do semeador, Jesus diz que a semente é a Palavra. Ele semeia sua Palavra urgente do poder do reino. Mas, em vez de tomá-la como nossa espada (ou para dar fruto), somos "os que ouvem a palavra, mas os *cuidados do mundo, a fascinação da riqueza e as demais ambições*, concorrendo, sufocam a palavra, ficando ela infrutífera" (Mc 4.18-19).

Eis por que Paulo diz que *tudo* na vida é guerra – o tempo todo. Antes de poder nos engajar na missão da igreja, temos de lutar contra "a fascinação da riqueza" e "as demais ambições". Devemos lutar por estimar o reino acima de todas "as outras coisas" – essa é a nossa primeira e mais constante batalha. Essa é a "luta da fé". Então, quando adquirirmos alguma experiência nessa batalha básica, tomaremos parte na luta para apresentar, testemunhar e recomendar o reino a todas as nações.

Deus vencerá a guerra

Ora, nesta guerra, Deus persevera para o triunfo de sua causa. Ele faz isso de maneira inconfundível para que a vitória resulte em sua glória. Seu propósito em toda a História é manter e demonstrar sua glória para a alegria de seu povo redimido de todas as nações. Assim, Deus se engaja à batalha de modo que os triunfos sejam manifestamente seus. Como vimos no capítulo 1, o fim supremo de Deus é glorificar-se e desfrutar de sua excelência para sempre. É isso que garante a vitória de sua causa. Para engrandecer sua glória ele manifestará seu poder soberano e completará a missão que ordenara.

O poder da esperança puritana

Essa confiança na soberania de Deus e no triunfo de sua causa é essencial nas orações do povo de Deus e na missão da igreja. Ela tem provado ser uma força poderosa na história das missões. O primeiro esforço missionário dos protestantes na Inglaterra eclodiu do solo da esperança puritana. Os puritanos foram aqueles pastores e mestres na Inglaterra (e, posteriormente, Nova Inglaterra), entre os anos de 1560 e 1660, que queriam purificar a igreja da Inglaterra e levá-la ao alinhamento teológico e prático com os ensinamentos da Reforma.[52]

Eles tiveram uma visão da soberania de Deus que produziu uma esperança intrépida em sua vitória sobre todo o mundo. Foram profundamente impulsionados por uma paixão pela vinda do reino de Deus sobre todas as nações. Seus corações realmente creram na verdade das promessas de que a causa de Cristo triunfaria. "Edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16.18). "E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho *a todas as nações*. Então, virá o fim" (Mt 24.14). "*Todas as nações* que fizeste virão, prostrar-se-ão diante de ti, SENHOR, e glorificarão o teu nome" (Sl 86.9). "Em ti serão benditas todas as *famílias da terra*" (Gn 12.3). "Eu te darei *as nações* por herança" (Sl 2.8). "Lembrar-se-ão do SENHOR e a ele se converterão *os confins da terra*; perante ele se prostrarão todas as famílias da terra" (Sl 22.27).

"Prostra-se toda a terra perante ti, canta salmos a ti; salmodia o teu nome" (Sl 66.4). "A ele obedecerão os povos" (Gn 49.10).[53]

Essa tremenda confiança de que Cristo um dia conquistaria corações em cada nação e seria glorificado por todos os povos da terra fez nascer o primeiro esforço missionário protestante no mundo de língua inglesa e aconteceu 150 anos antes de o movimento missionário moderno se iniciar com William Carey, em 1793.

Entre 1627 e 1640, 15 mil pessoas emigraram da Inglaterra para a América, a maioria delas puritanas, levando sua grande confiança no reino universal de Cristo. De fato, o brasão dos colonizadores da Baía de Massachusetts tinha sobre ele um índio norte-americano com estas palavras saindo de sua boca: "Passa à Macedônia e ajuda-nos", extraídas de Atos 16.9. O que isso mostra é que, em geral, os puritanos viram sua emigração para a América como parte da estratégia missionária de Deus para estender seu reino entre as nações.

As orações e o sofrimento de John Eliot

Entre aqueles puritanos cheios de esperança que atravessaram o Atlântico em 1631, estava John Eliot. Ele tinha 27 anos de idade e, um ano depois, tornou-se pastor de uma nova igreja em Roxbury, Massachusetts, cerca de um quilômetro e meio de distância de Boston. Mas alguma coisa aconteceu que o fez muito mais que um pastor.

De acordo com Cotton Mather, havia vinte tribos de índios naqueles arredores. John Eliot não podia evitar as implicações práticas da sua teologia: se as infalíveis Escrituras prometem que todas as nações, um dia, curvar-se-ão diante de Cristo e se Cristo é soberano e capacitado, por seu Espírito, por intermédio da oração, para subjugar toda oposição ao seu reino prometido, então há uma esperança boa de que uma pessoa que vá como embaixador de Cristo a uma dessas nações seja o instrumento escolhido de Deus para abrir os olhos do cego e estabelecer um posto avançado do reino de Cristo.

E, assim, quando tinha pouco mais de 40 (não 20, mas 40!) anos de idade, Eliot pôs-se a estudar o algonquiano [língua falada por índios da América do Norte]. Ele decifrou o vocabulário, a gramática, a sintaxe e, por fim, traduziu a Bíblia inteira, bem como livros que ele estimava, como *Call to the Unconverted* [*Chamado ao Não Convertido*], de Richard Baxter. Quando Eliot estava com 84 anos, havia numerosas igrejas indígenas, algumas com seus próprios pastores nativos. Esta é uma história surpreendente de um homem que disse certa vez: "Orações e sofrimentos pela fé em Cristo Jesus farão qualquer coisa!".[54]

A razão de eu contar essa história é para realçar a extraordinária importância da sólida *esperança* bíblica como base de nossa oração pela causa das missões mundiais. Deus prometeu e ele é soberano: "Todas as nações... virão, prostrar-se-ão diante de ti, SENHOR, e glorificarão o teu nome" (Sl 86.9).

Foi isso o que controlou a mente dos puritanos e, finalmente, deu origem ao moderno movimento missionário, em 1793. William Carey nutriu-se nessa tradição, assim como ocorreu com David Brainerd[55] e Adoniram Judson, Alexander Duff e David Livingstone, John Paton[56] e um exército de outros que deram a vida para alcançar os povos não alcançados do mundo. O moderno movimento missionário não surgiu de um vácuo teológico. Ele cresceu de uma tradição reformadora que pôs a soberania de Deus exatamente no centro da vida humana. Na guerra das missões mundiais, Deus levanta seu braço e triunfa para a sua própria glória.[57]

Missões: obra suprema de Deus

É ainda mais importante ver como Deus triunfa para sua própria glória na Escritura do que na fé dos grandes missionários. O Novo Testamento deixa claro que Deus não abandonou sua Grande Comissão às incertezas da vontade humana. O Senhor disse desde o início: "Edificarei a minha igreja" (Mt 16.18). As missões mundiais são supremamente a obra do Senhor Jesus ressurreto.

"Tenho outras ovelhas... a mim me convém conduzi-las"

No evangelho de João, Jesus afirma: "Tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz" (Jo 10.16). Esse é o grande texto missionário no evangelho de João. Ele está cheio de esperança e poder. Isso quer dizer que Cristo tem outras pessoas além daquelas já convertidas. "Tenho *outras ovelhas*, não deste aprisco." Essa é uma referência à doutrina da eleição.[58] Deus escolhe quem vai ser do seu rebanho e as ovelhas já são dele antes de Jesus as chamar. "Todo aquele que o Pai me dá, esse *virá* a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o *lançarei* fora" (Jo 6.37; cf. 6.44, 45; 8.47; 10.26-27; 17.6; 18.37). As palavras soberanas do Senhor Jesus garantem seu engajamento insuperável nas missões do mundo.

Sempre haverá pessoas argumentando que a doutrina da eleição torna as missões desnecessárias. No entanto, elas estão erradas. Ela não torna as missões desnecessárias, mas esperançosas. John Alexander, o primeiro presidente da Associação Cristã Inter-universitária, disse, em uma mensagem, em Urbana 67 (um evento decisivo em minha própria vida): "No começo da minha carreira missionária, afirmei que, se a predestinação fosse verdadeira, eu não poderia ser um missionário. Agora, após mais ou menos vinte anos de

luta com a dureza do coração humano, asseguro que nunca poderia ser um missionário, *a menos que eu acreditasse na doutrina da predestinação*".[59] Ela dá esperança de que Cristo muito certamente tem "outras ovelhas" entre as nações.[60]

Quando Jesus diz: "A mim me convém conduzi-las", ele não está dizendo que vai fazer isso sem os missionários. É evidente o fato de que a salvação vem por meio da fé (Jo 1.12; 3.16; 6.35) e a fé vem pela palavra pregada pelos discípulos (Jo 17.20). Jesus atrai seu rebanho ao aprisco pela pregação daqueles que ele envia, assim como o Pai o enviou (Jo 20.21). Isso é verdadeiro hoje assim como foi naquela época: "As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem" (Jo 10.27). No evangelho, é *Cristo* quem chama. Nas missões do mundo, *Cristo* ajunta suas ovelhas. Eis por que há uma perfeita segurança de que elas virão.

Revestido de poder para as missões

Quando Jesus ascendeu ao céu, ele disse aos discípulos: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra... E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século" (Mt 28.18, 20). Essa é a autoridade com a qual ele chama suas ovelhas.

Então, para que ficasse evidente que *sua* autoridade e *sua* presença concederiam sucesso à missão, ele ordenou aos discípulos que esperassem em Jerusalém até que fossem revestidos do poder do alto (Lc 24.49). Ele disse que a vinda do poder, por intermédio do Espírito Santo, lhes possibilitaria ser suas testemunhas "tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra" (At 1.8). Quando o Espírito vem, é o próprio Senhor cumprindo a promessa de edificar sua igreja. De acordo com o que Lucas disse, "acrescentava-lhes *o Senhor*, dia a dia, os que iam sendo salvos" (At 2.47). O Senhor o fez e continuou a fazer pela conversão do maior missionário de todos os tempos (At 26.16-18), orientando os missionários em suas viagens (At 8.26, 29; 16.7, 10) e dando-lhes as palavras de que necessitavam (Mc 13.11; At 6.10).

"Não eu, mas a graça de Deus comigo"

Paulo estava profundamente ciente de que o sucesso da sua missão era obra do Senhor e não sua. Ele disse: "Não ousarei discorrer sobre coisa alguma, *senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio*, para conduzir os gentios à obediência, por palavra e por obras, por força de sinais e prodígios, *pelo poder do Espírito Santo*" (Rm 15.18-19). A paixão de Paulo, como sempre, foi concentrar toda a glória sobre a supremacia de Cristo na missão da igreja. *O Senhor* estava edificando sua igreja.

Como, então, Paulo fala de seus próprios labores? Ele disse: "Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; *todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo*" (1Co 15.10). Paulo trabalhou. Ele combateu o combate e correu a corrida. Mas fez isso, como disse em Filipenses 2.13, porque Deus operava com poder, dentro e sobre ele, "tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade". Usando a imagem de uma fazenda, Paulo assim se expressou: "Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de *Deus*. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento" (1Co 3.6-7). Paulo era zeloso em defender a supremacia de Deus na missão da igreja.

Esse zelo pela glória de Deus na missão da igreja incentivou os apóstolos a ministrarem de um modo que magnificasse sempre a Deus e não a si mesmos. Por exemplo, Pedro ensinou às jovens igrejas: "Se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, *em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo*" (1Pe 4.11; cf. Hb 13.20-21). Aquele que concede a força recebe a glória. Assim, Pedro insistiu na absoluta necessidade de servir na força que é dada por Deus e não por nossas forças. Se Deus não edificasse sua igreja, ele não teria glória e tudo seria em vão, não importando quanto a obra pudesse parecer "bem-sucedida" para o mundo.

Confiança da nova aliança da soberania de Deus

Os apóstolos sabiam que o que estava acontecendo em sua missão era o cumprimento das promessas da nova aliança. "[Deus] nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança" (2Co 3.6). E as promessas da nova aliança eram que Deus venceria a dureza do coração e faria novo o interior das pessoas. "Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis" (Ez 36.26-27).

Assim como Lucas conta como o movimento cristão se expandiu, ele registra repetidamente a iniciativa soberana de Deus no crescimento da igreja. Quando Cornélio e sua família foram convertidos, ele descreveu como obra de Deus. "Logo, também *aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento* para vida" (At 11.18). "*Deus... visitou os gentios*, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome" (At 15.14). Quando o evangelho penetrou no solo europeu, em Filipos, começando com Lídia, foi Deus quem o fez: "*O Senhor lhe abriu o coração* para atender às coisas que Paulo dizia" (At 16.14).

De todos esses modos, a supremacia de Deus na missão da igreja é clara. Deus não introduziu o evangelho e seu povo no mundo e os deixou à sua própria sorte. Ele é o principal combatente e a batalha deve ser travada de modo que ele seja glorificado.

A oração prova a supremacia de Deus nas missões

Eis por que Deus ordenou que a prática da oração tivesse um lugar tão essencial na missão da igreja. O propósito da oração é esclarecer a todos os participantes dessa guerra que a vitória pertence ao Senhor. Ele determinou que a oração fosse o meio para trazer graça a nós e glória a si mesmo. Isso é evidente no Salmo 50.15. Disse o Senhor: "Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, *e tu me glorificarás*". Charles Spurgeon tornou essa questão inevitável:

> Deus e o homem de oração compartilham... Em primeiro lugar, aqui está a sua parte: "Invoca-me no dia da angústia". Em segundo, eis a parte de Deus: "Eu te livrarei". Novamente, você recebe seu quinhão – para você ser liberto. E, em seguida, a vez do Senhor – "Tu me glorificarás". Aqui há um pacto, uma aliança da qual Deus faz parte juntamente com você, que ora a ele e a quem ele ajuda, na qual ele diz: "Você tem o livramento, mas a glória deve ser minha..." Eis aqui uma maravilhosa parceria: obtemos aquilo de que realmente necessitamos e tudo o que Deus recebe é a glória devida a seu nome.[61]

A oração põe Deus no lugar de Benfeitor todo-suficiente e nós como beneficiários necessitados. Assim, quando a missão da igreja avança, por meio da oração, a supremacia de Deus se manifesta e as necessidades das tropas cristãs são supridas.

A oração é para a glória do Pai

Jesus ensinou isso aos discípulos antes de partir. Ele lhes disse: "Tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que *o Pai seja glorificado no Filho*" (Jo 14.13). Em outras palavras, o propósito supremo da oração é que o Pai seja glorificado. O outro lado aparece em João 16.24. Jesus diz: "Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi e recebereis, *para que a vossa alegria seja completa*". O propósito da oração é que nossa alegria seja completa. A união dessas duas metas – a glória de Deus e a alegria de seu povo – é preservada no ato de orar.

O zelo que os apóstolos tinham na exaltação da suprema influência de Deus, em toda a sua obra missionária, foi edificado sobre eles por Jesus. Em João 15.5, Jesus diz: "Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em

mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; *porque sem mim nada podeis fazer*". Portanto, somos real e totalmente ineficazes como missionários por nós mesmos. Podemos ter muitas estratégias, planos e esforços, mas o efeito espiritual para a glória de Cristo será nulo. De acordo com João 15.5, Deus não pretende que sejamos infrutíferos, mas que produzamos "muitos frutos". Por isso, ele promete fazer por nós e por nosso intermédio aquilo que não podemos fazer por nós mesmos.

Como, então, o glorificamos? Jesus dá a resposta em João 15.7: "Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, *pedireis* o que quiserdes, e vos será feito". *Oramos* e *pedimos* a Deus que faça por nós, por intermédio de Cristo, o que não podemos fazer por nós mesmos – frutificar. Então o versículo 8 mostra o resultado: "*Nisto é glorificado meu Pai*, em que deis muito fruto". Então como Deus é glorificado pela oração? A oração é o reconhecimento franco de que, sem Cristo, nada podemos fazer. Ela é o desvio de nós próprios para Deus na confiança de que ele proverá a ajuda de que necessitamos. A oração *nos* humilha como necessitados e exalta *Deus* como todo-suficiente.

Eis por que o empreendimento missionário avança por meio da oração. A finalidade principal de Deus é glorificar-se. Ele fará isso no triunfo soberano do seu propósito missionário de que as nações o adorem. Ele garantirá esse triunfo entrando na batalha e tornando-se o principal combatente. E ele fará esse compromisso evidente, *por meio da oração*, a todos os participantes, porque a oração mostra que o poder é do Senhor. A abrangência de seu compromisso poderoso na batalha das missões torna-se evidente pela série de coisas pelas quais a igreja ora em seu empreendimento missionário. Consideremos o espantoso alcance da oração na vibrante vida missionária da igreja primitiva. Quão grandemente Deus foi glorificado na amplitude da sua provisão!

Deus era buscado em todas as coisas

Eles invocaram a Deus para exaltar seu nome no mundo: "Vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome" (Mt 6.9).

Eles invocaram a Deus para estender seu reino no mundo: "Venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu" (Mt 6.10).

Eles invocaram a Deus para que o evangelho progredisse e triunfasse: "Finalmente, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada, como também está acontecendo entre vós" (2Ts 3.1).

Eles invocaram a Deus para receber a plenitude do Espírito Santo: "Se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" (Lc 11.13; cf. Ef 3.19).

Eles invocaram a Deus para defender seu povo em sua causa: "Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?" (Lc 18.7).

Eles invocaram a Deus para salvar os incrédulos: "Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos" (Rm 10.1).

Eles invocaram a Deus para aprenderem o manejo da espada: "Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; com toda oração e súplica, orando em todo o tempo..." (Ef 6.17-18).

Eles invocaram a Deus por ousadia na proclamação: "Orando em todo tempo no Espírito... e também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho" (Ef 6.18-19); "Agora, Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra" (At 4.29).

Eles invocaram a Deus por sinais e prodígios: "Agora, Senhor... concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra, enquanto estendes a mão para fazer curas, sinais e prodígios por intermédio do nome do teu santo Servo Jesus" (At 4.29-30); "Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu. E orou, de novo, e o céu deu chuva, e a terra fez germinar seus frutos" (Tg 5.17-18).

Eles invocaram a Deus para a cura de companheiros feridos: "Estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo, em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará" (Tg 5.14-15).

Eles invocaram a Deus para a cura dos incrédulos: "Aconteceu achar-se enfermo de disenteria, ardendo em febre, o pai de Públio. Paulo foi visitá-lo, e, orando, impôs-lhe as mãos, e o curou" (At 28.8).

Eles invocaram a Deus pela expulsão de demônios: "Respondeu-lhes: Esta casta não pode sair senão por meio de oração [e jejum]" (Mc 9.29).

Eles invocaram a Deus por livramentos miraculosos: "Pedro, pois, estava guardado no cárcere; mas havia oração incessante a Deus por parte da igreja a favor dele... Considerando ele a sua situação, resolveu ir

à casa de Maria, mãe de João, cognominado Marcos, onde muitas pessoas estavam congregadas e oravam" (At 12.5, 12); "Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus, e os demais companheiros de prisão escutavam. De repente sobreveio tamanho terremoto" (At 16.25-26).

Eles invocaram a Deus pela ressurreição dos mortos: "Mas Pedro, tendo feito sair a todos, pondo-se de joelhos, orou; e, voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te! Ela abriu os olhos e, vendo a Pedro, sentou-se" (At 9.40).

Eles invocaram a Deus para suprir as necessidades de suas tropas: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje" (Mt 6.11).

Eles invocaram a Deus por sabedoria estratégica: "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida" (Tg 1.5).

Eles invocaram a Deus para estabelecer liderança nos postos avançados: "E, promovendo-lhes, em cada igreja, a eleição de presbíteros, depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido" (At 14.23).

Eles invocaram a Deus para enviar reforços: "Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara" (Mt 9.38); "E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra que os tenho chamado. Então, jejuando e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram" (At 13.2-3).

Eles invocaram a Deus pelo sucesso de outros missionários: "Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor, para que eu me veja livre dos rebeldes que vivem na Judeia, e que este meu serviço em Jerusalém seja bem aceito pelos santos" (Rm 15.30-31).

Eles invocaram a Deus por unidade e harmonia nas linhas de combate: "Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17.20-21).

Eles invocaram a Deus por incentivo ao congraçamento: "[Estamos] orando noite e dia, com máximo empenho, para vos ver pessoalmente e reparar as deficiências da vossa fé" (1Ts 3.10).

Eles invocaram a Deus por uma mente de discernimento: "E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno

conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o dia de Cristo" (Fp 1.9-10).

Eles invocaram a Deus para o conhecimento de sua vontade: "Por esta razão, também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual" (Cl 1.9).

Eles invocaram a Deus para conhecerem-no melhor: "[Não cessamos de orar por vós para crescer] no pleno conhecimento de Deus" (Cl 1.10; cf. Ef 1.17).

Eles invocaram a Deus para compreender o amor de Cristo: "[... me ponho de joelhos diante do Pai]... a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento" (Ef 3.14, 18-19).

Eles invocaram a Deus por um senso mais profundo da firme esperança: "Não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações... para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos" (Ef 1.16, 18).

Eles invocaram a Deus por força e perseverança: "[Não cessamos de orar por vós para sermos] fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória, em toda a perseverança e longanimidade; com alegria" (Cl 1.9, 11; cf. Ef 3.16).

Eles invocaram a Deus por um senso mais profundo do seu poder neles: "Não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações... para saberdes... qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos" (Ef 1.16, 18, 19).

Eles invocaram a Deus para que sua fé não fosse destruída: "Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos" (Lc 22.32); "Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do Filho do homem" (Lc 21.36).

Eles invocaram a Deus por uma fé maior: "E imediatamente o pai do menino exclamou [com lágrimas]: Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé" (Mc 9.24; cf. Ef 3.17).

Eles invocaram a Deus para que não caíssem em tentação: "Não nos deixes cair em tentação" (Mt 6.13); "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26.41).

Eles invocaram a Deus para que ele realizasse os seus propósitos: "Por isso, também não cessamos de orar por vós, para que o nosso Deus vos torne dignos da sua vocação e cumpra com poder todo propósito de bondade e obra de fé" (2Ts 1.11).

Eles invocaram a Deus para que pudessem fazer boas obras: "[Não cessamos de orar por vós] a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra" (Cl 1.9-10).

Eles invocaram a Deus pelo perdão de seus pecados: "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores" (Mt 6.12).

Eles invocaram a Deus para serem protegidos contra o maligno: "Livra-nos do mal" (Mt 6.13).

Uma vez que o Doador recebe a glória, o que todas essas invocações demonstram é que a igreja primitiva pretendia tornar Deus supremo na missão da igreja. Ela não é sustentada por sua própria força, sabedoria ou fé. Ela viveria sob a supremacia divina. Seria Deus quem lhe daria o poder, a sabedoria e a fé e, consequentemente, receberia a glória.

A meta principal de Deus virá somente pela oração

O lugar central da oração reafirma a grande meta de Deus de manter e manifestar sua glória para a alegria dos remidos de todas as nações. Deus fez dela a base de seu juramento: "Toda a terra se encherá da glória do SENHOR", tão certo como o Senhor vive (Nm 14.21). O seu propósito missionário é tão invencível como o fato de ele ser Deus. Ele alcançará esse propósito criando adoradores inflamados de todos os povos, línguas, tribos e nações (Ap 5.9; 7.9). E ele está comprometido a fazê-lo por meio da oração.

Mas *a* obra das missões não é a oração

Por conseguinte, é quase impossível enfatizar demasiadamente o espantoso lugar da oração nos propósitos de Deus para o mundo. Mas, nesse ponto, uma advertência é necessária. Percebo o perigo de exagerar no papel da oração em relação à Palavra de Deus e à pregação do evangelho. Não me sinto confortável, por exemplo, em chamar a oração de "a obra das missões". Creio, com toda a sinceridade, que *a* obra das missões é a proclamação do evangelho. Não digo isso por um desejo de minimizar o lugar da oração ou pôr em risco sua solene indispensabilidade, mas sim por zelo ao papel da Palavra de Deus nas missões. Portanto, permita-me dizer alto e em bom tom que creio que a proclamação do evangelho em Palavra e

atos é *a* obra de missões. A oração é o poder que empunha a arma da Palavra e é a arma pela qual as nações serão levadas à fé e obediência.

A obra de linha de frente das missões é a pregação da Palavra de Deus, o evangelho. Se esse ato público for substituído pela oração, a supremacia de Cristo na missão da igreja será comprometida. Jesus disse: "Quando vier... o Espírito da verdade... ele me glorificará" (Jo 16.13-14). Eis por que o Espírito torna-se ativo para salvar pessoas precisamente onde o evangelho de Jesus é pregado. Sua missão é glorificar Jesus. Onde Jesus e sua obra salvadora não forem proclamados, não haverá nenhuma verdade para o Espírito Santo dinamizar e nenhum conhecimento de Cristo para ele exaltar. Por isso, é inútil orar para que os corações das pessoas sejam abertos onde não há nenhum retrato do evangelho de Jesus para ser visto.

> Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em que não creram? E como crerão naquele de quem nada *ouviram*? E como *ouvirão*, se não há quem *pregue*?... A fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo (Rm 10.13-14, 17).

Deus ordenou que a fé salvadora venha por ouvir a Palavra de Cristo, porque a fé é uma resposta a Cristo. Se ele deve ser glorificado na missão da igreja, tem de ser ouvido e conhecido.[62] Isso acontece somente por meio da Palavra. Nenhuma oração pode substituí-la. A oração pode apenas fortalecê-la. O modelo do Novo Testamento é: "Tomai... a espada do Espírito, que é a palavra de Deus... *orando...*" (Ef 6.17-18). "Tendo eles *orado*... todos ficaram cheios do Espírito e, *com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus*" (At 4.31).

A oração libera o poder do evangelho

Mas sequer o poder que vem do Espírito Santo pela oração é, em algum sentido, o único poder da própria Palavra de Deus: "[*O evangelho*]... *é o poder de Deus* para a salvação" (Rm 1.16). Talvez devamos falar da oração como instrumento de Deus para *liberar* o poder do evangelho, pois é claro que a Palavra de Deus é o instrumento regenerador imediato do Espírito: "Fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a *palavra de Deus*" (1Pe 1.23). "[Deus] nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas" (Tg 1.18).

A promessa central das missões mundiais no ensino de Jesus diz respeito à propagação da *Palavra*: "E será *pregado* este *evangelho do reino* por todo o mundo, para *testemunho* a todas as nações. Então, virá o fim". (Mt 24.14). Na parábola do semeador, disse Jesus: "A semente é *a palavra*

de Deus" (Lc 8.11). Quando ele orou pela futura missão de seus discípulos, disse: "Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, *por intermédio da sua palavra*" (Jo 17.20). Após sua ressurreição, em seu senhorio ressurreto sobre a missão de sua igreja, ele continuou a exaltar a Palavra: "[O] Senhor... confirmava a *palavra da sua graça*, concedendo que, por mão deles [apóstolos], se fizessem sinais e prodígios" (At 14.3).

Quando o movimento cristão espalhou-se, Lucas mencionou repetidamente seu crescimento como o desenvolvimento da Palavra de Deus. "Crescia *a palavra de Deus*, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos" (At 6.7). "*A palavra do Senhor* crescia e se multiplicava" (At 12.24). "*E divulgava-se a palavra do Senhor* por toda aquela região" (At 13.49). "Assim, *a palavra do Senhor crescia* e prevalecia poderosamente" (At 19.20).

Eis por que sou zeloso em dizer que a proclamação do evangelho é "*a* obra das missões". Essa é a arma que Deus designou para ser usada na invasão do reino das trevas e no ajuntamento dos filhos da luz de todas as nações (At 26.16-18). Todo o seu plano redentor para o universo depende do sucesso da sua Palavra. Se a proclamação da Palavra malograr, os propósitos de Deus fracassarão.

A Palavra de Deus não pode fracassar

Mas isso não pode acontecer:

> Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, *assim será a palavra que sair da minha boca*: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei (Is 55.10-11).

Deus é soberano. Sim, ele fez todos os seus planos dependerem do sucesso da sua Palavra proclamada por homens e mulheres frágeis e pecadores; apesar disso, seus propósitos não podem fracassar. Essa é a essência do juramento da nova aliança: "Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos" (Ez 36.27). "O SENHOR teu Deus circuncidará o teu coração e o coração de tua descendência, para amares o SENHOR, teu Deus, de todo o coração e de toda a tua alma, para que vivas" (Dt 30.6). O Senhor operará em sua igreja "tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.13). Uma geração pode negligenciar sua obediência, mas nenhuma pode abalar o plano de Deus. Jó aprendeu isso há muito tempo: "Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser

frustrado" (Jó 42.1). Sempre que Deus desejar, sua Palavra vigorará e ninguém poderá deter sua mão.[63]

Vitória mesmo de dentro do túmulo

Parecia que Cristo tinha sido derrotado. Pelo menos foi o que pareceu na sexta-feira da paixão. Ele *permitiu-se* ser difamado, molestado, desprezado, empurrado para todos os lados e sacrificado. Mas ele estava no controle de tudo. "Ninguém a tira [a vida] de mim" (Jo 10.18). E assim será para sempre. Se a China esteve fechada por quarenta anos para os missionários ocidentais, não foi como se Jesus tivesse escorregado e caído acidentalmente no túmulo. Ele *entrou* lá. E quando a tumba foi lacrada, ele salvou cinquenta milhões de chineses de lá de dentro – sem missionários do Ocidente. E quando chegou o momento, ele removeu a pedra para que pudéssemos ver o que ele fizera.[64]

Quando parecia que estava enterrado para sempre, Jesus estava fazendo algo surpreendente no escuro. "O reino de Deus é assim como se um homem lançasse a semente à terra; depois, dormisse e se levantasse, de noite e de dia, e a semente germinasse e crescesse, não sabendo ele como" (Mc 4.26-27). O mundo pensa que Jesus acabou – está fora do caminho. Pensa que sua Palavra foi sepultada e seus planos fracassaram.

Porém, Jesus está em atividade nos lugares escuros: "Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto" (Jo 12.24). Ele consente ser enterrado e levantar-se com poder quando e onde lhe apraz. E suas mãos estão cheias de frutos produzidos no escuro. "Deus ressuscitou [Jesus], rompendo os grilhões da morte; porquanto *não era possível fosse ele retido por ela*" (At 2.24). Jesus empreende seu invencível plano missionário "segundo o poder de *vida indissolúvel*" (Hb 7.16).

Durante vinte séculos, o mundo fez o máximo possível para contê-lo. Mas ele não pode ser enterrado, contido, silenciado ou limitado. Jesus está vivo e completamente livre para ir e vir conforme lhe aprouver. "Toda autoridade no céu" é dele. Todas as coisas foram feitas por meio dele e para ele, e ele é absolutamente supremo sobre todos os outros poderes (Cl 1.16-17). Ele sustenta todo o universo pela palavra do seu poder (Hb 1.3). E a pregação da sua Palavra é *a* obra das missões que não pode fracassar.

O lugar verdadeiramente surpreendente da oração no propósito de Deus

Agora podemos dizer, com segurança e assombro, que o lugar surpreendente da oração está no propósito de Deus de encher a terra com sua glória. Deus não apenas colocou a realização de seus propósitos em

dependência da pregação da Palavra, como também fez o sucesso dessa pregação depender da oração. A meta de Deus em ser glorificado não ocorrerá sem a poderosa proclamação do evangelho. E esse evangelho não será proclamado com poder a todas as nações sem orações eficazes, fervorosas e repletas de fé do povo de Deus. Esse é o lugar surpreendente da oração no propósito de Deus para o mundo. Esse propósito não acontecerá sem a oração.

Isso justifica o repetido clamor de Paulo para que oremos em apoio à Palavra. "Finalmente, irmãos, *orai* por nós, para que a *palavra* do Senhor se propague e seja glorificada" (2Ts 3.1). "[*Orai*] também por mim; *para que me seja dada*, no abrir da minha boca, *a palavra*, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do *evangelho*" (Ef 6.19). "*Suplicai*, ao mesmo tempo, também por nós, para que Deus nos abra porta à *palavra*" (Cl 4.3). "[Ajudem-nos] também vós, com as vossas orações a nosso favor [para a pregação da Palavra]" (2Co 1.11; cf. Fp 1.19).

A oração é o comunicador da igreja a serviço da Palavra no campo de batalha do mundo. Não é um intercomunicador doméstico para aumentar o conforto temporário dos santos. Ele não funciona bem nas mãos de soldados que se ausentam da frente de combate. É para aqueles que estão na ativa e, em suas mãos, prova a supremacia de Deus na busca pelas nações. Quando as missões avançam pela oração, elas magnificam o poder de Deus. Quando se movem por gerenciamento humano, magnificam o homem.

O retorno à oração em nossos dias

O retorno à oração no início do século 21 é uma obra notável de Deus. Ela está cheia de esperança pelo despertar da igreja e a consumação da Grande Comissão. Ao observar o modo como Deus estimulou e honrou os períodos de oração do passado, devemos ampliar nossa expectativa de que obras maravilhosas de poder despontem no horizonte. Há cem anos, A. T. Pierson abordou essa questão exatamente da maneira que eu gostaria de fazer, ou seja, realçando a conexão entre a oração e a supremacia de Deus. Ele disse:

> Todo novo Pentecostes tem tido seu período preparatório de súplicas... Deus compeliu seus santos a buscá-lo no trono da graça, de modo que todo novo avanço deva ser tão claramente devido ao seu poder que mesmo o incrédulo seja forçado a confessar: "Certamente esta é a obra da mão de Deus!".[65]

Mais recentemente, houve movimentos em nosso próprio século que incitaram a expectativa de aberturas significativas para as missões de hoje. Milhares de nós foram profundamente despertados pelo credo missionário

de Jim Elliot: "Não é tolo aquele que dá o que não pode reter para ganhar o que não pode perder". Porém, não muitos de nós conheceram a atmosfera de oração da qual brotaram as paixões missionárias em fins de 1940 e 1950. David Howard, o diretor-geral da Associação Evangélica Mundial, esteve naquela atmosfera e relata parte da história do que Deus fez para sua glória por intermédio das orações dos estudantes daqueles dias.

> Tenho ainda um pequeno e desbotado cartão da Decisão de Evangelização Mundial, datado de 1946, com minha assinatura. Infelizmente, não me recordo do dia, mas é bem possível que tenha assinado esse cartão no encerramento da primeira convenção missionária estudantil na Universidade de Toronto.
>
> O cartão era verde. Posso dizer isso pelo pequeno círculo verde no qual finquei um percevejo para pendurá-lo sobre minha escrivaninha até o término do curso universitário. Ele servia para lembrar-me de uma oração diária em que tinha prometido servir a Deus além-mar, a menos que ele claramente me orientasse para outro destino. O fato de ter tido quinze anos de um empolgante serviço na América Latina é devido, em grande parte, à oração – grande parte dela estimulada por aquele cartão verde.
>
> Ao retornar à universidade, após a convenção em Toronto, os alunos começaram a se reunir regularmente para orar pelas missões. Meu melhor amigo na faculdade era Jim Elliot. Jim teria apenas poucos anos de vida após nossa formatura, porém, naqueles poucos anos em que esteve entre nós, ele deixaria um marco para a eternidade em minha vida e na de centenas de outros. Exatamente dez anos após a semana em que se encerrou a convenção de Toronto, Jim e seus quatro companheiros foram flechados mortalmente pelos índios Aucas, no rio Curaray, no Equador. Em sua morte, ele falaria a muitos milhares, embora não soubéssemos disso em nosso tempo de faculdade. Jim incentivava um pequeno grupo entre nós a nos encontrarmos todos os dias às 6h30 e orarmos por nós mesmos e por nossos amigos em favor das missões. Isso se tornou parte regular da minha vida universitária.
>
> Jim Elliot organizou, também, um ciclo diário de 24 horas, no qual recrutava estudantes para um sistema de oração de quinze minutos, em que se comprometiam a orar pelas missões e pelo recrutamento missionário em nosso campus. Todas as 24 horas do dia estariam, dessa maneira, preenchidas. Assim, a cada quinze minutos, ao longo do dia e da noite, ao menos um aluno estaria de joelhos intercedendo pelas missões do Wheaton College.
>
> Art Wiens foi um veterano de guerra que tinha servido na Itália e planejado retornar como missionário. Ele decidiu orar diária e nominalmente, por meio do registro de matrículas da universidade, por dez alunos. Art prosseguiu com esse propósito fielmente durante seus anos de faculdade.

> Não vi Art novamente até nos encontrarmos, em 1974, no Congresso sobre a Evangelização Mundial, em Lausanne, Suíça. Ao renovarmos a amizade e recordarmos os velhos tempos, ele disse: "Dave, você se lembra daqueles encontros de oração que costumávamos ter em Wheaton?" "Lembro-me, certamente", eu respondi.
>
> Então disse Art: "Você sabe, Dave, que estou ainda orando por quinhentos colegas nossos de faculdade que estão agora no campo missionário". "Como você sabe que muitos deles estão em outros países?" perguntei-lhe. "Mantenho contato com o escritório de registro dos ex-alunos, descubro quem está indo como missionário e, assim, oro por eles."
>
> Surpreso, perguntei a Art se poderia ver sua lista de orações. No dia seguinte, ele me trouxe um caderno velho e desgastado pelo uso que havia iniciado na época de faculdade, contendo os nomes de centenas de colegas de classe e amigos.[66]

Quando li pela primeira vez o relato daquela oração constante e do seu fruto extraordinário que levou à glória de Cristo, por meio das vidas daqueles missionários radicais e cheios do poder do Espírito Santo, senti um impulso ardente de pôr minha mão no arado e nunca mais tirá-la. Anseio em ser como George Mueller na tenacidade da oração e das missões. Mueller escreveu em sua autobiografia:

> Estou, agora, em 1864, esperando algumas bênçãos de Deus, pelas quais tenho rogado a ele por dezenove anos e seis meses, sem interromper um único dia. Até agora, a plena resposta a respeito da conversão de determinadas pessoas ainda não veio. Enquanto isso, recebi milhares de respostas a orações. Tenho orado também diariamente, sem cessar, pela conversão de algumas pessoas há dez anos, de outras por seis ou sete anos, de outras durante quatro, três e dois anos, de outras há cerca de dezoito meses e até agora não obtive resposta em relação a elas [pelas quais tenho orado há dezenove anos e seis meses]... Apesar disso, continuo diariamente em oração à espera de resposta... Não perca o ânimo, amado leitor cristão, em se empenhar renovada e sinceramente à oração, se puder ter certeza de que está pedindo coisas que são para a glória de Deus.[67]

O chamado de Jesus é para orarmos sem cessar: "Orar sempre e nunca esmorecer" (Lc 18.1). Por isso seu Pai será glorificado (Jo 14.13). A supremacia de Deus na missão da igreja é comprovada e premiada pela constante oração. Creio que a palavra de Cristo à sua igreja no início do século 21 é uma indagação: "Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los? Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça" (Lc 18.7-8).

Você sempre clama ao Senhor: "Até quando, ó Senhor, quanto tempo até defenderes tua causa na terra? Quanto tempo para que abras os céus e desças com poder sobre tua igreja? Quanto tempo até suscitares vitória entre todos os povos do mundo?"

Sua resposta não é clara: "Quando meu povo clamar a mim de *dia e de noite*, eu o defenderei e minha causa prosperará entre as nações". A guerra será vencida por Deus. Ele a vencerá por meio do evangelho de Jesus Cristo. Esse evangelho estender-se-á e triunfará pela constante oração – para que em todas as coisas Deus seja glorificado em Cristo Jesus.

3

A supremacia de Deus nas missões por meio do sofrimento

Medimos o valor de um tesouro escondido pelo que alegremente vendemos para comprá-lo. Se vendemos tudo, então medimos seu valor como supremo. Se não, aquilo que possuímos tem maior valor. "O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante *de alegria*, vai, vende *tudo o que tem* e compra aquele campo" (Mt 13.44). A extensão do seu *sacrifício* e a profundidade da sua *alegria* mostram o valor que ele atribuiu ao tesouro de Deus. Perda e sofrimento, jubilantemente aceitos pelo reino de Deus, mostram a supremacia do valor de Deus no mundo de maneira mais clara do que toda adoração e oração.

Eis por que as histórias de missionários que deram alegremente tudo o que possuíam tornou Deus mais real e precioso para muitos de nós. A vida de Henry Martyn obteve esse efeito notável por quase duzentos anos.

Henry Martyn submete-se a Deus

Ele nasceu na Inglaterra, em 18 de fevereiro de 1781. Seu pai era um homem de posses e enviou o filho a uma escola de artes, como diziam na época, e depois a Cambridge, em 1797, quando ele estava com 16 anos. Quatro anos depois, ele recebeu a mais alta distinção em matemática e, no ano seguinte, o primeiro prêmio em composição latina em prosa.

Ele tinha voltado as costas para Deus quando jovem e, durante aqueles dias de realizações acadêmicas, tornou-se desiludido com seu sonho.

"Alcancei meus maiores anseios, mas fiquei surpreso ao descobrir que o que havia conquistado era uma sombra." O tesouro do mundo enferrujou-se em suas mãos. A morte de seu pai, as orações de sua irmã, o conselho de um pastor e o diário de David Brainerd levaram-no a dobrar os joelhos em submissão a Deus. Em 1802, resolveu abandonar uma vida de prestígio acadêmico e comodidade, tornando-se um missionário. Aquela foi a primeira medição do valor do reino em sua vida.

Tornou-se assistente de Charles Simeon, o grande pregador evangélico da Igreja da Trindade, em Cambridge, até sua partida para a Índia, em 17 de julho de 1805. Seu ministério seria como capelão da Companhia das Índias Orientais. Chegou a Calcutá em 16 de maio de 1806 e, no primeiro dia em terra firme, encontrou-se com William Carey.

Martyn era um evangélico anglicano; Carey era batista. Havia, por isso, alguma tensão entre eles sobre o uso da liturgia. Mas Carey escreveu naquele ano: "Um jovem clérigo, Sr. Martyn, que chegou recentemente, possui um verdadeiro espírito missionário... Tivemos troca de ideias amistosas e vamos à casa de Deus como amigos".

Entre os seus deveres de capelão, o trabalho mais importante de Martyn era tradução. No período de dois anos, em março de 1808, havia traduzido parte do *Book of Common Prayer,* um comentário sobre as parábolas e todo o Novo Testamento para a língua hindustani. Foi, então, designado para supervisionar a versão persa do Novo Testamento. Esta versão não foi tão bem recebida como a outra e sua saúde começou a declinar durante o trabalho. Por isso, decidiu retornar à Inglaterra para tratamento, viajando por terra através da Pérsia, na esperança de revisar sua tradução no caminho.

Entretanto, ficou tão doente que mal pôde continuar. Morreu entre estranhos, na cidade de Tocat, na Turquia Asiática, em 16 de outubro de 1812. Ele estava com 31 anos.

A dor oculta de Martyn

O que você não pode ver nesse breve panorama da vida de Martyn são os seus voos e mergulhos íntimos no espírito, que tornaram suas realizações tão úteis para pessoas reais. Estou convencido de que a razão pela qual *Life and Diary,* de David Brainerd, e *Journal and Letters,* de Henry Martin, têm um profundo e permanente poder para a causa da missão é que eles retratam a vida do missionário como uma constante guerra na alma, não uma vida de calma ininterrupta. O sofrimento e a luta levam-nos a sentir a supremacia de Deus em suas vidas.

Ouça-o no barco a caminho da Índia:

> Acho difícil compreender as coisas divinas. Eu estava mais sujeito aos anseios mundanos do que nos últimos dois anos... O enjoo no barco e o seu cheiro fizeram me sentir realmente miserável e a perspectiva de deixar todos os confortos e a comunhão dos santos na Inglaterra para aventurar-me numa terra desconhecida e suportar doenças e a miséria com homens incrédulos por tantos meses pesaram muito em meu espírito. Meu coração estava a ponto de se partir.

Além disso, havia uma história de amor no meio. Martyn estava apaixonado por Lydia Grenfell. Ele não achava correto levá-la sem ter ido antes e provado sozinho sua própria confiança em Deus. Porém, dois meses após ter chegado à Índia, em 30 de julho de 1806, escreveu a ela, propôs-lhe casamento e pediu que ela fosse até ele.

Ele esperou quinze meses (!) pela resposta. Uma nota em seu diário de 24 de outubro de 1807 diz:

> Um dia infeliz. Recebi, finalmente, uma carta de Lydia, na qual ela se recusou a vir porque sua mãe não consentia. Dor e desapontamento levaram minha alma, de início, à confusão; mas, gradualmente, quando meu desvario aquietou-se, meus olhos foram abertos e a razão assumiu o controle. Eu não podia senão concordar com ela, pois isso não seria para a glória de Deus, nem poderíamos esperar sua bênção, se ela agisse em desobediência à sua mãe.

Ele pegou sua pena e escreveu-lhe, no mesmo dia:

> Embora meu coração esteja partido de dor e desapontamento, não escrevo para culpá-la. A retidão de toda a sua conduta a livra de censura... Ai! Meu coração rebelde – que tempestade me agita! Eu não sabia que tinha feito tão pouco progresso em um espírito de resignação à vontade divina.

Por cinco anos, ele manteve a esperança de que as coisas pudessem mudar. Uma torrente de cartas percorreu milhares de quilômetros entre a Índia e a Inglaterra. A última carta que ele escreveu e da qual se tem notícia, dois meses antes de sua morte (28 de agosto de 1812), foi endereçada, como de costume, a "minha caríssima Lydia". Em seu encerramento, lemos:

> Logo chegará a ocasião de deixar de lado a pena e a tinta; creio que brevemente nos veremos face a face. Meu amor a todos os santos.
>
> Acredite que serei seu para sempre,
> com a maior fidelidade e afeto,
> H. Martyn

Martyn não voltou a vê-la novamente neste mundo. Porém, ele não temia a morte, nem nunca mais ver Lydia, o que tanto desejou. Sua paixão era fazer conhecida a supremacia de Cristo por toda a vida. Perto do final, ele escreveu: "Quer eu viva ou morra, possa Cristo ser magnificado em mim! Se ele tiver trabalho para mim, não posso morrer". A missão de Cristo para Martyn havia sido cumprida e ele a fizera muito bem. Suas perdas e dor fizeram a supremacia de Deus poderosa por toda a sua vida.[68]

"Ele o convida para vir e morrer"

Algum sofrimento está no chamado de todo crente, mas especialmente daqueles que Deus chama para levar o evangelho àqueles que ainda não foram alcançados. As famosas palavras de Dietrich Bonhoeffer são absolutamente bíblicas: "A cruz não é o terrível fim de uma vida que, de outra forma, seria feliz, mas encontra-nos no início de nossa comunhão com Cristo. Quando Cristo chama um homem, ele o convida para vir e morrer".[69] Isto é simplesmente uma paráfrase de Marcos 8.34: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, *tome a sua cruz* e siga-me". Tomar uma cruz e seguir Jesus significa juntar-se a ele no caminho do Calvário com a decisão de sofrer e morrer com ele. A cruz não é um fardo para carregar, é um instrumento de dor e execução. Isso equivale a dizer: "Pegue sua cadeira elétrica e siga-me para a sala de execução". Ou: "Pegue sua espada e leve-a ao lugar da decapitação". Ou: "Pegue sua corda e leve-a à forca".

A domesticação de entender a cruz como tosse e cônjuges irritados retira a confiança radical do chamado de Cristo. Ele está chamando cada crente a "renunciar a tudo quanto tem", a "aborrecer a sua própria vida" (Lc 14.33, 26) e trilhar alegremente a estrada da obediência, não importando quais sejam as perdas terrenas. Seguir Jesus significa que, seja qual for a obediência requerida, sujeitar-nos-emos à traição, rejeição, agressão, zombaria, crucificação e morte. Jesus nos dá a segurança de que, se o seguirmos ao Gólgota durante todas as sextas-feiras da paixão desta vida, ressuscitaremos com ele no último dia da Páscoa, dia da ressurreição. "Quem perder a vida por causa de mim e do evangelho, salvá-la-á" (Mc 8.35). "Aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna" (Jo 12.25).

Precisamos do exemplo dos mártires?

A questão do martírio é perigosa, em razão do novo surgimento do terrorismo no século 21. Há uma diferença fundamental entre os mártires cristãos e os mártires que ganharam notoriedade por meio do terrorismo. Primeiro, a vida do mártir cristão é tirada por aqueles que ele quer salvar. Ele não se lança sobre sua própria espada e não a usa contra seu adversário.

Segundo, os mártires cristãos não buscam a morte, buscam o amor. Os cristãos não promovem a expansão da causa de Cristo pelo uso da espada: "Todos os que lançam mão da espada à espada perecerão" (Mt 26.52). Jesus disse: "O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim... mas agora o meu reino não é deste mundo" (Jo 18.36). O Cristianismo avança não derramando o sangue dos outros, mesmo que seja misturado com o seu. Ele avança sofrendo para trazer vida, não sofrendo para causar morte (Mc 10.45; Cl 1.24).

Uma das mais formidáveis e sensatas palavras proferidas no segundo Congresso de Evangelização Mundial de Lausanne, em Manila, em 1989, foi de George Otis a respeito do chamamento para o martírio. Ele perguntou: "É nossa falha prosperar em países muçulmanos em que há a ausência de mártires? Pode uma igreja escondida se fortalecer? Uma jovem igreja precisa do exemplo dos mártires?" Muitos lugares no mundo atual sentem as palavras de Jesus com todo o seu impacto radical: escolher Cristo é escolher a morte ou um elevado risco de morte. David Barrett calcula que, em 2002, cerca de 164 mil cristãos morreram como mártires e que a média anual de mártires cristãos chegará a 210 mil, por volta de 2025.[70] Na edição de 2001 da *World Christian Encyclopedia,* ele diz que houve 45 milhões de mártires no século 20.[71]

"Estou crucificado com Cristo"

É verdade que tomar nossa cruz envolve uma transação espiritual, na qual nossa "velha natureza" ou "a carne" morre com Cristo e uma "nova criatura" nasce. Esse é o modo pelo qual o apóstolo aplica o chamado de Jesus para tomar nossa cruz. "Os que são de Cristo *crucificaram a carne*, com as suas paixões e concupiscências" (Gl 5.24). "*Estou crucificado com Cristo*; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gl 2.19-20). "*Foi crucificado com ele* o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos" (Rm 6.6). "Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra; *porque morrestes*, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo em Deus" (Cl 3.2-3).

Mas a essência dessa morte espiritual não é que ela substitui uma aplicação real e prática do ensino de Jesus por sofrimento físico e morte, mas que ela torna essa aplicação possível. Precisamente porque nosso velho eu egoísta, mundano, desafetuoso, medroso e orgulhoso morreu com Cristo e um novo ser confiante, amoroso, voltado para Deus e cheio de esperança veio a existir – precisamente por causa dessa morte interior e de uma nova

vida, somos capazes de assumir riscos, sofrer a dor e até mesmo a morte, sem desespero, mas cheios de esperança.

"Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós"

Portanto, não devemos diminuir o chamado para o sofrimento. Não devemos domesticar o ensino do Novo Testamento a respeito da aflição e perseguição apenas porque nossas vidas estão bem tranquilas. Pode ser que não tenhamos sido escolhidos para viver em todos os modos radicais de amor que Deus quer que vivamos. Pode ser que o nosso tempo de sofrimento esteja muito próximo. Mas não devemos tomar nossas próprias vidas confortáveis e fazê-las a medida daquilo que permitimos que a Bíblia diga.

Jesus veio ao mundo para dar sua vida em resgate por muitos (Mc 10.45). Há uma necessidade divina que ele sofresse: "*Era necessário* que o Filho do homem sofresse muitas coisas" (Mc 8.31; cf. Lc 17.25). Porque essa foi a sua vocação, sofrer também se tornou a vocação daqueles que o seguem. Isso está implícito nas palavras: "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio" (Jo 20.21). E Jesus tornou isso explícito quando disse: "Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: Não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros" (Jo 15.20). "Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?" (Mt 10.25).

Seu sofrimento por nós significa que escaparemos do sofrimento?

Seria fácil cometer um erro superficial sobre a morte de Cristo como uma expiação substitutiva. O equívoco seria dizer que, uma vez que Cristo morreu por mim, eu não preciso morrer pelos outros. Uma vez que ele sofreu por mim, não necessito sofrer pelos outros. Em outras palavras, se sua morte é realmente substitutiva, não deveria eu escapar do que ele suportou por mim? Como pode sua morte ser um chamado para a minha morte, se sua morte tomou o lugar da minha?

A resposta é que Cristo morreu por nós para que não tivéssemos de morrer por causa do pecado e *não* para que não tivéssemos de morrer pelos outros. Cristo suportou a punição de nosso pecado, para que nossa morte e sofrimento nunca recebam punição de Deus. O chamado para sofrer com Cristo não é um chamado para suportar nossos pecados da maneira como ele os suportou, mas para amar da maneira que ele amou. A morte de Cristo pelo pecado do meu egoísmo não tem o objetivo de me ajudar a escapar do sofrimento do amor, mas de permiti-lo. Porque ele tomou minha culpa e minha punição e me reconciliou com Deus como meu Pai, não preciso mais me apegar aos confortos da terra para ficar contente. Estou livre para deixar

as coisas correrem com o propósito de fazer conhecido o valor da supremacia de Deus.

A morte de Cristo: substituição e modelo

Pedro nos mostra a conexão entre a morte de Cristo como uma substituição a ser recebida e um modelo a ser seguido. Ele fala aos escravos cristãos que podiam ser maltratados por seus senhores incrédulos:

> Pois que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência? Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus. Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos (1Pe 2.20-21).

Observe a importantíssima pequena frase – "em vosso lugar". Cristo sofreu "por você". Isto é a expiação substitutiva. Ele assumiu nosso lugar e fez por nós o que não podíamos fazer por nós mesmos. "Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados" (1Pe 2.24). Essa é uma obra que nenhum outro, senão o Filho de Deus, podia fazer por nós (Rm 8.3). Ela não pode ser imitada ou duplicada. Ela aconteceu uma única vez. "[Cristo] se manifestou *uma vez por todas*, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado" (Hb 9.26). Este é o fundamento de toda a nossa esperança, alegria, liberdade e amor. Nossos pecados são perdoados e temos a vida eterna (Ef 1.7; Jo 3.16). Deus é por nós e nada pode nos separar dele (Rm 8.31, 35-39).

Portanto, quando Pedro diz que Jesus deixou o "exemplo para seguir[mos] os seus passos", ele não quis dizer que somos chamados para fazer expiação pelo pecado. Ele quis dizer que somos chamados para amar como Jesus e nos dispor a sofrer por praticar a retidão como ele praticou. O modelo que seguimos não é a expiação e sim o amor e a dor. A relação entre as duas é essencial. A substituição é o fundamento da imitação e não o contrário. Não obtemos nosso perdão por sofrer como Jesus. Estamos libertos para amar como Jesus porque nossos pecados estão perdoados. Porque ele sofreu *por* nós, podemos sofrer *como* ele.

Com efeito, Pedro diz: "Para isto mesmo [caminho do sofrimento] fostes *chamados*". É nossa vocação. Não cometa o erro de dizer: "Ora, isso foi dirigido a escravos de senhores cruéis e não se aplica a nós". Isso é um erro, porque 1Pedro 3.8-9 é dirigido a todos os crentes, mas tem o mesmo efeito: "Finalmente, *sede todos*... não pagando mal por mal ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo, *pois para isto mesmo fostes chamados*,

a fim de receberdes bênção". Esse não é somente o chamado aos escravos. É o chamado a todos os cristãos. O modo como Cristo viveu, sofreu e morreu coloca sobre nós o chamado para mostrarmos com nossas vidas a supremacia do seu amor, ao viver da mesma maneira.

Então Pedro continua a descrever como Jesus lidou com o sofrimento injusto. Somos chamados a fazer como ele fez: "[Jesus Cristo] não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente" (1Pe 2.22-23).

Armai-vos com este "pensamento"

Então, para tornar o chamado ainda mais claro, Pedro diz posteriormente: "Tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento" (1Pe 4.1). O sofrimento de Cristo é um chamado para certa pré-disposição ao sofrimento, ou seja, isso é normal e o caminho do amor e das missões frequentemente o requer. Assim, Pedro afirma: "Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-nos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo" (1Pe 4.12). Sofrer com Cristo não é algo estranho; é o seu chamado, sua vocação. "Sofrimentos iguais aos vossos estão-se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo" (1Pe 5.9). Esse é o "pensamento" que precisamos vestir como armadura, para que não sejamos vulneráveis ao sofrimento como alguma coisa estranha.

Prepara-te para sofrer – agora!

Richard Wurmbrand suportou catorze anos de prisão e tortura na Romênia, sua pátria, entre 1948 e 1964. Ele estava liderando um ministério secreto quando os comunistas dominaram a Romênia e tentaram controlar a igreja para seus propósitos. Wurmbrand, como o apóstolo Pedro, acentua a tremenda necessidade de se estar espiritualmente preparado para sofrer.

> O que faremos diante destas torturas? Seremos capazes de suportá-las? Se eu não as suportar, ponho na prisão outros sessenta ou setenta homens que conheço, pois isso é o que os comunistas desejam de mim, que eu traia aqueles que estão comigo. E aqui vem a grande necessidade no papel da preparação para o sofrimento que deve começar agora. *É muito difícil* preparar-se para isso quando os comunistas colocam-no na prisão.
>
> Lembro-me da minha última classe de catecismo antes de deixar a Romênia. Levei um grupo de dez a quinze meninos e meninas, no domingo

> pela manhã, não a uma igreja, mas ao zoológico. Diante da jaula dos leões, disse-lhes: "Seus antigos pais na fé foram atirados a estas feras selvagens por causa de sua fé. Saibam que vocês também sofrerão. Vocês não serão lançados aos leões, mas terão de ser entregues a homens que são muito piores que os leões. Decidam aqui e agora se desejam prometer fidelidade a Cristo". Eles tinham lágrimas nos olhos quando disseram "sim".
>
> Temos de nos preparar agora, antes de sermos aprisionados. Na prisão você perde todas as coisas. Suas roupas são tiradas e substituídas por um uniforme de prisioneiro. Nunca mais haverá belos móveis, tapetes ou cortinas. Você não terá mais uma esposa ou marido e seus filhos. Você não terá a sua biblioteca e nunca mais verá uma flor. Nada do que faz a vida agradável restará. Ninguém resistirá se já não tiver renunciado, antes, aos prazeres da vida.[72]

Paulo tentou preparar seus convertidos para o sofrimento. Como Pedro, ele os armou com esse "pensamento" – que o sofrimento é nosso chamado. Ele disse aos novos crentes de Tessalônica: "Enviamos nosso irmão Timóteo... para... exortar-vos; a fim de que ninguém se inquiete com estas tribulações. Vós mesmos sabeis que *estamos designados para isto*" (1Ts 3.2-3).

De modo semelhante, quando Paulo retornou da sua primeira viagem missionária, ele parou nas igrejas novas e incentivou-as com esse "pensamento". "Fortalecendo as almas dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, *através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus*" (At 14.22). Era importante para os novos crentes estar "armados com esse pensamento": que o caminho para o reino é o caminho para o Calvário e que há muitas tribulações. Há uma necessidade divina: "*Devemos* entrar" desse modo. É o nosso chamado. "Todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus *serão* perseguidos" (2Tm 3.12).

"Saiamos, pois, a ele, fora do Arraial, levando o seu vitupério"

O escritor de Hebreus associa a obra redentora de Cristo e o exemplo do seu sofrimento do mesmo modo que Pedro, mas com palavras vividamente diferentes.

> Por isso, foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta. Saiamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério. Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir (Hb 13.12-14).

Primeiramente Jesus sofreu de um modo que não podemos: "Para santificar o povo pelo seu próprio sangue". A morte do Filho de Deus é absolutamente única em seu efeito. Mas, então, observe a palavra "pois".

Porque Jesus morreu para nós dessa maneira, saiamos, *pois*, a ele fora do arraial, levando o seu vitupério. O escritor não diz: uma vez que ele sofreu por nós, podemos, pois, ter uma vida fácil, livre de sofrimento, insulto e perigo, mas exatamente o oposto. O sofrimento de Jesus é a *base* para caminharmos com ele e sofrermos a mesma ofensa que ele suportou.

Este é, acima de tudo, um texto missionário. Fora do arraial significa fora dos limites de segurança e conforto. Fora do arraial estão as "outras ovelhas" que não são deste rebanho. Fora do arraial estão as nações não alcançadas pelo evangelho. Fora do arraial estão os lugares e pessoas que dificilmente são alcançados e requerem muito sacrifício. Mas para isso somos chamados: "Saiamos, levando o seu vitupério". É a nossa vocação.

Levando o seu vitupério no Sudão

O insulto se estende desde o menor ostracismo à agonia da tortura e morte. Ambos estão provavelmente acontecendo todos os dias em nosso mundo. Apenas ouvimos uma pequena fração do "seu vitupério". Por exemplo, a *Mission Frontiers* publicou esta reportagem em 1988.

> Em 1983, o Sudão foi declarado uma república islâmica. Na ocasião, a lei islâmica Sharia foi imposta a todos os cidadãos do país. Desde então, dezenas de pastores cristãos têm sido mortos e incontáveis igrejas, queimadas...
>
> Em março passado [1987], nos dias 27 e 28, de acordo com uma matéria de 33 páginas dos professores da Universidade de Cartum, Dr. Ushari Ahmad Mahmud e Dr. Suleyman Ali Baldo (ambos muçulmanos), mais de cem homens, mulheres e crianças de Dinka morreram massacrados e queimados na cidade de Diein, na região Oeste do Sudão.
>
> O massacre veio à tona quando 25 adoradores cristãos de Dinka foram obrigados a deixar seu culto de oração da noite por um bando de muçulmanos Rizeigat empunhando paus, lanças, machados e fuzis Klasmnikov, de origem soviética. Naquela noite, de cinco a sete Dinkas foram assassinados e dezenas de lares foram queimados.
>
> Cedo, na manhã seguinte, enquanto muitos Dinkas estavam sendo colocados em vagões fechados para uma evacuação segura da cidade convulsionada, centenas de Rizeigats armados foram à estação de trem e começaram a atacar os Dinkas indefesos. Colchões foram queimados e empilhados sobre os Dinkas, que estavam amontoados. Outros foram baleados, mutilados e mortos a pauladas. Ao anoitecer, mais de mil Dinkas estavam mortos.[73]

Por mais horrível que seja isso, Pedro disse que, quando a provação feroz vier, não deveremos ficar surpresos como se algo estranho estivesse

acontecendo conosco. Vivemos com tal facilidade que esse pensamento nos parece incompreensível. Mas creio que Deus está nos chamando para nos armarmos com esse pensamento: Cristo sofreu fora da porta brutalmente e sem justiça, deixando-nos um exemplo para que sigamos seus passos.

Podemos passar a noite em um corredor da morte?

Charles Wesley nos dá um exemplo de como alguém pode obedecer a Hebreus 13.13 e sair "fora do arraial", levando o seu vitupério. Em 18 de julho de 1738, dois meses após sua conversão, Charles Wesley fez uma coisa espantosa. Ele havia passado a semana assistindo aos internos da prisão Newgate com um amigo chamado "Bray", que ele descrevia como "um mecânico pobre e ignorante". Um dos homens a quem ele se dirigiu era "um negro [escravo] que tinha roubado o seu patrão". Ele estava doente, com febre e tinha sido condenado à morte.

Na terça-feira, Charles e Bray perguntaram se podiam ficar na cela durante a noite com os prisioneiros que deveriam ser executados no dia seguinte [isso é fora do arraial!]. Naquela noite, eles pregaram o evangelho. Disseram aos homens que "um homem veio do céu para salvar os pecadores perdidos". Falaram dos sofrimentos do Filho de Deus, sua dor, agonia e morte.

No dia seguinte, os homens foram colocados em uma carroça e levados a Tyburn. Charles foi com eles. Cordas foram colocadas em volta do pescoço de cada um, de modo que a carroça, sendo puxada, os deixaria pendurados no ar para serem asfixiados até morrer.

O fruto da longa noite de labor de Wesley e Bray foi surpreendente. Eis o que Wesley escreveu:

> Eles ficaram alegres, cheios de conforto, paz e triunfo, seguramente persuadidos de que Cristo tinha morrido por eles e esperava recebê-los no paraíso... O negro... saudou-me com seus olhares. Frequentemente quando seus olhos encontravam os meus, ele sorria para mim com a fisionomia mais serena e alegre que já tinha visto.
>
> Deixamo-los indo encontrar com o seu Senhor, prontos para as bodas. Quando a carroça arrancou, nenhum deles se mexeu ou lutou pela vida, mas suavemente entregaram seu espírito. Exatamente às doze horas, eles partiram. Eu disse umas poucas palavras apropriadas à multidão ao redor e retornei, cheio de paz e confiança na felicidade dos nossos amigos. Aquela hora sob o patíbulo foi a mais abençoada da minha vida.[74]

Duas coisas me surpreendem e me inspiram nessa história. Uma é o extraordinário poder da mensagem de Wesley sobre a verdade e o amor de Cristo. Todos os prisioneiros condenados foram convertidos. E foram tão profundamente convertidos que podiam olhar a morte face a face (sem

qualquer longo período de "acompanhamento" ou "discipulado") e entregaram suas vidas com a confiança de que Cristo os receberia. Seu sofrimento não foi por amor à justiça, mas a mesma dinâmica estava em operação para sustentá-los. Eles viram seu sofrimento como algo que deveriam atravessar a caminho do céu e a esperança da glória foi tão real que eles morreram em paz. Ah!, que poder tem o testemunho!

Outra coisa que me surpreende é o simples fato de Wesley ter entrado na prisão e pedido para ficar trancado a noite toda com criminosos condenados que nada mais teriam a perder se matassem outra pessoa. Wesley não tinha um supervisor dizendo-lhe que essa era a sua função. Ele não era um ministro oficial da prisão. Teria sido confortável e agradável passar a noite em casa conversando com seus amigos. Então, por que ele foi?

Deus pôs em seu coração para que ele fosse e Wesley assentiu. Há centenas de coisas estranhas e radicais para as quais Deus está chamando seu povo em benefício das missões mundiais. Não são todos que ouvem o mesmo chamado. O seu poderá ser único. Pode ser alguma coisa que você nunca tenha sonhado em fazer. Pode ser algo que você *apenas* sonhou em fazer. Mas insisto que você ouça a orientação do Espírito para ver aonde "fora do arraial" ele o está conduzindo, para que você "[leve] o seu vitupério".

"Eu lhe mostrarei quanto importa sofrer"

As aflições são a nossa vocação, quer sejamos missionários ou não. Mas esse é especialmente o chamado daqueles designados para alcançar os povos não alcançados do mundo. Paulo é o protótipo de tais missionários. Quando o Senhor enviou Ananias a Paulo em Damasco, ele o enviou armado com esse "pensamento" mencionado em 1Pedro 4.1. Ele foi apenas intensificado para Paulo. O Senhor disse: "Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel; pois *eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome*" (At 9.15-16). A partir daí Deus manteve a pressão desse "pensamento" sobre Paulo: "O Espírito Santo, de cidade em cidade, me assegura que *me esperam cadeias e tribulações*" (At 20.23).

O sofrimento foi parte do chamado de Paulo. Isso tanto se tornou parte de sua identidade e ministério que ele o tomou como emblema de sua autenticidade apostólica. Foi como se parte de seus documentos fossem vistados para provar seu direito de fazer aquilo para o que Deus o chamou.

> Recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus: na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns... por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama: como enganadores, e sendo

> verdadeiros; como desconhecidos, e entretanto bem conhecidos; como se estivéssemos morrendo e, contudo, eis que vivemos; como castigados, porém não mortos; entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo (2Co 6.4-10).

O sofrimento extraordinário do apóstolo Paulo atordoa a mente. A litania de 2Coríntios 11.23-28 é opressiva, especialmente se pensarmos na dor relatada em cada parte e na multiplicação de sofrimento sobre sofrimento à medida que as partes vão se amontoando. Eis uma ideia rara da dor e infortúnio crescentes na vida missionária de Paulo:

> ... em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez. Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas.

Para que não passemos muito depressa por esse relato, sem que nosso fôlego seja tirado de nós, imagine o que significa receber "quarenta açoites menos um". Significa que ele foi desnudado e amarrado a algum tipo de poste, para não fugir ou cair. Então, uma pessoa treinada em açoitamento tomou um chicote, talvez com ou sem fragmentos pontiagudos presos nas tiras de couro, e fustigou as costas de Paulo 39 vezes. Na metade, ou mesmo antes, a pele estaria provavelmente começando a se abrir e sangrar. No final, deveria haver partes do dorso de Paulo que tinham a aparência de geleia. As lacerações não eram limpas, como se feitas com a lâmina de uma navalha. A pele ficava dilacerada, o que fazia que a cicatrização fosse lenta e, provavelmente, complicada por uma infecção. Naquela época, nada se sabia sobre esterilização, nem havia antissépticos. Levaria meses até que alguma peça de roupa pudesse ser usada sobre suas costas sem causar dor.

Agora, com essa visão, imagine que isso acontecesse uma segunda vez no mesmo dorso, abrindo todas as cicatrizes. Na segunda vez, a cicatrização foi ainda mais demorada. Então, considere que, alguns meses depois, acontecesse pela terceira vez. Imagine qual seria a aparência de suas costas. E então ocorresse de novo. E, finalmente, acontecesse pela quinta vez. E esse seria apenas um dos sofrimentos de Paulo.

Deus permite ou determina o sofrimento dos seus mensageiros?

Por que Deus permite isso? Não, essa não é bem a pergunta certa. Devemos perguntar: Por que Deus *determina* isso? Essas coisas fazem parte do plano de Deus para o seu povo, assim como o sofrimento e morte de Jesus foram parte do plano de salvação de Deus (At 4.27-28; Is 53.10). É verdade que Satanás pode ser o agente mais imediato do sofrimento, embora ele nada possa fazer sem a permissão de Deus.[75]

Paulo menciona o sofrimento como uma dádiva de Deus: "Foi *concedida [a vós]* a graça de *padecerdes por Cristo* e não somente de crerdes nele" (Fp 1.29). Duas vezes Pedro falou do sofrimento como sendo a vontade de Deus: "*Se for da vontade de Deus*, é melhor que sofrais por praticardes o que é bom do que praticando o mal... Os que sofrem *segundo a vontade de Deus* encomendem a sua alma ao fiel Criador, na prática do bem" (1Pe 3.17; 4.19).[76]

Tiago colocou toda a sua vida, incluindo os obstáculos aparentemente acidentais aos nossos planos, sob a vontade soberana de Deus: "Atendei agora, vós que dizeis: 'Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros'. [...] Em vez disso, devíeis dizer: '*Se o Senhor quiser*, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo'" (Tg 4.13, 15). Pneus furados, acidentes de carro, rodovia em obras – seja o que for que o impeça de realizar seus planos – são da vontade de Deus. "*Se Deus quiser*, você vai viver e fazer isto ou aquilo."

O escritor de Hebreus coloca todo o nosso sofrimento sob o estandarte da disciplina amorosa de Deus. Não é um acidente que ele permite; é um plano para a nossa santidade.

> Na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue e estais esquecidos da exortação que, como a filhos, discorre convosco: "Filho meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele é reprovado; porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe" (Hb 12.4-6).

O sofrimento que os missionários encontram não é algo imprevisto pelo Senhor. Ele viu isso claramente, consentiu e enviou seus discípulos para o mesmo perigo. "Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos" (Mt 10.16). "Enviar-lhes-ei profetas e apóstolos, e alguns deles matarão e a outros perseguirão" (Lc 11.49). Como Paulo diz em 1Tessalonicenses 3.3, somos "designados" ou "determinados" para essas coisas.

Seis razões pelas quais Deus admite o sofrimento de seus servos

Portanto, nossa pergunta é: por quê? Por que Deus designou Paulo para sofrer tanto como o protótipo do missionário de fronteiras? Deus é soberano. Como toda criança sabe, ele poderia lançar Satanás no abismo hoje, se assim desejasse, e todo o seu terrorismo sobre a igreja acabaria. Mas Deus quer que a missão da igreja avance através da tempestade e do sofrimento. Quais são as razões? Mencionarei seis.

1. O sofrimento aprofunda a fé e a santidade

Como acabamos de ver em Hebreus 12, Deus disciplina seus filhos por meio do sofrimento. Ele tem como propósito fé e santidade mais profundas. "Deus... nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade" (Hb 12.10). Jesus experimentou a mesma coisa. "Embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu" (Hb 5.8). Isso não quer dizer que Jesus progrediu da desobediência para a obediência. O mesmo escritor diz que ele nunca pecou (Hb 4.15). Significa que o processo pelo qual ele demonstrou obediência cada vez mais profunda foi o do sofrimento. Para nós não há somente a necessidade de ter nossa obediência testada e provada a fundo, mas também purificada de todos os resquícios de autoconfiança e envolvimento com o mundo.

Paulo descreveu essa experiência em sua própria vida deste modo:

> Não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, *para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos* (2Co 1.8-9).

Paulo não atribui seu sofrimento às mãos de Satanás, porém diz que Deus o ordenou para o crescimento da sua fé. Deus removeu a força impulsionadora de vida do coração de Paulo, de modo que ele não teria escolha senão recorrer a Deus e confiar sua esperança na promessa da ressurreição. Esse é o primeiro propósito do sofrimento missionário: afastar-nos do mundo e pôr toda a nossa esperança somente em Deus (cf. Rm 5.3-4). Uma vez que a liberdade do amor flui dessa espécie de esperança radical (Cl 1.4-5), o sofrimento é um meio primário de edificação da compaixão nas vidas dos servos de Deus.

Ao longo dos séculos, milhares de missionários descobriram que os sofrimentos da vida têm sido a escola de Cristo, na qual são ensinadas lições de fé que não podem ser aprendidas em nenhum outro lugar. Por exemplo,

John G. Paton, que nasceu em 1824, na Escócia, foi um missionário em Novas Híbridas, hoje Vanuatu, nos mares do Sul, de 1858 até quase sua morte, em 1907. Ele perdeu sua esposa quatro meses depois de chegar à ilha de Tanna, com 34 anos. Duas semanas depois, seu filho recém-nascido faleceu. Ele os sepultou sozinho, com suas próprias mãos. "Mas para Jesus, e a comunhão que ele se dignou a me conceder aqui, devo ter ficado louco e morrido ao lado do túmulo solitário."[77] Ele permaneceu na ilha durante quatro anos de perigos angustiantes. Finalmente, uma rebelião foi armada contra ele e ele acreditou que era certo tentar fugir. Procurou ajuda da única pessoa em quem podia confiar na ilha, seu amigo Nowar. Sua fuga foi uma revelação inesquecível da graça que deixou uma marca espiritual permanente. Nowar disse a Paton que fugisse para a vila e se escondesse em uma árvore que o filho de Nowar lhe mostraria e que ficasse ali até a lua aparecer.

> Estando totalmente à mercê desses amigos duvidosos e vacilantes, embora estivesse perplexo, senti que era melhor obedecer. Subi na árvore e fiquei ali, sozinho, entre os ramos. As horas que passei ali estão todas diante de mim, como se fosse o dia de ontem. Ouvi a descarga frequente dos mosquetes e os gritos dos selvagens. No entanto, eu estava sentado ali, entre os ramos, seguro nos braços de Jesus. Nunca, em todas as minhas tribulações, meu Senhor esteve tão perto de mim e falou tão docemente à minha alma do que quando a luz da lua tremulou por entre aquelas folhas de castanheira e o ar da noite soprou em minha testa palpitante e derramei todo o meu coração a Jesus. Sozinho, mas não sozinho! Se isso fosse glorificar o meu Deus, eu não iria passar muitas noites sozinho naquela árvore de má vontade, para sentir novamente a presença espiritual do meu Salvador e desfrutar de sua comunhão consoladora. E, assim, lançado sobre sua própria alma, sozinho, totalmente sozinho, à meia-noite, entre os ramos, rodeado pela própria morte, você tem um amigo que não falhará?[78]

2. O sofrimento faz seu cálice transbordar

Por suportar o sofrimento com paciência, a recompensa por nossa experiência da glória de Deus no céu aumenta. Isso é parte do que Paulo quer dizer em 2Coríntios 4.17-18.

> A nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.

A aflição de Paulo é "preparar", "efetuar" ou "realizar" um peso de glória acima de toda comparação. Devemos considerar seriamente as

palavras de Paulo aqui. Ele não está meramente dizendo que tem uma grande esperança no céu que o capacita a suportar o sofrimento. Isso é verdade. Mas aqui ele diz que o sofrimento tem um efeito sobre o peso de glória. Aí parece haver uma conexão entre o sofrimento suportado e o grau de glória desfrutado. Certamente a glória ultrapassa infinitamente o sofrimento, como Paulo afirma em Romanos 8.18: "Para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente *não podem ser comparados com a glória* a ser revelada em nós". Entretanto, o peso dessa glória ou a experiência dessa glória parece ser maior ou menor, dependendo, em parte, da aflição que suportamos aqui com fé paciente.

Jesus apontou para a mesma direção quando disse: "Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque *é grande o vosso galardão nos céus*" (Mt 5.11-12). Isso proporciona o maior dos incentivos para nos alegrarmos, uma vez que Jesus afirma que, quanto mais suportarmos o sofrimento em decorrência da fé, maior será nossa recompensa. Se um cristão que sofreu muito por Jesus e outro que não sofreu muito experimentarem a glória final de Deus exatamente do mesmo modo e grau, parecerá estranho dizer ao cristão sofredor para regozijar-se e alegrar-se (naquele mesmo dia, cf. Lc 6.23) porque ele receberá a mesma recompensa que receberia se não tivesse sofrido. A recompensa prometida parece ser em resposta ao sofrimento e um prêmio específico por ele. Se isso não é explícito e certo aqui, parece ser subentendido em outras passagens do Novo Testamento. Permitirei que Jonathan Edwards as apresente, enquanto lemos uma das mais profundas reflexões que já li sobre esse problema. Aqui Edwards trata, de modo surpreendente, da questão de como pode haver graus de felicidade em um mundo de perfeita alegria.

> Há diferentes graus de felicidade e glória no céu... A glória dos santos acima será, de algum modo, proporcional à sua eminência em santidade e boas obras aqui [e paciência no sofrimento é uma das principais boas obras, cf. Rm 2.7]. Cristo recompensará a todos de acordo com as suas obras. Aquele que ganhou dez moedas teve autoridade sobre dez cidades e o que ganhou cinco moedas, sobre cinco cidades (Lc 19.17-19). "Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura, com abundância também ceifará" (2Co 9.6). E o apóstolo Paulo nos diz que, assim como uma estrela difere de outra em glória, assim também será na ressurreição dos mortos (1Co 15.41). Cristo nos ensina que aquele que dá um copo de água fresca a um discípulo, em nome de um discípulo, de modo algum perderá seu galardão. Mas isso não poderia ser verdade, se uma pessoa não tivesse maior recompensa por fazer mais boas obras do que se fizesse poucas.

> Não haverá nenhum desalento à felicidade daqueles que têm menores graus de felicidade e glória, por haver outros avançados em glória acima deles: pois todos serão perfeitamente felizes e satisfeitos. Toda embarcação que é lançada nesse oceano de felicidade está cheia, embora haja algumas bem maiores que outras; e não haverá no céu coisas como inveja, mas o perfeito amor reinará sobre toda a sociedade. Aqueles que não forem tão elevados em glória como outros não invejarão os que estão mais acima, antes sentirão amor tão grande, forte e puro por eles que se regozijarão com sua felicidade superior; seu amor por eles será tamanho que ficarão mais alegres pela maior felicidade dos outros; assim, em vez de ficarem desalentados com sua própria felicidade, mais felicidade será adicionada a ela.
>
> Então, por outro lado, aqueles que são mais altos em glória, como serão também os mais amáveis, exceder-se-ão proporcionalmente em divina benevolência e amor para com os outros e terão mais amor a Deus e aos santos do que aqueles que estão abaixo em santidade e felicidade. E, além disso, aqueles que se elevam em glória também se elevarão em humildade. Aqui, neste mundo, aqueles que estão acima dos demais são objeto de inveja, porque... outros os imaginam como superiores; mas no céu não será assim, os santos que se distinguirem em felicidade serão [distintos] em santidade e, consequentemente, humildade... A exaltação de alguns no céu acima dos demais estará tão longe de diminuir a perfeita felicidade e alegria dos restantes que estão abaixo, que eles serão mais felizes por isso; de tal modo será a união em sua sociedade que serão participantes da felicidade uns dos outros. Então será cumprido em suas perfeições o que está declarado em 1Coríntios 12.22: "Os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários".[79]

Assim, um dos objetivos de Deus no sofrimento dos santos é ampliar a capacidade deles de desfrutar da glória dele, tanto aqui como no porvir. Quando seu cálice for apanhado, por assim dizer, do "lixo do mundo" (1Co 4.13) e lançado ao oceano da felicidade celestial, ele possuirá mais felicidade por ter se afastado do mundo e vivido somente em Deus.

3. O sofrimento é o preço de tornar os outros audaciosos. Deus usa o sofrimento dos seus missionários para despertar outros de seu sono de indiferença e fazê-los audaciosos. Quando Paulo esteve preso em Roma, ele escreveu sobre isso à igreja de Filipos. "A maioria dos irmãos, estimulados no Senhor por minhas algemas, ousam falar com mais desassombro a palavra de Deus" (Fp 1.14). Se for preciso, Deus usará o sofrimento de seus piedosos emissários para fazer uma igreja que dorme acordar e assumir riscos por ele.

Os sofrimentos e a dedicação do jovem David Brainerd surtiram efeito em milhares. Henry Martyn registrou o impacto de Brainerd sobre sua vida repetidamente em seu diário.

> Em 11 de setembro de 1805: "Que exemplo animador ele, frequentemente, tem sido para mim, especialmente por este motivo: ele era de constituição física fraca e enferma!"
>
> Em de 8 de maio de 1806: "Bendita seja a memória daquele santo homem! Sinto-me feliz de ter seu livro comigo na Índia e assim usufruir, de certa maneira, o benefício de sua companhia e exemplo".
>
> Em 12 de maio de 1806: "Minha alma foi restaurada hoje por meio da incessante compaixão de Deus, então encontrei sua refrescante presença em meus deveres pessoais; fui particularmente muito mais encorajado pela leitura do relato de D. Brainerd sobre as dificuldades que enfrentou ao se dedicar a uma missão aos pagãos. Ah!, bendita seja a memória daquele amado santo! Nenhum escritor não inspirado jamais me fez tanto bem. Senti-me mais alegre para laborar entre os pobres nativos daqui; e minha disposição ficou, acredito, mais despojada daquelas noções românticas, que algumas vezes me inflavam com falso entusiasmo".[80]

Cinco esposas inspiradoras

Em nosso próprio tempo, é difícil exagerar o impacto que o martírio de Jim Elliot, Nate Saint, Ed McCully, Pete Fleming e Roger Youderian teve sobre gerações de estudantes.[81] A palavra que aparecia reiteradamente nos testemunhos daqueles que ouviram a história de Huaorani[82] era "dedicação". Porém, mais do que é frequentemente reconhecido, foi a força das esposas desses homens que fez que muitos de nós sentíssemos um desejo impetuoso de nos dedicar assim.

Barbara Youderian, a esposa de Roger, escreveu em seu diário naquela noite, em janeiro de 1956:

> Esta noite o capitão nos falou da sua descoberta de quatro corpos no rio. Um deles tinha uma camiseta e *jeans* azul. Roj era o único que os usava. ... Deus me deu este versículo dois dias antes, Salmo 48.14: "Este é Deus, o nosso Deus para todo o sempre: ele será nosso guia até à morte". Quando fiquei a par da notícia da morte de Roj, meu coração ficou repleto de louvor. Ele foi merecedor de seu regresso ao lar. Ajuda-me, Senhor, a ser ao mesmo tempo mãe e pai.[83]

Não é difícil perceber qual posicionamento bíblico Paulo estava tomando. O sofrimento dos servos de Deus, suportado com fé e até mesmo com louvor, é uma experiência perturbadora para os santos apáticos, cujas vidas são vazias em meio a confortos incalculáveis.

APLICAÇÃO DUPLA EM SUA MORTE

A execução do missionário de Wycliffe, Chet Bitterman, pelo M-19, um grupo de guerrilha colombiano, em 6 de março de 1981, desencadeou um zelo espantoso pela causa de Cristo. Chet esteve em um cativeiro por sete semanas, enquanto sua esposa, Brenda e as filhas pequenas, Anna e Esther, esperavam em Bogotá. A ordem do M-19 era para que ele saísse da Colômbia.

Atiraram nele pouco antes do amanhecer – um único tiro no peito. A polícia encontrou seu corpo no ônibus em que ele morreu, em um estacionamento ao sul da cidade. Ele estava limpo e barbeado, seu rosto era tranquilo. Uma bandeira da guerrilha envolvia seu cadáver. Não houve sinais de tortura.

No ano seguinte à morte de Chet, "a utilização das Bíblias traduzidas de Wycliffe para missões no exterior dobrou. Essa tendência se manteve".[84] Este não é o tipo de mobilização missionária que qualquer um de nós escolheria. Mas é um dos caminhos de Deus. "Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto" (Jo 12.24).

4. O sofrimento preenche o que resta das aflições de Cristo.

O sofrimento dos mensageiros de Cristo ministra àqueles que estão tentando alcançar e pode abri-los para o evangelho. Esse foi um dos meios de Paulo trazer e apresentar o evangelho ao povo de Tessalônica. "Sabeis ter sido o nosso procedimento entre vós e *por amor de vós*. Com efeito, *vos tornastes imitadores nossos* e do Senhor, *tendo recebido a palavra, posto que em meio de muita tribulação*, com alegria do Espírito Santo" (1Ts 1.5-6). Eles haviam imitado Paulo ao suportarem muitas aflições com alegria. E foi exatamente esse tipo de homem que Paulo provou ser entre eles. Portanto, foi seu sofrimento que os moveu e os atraiu ao seu autêntico amor e verdade.

Esse é o tipo de ministério que Paulo tinha em mente quando disse: "Assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo. Mas, se somos atribulados, é para o vosso conforto e salvação" (2Co 1.5-6). Seus sofrimentos eram os meios que Deus estava usando para trazer salvação à igreja de Corinto. Eles podiam ver o amor sofredor de Cristo em Paulo. Ele estava realmente partilhando dos sofrimentos de Cristo e tornando-os reais para a igreja.

Isso é parte do que Paulo quis dizer naquela afirmação surpreendente em Colossenses 1.24: "Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; *e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo*, que é a igreja". As aflições de Cristo não estão faltando em sua

suficiência expiatória. Elas estão faltando naquelas que não foram conhecidas nem sentidas pelas pessoas que não estiveram na cruz. Paulo dedicou-se não somente a levar a mensagem daqueles sofrimentos às nações, mas também a sofrer com Cristo e por Cristo, de tal maneira que o que as pessoas veem são "os sofrimentos de Cristo". Desse modo, ele segue o modelo de Cristo, entregando sua vida pela vida da igreja. "Tudo suporto por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus, com eterna glória" (2Tm 2.10).

"Quando vimos seus pés cheios de bolhas"

Em 1992, tive a oportunidade de ouvir J. Oswald Sanders falar. Sua mensagem abordou profundamente o sofrimento. Ele estava com 89 anos e ainda viajava e palestrava pelo mundo. Ele havia escrito um livro por ano desde que completou 70! Menciono isso apenas para exultar na plena dedicação de uma vida consagrada ao evangelho, que não pensou em aproveitar o descanso dos 65 anos até o fim da vida.[85]

Ele contou a história de um missionário nativo que andava descalço de aldeia em aldeia pregando o evangelho na Índia. Após um longo dia de muitos quilômetros e muito desânimo, ele chegou a certa aldeia e tentou falar sobre o evangelho, mas foi desprezado. Então, desanimado, caminhou até o limite da aldeia, deitou-se à sombra de uma árvore e dormiu de cansaço.

Quando despertou, toda a aldeia estava reunida para ouvi-lo. O cabeça daquela gente explicou que eles vieram para vê-lo enquanto ele dormia. Quando viram seus pés cheios de bolhas, concluíram que ele deveria ser um homem santo e que eles tinham sido maus em rejeitá-lo. Pediram desculpas e quiseram ouvir a mensagem que ele lhes havia trazido e pela qual tinha se disposto a sofrer tanto.

No terceiro espancamento, as mulheres choraram

Um dos homens mais improváveis de participar da Conferência de Evangelistas Itinerantes, em Amsterdã, patrocinada pela Associação Billy Graham, foi um guerreiro masai chamado Joseph. Mas sua história lhe proporcionou um contato com o próprio Dr. Graham. Ela é narrada por Michael Card.

> Um dia, Joseph, que estava caminhando em uma daquelas estradas africanas quentes e sujas, encontrou alguém que compartilhou com ele o evangelho de Jesus Cristo. Naquele momento e local ele aceitou Jesus como seu Senhor e Salvador. O poder do Espírito começou a transformar sua vida; ele se sentiu tomado por tamanho entusiasmo e alegria que a primeira coisa que desejou foi retornar à sua própria aldeia e compartilhar as boas-novas de Deus com os membros de sua tribo local.

> Joseph começou a ir de porta em porta, falando a todos que encontrava sobre a Cruz de Jesus e a salvação oferecida, esperando ver suas faces se iluminarem da mesma forma que acontecera com ele. Para sua surpresa, os aldeões não deram importância e tornaram-se violentos. Os homens da aldeia o agarraram e o mantiveram no chão enquanto as mulheres batiam nele com fios de arame farpado. Ele foi arrastado para fora da aldeia e deixado para morrer sozinho no mato.
>
> Joseph, de algum modo, conseguiu se arrastar até um poço, e ali, após alguns dias ora consciente, ora inconsciente, reuniu forças para levantar-se. Ele estranhou a recepção hostil que havia recebido daquelas pessoas que conhecia desde criança. Ele concluiu que deveria ter deixado escapar algo ou contado erroneamente a história de Jesus. Após ensaiar a primeira mensagem que tinha ouvido, decidiu voltar e compartilhar sua fé mais uma vez.
>
> Joseph mancou até o círculo de choças e começou a proclamar a Jesus. "Ele morreu por vocês, para que vocês possam encontrar o perdão e vir a conhecer o Deus vivo", declarava. Novamente foi agarrado pelos homens da aldeia e imobilizado, enquanto as mulheres batiam nele, reabrindo os ferimentos que haviam começado a cicatrizar. Uma vez mais, eles o arrastaram inconsciente para fora da aldeia e o deixaram para morrer.
>
> Sair vivo da primeira surra foi algo realmente extraordinário. Sobreviver à segunda foi um milagre. Novamente, dias após, Joseph acordou no deserto, todo machucado, cheio de cicatrizes e determinado a voltar à aldeia.
>
> Ele retornou à pequena aldeia e, desta vez, foi agredido antes que tivesse a oportunidade de abrir a boca. Enquanto era fustigado pela terceira e, provavelmente, última vez, ele novamente falou a eles sobre Jesus Cristo, o Senhor. Antes de desmaiar, a última coisa que viu foi que as mulheres que estavam batendo nele começaram a chorar.
>
> Desta vez, ele acordou em sua própria cama. Aqueles que o tinham espancado severamente estavam agora tentando salvar sua vida e assistindo-o para que recuperasse sua saúde. A aldeia inteira tinha se rendido a Cristo.[86]

Isso é, seguramente, o que Paulo quis dizer quando afirmou: "Preencho o que resta das aflições de Cristo, a favor do seu corpo" (Cl 1.24).

5. O sofrimento enfatiza o mandamento missionário de ir

O sofrimento da igreja é usado por Deus para a reposição das tropas de missionários em lugares a que não teriam ido de outra maneira. Esse é claramente o efeito que Lucas deseja que vejamos na história do martírio de Estêvão e na perseguição que se seguiu. Deus incita a igreja ao serviço missionário pelo sofrimento que ela suporta. Portanto, não devemos julgar

apressadamente os aparentes recuos e derrotas táticas da igreja. Se você vir as coisas com os olhos de Deus, o Estrategista Mestre, o que você enxergará em todo recuo é o posicionamento das tropas para um grande avanço e uma grande manifestação de sua sabedoria, poder e amor.

Atos 8.1 traça a estratégia divina para a perseguição: "Naquele dia [em que Estêvão foi apedrejado e morto] levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da *Judeia e Samaria*". Até então, ninguém tinha ido para a Judeia e Samaria, apesar do que Jesus dissera em Atos 1.8: "Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, *como em toda a Judeia e Samaria...*" Não é nenhum acidente o fato de essas serem exatamente as duas regiões para as quais a perseguição envia a igreja. O que a obediência não realiza, a perseguição faz.

Para confirmar esse divino propósito missionário da perseguição, Lucas se refere a ele em Atos 11.19: "Então, os que foram dispersos por causa da tribulação que sobreveio a Estêvão se espalharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus". Mas em Antioquia, alguns também falaram a gregos. Em outras palavras, a perseguição não somente enviou a igreja à Judeia e Samaria (At 8.1), mas também além, a outras nações (At 11.19).

A INÉRCIA DO CONFORTO, A APATIA DA FARTURA

A lição aqui não é meramente a de que Deus é soberano e transforma reveses em triunfos. A lição é que conforto, tranquilidade, abundância, prosperidade, segurança e independência frequentemente causam uma enorme inércia na igreja. As coisas que achamos que produziriam pessoal, energia e investimento produtivo de tempo e dinheiro para a causa missionária causam, de fato, o oposto: fraqueza, apatia, letargia, egoísmo e preocupação com a segurança.

Estudos têm mostrado que, quanto mais ricos somos, menor é a porcentagem de nossa renda que damos à igreja e sua missão. Os 20% mais pobres da igreja dão 3,4% da sua renda à igreja e os 20% mais abastados dão 1,6% – a metade do que dão os membros mais pobres da igreja.[87] Este é um estranho princípio, que provavelmente vai diretamente ao centro da nossa pecaminosidade e da suficiência de Cristo – tempos difíceis, como os de perseguição, frequentemente, produzem mais pessoas, oração, poder e carteiras abertas do que tempos fáceis.

É difícil um homem rico entrar no reino do céu, disse Jesus (Mt 19.23). É também difícil às pessoas ricas ajudarem outros a entrar. Jesus disse ainda mais na parábola do semeador. "Os cuidados do mundo, *a fascinação da*

riqueza e *as demais ambições*, concorrendo, sufocam a palavra, ficando ela infrutífera" (Mc 4.19). Infrutíferas para missões e mais infrutíferas para outras boas obras.

A perseguição pode ter efeitos danosos sobre a igreja, mas a prosperidade, parece, é ainda mais devastadora à missão para a qual Deus nos chama. Minha ideia aqui não é que devamos procurar a perseguição. Isso seria uma presunção – como saltar do pináculo do templo. A questão é que devemos ser muito cautelosos com a prosperidade, a tranquilidade excessiva, o conforto e a fartura. E não devemos ficar desalentados, mas cheios de esperança, se formos perseguidos por causa da justiça, porque o aspecto central de Atos 8.1 é que Deus faz que a perseguição sirva à missão da igreja.

Não devemos ser volúveis a esse respeito. O preço do avanço missionário é imenso. Estêvão o pagou com a vida e ele era uma das estrelas mais brilhantes no céu de Jerusalém. Seus inimigos "não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito, pelo qual ele falava" (At 6.10). Certamente, ele era mais valioso vivo do que morto, com toda a razão. Ele era necessário! Não havia ninguém como Estêvão! Porém, Deus viu isso de outra maneira.

Como Joseph Stalin serviu à causa

A maneira como Deus trouxe todas as aldeias de Uzbek para Cristo no século 20 é uma grande ilustração do seu estranho uso para a revolta e a mudança. Bill e Amy Stearns contam a história em seu livro cheio de esperança, *Catch the Vision 2000*.[88] O ator central foi Joseph Stalin.

> Milhares de coreanos fugiram do que é agora a Coreia do Norte durante a invasão japonesa, nos anos 30. Muitos deles se estabeleceram em Vladivostok. Quando Stalin, no fim dos anos 30 e início dos 40, começou a desenvolver Vladivostok como um centro fabricante de armas, ele supôs que os coreanos eram um risco à segurança. Então ele os realojou em cinco áreas da União Soviética. Uma dessas áreas era Tashkent, centro dos Uzbeks, um povo muçulmano. Com a força de vinte milhões, os Uzbeks tinham, por centenas de anos, resistido violentamente a qualquer esforço ocidental de introduzir o Cristianismo na região.
>
> Quando os coreanos se estabeleceram em Tashkent, os Uzbeks acolheram sua disposição e cordialidade. Em poucas décadas, os coreanos estavam incluídos em quase todos os aspectos da vida cultural de Uzbek.
>
> Como de costume na orquestração que Deus faz dos eventos globais, ele havia plantado entre os coreanos alguns fortes grupos de crentes. Pouco suspeitou Stalin que esses coreanos estavam não apenas começando a desfrutar de um reavivamento poderoso entre seu próprio

povo, mas também a trazer os muçulmanos, os amigos Uzbek e Kazak, para Cristo.

O primeiro sinal público do reavivamento coreano e seus efeitos de ruptura sobre os Uzbeks e Kazaks veio em 2 de junho de 1990, quando, no primeiro encontro cristão a céu aberto na história da Ásia Central Soviética, um jovem coreano dos Estados Unidos pregou a uma grande multidão nas ruas de Alma-Ata, capital do Cazaquistão.

O resultado desses desvios, longas décadas de manobras de Deus para posicionar seu povo em lugares inacessíveis, é que os muçulmanos, que não receberiam missionários, estão confessando que Isa (Jesus) é o caminho da verdade e da vida. Essa foi uma estratégia que teve um alto custo para muitos crentes. Ser desarraigado de sua pátria na Coreia e novamente de seu lar perto de Vladivostok deve ter sido um teste severo para a fé dos coreanos de que Deus é bom e tem um plano de amor para suas vidas. A verdade era que Deus tinha um plano de amor, e não apenas para suas vidas, mas também para muçulmanos inacessíveis entre os povos de Uzbek e Kazak.

Seguindo adiante por ter sido preso

Os estranhos meios divinos de guiar o empreendimento missionário são vistos, semelhantemente, no modo como Jesus disse aos discípulos que deveriam esperar captura e prisão como tática desenvolvida por Deus para colocá-los entre pessoas que, de outro modo, nunca alcançariam. "Antes, porém, de todas estas coisas, lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome; *e isto vos acontecerá para que deis testemunho*" (Lc 21.12-13; cf. Mc 13.9).

A edição de junho/julho de 1989 de *Mission Frontiers* publicou um artigo assinado com o pseudônimo Frank Marshall. Esse missionário que trabalha em um país politicamente sensível da América Latina contou a história de sua recente prisão. Ele e seus cooperadores foram surrados várias vezes e jogados em uma prisão. Desta vez, os agentes federais acusaram-no de fraude e suborno, pois presumiram que ele não teria obtido seus documentos oficiais sem mentir. Eles não acreditaram que ele tinha nascido no país.

Na prisão, o Senhor o poupou da violência sexual de um enorme homem envolto em uma toalha, com quatro correntes de ouro em volta do pescoço e um anel em cada dedo. Quando foi colocado na cela com aquele homem, Frank começou a partilhar o evangelho com ele e a orar em seu coração: "Senhor, livra-me deste mal". O homem mudou de cor, gritou para que Frank se calasse e disse-lhe que o deixasse sozinho.

Frank começou a falar aos outros sobre Cristo quando os presos tinham um tempo livre da cela e ficavam algum tempo no pátio. Um muçulmano chamado Satawa confessou a Cristo na primeira semana e convidou Frank para responder a perguntas com um grupo de quinze outros muçulmanos. Em duas semanas, Frank finalmente foi capaz de conseguir um advogado. Ele também pediu uma caixa de Bíblias. No domingo seguinte, 45 homens se reuniram no pátio para ouvir Frank pregar. Ele falou sobre como era difícil para ele estar longe de sua família e sobre quanto Deus amava seu Filho e, mesmo assim, o havia dado pelos pecadores, para que pudéssemos crer e viver. Trinta daqueles homens ficaram para orar e pedir ao Senhor para guiá-los e perdoá-los. Frank foi logo libertado e deportado para os Estados Unidos, mas agora ele conhece em primeira mão o sentido das palavras de Jesus: "Isso vos acontecerá para que deis testemunho".

Milagres em Moçambique

Na década de 1960, o Senhor suscitou um líder nativo, chamado Martinho Campos, na igreja em Moçambique. A história do seu ministério, *Life Out of Death in Mozambique*, é um testemunho notável dos estranhos caminhos da bênção missionária de Deus.

Martinho estava conduzindo uma série de encontros na área administrativa de Gurue, a oitenta quilômetros de sua própria área, em Nauela. A polícia o prendeu e o colocou na cadeia sem julgamento. O chefe de polícia, um europeu, presumiu que as reuniões tinham ligação com o Frelimo, um grupo emergente de guerrilha. Mesmo após o padre católico ter lhe dito que aqueles homens eram apenas "uma reunião de hereges", ele não se preocupou em fazer justiça, embora estivesse se perguntando por que as pessoas comuns traziam tanta comida para o prisioneiro, como se ele fosse alguém importante.

Certa noite, ele estava dirigindo seu caminhão com meia dúzia de prisioneiros e viu "o que parecia ser um homem com uma veste branca resplandecente, em pé na estrada, olhando para ele". Ele guinou a direção tão abruptamente que o caminhão capotou e ele ficou preso na cabina de cabeça para baixo. Os próprios prisioneiros viraram o caminhão para que o chefe de polícia pudesse sair.

Depois de um breve tratamento no hospital, ele voltou a falar com Martinho porque percebeu que havia alguma conexão entre aquela visão e o prisioneiro. Ele entrou na cela de Martinho e pediu-lhe perdão. Martinho falou-lhe sobre a sua necessidade do perdão de Deus e como obtê-lo. O chefe de polícia disse humildemente: "Por favor, ore por mim".

Imediatamente o chefe pediu água quente para que o prisioneiro pudesse se lavar, tirou-o do confinamento solitário e providenciou para que fosse feito um julgamento justo. Martinho foi solto.

Porém, a coisa mais notável foi o que veio em seguida: "O chefe de polícia não apenas demonstrou claramente seu respeito por aquilo que Martinho representou, como concedeu-lhe permissão oficial para viajar por toda a área sob sua jurisdição, a fim de pregar e realizar os cultos evangélicos".[89] Uma permissão como esta jamais seria dada por canais normais. Mas Deus tinha um caminho por meio do sofrimento. A prisão ocorreu para permitir o avanço do evangelho.

Deus foi mais bem servido na prisão

Em 9 de janeiro de 1985, o Pastor Hristo Kulichev, um pastor congregacional da Bulgária, foi preso. Seu crime foi ter pregado em sua igreja, embora o Estado tivesse indicado outro homem como pastor, o qual a congregação não havia eleito. Seu julgamento foi um simulacro de justiça e ele foi condenado a oito meses de prisão. Durante seu tempo na prisão, ele tornou Cristo conhecido todas as vezes que pôde.

Quando foi solto, ele escreveu: "Tanto prisioneiros quanto carcereiros faziam muitas perguntas e isso fez que tivéssemos um ministério mais frutífero lá do que aquele que poderíamos ter esperado na igreja. Deus foi mais bem servido por nossa presença na prisão do que se estivéssemos livres".[90] Em muitos lugares do mundo, as palavras de Jesus são tão radicalmente relevantes como se ele as tivesse falado ontem. "[Eles] vos perseguirão, entregando-vos... aos cárceres... e isto vos acontecerá para que deis testemunho" (Lc 21.12-13). O sofrimento de nossos planos arruinados é para o propósito de disseminação da graça.

6. A supremacia de Cristo se manifesta no sofrimento

O sofrimento de missionários significa para Deus a magnificação do poder e suficiência de Cristo. Sofrer é, finalmente, mostrar a supremacia de Deus. Quando Deus se recusou a remover o sofrimento do "espinho na carne" de Paulo, ele lhe disse: "A minha graça te basta, *porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza*". Paulo respondeu a isso da seguinte maneira: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque quando sou fraco, então é que sou forte" (2Co 12.9-10).

Paulo permanecia forte nas perseguições porque "o poder de Cristo" estava sobre ele e se aperfeiçoava nele. Em outras palavras, o poder de Cristo era a única força de Paulo quando seus sofrimentos o levavam ao fim dos seus recursos e o lançavam inteiramente a Jesus. Esse foi o propósito de Deus com relação ao espinho de Paulo e é o seu propósito em todo o nosso sofrimento. Deus quer que confiemos inteiramente nele. "Não confiemos em nós, e, sim, no Deus que ressuscita os mortos" (2Co 1.9). A razão pela qual Deus deseja isso é porque esse tipo de confiança mostra seu poder e amor supremos para nos sustentar quando não podemos fazer absolutamente nada para nos manter.

Começamos este capítulo com essa asserção: perda e sofrimento, alegremente aceitos para o reino de Deus, mostram a supremacia do valor de Deus mais claramente no mundo do que em toda adoração e oração. Vimos essa verdade implícita ao observar as seis razões pelas quais Deus designa o sofrimento para os mensageiros da sua graça. Mas agora precisamos tornar explícito que a supremacia de Deus é a razão para o sofrimento, passando por e sobre todas as outras razões. Deus ordena o sofrimento porque, por meio de todas as outras razões, ele expõe ao mundo a supremacia do seu valor acima de todos os tesouros.

Jesus torna claro como podemos nos regozijar na perseguição. "Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, *porque é grande o vosso galardão nos céus*" (Mt 5.11-12). A razão pela qual podemos nos regozijar na perseguição é que o valor de nossa recompensa no céu é muito maior do que o valor de tudo que perdemos na terra por causa do sofrimento. Portanto, sofrer com alegria prova ao mundo que nosso tesouro está no céu e não na terra e que esse tesouro é muito maior do que qualquer coisa que o mundo tenha a oferecer. A supremacia do valor de Deus brilha em meio à dor que seu povo alegremente suporta para testemunhar o seu nome.

Alegremente me orgulharei na fraqueza e na calamidade

Uso a palavra "alegremente" porque esse é o modo como os santos se expressam. Por exemplo, acabamos de ler o que Paulo disse: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas... nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias" (2Co 12.9-10). Ele afirma o mesmo em Romanos 5.3: "Gloriemo-nos nas próprias tribulações". E a razão dada por ele é que elas produzem perseverança, experiência e uma esperança infalível (Rm 5.3-4). Em outras palavras, sua alegria fluía de sua esperança, como Jesus garantiu que seria. E Paulo esclarece que a recompensa é a glória de Deus.

"Gloriemo-nos na esperança da glória de Deus" (Rm 5.2). E assim é a supremacia do valor de Deus que brilha mediante a alegria de Paulo na aflição.

Os outros apóstolos reagem do mesmo modo em Atos 5.41, após serem açoitados por causa da sua pregação: "Eles se retiraram do Sinédrio, regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome" (At 5.41). Essa alegria destemida, apesar do perigo real e da grande dor, é uma demonstração da superioridade de Deus sobre tudo aquilo que o mundo tem a oferecer.

Alegremente você aceitou o espólio da sua propriedade

Novamente, os primeiros cristãos que visitavam seus amigos na prisão alegravam-se, embora isso lhes custasse suas posses. "Não somente vos compadecestes dos encarcerados, como também aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens, tendo ciência de possuirdes vós mesmos patrimônio superior e durável" (Hb 10.34). A alegria no sofrimento flui da esperança de uma grande recompensa. Os cristãos não são chamados para viver vidas melancólicas de perseguição opressiva. Somos chamados para nos regozijarmos. "Alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo" (1Pe 4.13). "Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações" (Tg 1.2).

O amor de Deus é melhor que a vida

A base para essa alegria indomável é a supremacia do amor de Deus sobre a própria vida. "A tua graça é melhor do que a vida" (Sl 63.3). Os prazeres desta vida são "transitórios" (Hb 11.25) e as aflições são "leves e momentâneas" (2Co 4.17). Mas o amor imutável do Senhor é para sempre. Todos os seus prazeres são superiores e não haverá mais dor. "Na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente" (Sl 16.11).

O sofrimento alegre brilha mais que a gratidão

É verdade que devemos dar o testemunho da supremacia da bondade de Deus recebendo suas boas dádivas com ações de graças (1Tm 4.3). Mas, para muitos cristãos, isso se tornou o único meio de verem seu estilo de vida glorificar a Deus. O Senhor tem sido bom para eles ao dar-lhes tanto. Portanto, o caminho para testemunhar a realidade de Deus é receber e ser agradecido.

Porém, embora seja verdade que devemos desfrutar com gratidão do que possuímos, há um chamado implacável na Bíblia para não acumularmos mais e mais bens, mas para darmos cada vez mais e nos despojarmos das

coisas, se o amor assim exigir. Não há regras fáceis para nos dizer se o chamado de nossas vidas é como o do jovem rico, para darmos tudo o que possuímos, ou o de Zaqueu, para darmos a metade do que possuímos. O que está claro no Novo Testamento é que, enquanto vivermos na terra, o sofrimento com alegria, não a gratidão pela opulência, é o modo como o valor de Jesus resplandece com mais brilho.

Quem pode duvidar que a supremacia do valor de Cristo brilha mais intensamente em uma vida como esta:

> Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda *por causa de Cristo*. Sim, deveras considero tudo como perda, *por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor: por amor do qual* perdi todas as coisas e as considero como refugo, *para ganhar a Cristo* (Fp 3.7-8).

Você não pode mostrar a preciosidade de uma pessoa sendo feliz com seus dons. A ingratidão certamente provará que o doador não é amado, mas a gratidão pelos dons não prova que o *doador* é precioso. O que prova que o doador é precioso é o coração contente pré-disposto a deixar todos os seus dons para estar com ele. Eis por que o sofrimento é tão essencial na missão da igreja. O alvo da nossa missão é que as pessoas de todas as nações adorem ao verdadeiro Deus. Mas adorar significa usufruir a preciosidade de Deus acima de tudo, incluindo a própria vida. Será muito difícil levar as nações a amarem a Deus a partir de um padrão de vida que transmite o amor pelas coisas materiais. Portanto, Deus determina, nas vidas dos seus mensageiros, que o sofrimento rompa nossa submissão ao mundo. Quando a alegria e o amor sobrevivem a essa ruptura, estamos aptos a dizer às nações com autenticidade e poder: esperem em Deus.

Como a esperança em Deus se torna visível?

Pedro fala sobre a visibilidade dessa esperança: "Santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da *esperança* que há em vós" (1Pe 3.15). Por que as pessoas perguntam sobre esperança? Que tipo de vida devemos viver que faria as pessoas se admirarem da nossa esperança? Se a nossa segurança e felicidade no futuro fossem manifestamente seguras como o mundo assegura seu futuro, ninguém nos perguntaria sobre isso. Não haveria nenhuma esperança incomum para ver. O que Pedro está dizendo é que o mundo deve ver uma esperança diferente na vida dos cristãos – não uma esperança na segurança do dinheiro, do poder ou de casas, terras ou realizações, mas a segurança da "graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo" (1Pe 1.13).

Portanto, o Senhor determina o sofrimento como uma ajuda para que nos livremos da nossa dependência das esperanças mundanas e coloquemos nossa "esperança em Deus" (1Pe 1.21). As provações abrasadoras destinam-se a consumir as dependências terrenas e deixar somente o ouro refinado da "preciosa fé" (1Pe 1.7). "Também os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem a sua alma ao fiel Criador, na prática do bem" (1Pe 4.19). É a supremacia da grande fidelidade de Deus acima de todas as outras seguranças que nos liberta para "[alegrar-nos] na medida em que [somos] co-participantes dos sofrimentos de Cristo" (1Pe 4.13). Assim, a alegria no sofrimento por amor de Cristo faz a supremacia de Deus brilhar mais claramente do que toda nossa gratidão pela prosperidade.

Austeridade do tempo de guerra na causa missionária

Jesus leva em direção a um estilo de vida de luta que não dá valor à simplicidade pela simplicidade em si, mas valoriza a austeridade dos tempos de guerra pelo que ela pode produzir para a causa da evangelização mundial. Ele disse: "Vendei os vossos bens e dai esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus" (Lc 12.33). "Das riquezas de origem iníqua fazei amigos; para que, quando aqueles vos faltarem, esses amigos vos recebam nos tabernáculos eternos" (Lc 16.9). "Não andeis, pois, a indagar o que haveis de comer ou beber e não vos entregueis a inquietações. Porque os gentios de todo o mundo é que procuram estas coisas; mas vosso Pai sabe que necessitais delas. Buscai, antes de tudo, o seu reino, e estas coisas vos serão acrescentadas" (Lc 12.29-31).

A questão é esta: uma renda de US$ 80 mil ou de US$ 180 mil por ano não tem de ser acompanhada por um padrão de vida de US$ 80 mil ou de US$ 180 mil. Deus está nos chamando para sermos condutores da sua graça, não um beco sem saída. Nosso grande perigo hoje é pensar que o condutor deve ser revestido de ouro. Não deve. O cobre é o metal apropriado. Não importa quão agradecidos somos, o ouro não fará o mundo pensar que nosso Deus é bom, fará as pessoas pensarem que nosso Deus é o ouro, o que não honra a supremacia do seu valor.

O desejo mortífero por riqueza

A ambição por riquezas é mortífera. Geazi, o servo de Eliseu, foi atacado pela lepra de Naamã por não ter resistido a uma recompensa (2Rs 5.26-27). Ananias caiu morto porque o desejo por dinheiro o induziu a mentir (At 5.5-6). O jovem rico não podia entrar no reino de Deus (Mc 10.22-23). O rico que se banqueteava suntuosamente e negligenciou Lázaro foi atormentado no

Hades (Lc 16.23). Paulo afirmou que o desejo de ser rico afunda os homens em ruína e destruição (1Tm 6.9).

O propósito de Deus ao nos falar dessas tragédias não é fazer que odiemos o dinheiro, mas que amemos o Senhor acima de tudo. A severidade da punição por amor ao dinheiro é um sinal da supremacia divina. Desprezamos o valor infinito de Deus quando cobiçamos os bens terrenos. Eis por que Paulo chama a cobiça de idolatria e diz que a ira de Deus se voltará contra ela (Cl 3.5-6).

"Eu não tinha camisa"

É quase impossível os americanos concordarem com a aprovação de Jesus pelo gesto da viúva que "da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento" (Lc 21.4). Para conhecer esse espírito abnegado, precisamos sair de nosso país e ir para outros lugares. Stanford Kelly ilustra isso no Haiti.

A igreja estava celebrando o Dia de Ação de Graças e cada cristão foi convidado a trazer uma oferta de amor. O envelope de um haitiano chamado Edmund tinha US$ 13. Essa quantia correspondia a três meses de salário de um trabalhador de lá. Kelly ficou muito surpreso, pois aquela quantia em uma coleta dominical nos Estados Unidos equivaleria a uma doação em dinheiro de US$ 6 mil. Ele procurou por Edmund, mas não conseguiu vê-lo.

Mais tarde, Kelly o encontrou na vila e o questionou-o. Ele insistiu para que ele lhe desse uma explicação e descobriu que Edmund tinha vendido seu cavalo para dar US$ 13 a Deus. Mas por que ele não havia ido à celebração? Ele hesitou e não quis responder.

Finalmente, Edmund disse: "Eu não tinha camisa para vestir".[91]

A aposentadoria e os povos não alcançados

Dois fenômenos nos Estados Unidos estão emergindo juntos: um deles é o desafio de dar tudo o que temos, para fazer a nossa parte, a fim de terminar a tarefa das missões mundiais, e o outro é uma enorme quantidade de nascimentos entre a população que está alcançando os anos de maior renda e caminhando para a aposentadoria.[92] Como os cristãos desse grupo reagiriam ao típico sonho americano? Este é um sonho bíblico?

Ralph Winter pergunta: "Onde, na Bíblia, eles veem [aposentadoria]? Moisés aposentou-se? Paulo aposentou-se? Pedro? João? Os oficiais militares aposentam-se no meio de uma guerra?"[93] Mencionei, anteriormente, que Oswald Sanders levou seu ministério por todo o mundo até morrer, aos 90 anos de idade, e que escreveu um livro por ano, dos 70 aos 89 anos.

Por que a força de Simeon quadruplicou aos 60

Charles Simeon, pastor da *Trinity Church,* em Cambridge, há duzentos anos aprendeu uma lição muito penosa sobre a atitude de Deus em relação à sua "aposentadoria". Em 1807, após 25 anos de ministério na *Trinity Church,* sua saúde declinou. Ele ficou muito fraco e teve de se afastar por um tempo de sua atividade. Handley Moule relata a história fascinante do que Deus estava fazendo na vida de Simeon.

> A condição precária durou com variações por treze anos, até chegar aos 60 anos, então ela se foi repentinamente e sem qualquer causa física evidente. Ele estava em sua última visita à Escócia... em 1819, e viu-se diante de uma grande surpresa assim que atravessou a fronteira: "Uma renovação de suas forças quase tão perceptível como a que teve a mulher após ter tocado a orla da veste do Senhor". Ele não viu nesse reavivamento nenhum milagre, no sentido comum da palavra, mas uma nítida providência.
>
> Ele diz que prometera a si mesmo, antes de sentir-se debilitado, uma vida muito ativa até os 60 anos e, então, uma noite de sábado [aposentadoria!]; e que agora parecia ter ouvido seu Mestre dizendo: "Deixei-o de lado, porque você se entreteve cheio de satisfação com o pensamento de descansar do seu labor; mas agora que você chegou ao exato período em que prometeu a si mesmo essa satisfação e decidiu, em vez disso, dedicar sua força a mim até o seu último minuto de vida, decidi duplicar, triplicar e quadruplicar sua força, para que possa cumprir seu desejo de um modo mais amplo".[94]

Quantos cristãos lançam seus pensamentos em "uma noite de sábado" da vida – descansando, divertindo-se, viajando, *etc.* – o substituto do mundo para o céu, uma vez que eles não creem que haverá um além da sepultura. A ideia fixa é que devemos nos recompensar nesta vida pelos longos anos de trabalho. Descanso e alegria eternos após a morte são considerações irrelevantes. Que estranha recompensa para um cristão vislumbrar! Vinte anos de lazer (!), enquanto vive no meio dos últimos dias de consequência infinita para milhões de pessoas não alcançadas. Que forma trágica de terminar a última volta antes de entrar na presença do rei, que encerrou sua vida de modo tão diferente!

Por que não ser como Raymond Lull?

Raymond Lull nasceu em família ilustre de Palma, na ilha de Majorca, do grupo das Baleares, na Espanha, em 1235. Sua vida, na juventude, foi desregrada. Porém, isso tudo mudou como resultado de cinco visões que o levaram a uma vida de devoção a Cristo. Inicialmente, entrou na vida

monástica, mas, posteriormente, tornou-se missionário nos países muçulmanos ao Norte da África. Aprendeu o idioma árabe, o qual ensinava na Europa aos 79 anos.

> Seus alunos e amigos naturalmente desejavam que ele terminasse seus dias na tranquila busca de conhecimento e no conforto do companheirismo.
>
> Tal, entretanto, não foi o desejo de Lull. Sua ambição era morrer como missionário e não como professor de filosofia. Mesmo a sua favorita *Ars Major* teve de dar lugar para a *ars máxima,* expressa no próprio lema de Lull: "Aquele que vive pela vida não pode morrer"...
>
> Lemos nas considerações de Lull... "Os homens estão acostumados a morrer, ó Senhor, em idade avançada, na decadência do entusiasmo natural e no auge da inércia; mas, nesse caso, se a tua vontade fosse essa, teu servo não desejaria morrer; ele preferiria morrer na incandescência do amor, assim como tu fizeste ao morrer por ele."
>
> Os perigos e dificuldades que fizeram Lull recuar em sua viagem a Gênova, em 1291, apenas o impeliram em direção ao Norte da África mais uma vez, em 1314. Seu amor não havia esfriado, mas estava ainda mais aquecido "com a decadência do entusiasmo natural e a fraqueza da velhice". Ele ansiava não apenas pela coroa do mártir, mas também por ver mais uma vez seu pequeno rebanho de crentes [da África]. Animado por esses sentimentos, dirigiu-se para Bugia, em 14 de agosto, e trabalhou por quase um ano secretamente no meio de um pequeno círculo de convertidos, os quais, em suas visitas anteriores, havia conquistado para a fé cristã...
>
> Finalmente, exausto do isolamento e ansioso pelo martírio, apareceu em uma feira livre e apresentou-se às pessoas como o mesmo homem que elas tinham uma vez expulsado de sua cidade. Era Elias exibindo-se a uma multidão de Acabes! Lull pôs-se diante deles e os ameaçou com a ira divina, se persistissem em seus erros. Ele argumentou com amor, mas falou claramente toda a verdade. As consequências podem ser facilmente imaginadas. Cheia de fúria fanática ante a sua ousadia e incapaz de replicar seus argumentos, o populacho o agarrou e o arrastou para fora da cidade; lá, sob o comando, ou, pelo menos, com a conivência do rei, Lull foi apedrejado, em 30 de junho de 1315.[95]

Lull estava com 80 anos quando deu sua vida pelos muçulmanos do Norte da África. Como suspira a corça pelas correntes das águas – e suspira ainda mais quando o riacho se aproxima, seu aroma se torna mais agradável e a sede aumenta – assim suspira a alma do santo para ver Cristo e glorificá-lo em sua morte (cf. Jo 21.19). Está além da compreensão que os soldados da cruz estejam satisfeitos em retirar-se da batalha antes que a trombeta anuncie a vitória – ou um pouco antes de se apresentarem à cerimônia da coroação.

"Descontos aos idosos" para as viagens missionárias

Não estou dizendo que podemos fazer que profissões e negócios nos mantenham empregados além dos 65 ou 70 anos de idade. Estou dizendo que um capítulo inteiramente novo da vida se abre para muitas pessoas aos 65 anos. Se nos armarmos com o "pensamento" do Salvador sofredor e saturarmos nossa mente com os meios da supremacia de Deus, investiremos nosso tempo e energia nesse capítulo final de modo bem diferente do que se acatássemos nossa sugestão do sonho norte-americano. Milhões de pessoas "aposentadas" devem se envolver, em todos os níveis de intensidade, em centenas de atribuições pelo mundo. Planeje viajar! Pare em uma agência turística, beneficie-se dos descontos para idosos e dos "planos econômicos" e viaje para o local que a agência tiver disponível. Deixe que os povos não alcançados da terra colham os benefícios de toda uma vida de trabalho. "A tua recompensa... tu a receberás na ressurreição dos justos" (Lc 14.14).

"Você será devorado por canibais"

Um cristão idoso criticou certa vez o plano de John G. Paton de ir como missionário às Ilhas dos Mares do Sul com estas palavras: "Você será devorado por canibais!" Paton respondeu:

> Sr. Dickson, o senhor está avançado em anos agora, sua perspectiva é logo estar descansando em uma sepultura e ser comido por vermes; confesso ao senhor que, se eu puder viver e morrer servindo e honrando ao Senhor Jesus, não fará nenhuma diferença para mim ser devorado por canibais ou por vermes; e, no Grande Dia, meu corpo ressurreto se levantará tão formoso como o seu, à semelhança de nosso Redentor.[96]

Quando o mundo vir milhões de "aposentados" cristãos derramando as últimas gotas de suas vidas com alegria por amor dos povos não alcançados e com uma visão voltada para o céu, então a supremacia de Deus brilhará. Ela não brilhará tão fortemente nos luxuosos condomínios fechados ao redor das nossas cidades.

Não deixe a história de derradeira abnegação intervir

Desde o mais jovem ao mais idoso, Cristo está chamando sua igreja para um compromisso radical de luta nas missões mundiais. Ele está esclarecendo que isso não acontecerá sem dor. Por isso não deve haver nenhum cristão com pena de si mesmo ou com aquela história de derradeira abnegação. É simplesmente espantoso quão consistentes são os testemunhos de missionários que sofreram pelo evangelho. Virtualmente, todos eles têm testemunhado alegria abundante e as mais importantes compensações.

Aqueles que sofreram falam em termos mais generosos da bênção e da alegria supremas de entregar suas vidas em benefício de outros.

Lottie Moon disse: "Certamente não há alegria maior que salvar almas". Sherwood Eddy disse sobre Amy Carmichael: "Sua vida foi a mais fragrante e de sacrifício mais jubiloso de que já tive conhecimento". Samuel Zwemer, após cinquenta anos de trabalho (incluindo a perda de dois filhos pequenos), disse: "A pura alegria por tudo isso voltará. Alegremente, eu faria tudo de novo". E tanto Hudson Taylor como David Livingstone, após vidas de perdas e sofrimentos extraordinários, disseram: "Nunca nos sacrificamos".[97]

Dessa descoberta, aprendi que o caminho do amor é o caminho da renúncia pessoal da derradeira alegria. Desprezamos os prazeres fugazes do pecado, da luxúria e da introspecção, a fim de buscar o reino acima de todas as coisas. Assim fazendo, levamos o maior dos bens para outros, magnificando o valor de Cristo como um baú de tesouro de alegrias, e encontramos nossa maior satisfação.

Deus é mais glorificado em nós quando mais nos satisfazemos nele. E a supremacia dessa glória reluz mais avidamente quando a satisfação que temos nele permanece, apesar do sofrimento e dor na missão de amor.

SEGUNDA PARTE

RECONHECENDO QUE DEUS É SUPREMO NAS MISSÕES

NECESSIDADE E NATUREZA DA TAREFA

4

A supremacia de Cristo como foco da fé salvadora

A supremacia de Deus nas missões é afirmada biblicamente pela afirmação da supremacia de seu Filho, Jesus Cristo. É uma verdade surpreendente do Novo Testamento que, desde a encarnação do Filho de Deus, toda fé salvadora deve, dali por diante, se fixar nele. Isso nem sempre foi verdade, por isso aqueles tempos eram chamados "tempos da ignorância" (At 17.30). Mas agora é e Cristo tornou-se o centro consciente da missão da igreja. O objetivo das missões é levar "graça e apostolado *por amor do seu nome*, para a obediência por fé, entre todos os gentios" (Rm 1.5). Isso é mais uma coisa nova que ocorreu com a vinda de Cristo. A vontade de Deus é glorificar seu Filho, fazendo-o foco consciente de toda fé salvadora.

Fazendo a pergunta

A pergunta geral que fazemos neste capítulo é se a supremacia de Cristo significa que ele é o único caminho para a salvação. Entretanto, essa pergunta geral contém, na verdade, três perguntas que são cruciais para o trabalho missionário da igreja cristã. Elas surgem à medida que ouvimos pessoas diferentes respondendo a pergunta principal e qualificando-a.

Alguém experimentará tormento eterno consciente sob a ira de Deus?

Muitos afirmam, hoje, que Cristo é a única esperança do homem, porém negam que haverá uma punição eterna por não terem crido nele.[98] Alguns

diriam que todos serão salvos, quer tenham, em suas vidas, ouvido ou não a respeito de Cristo. Por exemplo, embora tenha morrido em 1905, o pregador e romancista George MacDonald continua tendo suas obras publicadas e lidas como nunca na América, estendendo a influência de sua tendência universalista. Ele faz do inferno um meio extenso de autorredenção e santificação. No inferno, a justiça de Deus irá, consequentemente, destruir todos os pecados de suas criaturas. Dessa maneira, Deus levará todos à glória.[99] Todos serão salvos. O inferno não é eterno.

Outros diriam que, mesmo que nem todos sejam salvos, não há, ainda, punição eterna e consciente, porque o fogo do julgamento aniquila aqueles que rejeitam Cristo. Assim, eles deixam de existir e não experimentam o castigo consciente. O inferno não é um lugar de castigo eterno, mas um evento de aniquilação. Essa é a direção que Clark Pinnock, John Stott, Edward Fudge e outros decidiram seguir.[100]

Por conseguinte, a pergunta que devemos fazer inclui esta: o castigo eterno está em jogo? Ou seja, alguém será eternamente cortado da presença de Cristo e provará o tormento eterno consciente sob a ira de Deus?

A obra de Cristo é necessária?

Outros negariam, hoje, que Cristo é a *única* esperança do homem. Eles podem crer que Cristo é a provisão que Deus deu para os *cristãos*, mas, para outras religiões, há outros modos de se reconciliar com Deus e ganhar o júbilo eterno. A obra de Cristo é útil para os cristãos, mas não é necessária para os não cristãos.

Por exemplo, o teólogo britânico John Hick argumenta que as diversas religiões são "iguais, embora cada uma delas tenha uma ênfase diferente". O Cristianismo não é superior e sim um parceiro na busca pela salvação. Não temos de procurar uma religião universal, mas sim vislumbrar o dia em que "o espírito ecumênico que transformou tão grandemente o Cristianismo afete crescentemente as relações entre as crenças do mundo".[101]

Isso significa que a pergunta que estamos fazendo deve incluir: a obra de Cristo é o meio *necessário* providenciado por Deus para a salvação eterna – não apenas para cristãos, mas para todas as pessoas?

É necessária a fé consciente em Cristo?

Alguns evangélicos dizem simplesmente que não sabem se a fé em Cristo é necessária.[102] Outros, sem negar a realidade do juízo eterno ou a necessidade da obra salvadora de Cristo, diriam "Sim, Cristo é a única esperança do homem, mas ele salva alguns daqueles que nunca ouviram falar dele por meio da fé que não tem Cristo como seu objetivo consciente".

Por exemplo, Millard Erickson representa alguns evangélicos[103] que argumentam que, assim como acontecia com os santos no Antigo Testamento, algumas pessoas não evangelizadas podem "receber hoje o benefício da morte de Cristo, sem o conhecimento/crença consciente no nome de Jesus".[104]

Portanto, devemos deixar bem claro o que estamos realmente perguntando: é necessário as pessoas *ouvirem falar de Cristo* para que sejam salvas eternamente? Isto é, pode uma pessoa hoje ser salva pela obra de Cristo, mesmo se ela não tiver oportunidade de ouvir sobre isso?

Consequentemente, quando perguntamos: "Jesus Cristo é a única esperança para a salvação do homem?", estamos, na realidade, fazendo três perguntas:

1. Alguém experimentará o *tormento eterno consciente* sob a ira de Deus?
2. A obra de Cristo é o meio *necessário* provido por Deus para a salvação eterna?
3. É necessário que as pessoas *ouçam* de Cristo, a fim de serem salvas eternamente?

Um nervo de urgência

As respostas bíblicas a essas três questões são cruciais porque, em cada caso, uma resposta negativa parece cortar um nervo de urgência na causa missionária. Evangélicos como Erickson não pretendem cortar esse nervo e sua visão não está na mesma categoria de Hick ou MacDonald. Eles insistem que a salvação de toda pessoa sem a pregação de Cristo é exceção, não regra, e que essa pregação de Cristo a todos é absolutamente importante.

Todavia, há uma diferença sentida na urgência quando se crê que ouvir o evangelho é a única esperança que se tem para escapar da penalidade do pecado e viver para sempre em felicidade para a glória da graça de Deus. Não me soa verdadeiro que William Crockett e James Sigountos argumentem que a existência de "cristãos implícitos" (salvos por meio da revelação geral sem ouvir falar de Cristo) realmente "deveria aumentar a motivação" para as missões. Eles dizem que esses convertidos não evangelizados estão "esperando ansiosamente para ouvir mais a respeito de [Deus]". Se os alcançarmos, "uma forte igreja surgiria para a vida, dando glória a Deus e evangelizando seus vizinhos pagãos".[105] Não posso fugir da impressão de que isso é uma tentativa fútil de fazer uma fraqueza parecer força. Pelo contrário, o senso comum força outra verdade sobre nós: quanto mais probabilidade houver de alguém salvar-se sem as missões, menos urgência haverá para elas.

Portanto, com essas três questões há muito em jogo. Entretanto, no final, na questão mais crucial não é nosso desejo sustentar a urgência da causa missionária, mas responder a pergunta: "O que as Escrituras ensinam?"

Meu alvo, aqui, é oferecer os dados bíblicos que, em meu julgamento, forçam uma resposta positiva a cada uma dessas três perguntas. Espero demonstrar que, no sentido pleno, Jesus Cristo é a única esperança para a salvação do homem. Para fazer isso, reuni em três grupos os textos que se relacionam mais diretamente com as três perguntas que expusemos. Algum comentário será feito ao longo das considerações.

Um inferno de tormento eterno consciente

> Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e *horror eterno*.
>
> Daniel 12.2

É verdade que o hebraico *'olam* nem sempre significa "eterno", mas, nesse contexto, assim parece porque ele indica uma divisão decisiva entre alegria e miséria após a morte e a ressurreição. Como a *vida* é eterna, assim a *vergonha e horror* são eternos.

> A sua pá, ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em *fogo inextinguível*.
>
> Mateus 3.12 (Lc 3.17)

Esta é a profecia de João Batista sobre o julgamento que Jesus traria no fim. Ele descreve uma separação decisiva. O termo "fogo inextinguivel" pressupõe um fogo que não se extinguirá e, portanto, uma punição que não cessará. Isso é confirmado em Marcos 9.43-48.

> E, se tua mão te faz tropeçar, corta-a; pois é melhor entrares maneta na vida do que, tendo as duas mãos, ires para o inferno, para o *fogo inextinguível* [onde não lhes morre o verme nem o fogo se apaga]. E, se teu pé te faz tropeçar, corta-o; é melhor entrares na vida aleijado do que, tendo os dois pés, seres lançado no inferno [onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga]. E, se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o; é melhor entrares no reino de Deus com um só dos teus olhos do que, tendo os dois seres lançado no inferno, *onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga*.
>
> Marcos 9.43-48

Aqui o "fogo inextinguível" é claramente o inferno e a última linha indica que a miséria é infindável para aqueles que irão para lá ("onde não lhes morre o verme"). Se o aniquilamento (o ensino de que alguns

simplesmente cessam de existir após a morte ou após um período limitado de punição consciente no inferno)[106] estivesse em vista, por que a ênfase incidiria sobre o fogo que nunca se apaga e o verme que nunca morre? John Stott luta para escapar disso, dizendo que o verme não morre nem o fogo se apaga "presumivelmente até a sua obra de destruição terminar".[107] Esta qualificação não está no texto. Pelo contrário, o foco sobre a duração eterna é confirmado em Mateus 18.8.

> Se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no *fogo eterno*.
>
> Mateus 18.8

Aqui, o fogo não é somente inextinguível, porém, mais explicitamente, "eterno". Que esse fogo não é meramente um fogo purificador da era vindoura (alguns usam *aionion* para tal significado) é mostrado nas subsequentes declarações de Jesus, especialmente aquela sobre o pecado imperdoável (Mt 12.31-32; Lc 12.10).

> Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo.
>
> Mateus 10.28 (Lc 12.4-5)

A "destruição" mencionada até aqui é decisiva e final, mas não tem de significar obliterar ou aniquilar. A palavra *apollymi* frequentemente quer dizer "arruinar", "perder", "perecer" ou "livrar-se de" (Mt 8.25; 9.17; 10.6; 12.14). Isso não implica aniquilamento. É ruína eterna. (Veja 2Ts 1.9)

> Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: "Apartai-vos de mim, malditos, para o *fogo eterno*, preparado para o diabo e seus anjos"... E irão estes para o *castigo eterno*, porém os justos, para a vida eterna.
>
> Mateus 25.41, 46

Aqui, o fogo eterno é explicitamente "punição" e seu oposto é a vida eterna. Dizer que a importância plena da "vida eterna" se refere somente a uma qualidade de vida sem conotações eternas não faz justiça ao texto.[108] Por isso, seria desviar-se da verdade dizer que "punição eterna" não tem referência a duração eterna. Como diz Leon Morris, "não é fácil ver o destino do ímpio como algo menos permanente que o do crente".[109]

Não somente isso, mas quando você compara esse texto com Apocalipse 20.10, a condição de tormento eterno consciente é fortalecida. Aqui em Mateus 25.41, os bodes são sentenciados ao "fogo eterno preparado *para o diabo e seus anjos*". Isso é precisamente o que está registrado em

Apocalipse 20.10, isto é, o destino final do diabo. A condição é claramente de tormento consciente (veja abaixo neste texto).

> O Filho do homem vai, como está escrito a seu respeito, mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do homem está sendo traído! *Melhor lhe fora não haver nascido!*
>
> Mateus 26.24

Se Judas fosse eventualmente destinado à glória (como no universalismo), ou destinado à extinção (como no aniquilamento), é difícil imaginar por que teria sido melhor para ele não ter nascido.[110] Em João 17.12, ele é chamado de "filho da perdição" – um termo que se relaciona à palavra "perecer", em Mateus 10.28.

> Aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre, visto que é réu de *pecado eterno*.
>
> Marcos 3.29

> Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á isso perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir.
>
> Mateus 12.32

Isso exclui a ideia de que, passado um tempo de sofrimento no inferno, os pecadores serão perdoados e admitidos no céu. Mateus diz que não haverá nenhum perdão na era que está por vir para o pecado imperdoável e Marcos o chama de pecado *eterno*, o que mostra que o termo "eterno" é certamente uma palavra de duração temporal e que não se refere apenas a um período limitado no tempo vindouro.

> E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós.
>
> Lucas 16.26

Essas são as palavras de Abraão no céu, falando ao homem rico no Hades. O ponto central é que não se pode escapar desse sofrimento. Não há volta.

> [Deus] retribuirá a cada um segundo o seu procedimento: Dará a *vida eterna* aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade; mas ira e indignação aos facciosos que desobedecem a verdade e obedecem a injustiça.
>
> Romanos 2.6-8

Este texto é significativo porque ira e indignação são a alternativa para "vida eterna". Isso parece implicar que a ira e a indignação serão experimentadas, em lugar da vida "eternamente" – para sempre.

> Estes sofrerão penalidade de *eterna destruição*, banidos da face do Senhor da glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram.
>
> 2Tessalonicenses 1.9-10.

A palavra para "destruição" (*olethros*) significa "ruína" (1Tm 6.9; 1Co 5.5). O cenário não é de obliteração, mas de uma ruína da vida humana fora da presença de Deus para sempre.

> Pondo de parte os princípios elementares da doutrina de Cristo, deixemo-nos levar para o que é perfeito, não lançando, de novo, a base do arrependimento de obras mortas e da fé em Deus, o ensino de batismos e da imposição de mãos, da ressurreição dos mortos e do *juízo eterno*.
>
> Hebreus 6.1-2

> Estes homens são como rochas submersas, em vossas festas de fraternidade... ondas bravias do mar, que espumam as suas próprias sujidades; estrelas errantes, para as quais tem sido guardada a negridão das trevas, *para sempre*.
>
> Judas 12-13

> A fumaça do seu tormento sobe *pelos séculos dos séculos*, e *não têm descanso algum*, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome.
>
> Apocalipse 14.11

Não há, no grego, uma expressão mais forte para eternidade que esta: "pelos séculos dos séculos" (*eis aionas aionon*).

> Segunda vez disseram: 'Aleluia!' E a sua fumaça sobe *pelos séculos dos séculos*.
>
> Apocalipse 19.3

> O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde já se encontram não só a besta como também o falso profeta; e serão atormentados *de dia e de noite, pelos séculos dos séculos*.
>
> Apocalipse 20.10

Novamente a mais forte das expressões é usada para duração eterna: "Pelos séculos dos séculos" (*eis tous aionas ton aionon*). John Stott novamente se esforça para escapar do intento claro dos tormentos eternos do lago de fogo. Ele diz que Apocalipse 20.10 se refere à besta e ao falso

profeta, que "não são pessoas individuais, mas símbolos do mundo em sua variada hostilidade a Deus. Nesse caso, eles não podem sofrer dor".[111]

Mas Stott deixa de mencionar Apocalipse 20.15, no qual é dito que "se o nome de *alguém* (não somente da besta e do falso profeta) não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo". De igual modo, Apocalipse 21.8 diz que são *pecadores individuais* aqueles cuja "parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte". E o que dura "para sempre e sempre", em Apocalipse 14.10, é precisamente o tormento das pessoas "com fogo e enxofre" – isto é, o tormento do "lago que arde com fogo e enxofre" (21.8). Em outras palavras, o "lago de fogo" está em vista não somente, como sugere Stott, quando a besta, o falso profeta, a morte e o Hades (20.13) forem lançados ali, mas também quando indivíduos incrédulos forem finalmente condenados (14.10-11; 20.15; 21.8) e isso mostra definitivamente que as pessoas incrédulas, individualmente, provarão o consciente tormento eterno.[112]

O inferno é uma realidade horrível. Falar disso com leviandade prova que não compreendemos seu horror. Não sei de alguém que tenha exagerado os terrores do inferno. Provavelmente não podemos exceder as hórridas imagens que Jesus usou. Tendemos a estremecer.

Por quê? Porque os horrores infinitos do inferno foram planejados por Deus para serem uma demonstração vívida do valor infinito da sua glória, a qual os pecadores têm subestimado. A admissão bíblica da justiça do inferno[113] é o testemunho mais claro da imensidão do pecado do fracasso de glorificar a Deus. Todos nós falhamos. Todas as nações falharam. Portanto, o peso da culpa infinita permanece sobre a cabeça de todos os humanos, por causa da nossa falha em nos deleitarmos em Deus mais do que em nossa própria autossuficiência.

A visão de Deus nas Escrituras é de um Deus majestoso e soberano que faz todas as coisas para magnificar a grandiosidade da sua glória para a satisfação eterna do seu povo. E a visão do homem nas Escrituras é que ele suprime essa verdade e encontra mais alegria em sua própria glória do que na de Deus.

Quando Clark Pinnock[114] e John Stott[115] repetem a objeção centenária de que a punição *eterna* é desproporcional à vida *finita* de pecado, eles desconsideram o ponto essencial que Jonathan Edwards viu tão claramente: os graus de culpabilidade não dependem de quanto tempo você ofende a dignidade, mas de quão elevada é a dignidade que você ofende.

> O crime de alguém que despreza e lança desonra sobre outro é, proporcionalmente, mais ou menos infame, dependendo de se aquele tinha maiores ou menores obrigações de obedecer a este. Consequentemente,

> se houver alguém a quem temos obrigação infinita de amar, honrar e obedecer, o contrário concernente a ele deve ser infinitamente censurável.
>
> Nossa obrigação de amar, honrar e obedecer a alguém é proporcional à sua amabilidade, honradez e autoridade... Mas Deus é um ser infinitamente amoroso, porque ele tem excelência e beleza infinitas...
>
> Portanto, o pecado contra Deus, sendo uma violação de obrigações infinitas, deve ser um crime infinitamente infame e, assim, merece punição infinita... A eternidade do castigo de homens incrédulos torna-a infinita... e, logo, faz que não seja mais do que proporcional à infâmia daquilo de que são culpados.[116]

Uma diferença fundamental entre Edwards e nossos oradores contemporâneos que abandonam a visão histórica bíblica de inferno é que ele era radicalmente comprometido a derivar *diretamente de Deus* suas opiniões sobre a justiça e o amor de Deus. Porém, cada vez mais, parece que os evangélicos contemporâneos estão se submetendo ao que "faz sentido" aos seus próprios sentimentos morais.[117] Isso não fortalecerá a igreja ou sua missão. O que é necessário é um compromisso radical com a supremacia de Deus em determinar o que é real e o que não é.

A necessidade da expiação de Cristo para a salvação

A segunda questão que devemos esclarecer como parte da nossa indagação é se a obra redentora de Cristo é necessária para a salvação de todo aquele que é salvo. Há pessoas que podem ser salvas de outra maneira a não ser pela eficácia da obra de Cristo? As outras religiões e as provisões que elas oferecem são suficientes para levar as pessoas à felicidade eterna com Deus?

Os seguintes textos bíblicos levam-nos a crer que a redenção de Cristo é necessária para a salvação de todo aquele que é salvo. Não há salvação fora daquela que Cristo conquistou com sua morte e ressurreição.

> Se pela ofensa de um, e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça, reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo. Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida. Porque, como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só muitos se tornarão justos.
>
> Romanos 5.17-19

O aspecto fundamental aqui é *a universalidade da obra de Cristo.* Ela não se limita meramente aos judeus. A obra de Cristo, o segundo Adão,

corresponde à obra do primeiro Adão. Assim como o pecado de Adão leva à condenação de toda a humanidade que se uniu a ele como seu cabeça, assim a obediência a Cristo conduz à justiça de toda a humanidade que está unida a ele como seu cabeça – "os que recebem a abundância da graça" (v. 17). A obra de Cristo na obediência da cruz é retratada como a resposta divina para a condição de toda a raça humana.

> Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque assim como em Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda.
>
> 1Coríntios 15.21-23

Nesse texto, a ressurreição de Cristo é a resposta à miséria humana universal, que é a morte. Adão é o cabeça da velha humanidade, marcada pela morte. Cristo é o cabeça da nova humanidade, marcada pela ressurreição. Os membros dessa nova humanidade são "os que são de Cristo" (v. 23).[118] Cristo não é uma divindade tribal relacionada meramente aos infortúnios de um grupo. Ele é oferecido como resposta de Deus ao problema universal da morte. Aqueles que alcançam a ressurreição dos mortos conseguem-na por meio de Cristo.

> Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem.
>
> 1Timóteo 2.5

A obra de Cristo corresponde ao seu papel como único Mediador no universo entre Deus e o homem.

> Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdote; e reinarão sobre a terra.
>
> Apocalipse 5.9-10

Todo o livro de Apocalipse retrata Cristo como Rei dos reis e Senhor dos senhores (17.14; 19.16) – o governador universal sobre todos os povos e poderes. Apocalipse 5.9 mostra que ele comprou para si um povo de todas as tribos e línguas do mundo. Sua redenção é o meio pelo qual homens e mulheres de todas as culturas tornam-se parte do seu reino. (Veja Jo 11.51-52)

> E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos.
>
> Atos 4.12

A obra de Cristo não é mencionada aqui explicitamente, mas a universalidade do seu nome como o único caminho para a salvação implica que tudo quanto ele fez para ganhar a salvação para o seu povo (a saber, derramar seu sangue, At 20.28) tem significação universal. Não há outros meios pelos quais uma pessoa em outra religião possa ser salva. Se alguém for salvo, será pelo nome de Cristo.

> Todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé.
> Romanos 3.23-25

Romanos 3.9-20 estabelece que todos os humanos – judeus e gentios – estão sob o poder do pecado e ficarão mudos perante o julgamento de Deus. Portanto, a morte de Cristo é apresentada como uma resposta a esse problema universal do pecado. Este não é um entre os muitos meios pelos quais Deus lida com o pecado. É a base do modo pelo qual Deus justifica qualquer pecador.

Em resposta à segunda questão, o Novo Testamento deixa claro que a obra redentora de Cristo não é exclusivamente para os judeus ou para qualquer nação, tribo ou língua. É o único meio de alguém andar retamente com Deus. O problema do pecado é universal, afastando as pessoas de Deus. A solução para esse problema é a morte redentora que o Filho de Deus ofertou de uma vez por todas. Este é o real fundamento das missões. Considerando que a obra de Cristo é a única base para a salvação,[119] ela deve ser anunciada a todas as nações, como afirma Lucas 24.46-47:

> Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém.

A necessidade de as pessoas ouvirem sobre Cristo para serem salvas

A questão que nos diz respeito aqui é se algumas (talvez apenas umas poucas) pessoas são avivadas pelo Espírito Santo e salvas pela graça mediante a fé em um Criador misericordioso, embora nunca tenham ouvido falar de Jesus nesta vida. Em outras palavras, há pessoas piedosas em outras religiões, as quais confiam humildemente na graça de Deus que conhecem por meio da natureza (Rm 1.19-21) e, assim, recebem a salvação eterna?[120]

Algo de imensa importância histórica aconteceu com a vinda do Filho de Deus ao mundo. Tão grande foi a importância desse evento que o foco da fé salvadora foi, daí em diante, colocado apenas em Jesus. Tão completamente

Jesus reúne toda a revelação de Deus e todas as esperanças do povo de Deus que, daí em diante, seria uma desonra para ele que a fé salvadora repouse sobre qualquer outro senão nele.[121]

Antes da sua vinda, um grande "mistério" foi mantido em segredo durante séculos. Com a revelação desse mistério, os "tempos da ignorância" acabaram e a chamada ao arrependimento soaria doravante com uma nova especificidade: Jesus Cristo foi designado o Juiz de todos os povos graças à sua ressurreição da morte. Todos os apelos por misericórdia e libertação devem, agora, vir por meio dele e somente dele. Retornemos agora aos textos que nos revelam amplamente essa verdade.

O "mistério de Cristo"

> Quando lerdes, podeis compreender o meu discernimento no *mistério de Cristo*, o qual, em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como, agora, foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito, a saber, que os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus *por meio do evangelho*.
>
> Do qual fui constituído ministro conforme o dom da graça de Deus, a mim concedida, segundo a força operando do seu poder. A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo e manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos oculto em Deus, que criou todas as coisas, para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados nos lugares celestiais.
>
> Efésios 3.4-10

Havia uma verdade que não foi plena e claramente revelada antes da vinda de Cristo. Essa verdade, agora revelada, é chamada de "mistério de Cristo". É a verdade pela qual *pessoas de todas as nações do mundo seriam plenos e completos participantes com o povo escolhido de Deus* (Ef 3.6). Chama-se "mistério de Cristo" porque se realizou "por meio do evangelho" (3.6) que é sobre ele.

Portanto, o evangelho não é a revelação de que as nações já pertencem a Deus. O evangelho é o instrumento para levar as nações à igualdade de condições para a salvação. O mistério de Cristo (atraindo as nações à herança de Abraão) está acontecendo por meio da pregação do evangelho. Paulo vê sua própria vocação apostólica como o meio usado graciosamente por Deus para declarar as riquezas do Messias para as nações (3.8).

Assim, uma mudança colossal ocorreu na história da salvação. Antes da vinda de Cristo, uma verdade não tinha sido revelada plenamente – isto é,

a de que as nações podem entrar, com igualdade de posição, na família de Deus. O tempo não havia chegado para essa revelação porque Cristo não tinha sido revelado do céu. A glória e honra da união de todas as pessoas estavam sendo reservadas para ele em sua obra de salvação. Era apropriado, pois, que as nações se congregassem somente por meio da pregação da mensagem de Cristo, cuja cruz é a paz que cria a igreja no mundo inteiro (Ef 2.11-21).

Em outras palavras, há uma profunda razão teológica pela qual a salvação não se havia ainda difundido entre as nações antes da encarnação do Filho de Deus. A razão é que não estava claro que as nações deviam se reunir para a glória de Cristo. Deus quer que seu Filho seja o centro da adoração à medida que as nações recebem a palavra de reconciliação. Por esse motivo, também, como veremos, a pregação de Cristo é o meio indicado por Deus para a reunião das nações.

> (25a) Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar (25b) segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, (25c) conforme a revelação do mistério guardado em silêncio nos tempos eternos, (26a) e que, agora, se tornou manifesto (26b) e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas, (26c) segundo o mandamento do Deus eterno, (26d) para a obediência por fé, (26e) entre todas as nações, (27) ao Deus único e sábio seja dada glória, por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos. Amém!
>
> Romanos 16.25-27

Esse texto é muito complexo. Mas, se examinarmos com paciência suas partes e observarmos como se relacionam entre si, o significado crucial para as missões emerge.

Os versículos formam uma doxologia: "Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar..." Porém, Paulo fica tão envolvido com Deus que só retoma a continuação das palavras da doxologia no versículo 27: "ao Deus único e sábio seja dada glória, por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos. Amém!"

Espremida entre as duas partes da doxologia, há uma afirmação compacta sobre o significado do evangelho de Paulo em relação aos propósitos eternos de Deus. O pensamento evolui do seguinte modo: a força pela qual Paulo ora virá aos romanos (25a) de acordo com o seu evangelho e a pregação de Cristo (25b). Isso quer dizer que o poder de Deus é revelado no evangelho que Paulo prega e sua oração é para que esse mesmo poder os fortaleça.

Então ele diz que esse evangelho é pregado de acordo com a revelação de um mistério mantido em segredo por séculos e agora revelado (25c, 26a).

Em outras palavras, o que Paulo prega não está fora de sincronia com os propósitos de Deus. A pregação "se harmoniza" com tais propósitos. Ela expressa e se conforma a eles. Sua pregação é parte do plano de Deus que está sendo revelado agora na História.

Como ele está sendo revelado? Ele está sendo desvendado por meio dos escritos proféticos (26c). Isso significa que o mistério não estava *totalmente* encoberto nos tempos passados. Havia indicadores nos textos proféticos. Tanto assim que, agora, esses escritos do Antigo Testamento são usados para fazer conhecido o mistério (veja, por exemplo, como Paulo faz isso em Romanos 15.9-13).

O que é, então, o mistério? O versículo 26c-26e diz que esse mistério será conhecido segundo "o mandamento do Deus eterno para a obediência por fé entre todas as nações". O modo mais natural de interpretar isso é dizer que o mistério é o propósito de Deus para ordenar todas as nações a obedecerem a ele pela fé.

Mas o que faz disso um mistério é que a ordem às nações para a obediência pela fé é especificamente uma ordem para terem fé em Jesus, o Messias de Israel, e, assim, tornarem-se parte do povo de Deus e herdeiros de Abraão (Ef 2.19-3.6). Em Romanos 1.5, Paulo relata seu chamado para as nações com estas palavras: "Viemos a receber graça e apostolado por amor do seu nome [de Cristo], para a obediência por fé, entre todos os gentios". Aqui ele deixa claro que o termo "obediência por fé", em Romanos 16.26d, é um chamado por amor do nome de Cristo. É, consequentemente, um chamado para reconhecimento, confiança e obediência a Cristo. Esse é o mistério escondido por séculos – que todas as nações seriam conduzidas a confiar no Messias de Israel e seriam salvas por meio dele.

A palavra "agora", em 26a, é fundamental. Ela se refere à plenitude do tempo na história redentora, quando Deus pôs Cristo à frente no palco da História. De "agora" em diante, as coisas são diferentes. Chegou o tempo de o mistério ser revelado, de ordenar a todas as nações que obedeçam a Deus pela fé em Jesus, o Messias.

Deus está, "agora", fazendo uma coisa nova. Com a vinda de Cristo, Deus não mais permitirá "que todos os povos [andem] nos seus próprios caminhos" (At 14.16, veja mais adiante). Chegou o tempo para que todas as nações sejam chamadas ao arrependimento e para que o mistério seja completamente revelado: por intermédio da fé em Cristo, as nações "são co-herdeir[as], membros do mesmo corpo e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus *por meio do evangelho*" (Ef 3.6). Não sem o evangelho! Mas *por meio* do evangelho. Isso ficará cada vez mais evidente e fundamental à medida que prosseguirmos.

"Os tempos da ignorância"

> Não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos.
>
> Atos 17.30-31

Esse texto é do sermão de Paulo aos gregos no Areópago, em Atenas. Ele havia notado um "altar dedicado a um deus desconhecido". Então disse: "... esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio" (17.23). Em outras palavras, apenas no caso de haver outro deus no universo a quem eles não conhecessem, eles erigiram um altar, esperando que esse ato de respeito a esse "deus desconhecido" fosse aceitável a essa divindade. Por isso, Paulo disse: "Esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que vos anuncio" (17.23).

Seria ir longe demais dizer que Paulo quer dizer que o verdadeiro apreço pelo verdadeiro Deus foi representado na construção daquele altar. Não se pode ter apreço verdadeiro por aquele de quem nada se sabe. A adoração ao "deus desconhecido" era simplesmente uma admissão politeísta de que podia haver outra divindade, desconhecida por eles, cujo favor, se ela existisse, eles gostariam de ter. Essa adoração "ignorante" é uma das coisas que fazem das gerações passadas "tempos de ignorância" (v. 30). Veremos que, mesmo quando há algum conhecimento do Deus verdadeiro (como no caso de Cornélio), adorar ao Deus verdadeiro "ignorantemente" *não* é um ato de salvação.

Os "tempos de ignorância" no sermão de Paulo correspondem às épocas em que o "mistério de Cristo" foi mantido secreto (Rm 16.25; Cl 1.26; Ef 3.5). Esses são os tempos nos quais, de acordo com Atos 14.16, Deus "permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos". Ou, como diz Atos 17.30, os tempos que Deus "não levou em conta".

O fato de Deus *não ter levado em conta* os "tempos da ignorância" não significa que ele ignorou os pecados e deixou de punir os pecadores. Isso contrariaria Romanos 1.18 ("a ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens") e Romanos 2.12 ("todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão"). Em vez disso, o fato de Deus não levar em conta os "tempos da ignorância" refere-se à sua decisão de dar aos homens liberdade de seguir seus próprios caminhos. Essa atitude é sua decisão soberana de adiar a busca total de seu arrependimento por meio da missão de seu povo. "A razão pela qual os homens se extraviaram da verdade por tanto tempo é que Deus não estendeu sua mão do céu para guiá-los de volta

ao seu caminho... A ignorância esteve no mundo pelo tempo que ele decidiu não ter conhecimento dela."[122]

Isso não significa que, no Antigo Testamento, não houvesse mandamentos e instruções para Israel dar testemunho às nações da graça de Deus e convidá-las a participar dela (por exemplo, Sl 67; Gn 12.2-3). Significa, em vez disso, que, por gerações, Deus não interveio para purificar, capacitar e comissionar seu povo, com a encarnação, a crucificação, a Grande Comissão e o derramamento do poder do Espírito para enchê-lo. Em vez disso, por seus sábios propósitos, "permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos" – e permitiu que sua própria nação tivesse grandes falhas em reverência, santidade e amor para que outras nações enxergassem a necessidade completa de um Redentor da corrupção do pecado e da maldição da lei e das limitações da antiga aliança para a evangelização do mundo.

Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos. Mesmo hoje vivemos em um tempo semelhante de "endurecimento" – só que agora as posições estão invertidas e é Israel que é ignorado por um tempo.

> Não quero, irmãos [gentios], que ignoreis este mistério, para que não sejais presumidos em vós mesmos, que veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios. E, assim, todo o Israel será salvo.
>
> Romanos 11.25-26

Houve um tempo em que os gentios foram ignorados enquanto Deus lidava com Israel e, agora, está havendo um período em que Israel está sendo amplamente ignorado, enquanto Deus congrega um grande número de seus eleitos dentre as nações. Em caso algum o povo de Deus deve negligenciar sua missão salvadora em relação aos judeus e gentios "para ver se de algum modo [pode]... salvar alguns deles" (Rm 11.14; 1Co 9.22). Porém, Deus tem seus propósitos soberanos em determinar quem realmente ouve e crê no evangelho. E podemos estar certos de que esses propósitos são sábios e santos e trarão para o seu nome a maior glória.

Em 1Coríntios 1.21, temos um vislumbre dessa sabedoria divina:

> Visto como, *na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria*, aprouve a Deus salvar aos que creem, pela loucura da pregação.

Ele diz que foi a sabedoria de Deus que determinou que os homens não o conhecessem por sua sabedoria. Em outras palavras, este texto é um exemplo e uma ilustração de como Deus não levou em conta (isto é, deu apenas uma olhada por cima) os tempos de ignorância e permitiu aos homens seguirem seus próprios caminhos.

Por quê? Para deixar bem claro que os homens, por sua própria vontade, por sua própria sabedoria (religião!) nunca conheceriam a Deus verdadeiramente. Uma obra extraordinária de Deus seria necessária para levar as pessoas ao verdadeiro e salvador conhecimento de Deus, a saber, a pregação de Cristo crucificado: "Aprouve a Deus salvar aos que creem, pela loucura da pregação". Isso foi o que Paulo quis dizer em Efésios 3.6, quando afirmou que o mistério de Cristo é que as nações se tornem participantes da promessa "*pelo evangelho*". Assim, 1Coríntios 1.21 e Efésios 3.6 apresentam ideias paralelas e totalmente cruciais para que seja visto que neste "agora" da história redentora, conhecer o evangelho é o único meio de se tornar um herdeiro da promessa.

Toda jactância é excluída quando Deus mostra que a própria sabedoria humana em todas as nações – as religiões que criou – não leva o ser humano até ele. Em vez disso, Deus salva, agora, por meio da pregação, que é "Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus" (1Co 1.23-24). Dessa maneira, toda jactância é excluída. Porque, entregue a si mesmo, o homem não chega a Deus.

Em seu livro inspirador *A Vision for Missions*, Tom Wells conta a história de como William Carey ilustra essa convicção em sua própria pregação. Carey era um missionário batista inglês, que foi para a Índia em 1793. Ele nunca voltou ao seu lar, mas perseverou por quarenta anos no ministério evangélico.

Certa vez, em 1797, ele estava conversando com um brâmane. O brâmane estava defendendo a adoração de ídolos e Carey citou Atos 14.16 e 17.30. Antigamente, Deus "permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos", disse Carey, "agora, porém, notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam". "De fato", disse o nativo, "acho que Deus deve arrepender-se por não enviar-nos o Evangelho mais cedo". Carey não ficou sem resposta. Ele disse:

> Suponha que um reino tenha sido dominado, por muito tempo, pelos inimigos do seu verdadeiro rei e ele, embora possuísse poder suficiente para conquistá-los, suportou que prevalecessem e se estabelecessem da forma que desejassem. Não teria sido a coragem e a sabedoria daquele rei mais evidente se ele os tivesse exterminado do que se tivesse resistido a eles no começo, impedindo-os de invadir o país? Assim, pela difusão da luz do Evangelho, a sabedoria, poder e graça de Deus serão mais evidentes ao dominar tais idolatrias enraizadas e ao destruir todas as trevas e vícios que prevaleceram universalmente neste país do que se eles não tivessem sofrido por andarem em seus próprios caminhos durante tantos anos no passado.[123]

A resposta de Carey sobre o motivo pelo qual Deus permitiu que os povos seguissem seus próprios caminhos é que, assim fazendo, sua vitória final seria mais gloriosa. Há uma sabedoria divina no tempo de Deus para os livramentos das trevas. Devemos nos humilhar para ver isso em vez de presumir que conhecemos um modo melhor de como Deus deveria lidar com um mundo rebelde.

Em Atos 17.30, como Paulo avaliou a adoração ignorante daquele deus desconhecido (17.23)? Ele diz que chegou o tempo para o arrependimento em vista do julgamento iminente do mundo por Jesus Cristo ("Porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou", At 17.31). Em outras palavras, Paulo não revela aos adoradores de Atenas que eles já estão preparados para encontrar seu Juiz por praticarem um tipo de adoração ao verdadeiro Deus, por meio do seu altar ao deus desconhecido (17.23). Eles não estão prontos. Eles devem se arrepender.

Jesus disse, em Lucas 24.47, que, a partir da ressurreição, "*em seu nome* se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações". O que deve ser pregado é que, por meio da confissão do nome de Jesus, os pecados podem ser perdoados. Isso não foi conhecido antes porque Jesus ainda não estava aqui. Mas, agora, os tempos da ignorância estão findos. Jesus trouxe os propósitos de Deus ao cumprimento. "Quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim" (2Co 1.20). Diante do seu trono, todo joelho se dobrará (Fp 2.10). Portanto, daí por diante, ele é o foco da fé salvadora. Ele está, agora, amplamente instalado e declarado como Juiz e somente ele pode receber os apelos para absolvição.

O que, pois, estamos dizendo até agora? Estamos dizendo que a vinda de Jesus Cristo a este mundo é um acontecimento de proporções tão extraordinárias que provocou uma mudança no foco necessário da fé salvadora. Antes da sua vinda, a fé salvadora baseava-se na misericórdia perdoadora e auxiliadora de Deus, demonstrada em acontecimentos como o êxodo, nas oferendas sacrificiais e nas promessas proféticas, como em Isaías 53. Jesus não era conhecido. O mistério de que as nações seriam plenamente incluídas por meio da pregação do *seu nome* foi mantido em segredo durante séculos. Aqueles foram os tempos da ignorância. Deus permitiu que os povos andassem em seus próprios caminhos.

Porém "agora" – uma palavra-chave na mudança na obra histórica da redenção de Deus – algo novo aconteceu. O Filho de Deus apareceu. Ele revelou o Pai, expiou os pecados e levantou-se da morte. Sua autoridade como Juiz universal está mantida. E a mensagem de sua obra salvadora deve ser apregoada a todos os povos. Essa mudança na história redentora é para a glória de Jesus Cristo. O alvo é colocá-lo no centro de toda a obra

salvadora de Deus. E, portanto, de acordo com esse propósito, daí por diante, Cristo é o único e necessário foco da fé salvadora. Sem conhecimento dele, ninguém que tenha a capacidade física de conhecê-lo será salvo.[124]

Essa virada tremendamente importante na história redentora dos "tempos de ignorância" e da ocultação do "mistério de Cristo" não é levada suficientemente a sério por aqueles que dizem que as pessoas podem ser salvas *hoje* sem conhecer a Cristo, porque pessoas que não conheceram a Cristo foram salvas *no Antigo Testamento*. Por exemplo, Millard Erickson raciocina dessa maneira, porém não reconhece com suficiente seriedade a extraordinária importância que o Novo Testamento vê no momento histórico decisivo da encarnação, que encerra os "tempos de ignorância" e manifesta o "mistério de Cristo".

> Se os judeus possuíram a salvação na época do Antigo Testamento simplesmente em virtude de terem a forma do evangelho de Cristo sem seu conteúdo, poderia esse princípio ser estendido? Poderia acontecer de aqueles que, desde o tempo de Cristo, não tiveram oportunidade de ouvir o evangelho, como se vê por meio da revelação especial, participarem dessa salvação sobre o mesmo fundamento?[125]

Esse seria um argumento válido, talvez, se o Novo Testamento não tivesse ensinado que a vinda de Cristo foi uma mudança decisiva na história redentora e que, dali por diante, ele seria o foco de toda a fé salvadora.

Mas essa conclusão é amparada por outros ensinamentos do Novo Testamento? E quanto ao caso de Cornélio? Não se tratava de um gentio que viveu após a ressurreição de Cristo e foi salvo por meio da sua genuína piedade, sem focalizar sua fé em Cristo?

O caso de Cornélio, Atos 10.1–11.18

A história de Cornélio, o centurião romano gentio, poderia levar alguns a crer que um homem pode ser salvo hoje sem conhecimento do evangelho e apenas por temor a Deus e por fazer o bem.

Cornélio é descrito como um homem "piedoso e temente a Deus com toda a sua casa, e que fazia muitas esmolas ao povo e de contínuo orava a Deus" (10.2). Em certa ocasião, um anjo lhe disse: "Cornélio, a tua oração foi ouvida, e as tuas esmolas lembradas na presença de Deus. Manda, pois, alguém a Jope a chamar Simão, por sobrenome Pedro" (10.31-32).

Enquanto isso, o apóstolo Pedro teve uma visão do Senhor que objetivava ensiná-lo que a impureza cerimonial dos gentios não é um obstáculo à sua aceitação por Deus. Uma voz disse a Pedro: "Ao que Deus purificou não consideres comum" (10.15).

Quando Pedro encontra Cornélio, diz: "Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável" (10.34-35). Esta é a sentença que pode levar alguns a pensar que Cornélio já estava salvo do seu pecado, mesmo antes de ouvir e crer no evangelho. Porém, na realidade, o propósito de Lucas em contar esta história parece ser justamente o oposto.

Será útil fazer duas perguntas que são realmente importantes nessa história. Uma é a seguinte: Cornélio já estava salvo antes de Pedro anunciar Cristo a ele? A razão pela qual essa pergunta é tão urgente é que os versículos 34 e 35 induziram muitos a dizer que sim. Os versos estão no início do sermão de Pedro: "Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável."

Você pode ver como os leitores facilmente concluiriam que Cornélio já havia sido aceito por Deus, uma vez que o versículo 2 afirma que ele, de fato, temia a Deus, orava e dava esmolas. Então Pedro apenas informa a Cornélio sobre a aceitação e salvação que ele já possuía? E podemos concluir com referência às missões que há pessoas não alcançadas que já possuem um relacionamento de salvação com Deus antes de terem ouvido o evangelho de Cristo?

Portanto, minhas primeiras perguntas são estas: o versículo 35 indica que Cornélio e as pessoas como ele já estão justificados e reconciliados com Deus e salvos da ira? E é isso o que Pedro está dizendo e foi isso que Lucas quis mostrar ao fazer esse relato?

Cornélio já era salvo?

Permita-me dar-lhe quatro razões do texto para responder NÃO.

1. Atos 11.14 diz que a mensagem trazida por Pedro foi o meio pelo qual Cornélio foi salvo. Em Atos 11.13-14, Pedro relata a história da aparição do anjo a Cornélio: "E ele nos contou como vira o anjo em pé em sua casa e que lhe dissera: 'Envia a Jope e manda chamar Simão, por sobrenome Pedro, o qual te *dirá palavras mediante as quais serás salvo*, tu e toda a tua casa'".

Atente para duas coisas. Primeira, observe que a mensagem em si é essencial. O evangelho é o poder de Deus para a salvação. Note, então, que o tempo verbal está no futuro: "... palavras mediante as quais *serás* salvo...". Se ele mandar chamar Pedro, ouvir a mensagem e crer no Cristo apresentado nessa mensagem, ele *será* salvo. Se não for assim, ele não será salvo. Seguramente é por isso que toda a história é elaborada em torno do ato miraculoso de Deus em reunir Cornélio e Pedro (10.22,33).

Assim, Atos 10.35 provavelmente não indica que Cornélio já está salvo quando diz que as pessoas em grupos étnicos não alcançados que temem a Deus e fazem o que é certo são aceitas por ele. Cornélio tinha de ouvir a mensagem do evangelho para ser salvo.

2. Pedro chega a esse ponto no fim de seu sermão em 10.43. Ele apresenta o fechamento da mensagem com estas palavras: "Dele [isto é, Cristo] todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, *todo aquele que nele crê recebe remissão de pecados*". O perdão dos pecados é essencial para a salvação. Ninguém, cujos pecados contra Deus não sejam perdoados por ele, é salvo. E Pedro diz que o perdão vem pela crença em Cristo e a fé em Cristo vem por meio do seu nome.

Ele não afirma: "Estou aqui para anunciar-lhes que aqueles dentre vocês que temem a Deus e agem retamente já estão perdoados". Ele diz: "Estou aqui para que possam ouvir o evangelho e receber perdão em nome de Cristo por meio da fé nele". Portanto, novamente, é improvável que o versículo 35 signifique que Cornélio e sua família já estavam perdoados dos seus pecados antes de ouvirem a mensagem de Cristo.

3. Em qualquer outra parte do livro de Atos, mesmo aqueles que são os mais éticos e tementes a Deus, a saber, os judeus, são instruídos a se arrependerem e crerem, a fim de serem salvos. Os judeus, no Pentecostes, foram chamados de "homens piedosos" (2.5), assim como Cornélio foi chamado de homem piedoso (em 10.2). Mas Pedro encerrou sua mensagem em Atos 2, chamando mesmo os judeus piedosos a se arrependerem e serem batizados em nome de Jesus para o perdão de seus pecados (2.38). O mesmo ocorre em Atos 3.19 e 13.38-39.

Portanto, Lucas não está tentando nos dizer nesse livro que pessoas piedosas, tementes a Deus e que praticam o que é justo, da melhor maneira que podem, já estão salvas e não têm qualquer necessidade do evangelho. O evangelho teve seu início entre as pessoas mais piedosas do mundo, isto é, os judeus. Eles tinham mais vantagens no conhecimento de Deus que quaisquer outras pessoas da terra. Não obstante, foram informados repetidamente: a piedade, as obras de justiça e a sinceridade religiosa não resolvem o problema do pecado. A única esperança é crer em Jesus.

4. A quarta razão para afirmar que o versículo 35 não quer dizer que Cornélio e outros como ele já estão salvos é encontrada em Atos 11.18. Quando as pessoas ouviram Pedro contar a história de Cornélio, suas dúvidas iniciais foram silenciadas. Lucas relata: "... e glorificaram a Deus, dizendo: Logo, também aos gentios foi por Deus concedido o *arrependimento para vida*". Em outras palavras, eles ainda não tinham a vida eterna. O arrependimento *conduz* à vida eterna (literalmente, é "para a vida eterna").

Eles receberam a vida eterna quando ouviram a mensagem sobre Cristo e passaram a crer nele e a segui-lo.

Assim, concluo que Atos 10.35 não garante que Cornélio já estava salvo porque era, em algum sentido, temente a Deus e fazia muitas coisas corretas e nobres. Essa é a resposta à minha primeira pergunta.

Como Cornélio foi "aceitável" a Deus?

As próximas perguntas são simplesmente estas: qual é o significado destas palavras de Pedro: "Em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável" (10.35)? Como isso se relaciona com o nosso compromisso para a evangelização mundial?

Ao tentar responder essas perguntas, meu primeiro pensamento foi que aquilo que Pedro quis dizer no versículo 35 foi o mesmo que Deus quis dizer na visão sobre os animais impuros, ou seja, a lição do versículo 15: "Ao que Deus purificou não consideres comum". Mas algo me fez parar e pensar novamente.

Considere o versículo 28. Pedro está explicando aos gentios por que ele estava propenso a ir e diz: "Vós bem sabeis que é proibido a um judeu ajuntar-se ou mesmo aproximar-se a alguém de outra raça; mas Deus me demonstrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo". Isso significa que os cristãos jamais devem desprezar uma pessoa de qualquer raça ou grupo étnico e dizer: eles são inadequados para que eu lhes fale sobre o evangelho. Ou: eles são muito impuros para que eu vá à sua casa anunciar o evangelho. Ou: eles não merecem ser evangelizados. Ou: eles têm muitos hábitos ofensivos até mesmo para nos aproximarmos deles.

Porém, as palavras que tornam o versículo 28 tão poderoso são "qualquer homem" ou "qualquer um": "Deus me demonstrou *que a nenhum ser humano considerasse* comum ou imundo". Em outras palavras, Pedro aprendeu com sua visão sobre o telhado da casa em Jope que Deus não exclui ninguém de sua benignidade baseado em raça, origem étnica, meras distinções culturais ou físicas. "Comum e imundo" significam rejeição, desprezo, tabu. Era como a lepra.

A observação de Pedro aqui, no versículo 28, é que não há ser humano algum sobre a face da terra que devamos considerar dessa maneira. Nenhum. Esse é o ponto surpreendente desse versículo. Nossos corações devem abrir-se a todas as pessoas independentemente da cor da pele, da origem étnica, dos traços físicos ou das diferenças culturais. Não devemos excluir ninguém. "Deus me demonstrou que a nenhum homem – ninguém – considerasse comum ou imundo."

Ora, *não* é isso o que Pedro expressa no versículo 35. Isso é o que me impede de considerar que o versículo 35 queira simplesmente dizer que todas

as pessoas são aceitas como candidatas à salvação, não importando a herança étnica. No versículo 35, Pedro diz: "... *em* qualquer nação (atente para essas palavras!), aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável". Aqui ele não está falando sobre todas as pessoas como no versículo 28. Aqui ele está falando sobre algumas *em* qualquer nação. "... *Em* qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável." A aceitação que Pedro tem em mente, aqui, ao que parece, é algo mais do que meramente não ser comum ou imundo. Isso é para todos. Pedro disse: "A *nenhum* considerasse comum ou imundo". Aqui ele afirma que somente alguns em *qualquer* nação temem a Deus e fazem o que é justo e essas pessoas é que são aceitáveis a Deus.

Agora sabemos duas coisas que o verso 35 não diz. (1) Ele não indica que essas pessoas generosas e tementes a Deus são salvas. Vimos quatro razões para isso. (2) Não quer dizer meramente que eles são candidatos aceitáveis à evangelização (não comum ou imundo, nem tabu), porque o versículo 28 já garantiu que isso é verdadeiro para todos, não apenas para alguns. Mas o versículo 35 diz que somente alguns são tementes a Deus, fazendo o que é justo e, assim, aceitáveis. Portanto, o significado provavelmente está em algum ponto entre estas duas afirmações: entre ser salvo e ser um candidato alcançado e cheio de amor para a evangelização.

Minha sugestão é que Cornélio representa uma espécie de pessoa não salva em um grupo de pessoas não alcançadas que estão buscando a Deus de um modo extraordinário. E Pedro está dizendo que Deus *aceita* essa procura como genuína (daí "aceitável" no versículo 35) e opera maravilhas para levar essa pessoa ao evangelho de Jesus Cristo como fez por meio das visões tanto de Pedro no telhado como de Cornélio na hora da oração.

Um Cornélio moderno

Hoje essa "busca extraordinária" ainda acontece. Don Richardson, em seu livro *Eternity in Their Hearts*, fala de uma conversão semelhante à de Cornélio. O povo gedeo do Centro-Sul da Etiópia era uma tribo de meio milhão de plantadores de café, que acreditavam em um ser benevolente chamado *Magano*, o criador onipotente de tudo o que existe. Poucas pessoas de Gedeo oravam para Magano, preocupando-se, antes, em apaziguar um ser mau que eles chamavam de *Sheit'an*. Mas um homem gedeo, Warrasa Wanga, da cidade de Dilla, na fronteira das terras tribais dos gedeos, orava a Magano para que ele se revelasse ao povo gedeo.

Então Warrasa Wanga teve uma visão: dois estrangeiros de pele branca vieram e montaram para si abrigos de material pouco resistente embaixo da sombra de um plátano perto de Dilla. Depois de um tempo, eles construíram

estruturas mais fortes de telhado reluzente e, finalmente, encheram toda a encosta. Warrasa jamais tinha visto algo semelhante àquelas estruturas, uma vez que todas as moradias do povo gedeo eram cobertas com sapé. Então Warrasa ouviu uma voz dizer: "Estes homens vão trazer a você uma mensagem de Magano, o Deus que você procura. Espere por eles". Na última cena da sua visão, Warrasa viu a si mesmo removendo a estaca principal de sua própria casa, deslocando-a para fora da cidade e fixando-a no terreno próximo de uma das moradias de telhado reluzente daqueles homens. No simbolismo gedeo, a estaca principal da casa de um homem representa sua própria vida.

Oito anos depois, em dezembro de 1948, dois missionários canadenses, Albert Brant e Glen Cain, chegaram à Etiópia para iniciar um trabalho entre o povo gedeo. Eles pretendiam pedir permissão aos oficiais etíopes para instalar sua missão no centro da região desse povo, mas foram avisados por outros etíopes que seu requerimento seria rejeitado devido ao atual clima político. Os conselheiros os orientaram a obter permissão para ir somente até Dilla, no limite de fronteira das terras tribais dos gedeos. A permissão foi concedida e, quando alcançaram Dilla, os missionários montaram suas tendas embaixo de um velho plátano.

Trinta anos mais tarde, havia mais de duzentas igrejas entre o povo gedeo, cada uma delas com uma média de duzentos membros.[126] Quase toda a tribo gedeo foi alcançada pelo evangelho. Warrasa foi um dos primeiros convertidos e o primeiro a ser preso por sua fé.[127]

O temor que é aceitável a Deus

A evidência principal de que Lucas está falando sobre esse tipo de pessoa "aceitável" não salva, que busca o verdadeiro Deus e seus mensageiros, encontra-se no versículo 31, em que Cornélio diz que o anjo que disse: "Cornélio, *a tua oração foi ouvida*, e as tuas esmolas, lembradas na presença de Deus. Manda, *pois*, alguém a Jope a chamar Simão, por sobrenome Pedro". Observe: "... a tua oração foi ouvida... Manda, *pois*, alguém... a chamar... Pedro". Isso implica que as orações foram para Deus enviar-lhe aquilo de que ele necessitava para ser salvo.

Portanto, o temor a Deus que é aceitável, no versículo 35, é uma noção verdadeira de que há um Deus santo, que temos que nos encontrar com ele um dia como pecadores sem esperança, que não podemos salvar a nós mesmos, que precisamos conhecer o caminho de Deus para a salvação e que temos de orar por esse dia e procurar agir sob a luz que temos. E Deus aceitou sua oração e a busca tateante pela verdade em sua vida (At 17.27) e operou maravilhas para levar a mensagem salvadora do evangelho a ele.

Cornélio não teria sido salvo se alguém não levasse o evangelho a ele. E ninguém que possa apreender a revelação (veja a nota 27) será salvo hoje sem o evangelho.

Consequentemente, Cornélio não representa pessoas que são salvas sem ouvir e crer no evangelho. Antes, ele ilustra a intenção de Deus de escolher um povo para o seu nome de "qualquer nação" (At 10.35), por meio do envio de mensageiros do evangelho, apesar das diferenças culturais que já serviram de impedimento.

Devemos aprender com a igreja dos judeus em Jerusalém que "aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida" (11.18). Mas devemos estar seguros de que aprendemos isso do mesmo jeito que eles. Eles inferiram isso do fato de os gentios *acreditarem no evangelho que Pedro pregou* e receberem o Espírito Santo. Eles não deduziram que a aceitação dos gentios foi por temor de Deus e bons atos.

Parece, portanto, que a intenção de Lucas ao registrar a história de Cornélio é mostrar que os gentios podem se tornar parte do povo escolhido de Deus pela fé em Cristo, a despeito de sua "impureza" cerimonial. O fato *não* é que os gentios já são parte do povo escolhido de Deus porque eles temem a Deus e praticam bons atos. O versículo-chave é Atos 11.14 – "ele [Pedro] te dirá *palavras mediante as quais serás salvo*".

"Abaixo do céu não existe nenhum outro nome" – Atos 4.12

A razão pela qual essa mensagem salva é que ela proclama o *nome* que salva – o de Jesus. Pedro disse que Deus visitou os gentios "a fim de construir dentre eles um povo *para o seu nome*" (At 15.14). É evidente, pois, que a proclamação pela qual Deus escolhe um povo para o seu nome seria a mensagem que depende do nome do seu Filho Jesus. Isso é, na verdade, o que vimos na pregação de Pedro na casa de Cornélio. O sermão atinge seu clímax com estas palavras sobre Jesus: "*Por meio de seu nome*, todo aquele que nele crê recebe remissão de pecados" (At 10.43).

A necessidade implícita de ouvir e aceitar o nome de Jesus que vemos na história de Cornélio se torna explícita em Atos 4.12, no clímax de outro sermão de Pedro, desta vez perante os líderes judeus em Jerusalém:

> Não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos.

A situação por trás dessa famosa declaração é que o Jesus ressurreto curou um homem por meio de Pedro e João. O homem era coxo de nascença, mas se levantou e correu pelo templo louvando a Deus. Juntou-se uma

multidão e Pedro pregou. Sua mensagem tornou evidente que o que estava em jogo aqui não era meramente um fenômeno religioso. Aquilo dizia respeito a qualquer um no mundo.

Então, de acordo com Atos 4.1, os sacerdotes, o capitão do templo e os saduceus vieram e prenderam Pedro e João, colocando-os em um cárcere até o dia seguinte. Na manhã seguinte, as autoridades, os anciãos e os escribas se reuniram e interrogaram Pedro e João. No curso do interrogatório, Pedro expôs a implicação do senhorio universal de Jesus: "Não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (4.12).

Precisamos sentir a força dessa alegação universal atentando para as várias expressões muito seriamente. A razão de não haver salvação em nenhum outro é que "*abaixo do céu* não existe nenhum outro nome (não apenas nenhum outro nome em Israel, mas nenhum outro nome abaixo do céu, incluindo o céu sobre a Grécia, Roma, Espanha, *etc.*), dado *entre os homens* (não apenas entre os judeus, mas entre todos os humanos de todos os lugares), pelo qual importa que sejamos salvos". Estas duas frases, "abaixo do céu" e "entre os homens", reforçam a alegação da universalidade em sua extensão mais plena.

Porém, há, ainda, aqui, mais coisas que precisamos ver. Geralmente a interpretação dos comentaristas de Atos 4.12 é que, sem a crença em Jesus, uma pessoa não pode ser salva. Em outras palavras, Atos 4.12 é visto como um texto essencial para responder a indagação de que aqueles que nunca ouviram o evangelho de Jesus podem ser salvos. Mas Clark Pinnock representa outros, que dizem que

> Atos 4.12 não diz coisa alguma sobre [essa questão]... ele não faz nenhuma observação sobre o destino dos pagãos. Embora essa seja uma questão de grande importância para nós, não há ninguém a respeito de quem Atos 4.12 expresse um julgamento, quer positivo ou negativo.[128]

Em vez disso, o que Atos 4.12 diz é que "a salvação, em sua plenitude, está disponível à humanidade somente porque Deus, na pessoa de seu Filho Jesus, proveu-a".[129] Em outras palavras, o versículo afirma que a salvação vem somente por meio da *obra* de Jesus e não apenas pela fé em Jesus. Sua obra pode beneficiar aqueles que se relacionam adequadamente com Deus sem ele, por exemplo, com fundamento na revelação geral na natureza.

O problema com a interpretação de Pinnock é que ela não considera o verdadeiro significado da focalização de Pedro sobre o "*nome*" de Jesus. "Abaixo do céu não existe nenhum outro *nome pelo qual* importa que sejamos salvos." Pedro está dizendo alguma coisa a mais do que não haver outra

fonte de poder salvador e que você pode ser salvo por algum outro *nome*. O fato de dizer que "não existe nenhum outro *nome*" significa que somos salvos por invocar o nome do Senhor Jesus. Invocar seu nome é a nossa entrada na comunhão com Deus. Se alguém é salvo por Jesus incógnito, não se pode dizer que tenha sido salvo por *seu nome*.

Observamos, anteriormente, que Pedro afirmou, em Atos 10.43: "*Por meio de seu nome, todo o que nele crê* recebe remissão de pecados". O nome de Jesus é o foco da fé e do arrependimento. A fim de crer em Jesus para obter o perdão dos pecados, você deve crer em seu nome, o que significa que você precisa ouvir a respeito dele e saber que ele é um homem especial que fez uma obra salvadora específica e levantou-se dentre os mortos.

O ponto de Atos 4.12 para as missões se torna explícito pelo modo como Paulo colocou a questão do "nome do Senhor" Jesus em Romanos 10.13-15. Esta passagem mostra que as missões são essenciais porque "todo aquele que invocar *o nome do Senhor* será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?"

"Como crerão naquele de quem nada ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue?"

Em Romanos 10.13, Paulo faz a grande declaração do evangelho, citando Joel 2.32: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo". Ele dá continuidade a esta declaração com perguntas retóricas: "Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram?" Estas são palavras extremamente importantes relacionadas à necessidade do empreendimento missionário.

Considere o contexto dessas palavras em Romanos 9.30 – 10.21. Paulo começa e termina esta unidade dizendo que os gentios, que nunca tiveram os benefícios da lei revelada de Deus, tinham, contudo, alcançado o direito de estar com Deus por meio de Cristo, enquanto Israel, com todos os seus benefícios, não alcançou o direito de estar com Deus. Veja como ele diz isso em Romanos 9.30-31: "Que diremos, pois? Que os gentios, que não buscavam a justificação, vieram a alcançá-la, todavia, a que decorre da fé; e Israel, que buscava a lei de justiça, não chegou a atingir essa lei". Veja agora o que ele diz em Romanos 10.20-21: "E Isaías a mais se atreve e diz: Fui achado pelos que não me procuravam, revelei-me aos que não perguntavam por mim. Quanto a Israel, porém, diz: Todo o dia estendi as mãos a um povo rebelde e contradizente".

Paulo está preocupado em mostrar que a grande razão para esta estranha inversão – os gentios ganhando o direito com Deus e, realmente,

cumprindo as exigências da lei de Deus, mas Israel falhando com sua própria lei em alcançar o direito com Deus – é que "o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê" (Rm 10.4). Israel perdeu a essência de sua própria lei, a saber, apontar para Cristo e o caminho da justificação pela fé como a única esperança de cumprimento da lei (9.32). E, então, quando Cristo apareceu, Israel, "desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus" (10.3). Os gentios, porém, abraçaram a promessa de que "aquele que nela crê não será confundido" (9.33).

Paulo faz a tradução para seu próprio evangelho e o cenário missionário de sua vida em Romanos 10.8, em que diz que a mensagem da lei do Antigo Testamento, apontando para Cristo, o Redentor, é "a palavra da fé que proclamamos". Então ele diz explicitamente que esse Redentor é Jesus e que toda salvação agora é obtida confessando o seu nome – assim como a salvação, no Antigo Testamento, era obtida pela aceitação dos indícios de sua vinda, confiando na graça de Deus, que a oferecia. Assim, o verso 9 diz: "Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo".

Paulo salienta que a salvação pela fé e pela confissão de Jesus como Senhor era a esperança do Antigo Testamento. Ele faz isso citando Isaías 28.16 em Romanos 10.11: "Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido", e citando Joel 2.32 em Romanos 10.13: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo". Portanto, quando Romanos 10.11 cita Isaías 28.16, "todo aquele que nele crê não será confundido", a referência é claramente a Jesus, a pedra de esquina prenunciada. E quando 10.13 cita Joel 2.32, "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo", Jesus é o "Senhor" a quem ele se refere, muito embora, em Joel 2.32, o Senhor mencionado seja Yahweh. A razão é que 10.9 diz: "Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor... serás salvo".

Paulo está esclarecendo que, nessa nova era da história redentora, Jesus é o alvo e o clímax do ensino do Antigo Testamento e, portanto, agora figura como Mediador entre o homem e *Yahweh*, como objeto da fé salvadora.

O fluxo do pensamento de Romanos 10.14-21 não é fácil de compreender. A sequência de perguntas nos versículos 14 e 15 é muito familiar, e estes versos são muito citados em relação à obra missionária:

> Como, pois, invocarão aquele em que não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram?[130] E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão se não forem enviados? Como está escrito: "Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!"

Mas como esses versículos se encaixam no fluxo do pensamento de Paulo? Por que eles começam com a palavra "pois" [portanto] (*oun*)? Como uma série de perguntas comunica uma conclusão? Por que o versículo seguinte (v. 16) começa com: "*Mas* [ou *contudo*] nem todos obedeceram ao evangelho"?

A resposta parece ser esta: o "pois" no começo do versículo 14 e o "mas" no começo do versículo 16 indicam que a série de perguntas, no início do verso 16, apontam para o fato de que a série de perguntas nos versos 14 e 15 estão realmente fazendo uma afirmação de que Deus já agiu para realizar essas condições para a invocação do Senhor Jesus para a salvação. Poderíamos parafrasear como segue:

> (10-13) A salvação está amplamente disponível tanto para judeus como para gentios – a todo aquele que invocar o nome do Senhor Jesus. (14-15) *Portanto*, Deus providenciou os pré-requisitos para a invocação do Senhor. Ele está enviando aqueles que pregam, de modo que o evangelho de Cristo possa ser ouvido e o povo possa crer e invocar o Senhor Jesus. (16) Todavia, isso não tem levado à obediência, como Isaías predisse: "Senhor, quem acreditou em nosso relato?"

Até então, a questão principal dos versículos 14-16 seria que, *embora* Deus tivesse providenciado os pré-requisitos para a invocação do Senhor, muitos, *todavia*, não obedeceram.

Mas o que está em vista aqui, quando Paulo diz que eles não obedeceram? A resposta a essa pergunta conduz a dois modos diferentes de se entender o raciocínio de Paulo em toda a passagem. John Murray e Charles Hodge apresentam essas duas linhas.

Murray diz: "No versículo 16, o apóstolo retorna àquele assunto que permeia esta parte da epístola, a descrença de Israel."[131] De igual modo, Murray afirma que o foco sobre a descrença de Israel continua até o final do parágrafo. Assim, por exemplo, o versículo 18 também se refere a Israel: "Mas pergunto: Porventura, não ouviram? Sim, por certo: 'Por toda a terra se fez ouvir a sua voz, e as suas palavras até aos confins do mundo'." Ele menciona que a citação do salmo 19.4 (que originalmente se referia às obras da natureza declarando a glória de Deus) é usada por Paulo para descrever a proclamação do evangelho de Jesus por todo o mundo. E o fato é que, se o evangelho está sendo anunciado a todo o mundo, "não se pode, portanto, alegar que Israel não tenha ouvido".[132] Assim, o foco permanece sobre Israel. A essência do pensamento de Paulo ao longo de Romanos 10 é que Israel conhece o evangelho e está, apesar disso, rejeitando-o e, portanto, é responsável por isso.

Charles Hodge, por outro lado, vê de modo diferente os versículos 11-21. "O objetivo de Paulo em todo o contexto é defender a propriedade de se estender o chamado do evangelho a todas as nações." Ele vê tanto o versículo 16 como o 18 como referências não a Israel e sim às nações. "O versículo 16 se refere aos gentios – 'Mas nem todos obedeceram ao evangelho' –, e, portanto, o versículo 18 – 'Porventura não ouviram?' – não pode, sem alguma insinuação de mudança, relacionar-se naturalmente a um sujeito diferente... O versículo seguinte [19] é, na verdade, direcionado aos judeus e eles são mencionados claramente – 'Porventura, não terá chegado isso ao conhecimento de Israel?'"[133]

Apesar dessa diferença entre Murray e Hodge, o aspecto importante para o nosso propósito permanece absolutamente claro e ambos concordam. Quer Paulo esteja focalizando de maneira mais estreita a responsabilidade de Israel ou, mais abertamente, a disponibilidade do evangelho às nações (e, portanto, também a Israel), ambos concordam que invocar o nome do Senhor Jesus é necessário para a salvação (v. 13).

Isso é tão necessário que Paulo se sente compelido a mostrar que todos os pré-requisitos necessários para invocar o Senhor estão sendo postos em seu lugar por Deus (v. 14 e 15). Ainda mais relevante para a questão que estamos abordando é a implicação de que "invocar o Senhor" de maneira salvadora não é algo que uma pessoa possa fazer de uma posição de ignorância. Não se pode fazer isso em outra religião. Isso está evidente nas perguntas dos versículos 14 e 15.

Cada pergunta sucessiva exclui um argumento daqueles que dizem que pode haver salvação sem ouvir o evangelho de Jesus. Primeiro, "como, porém, invocarão aquele em que não creram?" mostra que a invocação efetiva pressupõe fé naquele que foi invocado. Isso elimina o argumento de que alguém possa invocar a Deus para a salvação sem fé em Cristo.

Segundo, "e como crerão naquele de quem nada ouviram?" mostra que a fé pressupõe ouvir sobre Cristo na mensagem do evangelho. Isso exclui o argumento de que alguém possa ter fé salvadora sem, na verdade, conhecer ou encontrar Cristo no evangelho.

Terceiro, "e como ouvirão, se não há quem pregue?" mostra que ouvir Cristo no evangelho pressupõe um proclamador do evangelho. Isso extingue o argumento de que alguém possa, de algum modo, encontrar a Cristo ou ouvir sobre ele sem um mensageiro para pregar o evangelho.

Millard Erickson não parece ter assimilado a força dessa sequência com bastante seriedade, quando sugere que a citação do salmo 19.4 em Romanos 10.18 ensina que a revelação geral na natureza é tudo o que alguém precisa para receber a salvação, à parte da proclamação missionária.[134]

À primeira vista, esta sugestão pode parecer bem fundamentada. Paulo diz que as pessoas devem ouvir para invocar o Senhor. Então, ele pergunta, no versículo 18: "Porventura, não ouviram?" E ele responde com as palavras do salmo 19.4 (18.4 LXX):[135] "Sim, por certo: 'Por toda a terra se fez ouvir a sua voz, e as suas palavras até aos confins do mundo'".

No contexto original do salmo 19, "sua voz" e "suas palavras" referem-se ao que é comunicado por intermédio da "noite", "dia", "céus" e "firmamento". Pode-se, assim, concluir que o "ouvir" que é necessário para a fé que salva (v. 17) é efetivamente provido pela revelação natural. Isso é o que Erickson conclui.[136]

O problema com isso é que ele cria uma tensão insuperável com a abordagem do versículo 14. Ali, Paulo diz: "E como ouvirão, se não há quem pregue?" Se Erickson estivesse certo de que o ouvir que é efetivo para salvar vem pela natureza, então a pergunta de Paulo seria um equívoco: "E como ouvirão, se não há quem pregue?" Ele claramente quer dizer que alguém não pode ouvir o que precisa para se salvar se um pregador não for enviado. Ele se contradiria se tivesse dito, no versículo 18, que os pregadores não são essenciais para a salvação, porque uma mensagem eficaz de salvação vem pela natureza.

Portanto, como muitos comentaristas concordam, é improvável que Paulo pretendesse ensinar, no versículo 18, que a revelação natural cumpre o papel salvador que cabe à "palavra de Cristo", a qual dá origem à fé (v. 17). Murray e Hodge concordam que Paulo usa as palavras do salmo para traçar um paralelo entre a universalidade da revelação geral e a difusão universal do evangelho.[137] A questão é que Deus pôs em ação um movimento missionário (o envio do v. 15), que alcançará todas as pessoas da terra de modo análogo à expansão universal da glória de Deus por intermédio da revelação natural.[138]

Recapitulando os nossos pensamentos sobre Romanos 10, o pressuposto teológico por trás da convicção missionária de Paulo é que Cristo é o cumprimento de tudo o que o Antigo Testamento apontara para o futuro. Antes de Cristo, a fé era focalizada sobre a misericórdia de Deus para perdoar pecados e cuidar de seu povo. Quando a revelação progrediu, a fé pôde mover-se mais facilmente do sacrifício de animais para aquele que foi prometido para levar sobre si todos os pecados em Isaías 53. Mas, quando Cristo veio, toda fé estreitou o foco somente sobre ele, como aquele que adquiriu e garantiu todas as esperanças do povo de Deus. Do tempo de Cristo em diante, Deus deseja honrar a Cristo, fazendo dele o único foco da fé salvadora. Portanto, as pessoas devem invocá-lo, crer nele, ouvir sobre ele e serem enviadas como mensageiras da "palavra de Cristo".

A concepção de Paulo de sua própria vocação missionária

A indispensabilidade de ouvir o evangelho para a salvação é vista nos textos bíblicos que mostram como Paulo concebia sua própria vocação missionária.

Em sua conversão, Paulo recebeu uma comissão do Senhor, que elucida a condição daqueles sem Cristo. Ele se refere a isso em Atos 26.15-18.

> Então, eu perguntei: "Quem és tu, Senhor?" Ao que o Senhor respondeu: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci, para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda; livrando-te do povo e dos gentios, para os quais *eu te envio, para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados* e herança entre os que são santificados pela fé em mim".

Vemos aqui o que estava em jogo no ministério de Paulo. Sem fazer quaisquer distinções, o Senhor diz que aqueles que ainda não tinham o evangelho estavam nas trevas, sob o poder de Satanás e sem o perdão dos pecados. Cristo comissionou Paulo com uma palavra de poder que realmente abre os olhos dos que estão espiritualmente cegos não para que possam ver que estão perdoados, mas que podem *ser* perdoados. Sua mensagem liberta do poder de Satanás. A imagem das nações sem o evangelho é que elas estão cegas, nas trevas, sujeitas a Satanás, sem o perdão dos pecados e inaceitáveis perante Deus por não serem santificadas.

Isso corresponde ao que Paulo diz em outra parte sobre a condição do homem sem o poder do evangelho: estão todos sob o pecado com suas bocas caladas diante de Deus (Rm 3.9-19); estão na carne e incapazes de submeter-se ou agradar a Deus (Rm 8.7-8); são naturais, não espirituais e, portanto, incapazes de receber as coisas do Espírito (1Co 2.14-16); estão mortos em delitos e são filhos da ira (Ef 2.3-5) e estão obscurecidos, alheios a Deus e duros de coração (Ef 4.17-18).

Agora, com a vinda de Cristo, há uma mensagem que tem poder de salvar (Rm 1.16; 1Ts 2.16; 1Co 15.2), produzir fruto (Cl 1.6) e triunfar (2Ts 3.1) e é a missão de Paulo e de todos os seus herdeiros pregar essa mensagem às nações. "Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria [ou falsa religião], aprouve a Deus salvar os que creem, pela loucura da pregação" (1Co 1.21).

A salvação está em jogo também quando Paulo fala aos judeus na sinagoga. Paulo não admite que os gentios ou judeus tementes a Deus sejam salvos pelo fato de terem conhecido as escrituras do Antigo Testamento. O que diz ele na sinagoga em Antioquia da Pisídia?

> Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste [Cristo]; e, por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela Lei de Moisés.
>
> Atos 13.38-39

Paulo não lhes diz que mesmo os melhores entre eles já estão perdoados graças à obediência à lei. Ele lhes oferece perdão por meio de Cristo. E ele coloca como condição para a "libertação" ("justificação") do pecado a crença em Cristo. Quando a sinagoga, mais tarde, se opõe a esta mensagem, Paulo afirma, em Atos 13.46-48:

> Cumpria que a vós outros, em primeiro lugar, fosse pregada a palavra de Deus; mas, posto que a rejeitais e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna, eis aí que nos volvemos para os gentios. Porque o Senhor assim no-lo determinou: "Eu te constituí para luz dos gentios, a fim de que sejas para salvação até aos confins da terra". Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna.

A vocação de Paulo é levar a salvação até aos confins da terra. Admite-se que a salvação não chegou ainda aos confins da terra. Paulo deve fazê-lo. A mensagem de Paulo é o meio para a salvação. Não há salvação sem ela: tantos quantos foram destinados à vida eterna creram na mensagem de Paulo e foram salvos. Deus ordenou que, por meio da pregação obediente do evangelho por mensageiros enviados, a salvação fosse levada às nações.

Por intermédio da pregação de Paulo, Deus está, agora, fazendo a obra soberana que ele "deixou passar" por longos anos durante os "tempos da ignorância". Ele está levando os gentios à fé, de acordo com seu plano pré-estabelecido. Ele está abrindo seus corações para o evangelho (At 16.14), concedendo-lhes o arrependimento (At 11.18) e purificando seus corações pela fé (At 15.9).

Antes desse tempo de privilégio do evangelho, essas coisas não foram possíveis, pois Deus estava permitindo que as nações seguissem seu próprio caminho (At 14.16). Mas, agora, um grande movimento está a caminho para reunir um povo entre todas as nações para o seu nome e o próprio Deus está ativo no ministério de seus mensageiros para santificar um povo para si mesmo.

Isso se torna maravilhosamente claro em Romanos 15, em que Paulo descreve sua própria vocação em relação à obra de Cristo nele e por meio dele.

> Entretanto, vos escrevi em parte mais ousadamente, como para vos trazer isto de novo à memória, por causa da graça que me foi outorgada

> por Deus, para que eu seja ministro de Cristo Jesus entre os gentios, no sagrado encargo de anunciar o evangelho de Deus, de modo que a oferta deles seja aceitável, uma vez santificada pelo Espírito Santo. Tenho, pois, motivo de gloriar-me em Cristo Jesus nas coisas concernentes a Deus. Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio, para conduzir os gentios à obediência, por palavra e por obras.
>
> Romanos 15.15-18

Observe a iniciativa de Deus nesses versículos. Primeiro, Deus deu a Paulo a graça do apostolado e o chamou para o ministério do evangelho (v. 15-16). Segundo, os gentios que creram na mensagem de Paulo foram aceitáveis a Deus porque foram santificados pelo Espírito Santo (v. 16). Terceiro, não foi o próprio Paulo que conquistou a obediência dos gentios: Cristo é quem o "fez por intermédio [dele]" (v. 18).

Portanto, a missão aos gentios é a nova obra de Deus. É o cumprimento da profecia divina de que uma vez Deus permitiria que as nações seguissem seu próprio caminho, mas AGORA...

> Deus primeiro visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome. Conferem com isto as palavras dos profetas, como está escrito:
>
> Cumpridas estas coisas, voltarei
> e reedificarei o tabernáculo caído de Davi;
> e, levantando-os de suas ruínas, restaurá-lo-ei.
> Para que os demais homens busquem o Senhor,
> e todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome,
> diz o Senhor, que faz estas coisas conhecidas desde séculos.
>
> Atos 15.14-18

Um novo dia veio com Jesus Cristo. O povo de Deus está sendo edificado de tal modo que não virá mais a falhar em sua tarefa de alcançar as nações. Nesse novo dia, Deus não permitirá que o seu povo negligencie sua missão e que as nações sigam seu próprio caminho. Ele está estabelecendo uma igreja "para que os demais homens busquem o Senhor".

E ele agora congraçará todos aqueles entre as nações que são chamados pelo seu nome! É a *sua* nova obra! Todos aqueles que foram predestinados *serão* chamados (Rm 8.30). Todos os que foram pré-determinados para a vida eterna *crerão* (At 13.48). Todos os que foram resgatados *serão* reunidos dentre todos os povos sob o céu (Ap 5.9). O próprio Deus é o principal agente desse novo movimento e ele *tomará* um povo para o seu nome entre as nações (At 15.14).

Os escritos de João

A concepção de João sobre a nova tarefa missionária se harmoniza com a de Paulo. Assim como Paulo disse que ninguém pode crer em Cristo se não ouvir sobre ele (Rm 10.14), Jesus afirma, em João 10.27: "As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem" (cf. 10.4, 14). Em outras palavras, Jesus reúne o seu rebanho redimido, chamando-o com sua própria voz. A ovelha verdadeira ouve sua voz e o segue e ele concede-lhe vida eterna (10.28).

Quem Jesus tem em mente quando fala daqueles que ouvirão sua voz e o seguirão? Ele quer dizer mais do que os judeus que, realmente, o ouviram aqui na terra. Ele afirma: "*Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco*; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor" (10.16); Por "outras ovelhas, não deste aprisco" ele se referia aos gentios, que não faziam parte do aprisco judaico.

Mas como esses gentios ouviriam a sua voz? A resposta é a mesma de Paulo: eles ouvem a voz de Jesus, não na natureza ou em uma religião estrangeira, mas na voz dos mensageiros de Cristo. Notamos isso na forma como Jesus ora por seus futuros discípulos em João 17.20-21: "Não rogo somente por estes, mas também por aqueles *que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra;* a fim de que todos sejam um". Deduzimos, pois, disso que as "ovelhas que não são deste aprisco" ouvirão a voz do Pastor pela voz dos seus mensageiros.

Portanto, a vida eterna vem somente para aqueles que ouvem a voz do Pastor e o seguem. "As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna" (10.27-28). Esse ouvir é por meio dos mensageiros do Pastor. É isso que Jesus quis dizer em João 14.6, quando afirmou: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim". "Por mim" não significa que pessoas de outras religiões podem chegar a Deus porque Jesus morreu por elas, embora não saibam disso. O "por mim" deve ser definido no contexto do evangelho de João como a crença em Jesus por intermédio da palavra dos seus discípulos (Jo 6.35; 7.38; 11.25; 12.46; 17.20).

A vida eterna é em razão da morte de Jesus por suas ovelhas (10.15) – uma morte que resgatou não apenas umas poucas ovelhas judaicas, mas ovelhas de todas as nações. Vemos isso em João 11.51-53, quando ele interpreta as palavras de Caifás – "... sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus estava para morrer pela nação e *não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos*."

Os "filhos de Deus dispersos" (11.52) são "as outras ovelhas que não são deste aprisco" (10.16). E quando observamos a descrição de João da consumação da causa missionária no Apocalipse, verificamos que essas "ovelhas" e "filhos" são verdadeiramente de todas as nações.

> E entoavam novo cântico, dizendo:
> Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos,
> porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus *os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação* e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra.
>
> Apocalipse 5.9-10

Percebemos, aqui, a verdadeira extensão da palavra "dispersos", em João 11.52. Jesus morreu para reunir os "filhos de Deus" que estavam dispersos entre "toda tribo, língua, povo e nação". Isso implica que os mensageiros do Pastor *devem* (Mc 13.10) e *irão* (Mt 24.14) alcançar todas as pessoas abaixo do céu com a mensagem do evangelho e a voz do Pastor. Os remidos no céu de todos os povos não são remidos sem saber disso. Ao contrário, como esclarece Apocalipse 7.14, aqueles "de todas as nações, tribos, povos e línguas" (Ap 7.9) são os que "lavam as suas vestiduras [no sangue do Cordeiro]" (Ap 7.14; 22.14). Eles são aqueles que "guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus" (Ap 12.17). O evangelho do sangue de Cristo crucificado pelos pecadores e ressurreto em vitória deve ser pregado a todas as nações, para que possam crer e ser salvas.

Conclusão

A pergunta que temos tentado responder nesta seção é se algumas pessoas são vivificadas pelo Espírito Santo e salvas pela graça, por meio da fé no Criador misericordioso, embora nunca tenham ouvido sobre Jesus nesta vida. Há pessoas piedosas em religiões diferentes do Cristianismo, as quais humildemente confiam na graça de um Deus que conhecem somente pela natureza ou pela experiência religiosa não cristã?

A resposta do Novo Testamento é um claro e enérgico *não*. Em vez disso, a mensagem em todo ele é que, com a vinda de Cristo, ocorreu uma grande mudança na história da redenção. A fé salvadora foi uma vez focalizada na misericórdia de Deus, conhecida por seus atos redentores entre o povo de Israel, e no sistema de sacrifícios de animais e de profecias de uma redenção vindoura. Fora de Israel, sabemos de Melquisedeque (Gn 14), que parece conhecer o verdadeiro Deus à parte da conexão com a revelação especial da linhagem de Abraão.

Mas, agora, a focalização da fé estreitou-se em um Homem, Jesus Cristo, o cumprimento e garantia de toda redenção, de todos os sacrifícios e de todas as profecias. É para a sua honra agora que, daquele tempo em diante, toda a fé salvadora deve ser dirigida a ele.

Portanto, essa grande virada na história redentora é acompanhada de uma nova investida missionária ordenada por Deus. Ele não permite mais que as nações caminhem em seus próprios caminhos (At 14.16), porém, envia seus mensageiros a todas as partes, chamando todos a se arrependerem e crerem no evangelho (At 17.30).

Deus em Cristo é o poder por trás dessa missão. Ele destinou seu povo para a vida (At 13.48) e o resgatou, dando sua vida por ele (Jo 10.15; Ap 5.9). Agora ele está comissionando mensageiros cheios do Espírito para pregar a esse povo (Rm 10.15; 1.5), falando por meio desses mensageiros com poder (Lc 12.12; 21.15; 1Ts 2.13), chamando, eficazmente, os perdidos à fé (1Co 1.24; Rm 8.30) e guardando-os com seu poder (Jd 24).

Aqueles que afirmam que, hoje, as pessoas que não têm acesso ao evangelho podem, contudo, ser salvas sem conhecer a Cristo, tentam argumentar que essa ideia "intensifica nossa motivação para evangelizar os perdidos". Como vimos acima, esse é um esforço fútil. Os argumentos se desintegram quando você os entende. Por exemplo, John Ellenberger cita quatro meios pelos quais nossa motivação será "intensificada".

1. Citando Atos 18.10 ("tenho muito povo nesta cidade"), ele diz que "o conhecimento de que o Espírito Santo tem operado nos corações das pessoas antes de ouvirem as boas-novas deve nos encorajar".[139] Concordo. Mas essa não é a questão. Operar no coração de alguém para prepará-lo para aceitar o evangelho é muito diferente de operar no coração de modo que a pessoa seja salva sem o evangelho. O primeiro incentiva a missão, o segundo, não.
2. Ininteligivelmente, ele argumenta que "porque a grande maioria não tem reagido favoravelmente à revelação geral, ela precisa ser confrontada pelas reivindicações de Jesus".[140] Isso significa dizer que, se você crê que alguns são salvos sem ouvir as reivindicações de Cristo, você será mais motivado a compartilhar essas reivindicações porque muitos não são salvos dessa maneira. Mas isso *não* é um argumento em favor da posição de que alguns podem ser salvos sem o evangelho "aumenta" nossa motivação para evangelizar os perdidos. Pelo contrário, é um argumento em favor de que, quanto mais necessárias são as reivindicações de Cristo, maior é a motivação para compartilhá-las.

3. Terceiro, ele sustenta que acreditar que alguns são salvos sem a pregação do evangelho "amplia nossa compreensão de todo o evangelho".[141] Em outras palavras, se ainda prosseguirmos de modo entusiasmado com as missões, precisamos fazer isso por razões mais amplas do que simplesmente proporcionar o livramento do inferno (que alguns já têm antes de chegar lá). Precisamos desejar trazer as bênçãos da salvação para esta vida. Suponho que isso seja verdade. Mas por que devemos presumir que a igreja será mais motivada a levar *essas* bênçãos ao povo do que ele em levar a bênção da vida eterna? O risco que estou disposto a assumir para salvar uma pessoa de uma execução não é intensificado por me dizerem – "ele não está mais no corredor da morte, mas seguramente você desejará sentir toda a mesma urgência de ajudá-lo a levar uma boa vida".
4. Finalmente, Ellenberger argumenta que acreditar que alguns estão salvos sem a pregação do evangelho "reafirma o amor como motivação primária".[142] Novamente, isso é ininteligível para mim, uma vez que parece admitir que a urgência de missões, movida pelo desejo de livrar as pessoas do tormento eterno, não é amor. Como dizer que alguém é salvo sem o evangelho faz um apelo maior ao amor?

Desse modo, volto a afirmar que o abandono contemporâneo da necessidade universal de ouvir o evangelho para a salvação certamente corta um nervo da motivação missionária. Digo "um nervo" em lugar de "o nervo" porque concordo que a perda universal do homem não é o único foco para a motivação missionária. Curvar-se diante disso é a grande meta para glorificar a Cristo.[143]

Logo, a igreja é impelida a se envolver com o Senhor da glória em sua causa. Charles Hodge está certo quando afirma que "a pergunta solene, implícita na linguagem do apóstolo, 'como podem crer sem um pregador?', deveria soar dia e noite nos ouvidos das igrejas".[144]

É nosso privilégio indescritível marchar com ele no maior movimento da História – a reunião dos eleitos "de todas as tribos, línguas, povos e nações", até que a plenitude dos gentios entre e todo o Israel seja salvo e o Filho do Homem desça com poder e grande glória como Rei dos reis e Senhor dos senhores e a terra fique cheia do conhecimento da sua glória como as águas cobrem o mar para todo o sempre. Então a supremacia de Cristo será manifesta a todos e ele entregará o reino a Deus Pai, que será tudo em todos.

5

A supremacia de Deus entre "todas as nações"

Pode o amor decidir?

Como decidimos qual é a tarefa das missões ou mesmo se elas deveriam existir? Uma resposta seria que o amor assim o define e requer. Se pessoas do mundo inteiro estão sob condenação por causa do pecado e excluídas da vida eterna (Ef 2.2-3, 12; 4.17; 5.6) e se invocar a Jesus é a única esperança delas para a comunhão eterna e jubilosa com Deus (como o capítulo 4 mostra), então o amor requer as missões.

Mas pode o amor definir as missões? Não sem consultar os caminhos singulares de Deus. Algumas vezes, os caminhos de Deus não são o meio pelo qual faríamos as coisas com nossa visão limitada. Mas Deus é amor, mesmo quando seus meios são enigmáticos. Isso pode não se parecer com amor para sua vida, se você vendeu tudo o que tinha e comprou uma terra improdutiva. Mas pode, na realidade, ser amor por outra perspectiva, a saber, existe um tesouro enterrado nessa terra. Assim, naturalmente, o amor consultará a perspectiva de Deus sobre as missões. O amor se recusará a definir as missões com uma perspectiva humana limitada. O amor testará sua lógica pela ilustração maior dos caminhos de Deus.

O naufrágio de dois transatlânticos

Os limites da sabedoria do amor tornam-se evidentes quando imaginamos as missões como uma operação de resgate durante uma tragédia no mar.

Suponha que houvesse dois transatlânticos navegando no mar e ambos começassem a afundar ao mesmo tempo com um grande número de pessoas a bordo que não sabem nadar. Há alguns botes salva-vidas, mas não em número suficiente. Presuma que você estivesse comandando uma equipe de dez salva-vidas em dois grandes barcos.

Você chega ao local onde o primeiro navio está afundando e se vê rodeado de centenas de pessoas gritando desesperadas, algumas afundando diante dos seus olhos, outras lutando agarradas a pedaços de escombros e outras prestes a pular do navio que está afundando no mar. A algumas centenas de metros de distância a mesma coisa está acontecendo aos passageiros do outro transatlântico.

Seu coração está apertado ao ver as pessoas perto da morte. Você deseja salvar tantas quantas puder. Então você grita para as duas equipes empenharem as suas energias ao máximo. Há cinco salva-vidas em cada barco e eles estão trabalhando com toda a força. Eles estão salvando muitos. Há muito espaço nos barcos de resgate.

Então alguém grita do outro navio: "Venham *nos* ajudar!" O que faria o amor? Ele ficaria ou iria?

Não posso pensar em qualquer razão pela qual o amor deixaria essa operação de salvamento e se dirigiria a outro navio. O amor não dá maior valor às almas distantes do que às mais próximas. Entretanto, o amor pode concluir que, naquele momento, o barco de resgate teria de ser remado por centenas de metros até o outro transatlântico, o que resultaria numa perda total de vidas de ambos os lados.

O amor poderia, também, raciocinar que a energia dos salva-vidas se esgotaria remando entre os dois navios, o que possivelmente resultaria em um número menor de indivíduos salvos. E não apenas isso, você, por experiência passada, sabe que as pessoas do outro transatlântico, geralmente, a esta hora da noite, estão todas embriagadas e que cooperariam menos com seus esforços de salvamento. Isso também pode significar poucas vidas salvas.

Assim o amor, por si, pode muito bem se recusar a deixar sua presente operação de resgate. Ele pode permanecer nessa tarefa, a fim de salvar o máximo possível de pessoas.

Essa cena imaginária sobre o mar não é, evidentemente, um perfeito retrato da igreja no mundo, por nenhuma outra razão senão pelo fato de o resgate potencial de a igreja *não* estar totalmente envolvida mesmo onde ela se encontra. Mas a abordagem da ilustração ainda permanece: somente o

amor (de nossa perspectiva humana limitada) pode não ver a obra missionária da mesma maneira que Deus.

Deus pode ter outra visão

Deus pode ter em mente que o alvo da operação de resgate deve reunir pecadores salvos de todos os povos do mundo (de *ambos* os transatlânticos), mesmo se alguns dos salva-vidas bem-sucedidos tivessem de deixar um fértil povo *alcançado* (o primeiro transatlântico) a fim de laborar por um (possivelmente menos frutífero) povo *não alcançado* (o segundo transatlântico).

Em outras palavras, a tarefa das missões pode não ser meramente ganhar[145] o maior número possível de indivíduos entre os grupos de pessoas mais receptivos do mundo, mas, em vez disso, ganhar indivíduos de *todos* os grupos de pessoas do mundo. Pode não ser suficiente definir as missões como o ato de deixar o litoral seguro da nossa própria cultura para realizar operações de resgate em mares estranhos de outras línguas e culturas. Algo que possa nos impulsionar a deixar uma operação de resgate e assumir outra precisa ser acrescentado a essa definição.

O que veremos neste capítulo é que o chamado de Deus para missões nas Escrituras *não pode* ser definido em termos de intercâmbio cultural para maximizar o número total de indivíduos salvos. Pelo contrário, o desejo de Deus para as missões é que todos os grupos de pessoas sejam alcançados com o testemunho de Cristo e que um povo dentre todas as nações invoque o seu nome.[146]

Creio que essa definição de missões resulte, de fato, no maior número possível de adoradores inflamados do Filho de Deus. Mas isso fica a cargo de Deus. Nossa responsabilidade é definir as missões do seu modo e, então, obedecer. Isso significa que devemos realizar uma investigação cuidadosa de como o Novo Testamento retrata a especial tarefa missionária da igreja. Mais especificamente, significa que devemos constatar biblicamente a amplitude do conceito de "povos não alcançados" como sendo o foco da atividade missionária.

A acusação de 1974: cegueira dos povos

Desde 1974, a tarefa das missões tem sido focalizada crescentemente na evangelização[147] de *povos* não alcançados em oposição à evangelização de *territórios* não alcançados. Uma razão para isso é que, naquele ano, no Congresso de Evangelização Mundial de Lausanne, Ralph Winter acusou o empreendimento missionário ocidental do que ele chamou de "cegueira dos povos". Desde aquele tempo, ele e outros têm pressionado incessantemente a focalização do "grupo de pessoas" no planejamento da maioria das igrejas

e organizações similares voltadas para as missões. A "verdade destrutiva" que ele revelou em Lausanne foi esta: apesar de o evangelho ter chegado a *todos* os países do mundo, quatro de cada cinco não cristãos estão, ainda, excluídos da pregação do evangelho não em virtude de barreiras geográficas, mas de barreiras culturais e linguísticas.

> Por que esse fato não é mais amplamente conhecido? Receio que toda a nossa exultação pelo fato de todos os *países* terem sido penetrados permitiu que muitos supusessem que todas as *culturas* também tenham sido alcançadas. Esse mal entendido é uma doença tão disseminada que merece um nome especial. Vamos chamá-la "cegueira dos povos", isto é, cegueira para a existência de *povos* separados dentro de *países* – uma cegueira, posso acrescentar, que parece mais predominante nos Estados Unidos e entre os missionários norte-americanos do que em qualquer outro lugar.[148]

A mensagem de Winter foi um poderoso alerta para a igreja de Cristo, a fim de reorientar seu pensamento para que as missões fossem vistas como a tarefa de evangelização dos *povos* não alcançados e não meramente como a tarefa de evangelização de mais territórios. Extraordinariamente, nos 15 anos seguintes, o empreendimento missionário respondeu a esse chamado. Em 1989, Winter foi capaz de escrever: "Agora que o conceito de povos não alcançados foi aceito amplamente, é possível elaborar planos imediatamente... com muito maior confiança e precisão".[149]

A definição de um marco: 1982

Provavelmente, o esforço unificado mais significante para definir o que é um "grupo de pessoas" surgiu em março de 1982, como resultado do trabalho do Grupo de Trabalho Estratégico de Lausanne. Esse encontro definiu um "grupo de pessoas" como:

> Um agrupamento significativamente grande de indivíduos que percebem que possuem uma afinidade comum e mútua devido ao compartilhamento da língua, religião, etnia, residência, ocupação, classe ou casta, situação, *etc.* ou combinações desses... [É] o maior grupo dentro do qual o evangelho pode se espalhar como um movimento de plantio de uma igreja, sem encontrar barreiras de entendimento ou aceitação.[150]

Devemos estar conscientes de que essa definição não foi desenvolvida meramente sobre a base do ensino bíblico a respeito da natureza específica dos grupos de pessoas, mas também sobre a base que ajudaria os missionários a identificar e alcançar os vários grupos. Esse é um método legítimo para fazer que a estratégia evangelística avance. Mas precisamos distingui-lo do método que usarei neste capítulo.[151]

Precisamos, também, deixar claro, de início, que não vou usar o termo "grupo de pessoas" de maneira sociológica precisa como distinto de "povo". Concordo com aqueles que dizem que o conceito bíblico de "povos" ou "nações" não pode ser estendido para incluir indivíduos agrupados sobre uma base de coisas como ocupação, residência ou deficiências. Esses são grupos sociológicos muito relevantes para a estratégia evangelística, mas não figuram na definição do significado *bíblico* de "povos" ou "nações". Harley Schreck e David Barrett propuseram a distinção entre a categoria sociológica "grupo de pessoas" da categoria etnológica "povos".[152] Concordo com a distinção de categoria, mas considerei a terminologia uma camisa de força linguística que não posso vestir. O singular "povo", na língua inglesa, não significa claramente um agrupamento distinto. Portanto, quando uso "grupo de pessoas", estou somente chamando a atenção para o conceito de grupo em lugar de indivíduos. O contexto tornará clara a natureza do agrupamento.

"Teste todas as coisas", inclusive o pensamento sobre o grupo de pessoas

Meu objetivo é testar a focalização do grupo de pessoas pelas Escrituras. É especificamente o mandato missionário da Bíblia (1) uma ordem para alcançar o maior número possível de indivíduos; (2) uma ordem para alcançar todos os "campos" ou (3) uma ordem para alcançar todos os "grupos de pessoas" do mundo, como a Bíblia define os grupos de pessoas? A ênfase que tem dominado a discussão desde 1974 é um ensino bíblico ou é simplesmente um desenvolvimento estratégico que dá ao esforço missionário uma focalização mais delineada?

Assim, voltamos agora à pergunta básica deste capítulo: A definição da tarefa missionária da igreja de alcançar todos os *povos* não alcançados[153] do mundo é bíblica? Ou é suficiente dizer que as missões são simplesmente o esforço para alcançar o maior número possível de indivíduos em lugares diferentes do nosso?

A mais famosa comissão, Mateus 28.18-20

> Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século".

Essa passagem é frequentemente chamada de Grande Comissão. A primeira coisa a esclarecer é que ela ainda está vinculada às igrejas modernas.

Ela não foi dada unicamente aos apóstolos para o seu ministério, mas também à igreja para o seu ministério até o final dos tempos.

A base para se afirmar isso vem do próprio texto. A promessa do versículo 20 diz: "E eis que estou *convosco* todos os dias até à consumação do século". As pessoas a quem Jesus se refere ao usar a palavra "convosco" não podem ser limitadas aos apóstolos, uma vez que eles fizeram parte de uma geração que já morreu. A promessa estende-se "até à consumação do século", isto é, até o dia do juízo na segunda vinda de Cristo (cf. Mt 13.39-40, 49). Jesus está falando aos apóstolos como representantes da igreja, a qual existirá até o fim dos séculos. Ele está assegurando à igreja sua presença permanente e ajuda até o fim. Isso é significativo porque a promessa do versículo 20 foi dada para sustentar e incentivar o mandamento de fazer discípulos de todas as nações. Por conseguinte, se a promessa sustentada foi expressa em termos que perduram até o fim dos séculos, podemos corretamente admitir que a ordem de fazer discípulos também dura até o fim dos séculos. Ela não foi atribuída somente aos apóstolos. Eles receberam o mandamento como representantes da igreja, que permanece até o fim dos tempos.

Concluo, portanto, que a Grande Comissão foi conferida não apenas aos apóstolos, mas também à igreja, que perdurará até à consumação dos séculos. Isso também é sustentado pela autoridade que Jesus reivindica no versículo 18: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra". Isso o habilita a fazer o que havia anteriormente prometido em Mateus 16.18, quando disse: "Edificarei a minha igreja". Portanto, a validade permanente da Grande Comissão depende da autoridade contínua de Cristo sobre todas as coisas (Mt 28.18), do propósito de Cristo de edificar sua igreja (Mt 16.18) e da sua promessa de estar presente e ajudar na missão da igreja até à consumação dos séculos (Mt 28.20).

Desse modo, essas palavras do Senhor são fundamentais para se decidir qual deve ser, hoje, a tarefa missionária da igreja. Especificamente as palavras "fazei discípulos de todas as nações" devem ser examinadas a fundo. Elas contêm a importantíssima frase "todas as nações", que é frequentemente referida na forma grega *panta ta ethne* (*panta* = todas; *ta* = as; *ethne* = nações). A razão de esta ser uma frase tão importante é que *ethne*, quando traduzida como "nações", soa como um agrupamento político ou geográfico. Esse é o seu uso mais comum no inglês, mas veremos que não é o que significa em grego. Nem sempre a palavra em inglês quer significar realmente isso. Por exemplo, dizemos a Nação Cherokee ou a Nação Sioux. Isso significa algo como: povo com uma identidade étnica unificadora. De fato, a palavra "étnica" vem da palavra grega *ethnos* (singular de *ethne*).

Nossa inclinação deve ser, pois, assumir a forma *panta ta ethne* como uma referência a "todos os grupos étnicos". "Ide, portanto, fazei discípulos de todos os grupos étnicos."

Entretanto, isso precisamente é o que precisa ser verificado por uma investigação cuidadosa do contexto bíblico mais amplo e especialmente pelo uso de *ethnos* no Novo Testamento e seu contexto no Antigo Testamento.

O uso do singular de *ethnos* no Novo Testamento

No Novo Testamento, o singular *ethnos* nunca se refere a um indivíduo.[154] Esse é um fato surpreendente. Todas as vezes que o singular *ethnos* ocorre, ele se refere a um grupo de pessoas ou "nação" – geralmente a nação judaica, muito embora, no plural, seja geralmente traduzido como "gentios", em distinção ao povo judeu.[155]

Aqui estão alguns exemplos para ilustrar o sentido associado ao uso do singular *ethnos*.

> Porquanto se levantará nação (*ethnos*) contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares.
>
> Mateus 24.7

> Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos de todas as nações (*ethnous*) debaixo do céu.
>
> Atos 2.5

> Havia certo homem, chamado Simão... iludindo o povo (*ethnos*) de Samaria.
>
> Atos 8.9

> Sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa (*ethnos*), povo de propriedade exclusiva de Deus.
>
> 1Pedro 2.9

> Com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação (*ethnous*).
>
> Apocalipse 5.9

O que essa verificação do singular estabelece é que a palavra *ethnos* contém, natural e normalmente, um significado corporativo em referência a um grupo de pessoas com certa identidade étnica. De fato, a referência em Atos 2.5, "de toda nação", é muito próxima da forma "todas as nações", em Mateus 28.19. E, em Atos 2.5, deve se referir a grupos de pessoas de alguma espécie. Assim, nessa comparação, encontramo-nos inclinados a adotar "grupo de pessoas" com o significado de "todas as nações", na Grande Comissão de Mateus 28.19.

O uso do plural de *ethnos* no Novo Testamento

Diferente do que acontece com o singular, o plural de *ethnos* nem sempre se refere a "grupos de pessoas". Algumas vezes, ele simplesmente se refere a indivíduos gentios.[156] Muitos exemplos são ambíguos. O que é importante ver é que, no plural, a palavra pode se referir a um grupo étnico ou simplesmente a indivíduos gentios que podem não compor um grupo étnico. Por exemplo, para ilustrar o significado de indivíduos gentios, considere os seguintes textos.

> Atos 13.48 – Quando Paulo se volta para os gentios em Antioquia, após ser rejeitado pelos judeus, Lucas diz: "Os *gentios*, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor". Esta é uma referência não a nações, mas a um grupo de indivíduos gentios que ouviu Paulo na sinagoga.
>
> 1Coríntios 12.2 – "Sabeis que, outrora, quando éreis *gentios*, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos, segundo éreis guiados." Nesse versículo, o pronome [vós] refere-se aos indivíduos gentios convertidos em Corinto. Não faria sentido dizer "quando éreis nações..."
>
> Efésios 3.6 – Paulo diz que, pelo mistério de Cristo, "os *gentios* são co-herdeiros, membros do mesmo corpo..." Não haveria sentido dizer que as "nações" são co-herdeiras e *membros* (uma referência definida para os indivíduos) do mesmo corpo. A concepção de Paulo é que o corpo local de Cristo tem muitos membros *individuais* que são *gentios*.

Talvez esses exemplos sejam suficientes para mostrar que o plural de *ethnos não tem* o significado de nação ou "grupo de pessoas". Por outro lado, o plural, como o singular, certamente pode se referir, e muitas vezes se refere, a "grupos de pessoas". Por exemplo:

> Atos 13.19 – Referindo-se à apropriação da terra prometida por Israel, Paulo diz: "E, havendo destruído sete nações (*ethne*) na terra de Canaã, deu-lhes essa terra por herança".
>
> Romanos 4.17 – "Como está escrito: Por pai de muitas nações te constituí." Aqui, Paulo está citando Gênesis 17.4-5, no qual "pai de muitas nações" não se refere a indivíduos, mas a grupos de pessoas. *Ethnon* é uma tradução do hebraico *goyim*, que, virtualmente, sempre significa nações ou grupos de pessoas. Por exemplo, em Deuteronômio 7.1, Moisés diz que Deus iria "[lançar] fora muitas *nações* de diante de ti, os heteus, e os girgaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os ferezeus, e os heveus, e os jebuseus". A palavra "nações", aqui, é *goyim* em hebraico e *ethne* em grego.
>
> Apocalipse 11.9 – "Muitos dentre os povos, as tribos, as línguas e as nações (*ethnon*) contemplam os cadáveres das duas testemunhas, por três dias e meio." Nesta sequência, está claro que "nações" refere-se a algum tipo de agrupamento étnico, não apenas de indivíduos gentios.

O que vimos, então, é que o plural *ethne* pode significar indivíduos gentios que podem não ser parte de um grupo único de pessoas ou pode significar (como sempre ocorre no singular) um grupo de pessoas com identidade étnica. Isso quer dizer que não podemos, ainda, estar certos de qual significado é pretendido em Mateus 28.19. Não podemos responder ainda a questão sobre se a tarefa das missões é meramente alcançar tantos indivíduos quanto for possível ou alcançar todos os grupos de pessoas do mundo.

Contudo, o fato de, no Novo Testamento, o singular *ethnos* nunca se referir a um indivíduo, mas sempre a um grupo de pessoas, deve nos levar, provavelmente, ao significado de grupo de pessoas, a menos que o contexto nos fizer pensar de outra maneira. Essa ideia ficará mais clara quando pusermos diante de nós o contexto do Antigo Testamento e o impacto que ele exerceu nos escritos de João e Paulo. Primeiro, porém, devemos examinar o uso que o Novo Testamento faz da frase decisiva *panta ta ethne* (todas as nações).

O uso de *panta ta ethne* no Novo Testamento

Nossa preocupação imediata é com o significado de *panta ta ethne* em Mateus 28.19 – "Ide... fazei discípulos de *todas as nações*." Uma vez que tal frase é essencial para a compreensão dos objetivos das missões e que aparece aqui e ali, hoje, como uma expressão grega em escritos não técnicos, é importante tornar todos os seus usos prontamente acessíveis para a consideração de leitores não gregos. Portanto, a seguir, apresentarei todos os textos em que a combinação de *pas* (todo) e *ethnos* (nação/gentio) ocorre no Novo Testamento, tanto no singular ("cada nação") como no plural ("todas as nações/gentios"). As diferentes flexões de *pan*, *panta*, *pasin* e *panton* são simplesmente mudanças na desinência gramatical da mesma palavra para concordar com várias formas do substantivo *ethnos* (*ethne*, *ethnesin*).

Mateus 24.9 – "Sereis odiados de *panton ton ethnon* por causa do meu nome."

Mateus 24.14 (= Mc 13.10) – "E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a *pasin tois ethnesin*. Então, virá o fim."

Mateus 25.32 – "E *panta ta ethne* serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas." (Esse contexto parece requerer o significado "indivíduos gentios", não grupos de pessoas, porque ele diz que Jesus "separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas". Essa é uma referência a indivíduos que estão sendo julgados como "malditos" e "justos" e que entrarão no inferno ou na vida eterna. Cf. versículos 41, 46.)

Mateus 28.19 – "Fazei discípulos de *panta ta ethne*."

Marcos 11.17 – "A minha casa será chamada casa de oração para *pasin tois ethnesin*" (esta é uma citação de Isaías 56.7. A frase hebraica por trás de

pasin tois ethnesin é *lekol ha'ammim*, que deve significar "todos os povos" em vez de "todo o povo").

Lucas 12.29-30 – "Não andeis, pois, a indagar o que haveis de comer ou beber e não vos entregueis a inquietações. Porque *panta ta ethne* de todo o mundo é que procuram estas coisas."

Lucas 21.24 – "Cairão a fio de espada e serão levados cativos para *ta ethne panta*" (esta advertência ecoa as palavras de Ezequiel 32.9, em que a palavra hebraica correspondente é *goyim*, que significa nações ou grupos de pessoas. Veja também Deuteronômio 28.64).

Lucas 24.47 – "E que em seu nome pregasse arrependimento para remissão de pecados a *panta ta ethne*, começando de Jerusalém."

Atos 2.5 – "Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, de *pantos ethnous* debaixo do céu" (isso deve referir-se claramente a grupos de pessoas em vez de indivíduos. A referência é aos vários grupos nacionais ou étnicos dos quais os judeus da diáspora tinham ido para Jerusalém).

Atos 10.35 – "Em *panti ethnei* aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável" (novamente isso deve ser uma referência aos grupos de pessoas ou nações, não aos indivíduos gentios, porque os indivíduos que temem a Deus estão "*em* toda nação").

Atos 14.16 – "O qual [Deus] nas gerações passadas permitiu que *panta ta ethne* andassem nos seus próprios caminhos."

Atos 15.16-17 – "Reedificarei o tabernáculo caído de Davi... para que os demais homens busquem o Senhor, e *panta ta ethne* sobre os quais tem sido invocado o meu nome" (escrevo o versículo até o fim com esta tradução literal desajeitada simplesmente para realçar o fato de que é uma citação de Amós 9.12, em que o grego segue o hebraico com semelhante sentido literal. Novamente a palavra hebraica para *ethne* é *goyim*, que significa nações ou grupos de pessoas).

Atos 17.26 – "[Deus] de um só fez *pan ethnos* para habitar sobre toda a face da terra" (assim como em Atos 2.5 e 10.35, esta é uma referência a "todo grupo de pessoas", em lugar de indivíduos, porque diz que toda nação é constituída "de homens". Não faria sentido dizer que todo indivíduo gentio foi constituído "de homens". Tampouco faria sentido a sugestão de alguns, de que significa "toda a raça humana", adapta-se ao sentido de *ethnos* ou ao contexto).[157]

Romanos 1.5 – "Por intermédio de quem viemos a receber graça e apostolado por amor do seu nome, para a obediência por fé entre *pasin tois ethnesin*."

Gálatas 3.8 – "Tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pela fé os gentios, preanunciou o evangelho a Abraão: 'Em ti, serão abençoados *panta ta ethne*'" (esta é uma citação de Gênesis 12.3, a qual se refere claramente a grupos de pessoas. A frase hebraica correspondente, *kol mishpahot*, significa "todas as famílias". Veja Gênesis 12.3 para apreciação da tradução de Paulo).

2Timóteo 4.17 – "Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida, e *panta ta ethne* a ouvissem."

Apocalipse 12.5 – "Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que há de reger *panta ta ethne* com cetro de ferro" (cf. salmo 2.9. A alusão ao Antigo Testamento torna provável que sua referência a nações, no salmo 2.8, também seja pretendida aqui).

Apocalipse 15.4 – "Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo; por isso *panta ta ethne* virão e adoração diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos" (cf. salmo 86.9; 85.9 LXX. Novamente a alusão ao Antigo Testamento sugere um entendimento corporativo de nações vindo para adorar o Senhor).

Desses 18 usos de *panta ta ethne* (ou suas variantes), somente um, em Mateus 25.32, parece requerer o significado de "indivíduos gentios" (veja os comentários sobre esse versículo). Três outros requerem, com base no contexto, o significado de grupo de pessoas (At 2.5; 10.35; 17.26). Seis outros requerem o sentido de grupo de pessoas, baseando-se na conexão com o Antigo Testamento (Mc 11.17; Lc 21.24; At 15.17; Gl 3.8; Ap 12.5; 15.4). Os oito restantes (Mt 24.9; 24.14; 28.19; Lc 12.30; 24.47; At 14.16; 2Tm 4.17; Rm 1.5) podem ser aplicados a um ou outro sentido.

O que podemos concluir, até aqui, em relação ao sentido de *panta ta ethne* em Mateus 28.19 e mais amplamente ao seu significado missionário?

O uso do singular de *ethnos,* no Novo Testamento, sempre se refere a um grupo de pessoas. O uso do plural de *ethnos,* algumas vezes, representa um grupo de pessoas e, outras, indivíduos gentios, porém, usualmente, pode ser um ou outro. A frase *panta ta ethne* refere-se a indivíduos gentios somente uma vez, mas a grupos de pessoas nove vezes. Os oito usos restantes podem se referir a grupos de pessoas. A combinação desses resultados sugere que o sentido de *panta ta ethne* inclina-se fortemente na direção de "todas as nações (grupos de pessoas)". Com certeza, não se pode dizer que sempre terá esse significado em todos os lugares em que for usada, porém, esse é o mais provável em razão do que vimos até aqui.

Essa probabilidade aumenta ainda mais quando constatamos que a frase *panta ta ethne* ocorre no Antigo Testamento grego cerca de 100 vezes e, praticamente, nunca com o sentido de indivíduos gentios, mas sempre com o significado de "todas as nações" no conceito de grupos de pessoas fora de Israel.[158] Que a visão do Novo Testamento para missões tem esse foco é algo que parecerá ainda mais provável ao voltarmos ao contexto do Antigo Testamento.

A esperança do Antigo Testamento

O Antigo Testamento está repleto de promessas e expectativas de que Deus, um dia, seria adorado por pessoas de todas as nações do mundo. Veremos que essas promessas formam o fundamento explícito da visão missionária do Novo Testamento.

Todas as famílias da Terra serão benditas

Fundamental para a visão missionária do Novo Testamento foi a promessa que Deus fez a Abraão em Gênesis 12.1-3.

> Disse o SENHOR a Abrão: "Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas *todas as famílias* da terra".

Esta promessa de bênção universal às "famílias" da terra é essencialmente repetida em Gênesis 18.18; 22.18; 26.4 e 28.14.

Em 12.3 e 28.14, a frase hebraica para "todas as famílias" (*kol mishpehot*) é traduzida no grego do Antigo Testamento por *pasai hai phylai*. A palavra *phylai* significa "tribos" em muitos contextos. Porém, *mishpahah* pode ser, e usualmente é, menor que uma tribo.[159] Por exemplo, quando Acã pecou, Israel foi investigado em ordem decrescente de tamanho: primeiro por tribo, em seguida por *mishpahah* (família) e, por fim, por pessoa (Js 7.14).

Assim, a bênção de Abraão decorre do propósito divino de alcançar equitativamente pequenos agrupamentos de pessoas. Não precisamos definir esses grupos com precisão para sentir o impacto dessa promessa. As outras três repetições dessa promessa abraâmica em Gênesis usam a expressão "todas as nações" (hebraico: *kol goye*), a qual a Septuaginta traduziu pela familiar *panta ta ethne* em cada caso (18.18; 22.18 e 26.4). Isso sugere incisivamente que o termo *panta ta ethne* em contextos missionários tem a característica de grupos de pessoas, em lugar de indivíduos gentios.

O Novo Testamento menciona explicitamente duas vezes esta promessa abraâmica específica. Em Atos 3.25, Pedro diz à multidão de judeus: "Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com vossos pais, dizendo a Abraão: 'Na tua descendência, serão abençoadas *todas as nações* [todas as famílias] da terra'".

A expressão grega em Atos 3.25 para "todas as famílias" é *pasai hai patriai*. Trata-se de uma tradução independente de Gênesis 12.3, diferindo tanto do Antigo Testamento grego (*pasai hai phylai*) quanto da forma

traduzida por Paulo em Gálatas 3.8 (*panta ta ethne*).[160] Mas, ao escolher outra palavra que se refere a grupos de pessoas (*patriai*), o escritor confirma que a promessa foi compreendida pela igreja primitiva em termos de grupos de pessoas e não de indivíduos gentios. *Patria* pode ser um subgrupo de uma tribo ou, mais comumente, um clã ou uma tribo.

Outra citação da promessa abraâmica no Novo Testamento está em Gálatas 3.6-8.

> É o caso de Abraão, que creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça. Sabei, pois, que os da fé é que são filhos de Abraão. Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pelo fé os gentios (*ta ethne*), pré-anunciou o evangelho a Abraão: "Em ti, serão abençoados todos os povos [nações] (*panta ta ethne*)".

Aqui ocorre algo interessante, a saber, todas as versões em inglês traduzem a palavra *ethne* de modo diferente em seus dois usos no versículo 8: no primeiro caso, como "gentios" e, no segundo, como "nações".

Alguém poderia tentar argumentar que o uso da promessa por Paulo para sustentar a justificação dos "gentios" individuais significa que ele não vê grupos de pessoas na promessa abraâmica, uma vez que os indivíduos é que são justificados. Porém, esta não é uma conclusão necessária. Mais provável é a possibilidade de que Paulo tenha reconhecido o significado do Antigo Testamento de *panta ta ethne* em Gênesis 18.18 (o paralelo mais próximo no Antigo Testamento) e concluído que os gentios individuais estão necessariamente incluídos. Portanto, as versões inglesas estão corretas ao preservarem o sentido diferente dos dois usos de *ethne* em Gálatas 3.8.

O uso por Paulo da promessa nos alerta para que não nos aprofundemos na reflexão sobre os grupos de pessoas e nos esqueçamos de que a "bênção de Abraão" é experimentada, realmente, por *indivíduos*.

O que podemos concluir das palavras de Gênesis 12.3 e de seu uso no Novo Testamento é que o propósito de Deus para o mundo é que a bênção de Abraão, isto é, a salvação alcançada por meio de Jesus Cristo, a semente de Abraão, seria estendida a todos os grupos étnicos do mundo. Isso aconteceria à medida que cada grupo pusesse sua fé em Cristo e se tornasse, assim, "filhos de Abraão" (Gl 3.7) e herdeiros da promessa (Gl 3.29). Esse evento da salvação individual como pessoas que confiam em Cristo acontecerá entre "todas as nações". O tamanho e a caracterização das "nações" ou grupos de pessoas referidos nessa promessa e seu uso no Novo Testamento não são exatos. Mas as palavras chamam a atenção regularmente para pequenos grupos, uma vez que a referência a "todas as nações", em Gênesis 18.18 (= Gl 3.8), é um eco de "todas as famílias", em Gênesis 12.3.

A pequenez dos grupos de pessoas visualizados na esperança do Antigo Testamento é revelada novamente pela expressão "famílias das nações", nos salmos 22.27 (21.28 LXX) e 96.7 (95.7 LXX).

> Lembrar-se-ão do SENHOR e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão *todas as famílias das nações*. Pois do SENHOR é o reino, é ele quem governa as nações.
>
> salmo 22.27-28

A frase "todas as famílias das nações é *pasai hai patriai ton ethnon*. Portanto, a esperança em vista é que não apenas "todas as nações" (*panta ta ethne*) correspondam à verdade e adorem a Deus, mas também os grupos menores, "todas as famílias das nações". "Família" não possui o nosso significado moderno de família nuclear, mas de algo parecido com um clã.[161] Isso será confirmado quando observarmos a esperança expressa em Apocalipse 5.9, em que os adoradores foram redimidos não somente de toda "nação" (*ethnous*), mas também de toda "tribo" (*phyles*).

A esperança das nações

Um dos melhores meios de discernir a extensão da Grande Comissão, quando Jesus a atribuiu aos seus apóstolos e eles a seguiram, é mergulhar na atmosfera de esperança que sentiram ao ler a Bíblia, o Antigo Testamento. Um aspecto dominante dessa esperança é a expectativa de que a verdade de Deus alcançaria todos os grupos de pessoas do mundo e que esses grupos viriam e adorariam o verdadeiro Deus. Essa esperança foi expressa, repetidamente, na terminologia "grupo de pessoas" (povos, nações, tribos, famílias, *etc.*). Eis uma amostra dos Salmos e de Isaías do tipo de esperança que montou o cenário para a Grande Comissão de Jesus. Os textos se dividem em quatro categorias: exortação, promessa, orações e planos.

"ANUNCIAI ENTRE AS NAÇÕES A SUA GLÓRIA!"

A primeira categoria de textos que expressam a esperança das nações é uma compilação de *exortações* de que a glória de Deus seja declarada e louvada entre as nações e pelas nações.

> Cantai louvores ao SENHOR, que habita em Sião; proclamai entre os *povos* os seus feitos!
>
> salmo 9.11

> Batei palmas, *todos os povos*; celebrai a Deus com vozes de júbilo!
>
> salmo 47.1

Bendizei, ó *povos*, o nosso Deus; fazei ouvir a voz do seu louvor.
salmo 66.8

Anunciai entre as *nações* a sua glória, entre *todos os povos* as suas maravilhas!
salmo 96.3

Tributai ao SENHOR, ó *famílias dos povos*, tributai ao SENHOR glória e força! Dizei entre as *nações*: "Reina o SENHOR. Ele firmou o mundo para que não se abale e julga os *povos* com equidade".
salmo 96.7, 10

Rendei graças ao SENHOR, invocai o seu nome, fazei conhecidos, entre os *povos*, os seus feitos!
salmo 105.1

Louvai ao SENHOR, vós *todos os gentios*, louvai-o, *todos os povos*!
salmo 117.1

Direis naquele dia: "Dai graças ao SENHOR, invocai o seu nome, tornai manifestos os seus feitos entre os *povos*, relembrai que é excelso o seu nome".
Isaías 12.4

Chegai-vos, *nações*, para ouvir, e vós, *povos*, escutai; ouça a terra e a sua plenitude, o mundo e tudo quanto produz.
Isaías 34.1

"AS NAÇÕES VIRÃO PARA A TUA LUZ!"

A segunda categoria de textos que expressam a esperança das nações é um conjunto de *promessas* de que, um dia, as nações adorarão o verdadeiro Deus.

Eu te darei as *nações* por herança.
salmo 2.8; cf. 111.6

O teu nome, eu o farei celebrado de geração a geração, e, assim, os *povos* te louvarão[162] para todo o sempre.
salmo 45.17

Os *príncipes dos povos* se reúnem, o povo do Deus de Abraão, porque a Deus pertencem os escudos da terra; ele se exaltou gloriosamente!
salmo 47.9

Todas as nações que fizeste virão, prostrar-se-ão diante de ti, SENHOR, e glorificarão o teu nome.
salmo 86.9

O SENHOR, ao registrar os *povos*, dirá: "Este nasceu lá".

salmo 87.6

Todas as *nações* temerão o nome do SENHOR, e todos os reis da terra, a sua glória.

salmo 102.15

Quando se reunirem os *povos* e os reinos, para servirem ao SENHOR.

salmo 102.22

Manifesta ao seu povo e poder das suas obras, dando-lhe a herança das *nações*.

salmo 111.6

Naquele dia, recorrerão as *nações* á raiz de Jessé que está posta por estandarte dos *povos*; a glória lhe será a morada.

Isaías 11.10

O SENHOR dos Exércitos dará neste monte a *todos os povos* um banquete de coisas gordurosas, uma festa com vinhos velhos, pratos gordurosos com tutanos e vinhos velhos bem clarificados. Destruirá neste monte a coberta que envolve todos os povos e o véu que está posto sobre todas as nações.

Isaías 25.6-7

[Diz o SENHOR]: Pouco é o seres meu servo, para restaurares as tribos de Jacó e tornares a trazer os remanescentes de Israel; também te dei como luz para os *gentios*, para seres a minha salvação até à extremidade da terra.

Isaías 49.6

Perto está a minha justiça, aparece a minha salvação, e os meus braços dominarão os *povos*; as terras do mar me aguardam e no meu braço esperam.

Isaías 51.5

O SENHOR desnudou o seu santo braço à vista de todas as *nações*; e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus.

Isaías 52.10

Assim causará [o meu servo] admiração às *nações*, e os reis fecharão a sua boca por causa dele; porque aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que não ouviram entenderão.

Isaías 52.15

Eis que chamarás a uma *nação* que não conheces, e uma *nação* que nunca te conheceu correrá para junto de ti, por amor do SENHOR, teu Deus, e do Santo de Israel, porque este te glorificou.

Isaías 55.5

> Também os levarei ao meu santo monte e os alegrarei na minha casa de oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar, porque a minha casa será chamada casa de oração para *todos os povos*.
>
> Isaías 56.7

> As *nações* se encaminham para a tua luz, e os reis, para o resplendor que te nasceu.
>
> Isaías 60.3

> Porque conheço as suas obras e os seus pensamentos e venho para ajuntar *todas as nações e línguas*; elas virão e contemplarão a minha glória.
>
> Isaías 66.18

> Venho para ajuntar *todas as nações e línguas*; elas virão e contemplarão a minha glória. Porei entre elas um sinal e alguns dos que foram salvos enviarei às nações, a Társis, Pul e Lude, que atiram com o arco, a Tubal e Javã, até às terras do mar mais remotas, que jamais ouviram falar de mim, nem viram a minha glória; eles anunciarão entre as *nações* a minha glória.
>
> Isaías 66.18-19

"Ó Deus, louvem-te os povos todos!"

A terceira categoria de textos que expressam a esperança das nações é composta por *orações* confiantes para que Deus seja louvado entre as nações.

> Seja Deus gracioso para conosco, e nos abençoe, e faça resplandecer sobre nós o seu rosto; para que se conheça na terra o teu caminho e, em todas as nações, a tua salvação. Louvem-te os *povos*, ó Deus, louvem-te *os povos todos*. Alegrem-se e exultem as gentes, pois julgas os povos com equidade e guias na terra as *nações*. Louvem-te os povos, ó Deus; louvem-*te os povos todos*.
>
> salmo 67.1-5

> E todos os reis se prostrem perante ele; *todas as nações* o sirvam.
>
> salmo 72.11

> Subsista para sempre o seu nome e prospere enquanto resplandecer o sol; nele sejam abençoados todos os homens, e as *nações* lhe chamem bem-aventurado.
>
> salmo 72.17

"Cantar-te-ei louvores entre as nações"

A quarta categoria de textos que expressam a esperança das nações anuncia os planos do salmista em fazer sua parte para que a grandeza de Deus seja conhecida entre as nações.

> Glorificar-te-ei, pois, entre os *gentios* [nações], ó Senhor, e cantarei louvores ao teu nome.
>
> salmo 18.49

> Render-te-ei graças entre os *povos*; cantar-te-ei louvores entre as *nações*.
>
> salmo 57.9

> Render-te-ei graças entre os *povos*, ó Senhor! Cantar-te-ei louvores entre as *nações*.
>
> salmo 108.3

Abençoado para ser uma bênção

O que esses textos demonstram é que a bênção do perdão e da salvação, que Deus concedeu a Israel, foi, eventualmente, significativa para alcançar todos os grupos de pessoas do mundo. Israel foi abençoado para ser uma bênção entre as nações. Isso é mais bem expresso no salmo 67.1-2: "Seja Deus gracioso para conosco, e nos abençoe, e faça resplandecer sobre nós o seu rosto [POR QUÊ?]; para que se conheça na terra o teu caminho e, em *todas as nações*, a tua salvação". A bênção veio a Israel como um meio de alcançar as nações. Essa é a esperança do Antigo Testamento: as bênçãos da salvação destinam-se às nações.

O Deus missionário versus *o profeta relutante*

Uma das confirmações e ilustrações mais vívidas do Antigo Testamento sobre o propósito salvador de Deus para as nações é encontrada no livro de Jonas. O profeta foi comissionado a pregar na cidade pagã de Nínive. Ele tentou fugir porque sabia que Deus seria gracioso para com aquelas pessoas e as perdoaria. O aspecto central do livro não é o peixe, mas as missões, o racismo e o etnocentrismo. O ponto principal é: seja misericordioso como Deus, não avaro e egoísta como Jonas.

Nínive realmente se arrependeu ante a pregação relutante de Jonas. Quando Deus viu o arrependimento de Nínive, "se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria e não o fez" (Jn 3.10). Era isso que Jonas temia que ocorresse.

> Com isso, desgostou-se Jonas extremamente e ficou irado. E orou ao SENHOR e disse: Ah! SENHOR! Não foi isso o que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso, me adiantei, fugindo para Társis, pois sabia que és Deus clemente, e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade, e que te arrependes do mal. Peço-te, pois, ó SENHOR, tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver.
>
> Jonas 4.1-3

Jonas não serve como modelo de missionário. Sua vida é um exemplo de como não sê-lo. Enquanto se aborrece nos arredores da cidade, Deus ordena que uma planta cresça acima de Jonas para lhe proporcionar sombra. Quando a planta murcha, Jonas sente pena dela! Então Deus intervém com estas palavras:

> Tens compaixão da planta que te não custou trabalho, a qual não fizeste crescer, que numa noite nasceu e numa noite pereceu; e não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?
>
> Jonas 4.10-11.

As implicações missionárias de Jonas não ocorrem simplesmente porque Deus está mais pronto a ser misericordioso com as nações do que as pessoas que delas fazem parte, mas também porque Jesus se identifica como "maior do que Jonas" (Mt 12.39-41). Ele é maior não somente porque sua ressurreição é maior do que sobreviver no ventre de um peixe, mas também porque ele permanece em harmonia com a misericórdia de Deus e a estende agora *a todas as nações*. O poema de Thomas Carlisle "Você Jonas" é encerrado com estes versos:

> E Jonas se aproximou
> do seu assento sombreado
> e esperou que Deus
> concordasse
> com seu modo de pensar.
> E Deus ainda espera por multidões de Jonas
> em suas casas confortáveis
> que concordem
> com seu modo de amar.[163]

Para constatar o poder que a esperança do Antigo Testamento teve sobre a visão missionária do Novo Testamento, voltaremos agora ao apóstolo Paulo e sua ideia da tarefa missionária. A esperança do Antigo Testamento é o fundamento explícito da obra de sua vida como missionário.

A ideia de Paulo sobre a tarefa missionária

Abordamos anteriormente, neste capítulo, a utilização de Gênesis 12.3 (Gl 3.8) por Paulo. Ele viu a promessa de que, em Abraão, todas as nações seriam abençoadas e concluiu que Cristo era a verdadeira descendência de Abraão e, portanto, herdeiro das promessas (Gl 3.16). Além disso, ele deduziu que todos os que estão unidos a Cristo pela fé também se tornam filhos de Abraão e herdeiros da promessa. "Sabei, pois, que os da fé é que são filhos de Abraão... E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa" (Gl 3.7, 29). Eis como Paulo via a bênção de Abraão vindo às nações. Ela veio por meio de Cristo, que era semente de Abraão. Pela fé, as pessoas são unidas a Cristo e herdam a bênção de Abraão. "Cristo nos resgatou da maldição da lei... para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo" (Gl 3.13-14). Assim, a promessa de Gênesis 12.3 torna-se real quando os missionários da igreja cristã estendem a mensagem do evangelho a todas as famílias da terra.

Como Abraão seria o pai de muitas nações?

Porém, Paulo viu outra conexão entre a promessa dada a Abraão e o seu próprio chamado para alcançar as nações. Ele leu, em Gênesis 17.4-5, que Deus prometeu fazer de Abraão o pai de muitas nações: "Quanto a mim, será contigo a minha aliança; serás *pai de numerosas nações*. Abrão já não será o teu nome, e sim Abraão; porque por *pai de numerosas nações* te constituí".

Vimos, anteriormente, que "nações" aqui se refere a grupos de pessoas, não a indivíduos gentios. Mas como essa promessa se concretizaria? Como poderia um judeu tornar-se o pai de numerosas nações? Não seria suficiente dizer que Abraão se tornou bisavô das doze tribos de Israel, além de ser o pai de Ismael e seus descendentes e ainda o avô de Esaú e dos edomitas. Catorze não é uma multidão.

A resposta de Paulo a isso foi que todos os que creem em Cristo se tornam filhos de Abraão. Desse modo, Abraão torna-se o pai de muitas nações porque os crentes serão encontrados em toda nação à medida que os missionários alcançarem os grupos de pessoas não alcançadas. Paulo argumenta desta maneira: em Romanos 4.11, ele assinala que Abraão recebeu a circuncisão como sinal de justiça, que possuía, pela fé, antes de ser circuncidado. "[Foi circuncidado] para vir a ser *o pai de todos que creem*, embora não circuncidados, a fim de que lhes fosse imputada a justiça" (Rm 4.11). Em outras palavras, o fato decisivo ocorrido com Abraão em sua relação com Deus aconteceu antes de ele receber a marca distintiva do povo judaico, a circuncisão. Assim, a verdadeira filiação espiritual a Abraão é compartilhar sua fé, não as suas características judaicas.

Portanto, o meio pelo qual Abraão se torna pai de muitas nações é pelo fato de aquelas nações virem a participar da sua fé e estarem unidas à mesma fonte de bênção que flui por meio da aliança que Deus fez com ele. Por isso, Paulo diz, em Romanos 4.16-17: "Essa é a razão por que provém da fé, para que seja segundo a graça, a fim de que seja firme a promessa para toda a descendência, não somente ao que está no regime da lei [isto é, judeus], mas também ao que é da fé que teve Abraão [isto é, as nações não judaicas] (porque Abraão é *pai de todos nós*, como está escrito: 'Por *pai de muitas nações* te constitui)'".

Quando Paulo leu que Abraão seria feito "o pai de muitas nações", ele ouviu a Grande Comissão. Essas nações somente viriam à sua filiação e desfrutariam a bênção de Abraão se os missionários as alcançassem com o evangelho da salvação pela fé em Jesus Cristo. Não é de surpreender, pois, encontrar Paulo apoiando seu próprio chamado missionário em outras promessas do Antigo Testamento que profetizaram o alcance das nações com a luz e a salvação de Deus.

"Eu te constituí para luz das nações"

Por exemplo, em Atos 13.47, a explanação de Paulo sobre o seu ministério às nações gentias está enraizada na promessa de Isaías 49.6, de que Deus faria de seu servo luz para as nações. Quando Paulo pregou na sinagoga de Antioquia da Pisídia, em sua primeira viagem missionária, "os judeus, vendo as multidões, tomaram-se de inveja e, blasfemando, contradiziam o que Paulo falava" (At 13.45). Diante disso, Paulo e Barnabé se desviaram da sinagoga e focalizaram seu ministério em pessoas de outros grupos. Para dar uma explicação dessa decisão, Paulo cita Isaías 49.6:

> ... mas, posto que a rejeitais [a palavra de Deus] e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna, eis aí que nos volvemos para os gentios. Porque o Senhor assim no-lo determinou: Eu te constituí para luz dos gentios (*ethnon*, nações), a fim de que sejas para salvação até aos confins da terra.
>
> Atos 13.46-47

É difícil entender por que as versões da língua inglesa não preservam o sentido do Antigo Testamento de Isaías 49.6 e traduzem – "Eu te constituí para luz das *nações*." A palavra hebraica em Isaías 49.6 é *goyim*, que significa grupos de pessoas, não indivíduos gentios. Então Paulo estaria fazendo exatamente o que fez com nitidez em Gálatas 3.8. Ele estaria tirando uma conclusão necessária sobre indivíduos "gentios" de uma referência a "nações"

do Antigo Testamento. Assim, vemos que a própria visão missionária de Paulo foi guiada por sua meditação não somente sobre as promessas a Abraão, mas também sobre a esperança mais ampla do Antigo Testamento de que a salvação chegaria a todas as nações.

A paixão de Paulo por povos não alcançados

Isso é notavelmente confirmado em Romanos 15. Aqui se torna evidente que Paulo via o seu chamado especificamente missionário para alcançar cada vez mais grupos de pessoas e não apenas mais e mais indivíduos gentios.

Em Romanos 15.8-9, Paulo afirma o duplo propósito para a vinda de Cristo: "Digo, pois, que Cristo foi constituído ministro da circuncisão [isto é, tornou-se encarnado como um judeu], em prol da verdade de Deus, para [1] *confirmar as promessas feitas aos nossos pais*; e para que [2] *os gentios (ta ethne) glorifiquem a Deus por causa da sua misericórdia*". Portanto, o primeiro propósito para a vinda de Cristo foi provar que Deus é verdadeiro e fiel em manter, por exemplo, as promessas feitas a Abraão. E o segundo foi para que as nações pudessem glorificar a Deus por sua misericórdia.

Esses dois propósitos se sobrepõem, uma vez que, claramente, uma das promessas feitas aos patriarcas foi que a bênção de Abraão viria a "todas as famílias da terra". Isso está em perfeita harmonia com o que vimos na esperança do Antigo Testamento. *Israel* é abençoado para que as *nações* possam ser abençoadas (Sl 67). De igual modo, Cristo vem a *Israel* para que as *nações* possam receber misericórdia e dar glória a Deus.

Saturado com a esperança das nações

Então, para apoiar essa alegação do propósito de Deus para as nações, Paulo reúne quatro citações do Antigo Testamento sobre o *ethne*, todas as quais, em seu contexto do Antigo Testamento, referem-se a *nações* e não apenas a indivíduos gentios.

> Como está escrito: "Por isso, eu te glorificarei entre os gentios [nações] (*ethnesin*) e cantarei louvores ao teu nome".
>
> Romanos 15.9; salmo 18.49

> Alegrai-vos, ó *gentios* [nações] (*ethne*), com o seu povo.
>
> Romanos 15.10; Deuteronômio 32.43

> Louvai ao SENHOR, vós *todos os gentios* [nações] (*panta ta ethne*), e todos os *povos* o louvem.
>
> Romanos 15.11; salmo 117.1

> Haverá a raiz de Jessé, aquele que se levanta para governar os *gentios* [as nações] (*ethnon*); nele os *gentios* [nações] (*ethne*) esperarão.
> Romanos 15.12; Isaías 11.10

O que é tão notável sobre essa série de textos que Paulo encadeia aqui é que ou ele os havia memorizado ou teve o trabalho de procurá-los no Antigo Testamento – sem uma concordância! O que é mostrado, por qualquer dos meios, foi que ele pretendeu ver em seu chamado missionário, à luz da esperança do Antigo Testamento, que todas as nações seriam alcançadas com o evangelho. A focalização do grupo de pessoas desses textos é, indubitavelmente, do contexto do Antigo Testamento.

De Jerusalém ao Ilírico: a obra está encerrada!

O que vemos, portanto, a seguir é como a focalização do grupo de pessoas governou a prática missionária de Paulo. Era seu objetivo conquistar tantos indivíduos gentios quanto fosse possível ou alcançar o maior número de grupos de pessoas ou "nações"? Romanos 15.18-21 nos dá uma resposta surpreendente.

> Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio, para conduzir os gentios [*ethnon*, nações] à obediência, por palavra e por obras, por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo; de maneira que, *desde Jerusalém e circunvizinhanças, até ao Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo*, esforçando-me, deste modo, por pregar o evangelho, *não onde Cristo já fora anunciado*, para não edificar sobre fundamento alheio; antes, como está escrito: "Hão de vê-lo aqueles que não tiveram notícia dele, e compreendê-lo os que nada tinham ouvido a seu respeito".

Literalmente, Paulo diz: "De Jerusalém e vizinhanças até o Ilírico tenho *divulgado* (*peplerokenai*) o evangelho". O que isso pode, de fato, significar? Sabemos que havia, ainda, milhares de almas para serem salvas naquela região, porque essa foi o pressuposto de Paulo e Pedro quando escreveram as cartas às igrejas daquelas localidades. É uma extensa área que vai do sul da Palestina ao norte da Itália. Entretanto, Paulo diz que *tinha divulgado o evangelho* em toda aquela região, embora sua obra evangelística tenha durado apenas 10 ou 15 anos.

Sabemos que Paulo acreditava que a obra ainda era necessária lá porque ele deixou Timóteo em Éfeso (1Tm 1.3) e Tito em Creta (Tt 1.5) para fazer o trabalho. No entanto, ele diz que *tinha divulgado o evangelho* em toda a região. Na realidade, ele chegou a dizer, em Romanos 15.23-24: "Mas, agora,

não tendo já campo de atividade nestas regiões... penso em fazê-lo quando em viagem para a Espanha." É extraordinário! Como ele pode dizer que não somente havia divulgado o evangelho naquela região, mas também que não tinha outros campos de trabalho? Ele o havia completado e estava indo para a Espanha (Rm 15.24). O que significa isso?

Significa que a interpretação de Paulo da *tarefa missionária* não é meramente ganhar mais e mais pessoas para Cristo (o que ele poderia ter feito muito eficazmente naquelas regiões familiares), mas alcançar cada vez mais povos ou nações. Sua focalização não estava, originalmente, sobre novas áreas geográficas. Pelo contrário, ele foi movido pela visão de povos não alcançados. Romanos 15.9-12 (citado anteriormente) indica que sua mente estava saturada de textos do Antigo Testamento que se relacionam à esperança das nações.

Orientado por uma visão profética de esperança

O que estava realmente direcionando Paulo quando ele falou, em Romanos 15.20, era sua meta de pregar não onde Cristo já tinha sido anunciado "*para não edificar sobre fundamento alheio?*" Poder-se-ia admitir, severamente, que isso seria uma espécie de impulso egoísta de alguém que gostaria de ser capaz de receber todo o crédito por seu esforço em plantar igrejas. Mas este não é o Paulo que conhecemos das Escrituras, nem é isso o que o contexto sugere.

O versículo seguinte (Rm 15.21) mostra o que impulsiona Paulo. É o conceito do Antigo Testamento do propósito universal de Deus que dá a Paulo sua visão como missionário pioneiro. Ele é orientado por uma visão profética de esperança. Ele cita Isaías 52.15: "Porque aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que não ouviram entenderão".

No Antigo Testamento, essas palavras são imediatamente precedidas por: "Assim causará admiração às *nações* (*ethne polla*), e os reis fecharão a sua boca por causa dele" (Is 52.15). Não há dúvida de que Paulo refletiu sobre o fato de que a sua comissão, dada pelo Senhor, veio a ele em palavras semelhantes. Em um paralelo próximo ao de Isaías 52.15, o Senhor Jesus ressurreto disse a Paulo que ele deveria "levar o nome [de Cristo] perante os *gentios* [nações] (*ethnon*) e *reis*" (At 9.15).

Em outras palavras, Paulo está sendo conduzido por uma comissão pessoal dada pelo Senhor, que foi ricamente apoiada na visão profética de esperança e preenchida por ela. Ele foi controlado pelo propósito de Deus no Antigo Testamento de abençoar todas as nações da terra (Gl 3.8), ser louvado por todos os povos (Rm 15.11), enviar salvação aos confins da terra (At 13.47) e ser compreendido em todo grupo no qual ele não é conhecido (Rm 15.21).[164]

Portanto, a concepção de Paulo de sua tarefa missionária específica foi que ele devia avançar além de regiões e povos nos quais Cristo está agora sendo pregado para lugares como a Espanha e povos "que nunca ouviram falar dele". A "graça" missionária de Deus para Paulo foi para ele assentar fundações em um número cada vez maior de lugares e povos. Seu alvo não era alcançar tantos indivíduos gentios quanto fosse possível, mas sim o maior número de povos não alcançados. Essa foi especificamente a visão missionária de Paulo.

Obediência a seu nome entre todas as nações

Diante desse pano de fundo, as afirmações missionárias no início e no final do livro de Romanos admitem um grupo de pessoas diferentes. Anteriormente, dissemos que o sentido de *panta ta ethne* nestes dois versículos era ambíguo. Porém, partindo daquilo que vimos até agora, seu uso no Antigo Testamento e a dependência de Paulo da esperança do Antigo Testamento, é muito provável que Paulo tenha em vista "nações" ou grupos de pessoas e não apenas indivíduos gentios.

> Por intermédio de quem [Cristo] viemos a receber graça e apostolado por amor do seu nome, para a obediência por fé entre todos os *gentios* [*pasin tois ethnesin*].
>
> Romanos 1.5

> [O mistério]... agora se tornou manifesto e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus eterno, para a obediência por fé, entre *todas as nações* [*panta ta ethne*].
>
> Romanos 16.26

Paulo viu sua "graça e apostolado" missionários especiais como um meio indicado por Deus de cumprir a sua "ordem", para que a obediência por fé fosse alcançada entre todas as nações. Para isso ele deu sua vida.

A visão de João sobre a tarefa missionária

A visão da tarefa missionária nos escritos do apóstolo João confirma que a percepção de Paulo sobre a esperança do Antigo Testamento de alcançar todos os povos não era única entre os apóstolos. O que transparece do Apocalipse e do Evangelho de João é uma visão que admite a tarefa missionária principal de alcançar grupos de pessoas, não apenas indivíduos gentios.

O texto decisivo é Apocalipse 5.9-10. João teve um vislumbre do clímax da redenção com a adoração de pessoas redimidas diante do trono de Deus. A composição daquele grupo é essencial.

> [Os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos] entoavam novo cântico, dizendo: "Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem *de toda tribo, língua, povo e nação*, e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra".

A visão missionária por trás dessa cena é que a tarefa da igreja é *reunir os redimidos de todos os povos, línguas, tribos e nações.*[165] Todos os povos devem ser alcançados porque Deus designou pessoas a crerem no evangelho, as quais ele redimiu pela morte de seu Filho. O desígnio da expiação prescreve o desígnio da estratégia da missão. E o desígnio da expiação (o resgate de Cristo, versículo 9) é *universal*, pois se estende a todos os povos, e *definitivo*, uma vez que efetivamente resgata alguns de cada um desses povos. Portanto, a tarefa missionária é reunir os resgatados de todos os povos por meio da pregação do evangelho.

Reunindo os filhos dispersos

Esse entendimento da visão de João sobre as missões é poderosamente confirmado em seu evangelho. Em João 11.51-52, Caifás, o sumo sacerdote, admoesta o conselho de judeus irados para que se livre de Jesus porque "convém que morra um só homem pelo povo e que não venha a perecer toda a nação". Então João comenta essa afirmação de Caifás. Suas palavras são vitais para a compreensão da visão missionária de João. Ele diz:

> [Caifás] não disse isto de si mesmo; mas, sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus estava para morrer pela nação, e não somente pela nação, mas também *para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos.*

Isso se conecta notavelmente à concepção de João sobre as missões em Apocalipse 5.9. Ali está escrito que a morte de Cristo redimiu homens "*de* toda tribo, língua, povo e nação". Aqui, em João 11.52, diz-se que a morte de Cristo reuniria os filhos de Deus que andam dispersos entre todas aquelas nações. Em outras palavras, ambos os textos ilustram a tarefa missionária como o ajuntamento daqueles que são redimidos por Cristo. João os chama de "filhos de Deus".

Portanto, "dispersos" (em Jo 11.52) deve ser entendido em seu sentido mais amplo: os "filhos de Deus" serão encontrados tão largamente espalhados quanto há *povos* na terra. A tarefa missionária é alcançá-los em toda tribo, língua, povo e nação. O meio pelo qual devem ser alcançados é pela pregação dos missionários. Foi isso o que Jesus quis dizer em João 17.20: "Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por

intermédio da sua palavra". Esse versículo faz um paralelo com João 11.52, no qual se diz que Jesus não morreu somente pela nação, mas para congregar em um só corpo os filhos de Deus que estão dispersos. O poder salvador da sua morte se estenderá às pessoas de todas as nações do mundo, mas isso acontecerá somente pelo anúncio das palavras daqueles que ele enviar.

Devo trazer também outras ovelhas!

O mesmo conceito está contido no texto missionário de João 10.16. Jesus diz: "Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz". "Este aprisco" se refere ao povo de Israel. As "outras ovelhas" são os "filhos de Deus" que estão dispersos (Jo 11.52). Esses são "os redimidos de toda tribo", em Apocalipse 5.9. Portanto, as palavras "a mim *me convém* conduzi-las" são uma afirmação muito forte de que o Senhor *verá* seu propósito missionário concluído. Ele ajuntará suas "ovelhas", "filhos de Deus" ou "redimidos" de todos os povos da terra. Como está dito em Mateus 16.18, ele edificará a sua igreja.

Assim, o Evangelho de João acrescenta considerável força à certeza e ao propósito missionários subentendidos em Apocalipse 5.9. Jesus *redimiu* pessoas entre todos os povos do mundo. Ele *morreu* para reunir esses "filhos de Deus" que estão dispersos entre os povos. E, portanto, ele *deve* trazer todas essas ovelhas errantes para o seu aprisco! E serão trazidas por meio da palavra pregada por seus mensageiros.

Repetidamente: nações, tribos, povos e línguas

Outras quatro passagens de Apocalipse confirmam que João entende a tarefa das missões como o alcance de todos os grupos de pessoas do mundo, para que os remidos possam ser congregados.

> Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de *todas as nações, tribos, povos e línguas*, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos; e clamavam em grande voz, dizendo: "Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertencem a salvação!"
>
> Apocalipse 7.9-10

Ainda que você restrinja essa multidão aos convertidos da grande tribulação e que diga que o propósito missionário de Deus naquele tempo é diferente do de agora, a implicação do propósito universal de Deus é clara: ele almeja ser adorado pelos convertidos de todas as nações, tribos, povos e línguas.

> Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um *evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação* [*pan ethnos*], *e tribo, e língua, e povo*, dizendo, em grande voz: "Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas".
>
> Apocalipse 14.6-7

De novo, a intenção é que o evangelho seja proclamado não apenas a cada vez mais indivíduos, mas a "toda nação, tribo, língua e povo".

> Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo; por isso, todas as nações [*panta ta ethne*] virão e adorarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos.
>
> Apocalipse 15.4

Em vista da alusão veterotestamentária ao salmo 86.9[166] e do contexto de Apocalipse com seu uso repetido de *ethnos* em referência a "nações" (pelo menos dez vezes) e não a pessoas, *panta ta ethne*, em 15.4, refere-se, sem dúvida, a grupos de pessoas e não meramente a indivíduos gentios. Portanto, o que João antevê como o alvo das missões é a adoração por uma multidão de santos de todos os povos do mundo.

> Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: "Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão *povos* [*laoi*] de Deus, e Deus mesmo estará com eles".
>
> Apocalipse 21.3

Esse é um vislumbre surpreendente e notável do novo céu e da nova terra. Ele apresenta *povos*, não apenas povo, nos tempos que virão. Embora não haja certeza, parece que *laoi* (povos) e não *laos* (povo) seja o texto genuíno e original.[167] Portanto, João (recordando a voz do anjo) parece tornar explícito (diferentemente de *Laos,* de Levítico 26.12) que a meta final de Deus na redenção não é suprimir as distinções dos povos, mas reuni-los todos em uma assembleia *diversificada*, porém unificada, de "povos".

Podemos concluir, desse exame dos escritos de João, que o seu conceito para a tarefa única das missões é alcançar cada vez mais grupos de pessoas, até que haja convertidos de "toda tribo e língua e povo e nação". Esta é uma tarefa cuja realização está totalmente segura, pois já a vê completa na visão do Senhor da era vindoura.

João e Paulo receberam de Jesus essa focalização sobre os povos?

Perguntamos, agora, se essa focalização sobre povos foi intenção de Jesus, quando ele deu aos seus apóstolos sua comissão final. A concepção

de Paulo de sua própria tarefa missionária, recebida do Senhor ressurreto, certamente sugeriria que foi isso o que ele ordenou não somente a ele e a todos os apóstolos, mas à igreja como sua tarefa missionária especial.

A Grande Comissão: estava escrito!

Porém, também há evidência disso no contexto do registro das palavras do Senhor em Lucas 24.45-47.

> Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; e lhes disse: "Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a *todas as nações* [*panta ta ethne*], começando de Jerusalém".

O contexto é, aqui, fundamental. Primeiro, Jesus "lhes abriu o entendimento para compreenderem as *Escrituras*". Então, ele disse: "Assim *está escrito*" (no Antigo Testamento), seguido (no original grego) por três orações infinitivas coordenadas que tornam explícito o que está escrito no Antigo Testamento: primeiro, que o Cristo *havia de sofrer*; segundo, que ele *devia ressuscitar* no terceiro dia; e, terceiro, que arrependimento e perdão dos pecados devem *ser pregados* em seu nome a "todas as nações".

Portanto, Jesus está dizendo que sua comissão para levar a mensagem de arrependimento e perdão a todas as nações "está escrita" nas "Escrituras" do Antigo Testamento. Essa é uma das coisas para as quais ele abriu suas mentes à compreensão. Porém, qual é a concepção do Antigo Testamento do propósito universal de Deus (que anteriormente vimos)? É exatamente o que Paulo viu que seria – um propósito para abençoar todas as famílias da terra e alcançar um povo de "todas as nações"[168] para a adoração de Deus.

Portanto, temos forte evidência de que *panta ta ethne,* em Lucas 24.47, foi compreendida por Jesus não simplesmente em termos de indivíduos gentios, mas como um conjunto de pessoas do mundo que devem ouvir a mensagem de arrependimento para o perdão dos pecados.

Outro relato de Lucas sobre a comissão de Jesus, em Atos 1.8, aponta para a mesma direção. Jesus diz aos seus apóstolos pouco antes de sua ascensão:

> Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra.

Essa comissão sugere que atingir todas as áreas não alcançadas (se não explicitamente grupos de pessoas) é a tarefa específica das missões. Há uma pressão para continuar movendo-se não apenas em direção aos indivíduos não

convertidos da vizinhança, mas para lugares além, mesmo até o fim do mundo. Não apenas isso, a expressão "confins da terra" está, algumas vezes, no Antigo Testamento, intimamente associada com todos os povos da terra. Por exemplo, salmo 22.27:

> Lembrar-se-ão do SENHOR e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias das nações.

Esse paralelo mostra que "confins da terra", algumas vezes, trazia implícita a associação de pessoas distantes.[169] Os apóstolos provavelmente não ouviram a comissão de Atos 1.8 como significativamente diferente da comissão de Lucas 24.47.

Uma casa de oração para todas as nações

Outro indicador do modo como Jesus imaginava os propósitos missionários universais de Deus vem de Marcos 11.17. Quando Jesus limpa o templo, ele cita Isaías 56.7:

> Não está escrito: "A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações [*pasin tois ethnesin*]"?

Isso é importante porque mostra Jesus recuperando o Antigo Testamento (exatamente como faz em Lucas 24.45-47) para interpretar os propósitos universais de Deus. Ele cita Isaías 56.7, que, em hebraico, diz explicitamente: "A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos [*kol ha'ammim*]".

O significado de grupo de pessoas é inconfundível. A posição de Isaías não é que todo indivíduo gentio tenha o direito de permanecer na presença de Deus, mas que haja convertidos de "todos os povos", que entrarão no templo para adorar. O fato de Jesus estar familiarizado com essa esperança do Antigo Testamento e ter baseado suas expectativas universais referindo-se a ela (Mc 11.17; Lc 24.45-47) sugere que devemos interpretar sua "Grande Comissão" nesta mesma direção – a mesma que encontramos nos escritos de Paulo e João.

De volta à Grande Comissão em Mateus

Retornamos, agora, ao nosso esforço anterior para compreender o que Jesus pretendeu em Mateus 28.19, quando disse: "Ide, portanto, fazei discípulos de *panta ta ethne* [todas as nações]". Esse ordenamento tem sua promessa correspondente de sucesso em Mateus 24.14: "E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações (*pasin tois ethnesin*). Então virá o fim". A finalidade do comando e da promessa paira sobre o sentido de *panta ta ethne*.

Minha conclusão do que vimos neste capítulo é que alguém teria de ir inteiramente contra a corrente da evidência para interpretar a expressão *panta ta ethne* como "todos os indivíduos gentios" (ou "todos os países"). Em vez disso, o foco do mandamento é discipular todos os grupos de pessoas do mundo. Essa conclusão vem do seguinte sumário de nossa investigação bíblica:

1. No Novo Testamento, o uso do singular de *ethnos* nunca significa indivíduos gentios, mas sempre grupo de pessoas ou nação.
2. O plural *ethne* pode significar tanto indivíduos gentios como grupos de pessoas. Algumas vezes, o contexto requer o significado de um ou de outro. Mas, na maioria dos exemplos, pode conter ambos os sentidos.
3. A expressão *panta ta ethne* ocorre dezoito vezes no Novo Testamento. Apenas 1 (uma) vez significa indivíduos gentios. Em nove vezes possui o significado de grupos de pessoas. As outras oito são ambíguas.
4. Virtualmente, todos os cem usos de *panta ta ethne* no Antigo Testamento grego referem-se a nações em distinção à nação de Israel. Veja a nota 15.
5. A promessa feita a Abraão de que nele "todas as famílias da terra" seriam abençoadas e que ele seria "o pai de muitas nações" é acolhida pelo Novo Testamento e estabelece como missão da igreja a focalização em um grupo de pessoas, por causa dessa ênfase do Antigo Testamento.
6. A esperança missionária do Antigo Testamento é expressa repetidamente por meio de exortações, promessas, orações e planos para a glória de Deus ser declarada entre os povos e sua salvação conhecida por todas as nações.
7. Paulo entendeu sua tarefa missionária especificamente nos termos dessa esperança do Antigo Testamento e fez as promessas referindo-se aos povos como o fundamento da sua missão. Ele se dedicou a alcançar cada vez mais grupos de pessoas e não simplesmente mais e mais indivíduos. Ele interpretou para si, nesses termos, a comissão de Cristo.
8. O apóstolo João previu a tarefa das missões como o agrupamento dos "filhos de Deus", das "outras ovelhas" ou de "toda tribo, língua, povo e nação".
9. O contexto da comissão missionária de Jesus em Lucas 24.46-47, baseado no Antigo Testamento, mostra que *panta ta ethne* teria mais naturalmente o significado de "todas as pessoas ou nações".
10. Marcos 11.17 indica que Jesus provavelmente pensa em termos de grupos de pessoas, quando vislumbra o propósito universal de Deus.

Portanto, com toda a probabilidade, Jesus não enviou seus apóstolos meramente com a missão geral de conquistar tantos indivíduos quanto possível, mas sim alcançar todos os povos do mundo e, assim, agrupá-los como "filhos de Deus" que estão dispersos (Jo 11.52) e conclamar todos os "[que foram comprados] de toda tribo, língua, povo e nação" (Ap 5.9), até que as pessoas redimidas de "todos os povos o louvem" (Rm 15.11).

Assim, quando Jesus diz, em Mateus 24.14, que "será pregado este evangelho do reino por todo o mundo [todas as nações] (*panta ta ethne*)", não haverá modo melhor para interpretar isso senão que o evangelho deve alcançar *todos os povos* do mundo antes que chegue o fim. E quando Jesus determina: "Ide e fazei discípulos de *todas as nações* [*panta ta ethne*]", não há melhor explicação senão que a tarefa missionária da igreja deve avançar em direção de todos os povos não alcançados, até que o Senhor volte. Jesus ordena isso e nos garante que isso será feito até que ele volte novamente. Ele pode fazer essa promessa porque ele mesmo está edificando sua igreja com todos os povos. Toda autoridade no céu e na terra foi dada a ele exatamente para isso (Mt 28.18).

O que é um grupo de pessoas?

Temos tentado estabelecer que a tarefa missionária especial do Novo Testamento é alcançar todos os grupos de pessoas do mundo. Porém, não definimos precisamente o que é um grupo de pessoas. Descobrimos, na realidade, que uma definição precisa talvez não seja possível com base naquilo que Deus escolheu revelar na Bíblia. Provavelmente, Deus não pretendeu que usássemos uma definição precisa de grupos de pessoas, para que não parássemos de fazer nossa obra missionária pioneira apenas porque concluímos que todos os grupos de nossa definição foram alcançados.

Por exemplo, o aspecto fundamental de Mateus 24.14 ("será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. *Então, virá o fim*") não é que devamos alcançar todas as "nações" como as concebemos e, então, parar. Pelo contrário, até o retorno do Senhor, deverá haver mais povos a alcançar, e, por isso, deveremos continuar a alcançá-los.

Há indicadores bíblicos para a natureza de um grupo de pessoas. Por exemplo, em Apocalipse 5.9, João usa quatro termos para caracterizar os grupos de pessoas que estarão representados diante do trono de Deus: "Com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda *tribo*, *língua*, *povo* e *nação*". A esses quatro, a promessa a Abraão acrescenta outro: "Em ti todas as *famílias*[170] da terra sejam benditas".

O que é uma língua?

Com base nisso, podemos dizer, por exemplo, que pelo menos todo *grupo linguístico* (língua, Ap 5.9) deve ser alcançado na tarefa missionária. Mas quando um dialeto se torna tão diferente que passa a ser uma língua distinta? Questões como essa mostram por que há tanta dificuldade e discórdia sobre o que é um grupo de pessoas. Durante anos, Ralph Winter chegou ao número de 24 mil como sendo o número total de grupos de pessoas no mundo. Porém, Patrick Johnstone observa, na edição de 2001 de *Operation World:*

> Foi somente durante a década de 1990 que uma listagem razoavelmente completa dos povos e línguas do mundo foi desenvolvida. Pela primeira vez na História, temos uma descrição razoavelmente clara da tarefa que ainda resta ser feita para discipularmos as nações.[171]

Ele se refere ao total de "doze mil povos etnolinguísticos".

Em harmonia com Johnstone, David Barrett, em sua revisão de 2001 da *World Christian Encyclopedia*, define um povo etnolinguístico do seguinte modo: "Um grupo étnico ou racial homogêneo dentro de um país, que fala sua própria língua (uma língua materna). Um grande povo que se espalha por um, dois, três, quatro ou mais países é tratado, aqui, como sendo dois, três, quatro ou vários povos etnolinguísticos distintos".[172] O número total de povos etnolinguísticos, como reconhecidos por Barret, é 12.600.[173]

Há uma boa razão para a discrepância entre os números de Winter e Barret/Johnstone, e esta razão salienta a dificuldade de se definir precisamente o significado bíblico de "língua" em Apocalipse 5.9. Winter ilustra o problema. Ele observa a diferença entre seus 24.000 povos estimados e a antiga estimativa de Barret, de 8.990 povos, na edição de 1982 da *Christian Encyclopedia.* Ele diz:

> Está claro, no cálculo de Barrett, que sua lista é quase idêntica ao número de línguas que, em sua opinião, precisam de traduções [da Bíblia]. Vejamos agora aonde isso nos leva. Os tradutores da Bíblia Wycliffe, por exemplo, vão ao Sudão do Sul e contam quantas línguas existem para as quais a Bíblia deve ser traduzida e apresentada em formato impresso, a fim de alcançar todos naquela área. A resposta de Wycliffe é de cinquenta traduções diferentes. O que "cinquenta" significa nesse caso? Significa cinquenta grupos de pessoas? Certamente não, se estivermos falando de povos não alcançados, porque, em muitos casos, grupos estranhos podem ler a mesma tradução.
>
> Como sei sobre isso? A organização *Gospel Recordings* também vai ao Sudão do Sul e faz um levantamento do número de línguas. Seu pessoal, porém, chega a 130. Por quê? Porque ela apresenta o evangelho em forma

> de fitas cassete e elas representam uma comunicação linguística mais embaraçosamente precisa do que a linguagem escrita. Diferentes autores, por razões distintas, e diferentes organizações, com propósitos diversos, estão contabilizando coisas diferentes.[174]

Portanto, podemos ver que a referência a "línguas", em Apocalipse 5.9, não permite uma definição exata de grupos de pessoas. Tampouco as outras designações para grupos de pessoas nesse versículo.

"Povo" (*laou*) e "nação" (*ethnous*), por exemplo, são, na verdade, sinônimos e intercambiáveis em Gênesis 25.23 ("duas *nações* há no teu ventre, dois *povos*, nascidos de ti, se dividirão"). Algumas vezes, Israel, como um todo, é chamado de "povo", mas, em Atos 4.27, lemos sobre "povos (*laois*) de Israel". Contudo, em Apocalipse 21.3, "povos" (*laoi*)[175] refere-se a todos os grupos e indivíduos na nova terra. Esses fatos evitam que formemos definições precisas dos grupos de pessoas que os missionários devem alcançar.

Quão pequena é uma família?

O fato de que "todas as famílias" da terra serão abençoadas nos alerta para o fato de que os grupos que Deus pretende alcançar com o seu evangelho podem ser relativamente pequenos. Não é a moderna família nuclear que está em vista e sim algo parecido com um clã. Por exemplo, Êxodo 6.14-15 mostra-nos o tipo de grupo que se tinha, provavelmente, em mente:

> São estes os chefes das famílias: os filhos de Rúben, o primogênito de Israel: Enoque, Palu, Hezrom e Carmi; são estas as *famílias* de Rúben. Os filhos de Simeão: Jemuel, Jamim, Oade, Jaquim, Zoar e Saul, filho de uma cananeia; são estas as *famílias* de Simeão.

Vemos, assim, que as famílias são menores do que as tribos de Israel (cf. também 1Sm 10.20-21). No entanto, elas não são tão pequenas como lares. O caso de Acã, em Josué 7, mostra isso. Quando Acã pecou e foi descoberto, Josué disse que haveria um teste com todo o povo para descobrir quem era o culpado.

> Pela manhã, pois, vos chegareis, segundo *as vossas tribos*; e será que a tribo que o SENHOR designar por sorte se chegará, segundo *as famílias* (*mishpehot*); e a família que o SENHOR designar se chegará *por casas*; e a casa que o Senhor designar se chegará *homem por homem*.
>
> Josué 7.14

O que isso mostra é que a "família" do Antigo Testamento é mais bem imaginada como um clã. Seu tamanho fica entre a tribo e o "lar".

Assim, a tarefa missionária do Antigo Testamento não era apenas alcançar todo "povo" do tamanho de Israel, nem toda "tribo" do tamanho de Rúben, Simeão ou Judá, mas também todos os clãs como aqueles de Enoque, Palu, Hezrom, Carmi e Acã.

O fato de *ethne* ser usado tão frequentemente no Antigo e no Novo Testamentos para designar o objetivo das missões não deve limitar nosso foco a grupos maiores. A palavra é flexível o bastante para prover uma designação inclusiva para grupos de vários tamanhos. Na verdade, Karl Ludwig Schmidt conclui seu estudo de *ethnos* no *Theological Dictionary of the New Testament* contrastando-o com *laos*, *glossa* e *phyle,* deste modo: "*ethnos* é o mais geral e, portanto, o mais fraco desses termos, tendo simplesmente um sentido etnográfico e denotando a coesão natural de um povo em geral".[176] *Panta ta ethne*, portanto, seria o termo mais adequado para incluir os outros, o que é, de fato, o que encontramos em Apocalipse 22.2. Aqui, *ethne* se refere a todas as pessoas na nova terra, incluindo as "línguas", "povos" e "tribos". Assim, *panta ta ethne* é, provavelmente, o meio mais simples de proporcionar uma designação resumida não somente para os maiores grupos, mas também para os menores.

O que significa "alcançados" e "não alcançados"?

Se a tarefa das missões é alcançar todos os grupos de pessoas não alcançados do mundo,[177] precisamos ter alguma ideia do que significa "alcançado", de modo que as pessoas chamadas para a tarefa missionária da igreja saibam a quais grupos de pessoas devem se dirigir e quais deixar. Paulo deve ter tido alguma ideia do que significava "alcançado", quando disse, em Romanos 15.23: "... não tendo já campo de atividade nestas regiões". Ele deve ter entendido o que significava completar a tarefa missionária, quando afirmou, em Romanos 15.19: "Desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo". Ele sabia que sua obra estava concluída naquela região. Eis por que se dirigiu à Espanha. O Encontro dos Povos Não Alcançados de 1982, a que anteriormente nos referimos, definiu "não alcançados" como "um grupo de pessoas dentro do qual não há comunidade nativa de crentes cristãos capazes de evangelizá-lo".[178] Assim, um grupo seria alcançado quando os esforços da missão tiverem estabelecido uma igreja nativa que tenha força e recursos para evangelizar o restante do grupo.

Patrick Johnstone chamou a atenção para que, no sentido estrito, "alcançar nada tem a ver com uma resposta... Alcançar é realmente uma indicação da qualidade e extensão do esforço para evangelizar um povo ou uma região, não de discipular e plantar igrejas". Ele admite, porém, que "por causa do uso popular, temos de estender [o significado de] alcance".[179]

Tanto o significado estreito ou largo são garantidos pelas Escrituras. Por exemplo, Marcos 16.15 descreve o mandato missionário: "[Jesus] disse-lhes: 'Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura'".[180] Isso nada diz a respeito a uma resposta. Se só tivéssemos essas palavras, o mandato missionário seria cumprido se a mensagem fosse universalmente proclamada. De modo semelhante, Mateus 24.14 afirma: "E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim". Novamente nenhuma menção de resposta (cf. Lc 24.47; At 1.8). Assim, nesse sentido limitado, um grupo de pessoas é alcançado se a mensagem for proclamada com um testemunho compreensível.

Mas esse *não* é o único meio pelo qual o mandato missionário é expresso nas Escrituras. Em Mateus 28.19, temos: "Ide... fazei discípulos de todas as nações..." Aqui o mandato inclui claramente uma resposta. A tarefa das missões não se completa até que pelo menos alguns indivíduos de um grupo de pessoas tornem-se discípulos.[181] Essa é, também, a implicação de Apocalipse 5.9 e 7.9, que representam o derradeiro grupo dos redimidos como vindo "de toda tribo, língua, povo e nação". Se há convertidos de todos os povos, então o mandato das missões deve incluir a realização de conversões e não apenas proclamação.

A maioria dos líderes de missão define um grupo de pessoas como "alcançado" quando há uma igreja nativa capaz de evangelizar o grupo. A razão para isso é que o Novo Testamento ensina claramente que um povo deve continuar a ser evangelizado mesmo que a tarefa missionária esteja completa. Por exemplo, quando Paulo terminou sua obra missionária entre as pessoas de Éfeso, deixou lá Timóteo e lhe pediu que fizesse "o trabalho de evangelista" (2Tm 4.5). A obra missionária específica de Paulo foi, evidentemente, plantar igrejas que, então, seriam capazes de avançar com a tarefa da evangelização (cf. 1Co 3.6-10). Mas a tarefa da evangelização não é a mesma das missões. Foram as missões que afastaram Paulo dos povos da Ásia Menor e Grécia (mesmo daqueles que ainda não estavam convertidos!) e o impulsionaram a ir em direção aos povos não alcançados da Espanha (Rm 15.24, 28).

Há uma dificuldade em definir a tarefa específica das missões como o ato de plantar uma igreja nativa em cada grupo de pessoas. A dificuldade é que nossa definição *bíblica* de grupos de pessoas inclui grupos que podem ser muito pequenos e intimamente relacionados a outros, de modo que tal igreja seria desnecessária. Qual era o tamanho da "família" ou "clã" de Carmi na tribo de Rubem, ou da família de Acã na tribo de Judá? Temos certeza de que as "famílias", em Gênesis 12.3, são tão distintas que cada uma deve ter sua própria igreja? Quando Paulo disse que sua obra missionária

especial estava completa de Jerusalém ao Ilírico, tinha ele realmente plantado uma igreja em cada "família" ou clã?

Essas perguntas mostram que haverá sempre alguma ambiguidade na definição de "alcançado" e no objetivo da obra missionária.[182] Para algumas "famílias" ou clãs, "alcançado" pode significar que há convertidos entre eles e que a igreja em um clã adjacente de familiares é suficiente como um ministério eficaz de adoração, comunhão e aparelhamento. A tarefa das missões com referência a tais "famílias" aparentadas pode não ser a de plantar uma igreja entre cada uma delas, mas uma igreja próxima o bastante de sua cultura e língua, para que elas possam efetivamente ser evangelizadas. Parece-me que isso deve ter sido o que Paulo fez, quando disse que não tinha campo de trabalho naquele vasto território. Seguramente, havia ainda alguns clãs e "famílias" que não tinham sido tocados. Ele provavelmente teria dito: "esta é a obra das igrejas próximas".

O que isso implica é que a linha divisória entre obras especificamente missionárias e tarefas de evangelização dos vizinhos mais próximos é, às vezes, obscura. Eis por que os termos de evangelização "E-1", "E-2" e "E-3" foram inventados.[183] Eles mostram que não há duas tarefas claramente distintas (evangelização doméstica x missões transculturais), mas que existem gradações de distância cultural na comunidade cristã. Como essa distância se torna tão grande que começamos a chamar sua penetração de "missões" não é sempre muito claro.[184]

Implicações

Entretanto, é evidente que há um chamado distinto para a igreja com o propósito de fazer a obra missionária transcultural entre todos os grupos restantes de pessoas não alcançadas, de acordo com o Novo Testamento. Nossa indagação hoje deve ser: de que modo pessoas ou agências nas várias igrejas e denominações devem assimilar essa missão paulina singular? Essa não é a *única* obra da igreja! "Ministérios do tipo Timóteo" são importantes. Ele era um estrangeiro trabalhando em Éfeso, continuando o que Paulo iniciara. Porém, Paulo tinha de prosseguir, pois estava impulsionado por uma comissão[185] e pela compreensão do propósito missionário universal de Deus revelado no Antigo Testamento. Não há razão para pensar que o propósito de Deus tenha mudado hoje.

Quem, pois, deve receber o manto da tarefa missionária singular do apóstolo de alcançar mais e mais povos? Não deveria cada denominação e igreja ter algum grupo vital que esteja recrutando, equipando, enviando e mantendo os missionários paulinos para que cada vez mais cheguem até os povos não alcançados? Não deveria haver em cada igreja e denominação

um grupo de pessoas (uma agência de missões) que veja sua tarefa especial e fundamental de não meramente ganhar tantos indivíduos para Cristo quanto possível, mas ganhar alguns indivíduos (ou seja, plantar uma igreja) entre todos os povos não alcançados da terra?

A supremacia de Deus na adoração das nações

O que este capítulo tem a ver com a supremacia de Deus? O grande objetivo de Deus em toda a História é manter e manifestar a glória do seu nome para o contentamento do seu povo de todas as nações.[186] A pergunta agora é esta: por que Deus pretende atingir o objetivo de manifestar sua glória focalizando a obra missionária sobre *todos os povos* do mundo? Como esse alvo missionário pode ajudar na realização do propósito de Deus?

A primeira coisa que consideramos ao ponderar essa pergunta é como a meta definitiva da glória de Deus é confirmada no conjunto de textos que focalizam a atenção missionária sobre os grupos de pessoas do mundo. Por exemplo, Paulo disse que o seu apostolado foi dado "*por amor do seu nome [de Cristo]*, para a obediência por fé, entre todos os gentios" (Rm 1.5). As missões existem para a glória de Cristo. Seu propósito é restabelecer a supremacia de Cristo entre os povos do mundo. De modo semelhante, em Romanos 15.9, Paulo afirma que Cristo fez a sua própria obra missionária e inspirou a de Paulo "para que os gentios *glorifiquem a Deus* por causa da sua misericórdia". Portanto, o alvo da missão de Cristo e o nosso é que Deus possa ser glorificado pelas nações à medida que elas provem a sua misericórdia. Dessa maneira, a consumação das missões é descrita em Apocalipse 5.9 como pessoas de "toda tribo, língua, povo e nação" adorando o Cordeiro e declarando o valor infinito de sua glória. Tudo isso de acordo com o repetido chamado do Antigo Testamento: "Anunciai entre as nações a sua *glória*, entre todos os povos, *as suas maravilhas*!" (Sl 96.3). A meta das missões é a glória de Deus.

Diversidade: pretendida e eterna

Outra coisa que observamos ao ponderar essa questão é que a diversidade de nações tem sua criação e consumação na vontade de Deus. Sua origem não foi acidente nem mal.[187] E seu futuro é eterno: a diversidade jamais será substituída pela uniformidade. A evidência disso é encontrada em Atos 17.26 e Apocalipse 21.3.

Paulo disse aos atenienses: "[Deus] de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação" (At 17.26). Isso significa que a origem dos povos não foi a despeito de, mas por causa da vontade e plano de

Deus. Ele *fez* as nações. Ele as estabeleceu em seus lugares. E ele determina a duração de sua existência. A diversidade das nações é ideia de Deus. Portanto, seja qual for a razão pela qual ele focalize a tarefa missionária sobre todas as nações, não se trata de uma resposta a um acidente da História. Isso está enraizado no propósito que ele teve quando determinou fazer as nações em primeiro lugar.

O propósito de Deus para haver diversidade entre as nações não é temporário, somente para esta era. Apesar da resistência de muitas versões inglesas, os textos gregos padrão do Novo Testamento[188] agora concordam que as palavras originais de Apocalipse 21.3 requerem esta tradução: "Então, ouvi grande voz vinda do trono dizendo: 'Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão *povos* de Deus, e Deus mesmo estará com eles'". Muitas versões traduzem: "Eles serão seu *povo*". Mas o que João está dizendo é que, no novo céu e na nova terra, a humanidade descrita em Apocalipse 5.9 será preservada: pessoas redimidas pelo sangue de Cristo "de toda tribo, língua, povo e nação". Essa diversidade não desaparecerá no novo céu e na nova terra. Deus desejou isso desde o começo. Isso tem um lugar permanente em seu plano.

Como a diversidade engrandece a glória de Deus

Agora voltamos à nossa pergunta: como a focalização de Deus sobre a diversidade de povos promove o seu propósito de ser glorificado em sua criação?[189] Como tenho tentado refletir biblicamente sobre essa questão, surgiram, pelo menos,[190] quatro respostas.

1. Primeiro, há uma beleza e poder no louvor que vem da unidade na diversidade, que é maior do que aquela vinda da unidade exclusiva. O salmo 96.3-4 conecta a evangelização das pessoas com a qualidade de louvor de que Deus é merecedor. "Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos, as suas maravilhas. *Porque grande é o* SENHOR *e muito digno de ser louvado*, temível mais que todos os deuses." Observe a palavra "porque". A grandeza extraordinária do louvor que o Senhor deve receber é a base e o ímpeto da nossa missão às nações.

Deduzo, assim, que a beleza e o poder do louvor que virão ao Senhor da diversidade das nações são maiores do que aqueles que viriam a ele se o coro dos redimidos fosse culturalmente uniforme. A razão para isso pode ser vista na analogia com um coro. A mais profunda beleza é sentida em um coro que canta em partes do que em um que somente cante em uníssono. A unidade na diversidade é mais bela e mais poderosa que a unidade da uniformidade. Isso revela por que há diferenças incontáveis entre as pessoas do mundo. Quando sua diversidade se unir em adoração a Deus, a beleza do

seu louvor ecoará na profundidade e na grandeza da beleza de Deus muito mais extraordinariamente do que se os redimidos fossem pertencentes somente a uns poucos grupos de pessoas diferentes.

2. Segundo, a fama, a grandeza e o valor de um objeto de beleza aumentam em proporção à diversidade daqueles que reconhecem sua beleza. Se uma obra de arte é considerada excelente por um grupo de pessoas pequeno e de mesma opinião e por ninguém mais, a arte, com toda a certeza, não é verdadeiramente grande. Suas qualidades são tais que não alcançam as profundezas universais de nossos corações, mas apenas as tendências provinciais. Porém, se uma obra de arte continua ganhando cada vez mais admiradores não somente por meio de culturas, mas também de décadas e séculos, então sua grandeza é irresistivelmente manifesta.

Assim, quando Paulo diz: "Louvai ao Senhor, vós todos os gentios, e todos os povos o louvem" (Rm 15.11), ele está expondo que há alguma coisa acerca de Deus que é tão universalmente digna de louvor, tão profundamente bela, tão compreensivelmente valiosa e tão profundamente satisfatória, que encontrará admiradores apaixonados em todo grupo diverso de pessoas no mundo. A sua verdadeira grandeza será manifesta na amplitude da diversidade daqueles que percebem e apreciam a sua beleza. Sua excelência será mostrada mais elevada e mais profunda que as preferências limitadas que nos fazem felizes a maior parte do tempo. Seu apelo será para as mais profundas, mais elevadas e mais amplas capacidades da alma humana. Portanto, a diversidade da fonte de admiração testificará a sua incomparável glória.

3. Terceiro, a força, a sabedoria e o amor de um líder são magnificados em proporção à diversidade de pessoas que ele pode inspirar para segui-lo com alegria. Se você pode liderar somente um grupo pequeno e uniforme de pessoas, suas qualidades de liderança não são tão grandes como as que teria se pudesse conquistar seguidores de um grande grupo de pessoas muito diferentes.

O entendimento de Paulo do que está acontecendo em sua obra missionária entre as nações é que Cristo está demonstrando sua grandeza, conquistando obediência de todos os povos do mundo: "Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que *Cristo fez por meu intermédio, para conduzir os gentios à obediência, por palavra e por obras*" (Rm 15.18). Não é a habilidade missionária de Paulo que está sendo magnificada à medida que cada vez mais pessoas diferentes decidem seguir a Cristo. É a grandeza de Cristo. Ele está se mostrando superior a todos os outros líderes.

A última oração do salmo 96.3-4 mostra a competição de liderança que está acontecendo nas missões mundiais. "Anunciai entre as nações a sua

glória... *temível* [Deus] *mais que todos os deuses*." Devemos declarar a glória de Deus entre as nações porque, desse modo, ele mostrará sua superioridade sobre todos os outros deuses que fazem alegações pretensiosas para guiar os povos. Quanto mais diversos forem os grupos de pessoas que abandonam seus deuses para seguir o verdadeiro Deus, mais visível é a superioridade de Deus sobre todos os seus competidores.

4. Focalizando todos os grupos de pessoas do mundo, Deus eliminou o orgulho etnocêntrico e recolocou todos os povos sob sua livre graça, em vez de qualquer característica que possam ter. Era isso que Paulo estava enfatizando em Atos 17.26, quando disse aos orgulhosos cidadãos de Atenas: "[Deus] de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação". F. F. Bruce esclarece que "os atenienses... orgulhavam-se de ter... descendido... do solo da sua nativa Ática. ... eles eram os únicos gregos do continente europeu que não possuíam nenhuma tradição de seus ancestrais recebida da Grécia; eles pertenciam à onda mais antiga de imigração grega".[191]

A essa altivez Paulo contra-atacou: vocês, os bárbaros, os judeus e os romanos, todos vieram da mesma origem. E vocês vieram pela vontade de Deus, não por si próprios; e o tempo e lugar da sua existência estão nas mãos de Deus. Toda vez que Deus expressa seu foco missionário sobre *todas* as nações, ele corta o nervo do orgulho etnocêntrico. É uma coisa humilhante descobrir que Deus não escolhe nosso grupo de pessoas por causa de algumas distinções de valor, mas, ao contrário, podemos dobrar nossa alegria nele, sendo o meio de trazer todos os outros grupos à mesma alegria.

Humildade é, para nós, o outro lado de render a Deus toda a glória. Humildade significa nos alegrarmos em sua graça, não em nossa bondade. Impulsionando-nos em direção a todos os povos, Deus está nos conduzindo a uma experiência mais humilde e profunda de sua graça e afastando-nos cada vez mais do nosso orgulho enraizado. Procedendo dessa maneira, ele está preparando para si um povo – de todos os povos – que estará apto a adorá-lo com liberdade e admiração superlativa.

TERCEIRA PARTE

RECONHECENDO QUE DEUS É SUPREMO NAS MISSÕES

O TRABALHO PRÁTICO DE COMPAIXÃO E ADORAÇÃO

6

A supremacia de Deus e a compaixão pela alma humana

Jonathan Edwards sobre a unidade de motivos para missões mundiais

As missões não são o alvo fundamental da igreja. A adoração é. As missões existem porque não há adoração. A adoração é fundamental, não as missões, porque Deus é essencial, não o homem. Quando esta era se encerrar e os incontáveis milhões de redimidos estiverem perante o trono de Deus, não haverá mais missões. Elas são uma necessidade temporária. A adoração, porém, permanece para sempre.

Com estas palavras comecei este livro sobre a supremacia de Deus nas missões. Há profundas raízes para essas afirmações e devo muito mais do que posso pagar. A pessoa mais responsável por minhas opiniões e por minha articulação dessas opiniões (abaixo de Deus e depois da Bíblia) é Jonathan Edwards, o pastor e teólogo do século 18 cuja cosmovisão teocêntrica lança sua luz por intermédio de todas as páginas deste livro. O impacto que Edwards tem sobre meu pensamento no que se refere a adoração e missões (e quase tudo o mais) é incalculável. Este capítulo é outro tributo que pago a ele e ao seu Deus por ocasião do trigentésimo aniversário de seu nascimento.

A influência penetrante de Jonathan Edwards

Pode-se ouvir sua influência nas questões por trás da primeira sentença: Qual é o fim principal do homem? Qual é o fim principal da redenção, da história e da criação? Edwards estava sempre perguntando sobre o fim principal das coisas porque, uma vez que descobrirmos e aceitarmos a razão final e mais elevada pela qual nós, a igreja e as nações existimos, todo o nosso pensamento, todo o nosso sentimento e toda a nossa ação serão governados por este objetivo. Fico continuamente surpreso com o pequeno número de pessoas que pergunta e responde com convicção e paixão as perguntas mais importantes – as perguntas principais.

Mas foi com isso que Edwards mais se preocupou. Ele estava absolutamente seguro sobre a questão principal, a saber, por que todas as coisas existem, inclusive você, eu, a igreja universal, todas as nações e a História. Ele estava absolutamente seguro sobre isso porque Deus estava absolutamente seguro sobre isso. Edwards escreveu um livro chamado *O motivo pelo qual Deus criou o mundo.*[192] Em minha opinião, este é o texto mais importante que ele escreveu. Uma vez que entendamos o que ele escreveu ali, tudo – absolutamente tudo – mudará. Sua resposta à pergunta: "Qual é o fim principal da criação, da História, da redenção, de sua vida e de tudo o mais?" é: "Tudo o que é dito na Escritura sobre o fim principal das obras de Deus está incluído nesta única frase: a glória de Deus".[193]

A argumentação biblicamente intensa de Edwards

Edwards está seguro disso porque a Bíblia é clara sobre isso. Por quase setenta páginas[194] Edwards amontoa texto sobre texto das Escrituras para mostrar o show radical da teocentricidade de Deus. Ele diz assim:

> Deus tem apreço por *si mesmo* como seu fim principal, nesta obra [de criação] porque ele é *digno* em si mesmo para isso, sendo infinitamente o maior e melhor dos seres. Tudo o mais, com relação a dignidade, importância e excelência é perfeitamente como nada em comparação a ele.[195]

Ele cita Romanos 11.36: "Porque dele, por ele e *para ele* são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente". E Colossenses 1.16: "Tudo foi criado por meio dele e *para ele*". E Hebreus 2.10: "Convinha que aquele, *por cuja causa* e por meio de quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles". E Provérbios 16.4: "O Senhor fez todas as coisas para si mesmo" (KJV).[196]

O ponto central desses textos – e de dúzias de outros[197] – não é que Deus tem carências que está tentando sanar, mas que tem perfeição que quer mostrar. O objetivo de Deus na criação é se colocar em evidência. "Os céus proclamam a glória de Deus", diz o salmo 19.1. Quem o estruturou dessa maneira? Deus. Este é *seu* objetivo na criação: tornar-se conhecido como glorioso. O mesmo é verdade sobre a história da redenção. Isaías 48.9-11 é como uma bandeira não apenas sobre o resgate de Israel do exílio, realizado por Deus, mas sobre todos os seus atos de resgate, especialmente a cruz:

> Por amor do meu nome, retardarei a minha ira e por causa da minha honra me conterei para contigo, para que te não venha a exterminar. Eis que te acrisolei, mas disso não resultou prata; provei-te na fornalha da aflição. Por amor de mim, por amor de mim, é que faço isto; porque como seria profanado o meu nome? A minha glória, não a dou a outem.

Toda a criação, toda a redenção, toda a História foi projetada por Deus para exibir Deus. Este é o objetivo principal da igreja.

Por que coloquei "adoração" no lugar de glória de Deus?

Mas não foi isso o que eu disse na primeira sentença deste livro sobre missões. Eu disse: "As missões não são o alvo fundamental da igreja. A *adoração* é." Por que substituí "glória de Deus" por "adoração"? Por que não dizer: "As missões não são o alvo fundamental da igreja. A glória de Deus é"? A razão para isso é que as missões não são necessárias por causa de uma falha de Deus em mostrar sua glória, mas por uma falha humana em saborear a glória. A criação está narrando a glória de Deus, mas as pessoas não a estão valorizando.

> Porque os atributos invisíveis de Deus, assim como o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças.
>
> Romanos 1.20-21

A revelação natural não está alcançando seu objetivo. A honra e a gratidão a Deus não estão inflamando o coração das pessoas quando elas veem sua glória manifesta na natureza. Elas não estão adorando o Deus verdadeiro. É por isso que as missões são necessárias.

As missões existem porque a *adoração* não existe. O tema principal tratado pelas missões é que a glória de Deus é desonrada entre os povos do

mundo. Quando Paulo levou esta acusação contra seu próprio povo ao clímax, em Romanos 2.24, ele disse: "O nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa". Este é o principal problema do mundo. Esta é a principal ofensa.

A glória de Deus não é honrada.
A santidade de Deus não é reverenciada.
A grandeza de Deus não é admirada.
O poder de Deus não é louvado.
A verdade de Deus não é buscada.
A sabedoria de Deus não é estimada.
A beleza de Deus não é apreciada.
A bondade de Deus não é saboreada.
A fidelidade de Deus não é crida.
Os mandamentos de Deus não são obedecidos.
A justiça de Deus não é respeitada.
A ira de Deus não é temida.
A graça de Deus não é afagada.
A presença de Deus não é respeitada.
A pessoa de Deus não é amada.

O Criador infinito e glorioso do universo, por quem e para quem existem todas as coisas – que sustenta a vida de cada pessoa a cada momento (At 17.25) – é negligenciado, desacreditado, desobedecido e desonrado entre os povos do mundo. Esta é a principal razão para as missões.

O oposto deste desrespeito é a adoração. A adoração não é uma reunião. Não é essencialmente um cântico ou a atenção dada à pregação. A adoração não é essencialmente algum tipo de ato externo. A adoração é essencialmente uma agitação interna do coração para estimar Deus acima de todos os tesouros do mundo –

Uma valorização de Deus acima de tudo o mais que é valioso.
Um amor a Deus acima de tudo o mais que é amável.
Um saboreamento de Deus acima de tudo o mais que é doce.
Uma admiração de Deus acima de tudo o mais que é admirável.
Um temor a Deus acima de tudo o mais que é terrível.
Um respeito a Deus acima de tudo o mais que é respeitável.
Uma apreciação de Deus acima de tudo o mais que é precioso.

A adoração de dentro para fora

Em outras palavras, adorar é ter, no coração, sentimentos corretos em relação a Deus, arraigados em pensamentos corretos sobre Deus, que se

tornam visíveis em ações corretas que refletem Deus. Esses três estágios da adoração da essência interior para a manifestação exterior podem ser vistos em três textos:

- Primeiro, Mateus 15.8-9: "Este povo honra-me com os lábios, mas o *seu coração* está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens". Portanto, se a adoração não vem do coração, ela é vã e vazia, o que significa que *não* é adoração. Isso significa que a essência não pode ser externa. A essência da adoração é afeição, não ação.
- Segundo, João 4.23: "Vem a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e *em verdade*; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores". Observe que o Pai procura adoradores que o adorem em espírito *e* em verdade – os sentimentos corretos se elevam a Deus, arraigados no pensamento correto sobre Deus.
- Terceiro, Mateus 5.16: "Assim também brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus". Deus quer que sua glória seja pública. Ele não criou o mundo para que sua glória permaneça escondida. E ele não redime pessoas meramente para que elas tenham experiências particulares de sua preciosidade. Seu objetivo é que sua glória seja abertamente refletida nos *atos* de seu povo, cujos *pensamentos* refletem sua verdade e cujos sentimentos refletem sua dignidade. Adorar é ver, saborear e mostrar a glória de tudo o que Deus é para nós em Jesus Cristo.

O primeiro e principal objetivo das missões é que essa adoração aconteça entre todos os povos do mundo – que a glória e a grandeza de Deus encontrem uma repercussão adequada entre os povos.

Não apenas mais pessoas, mas pessoas de todos os povos

Observe que eu disse "povos", não "povo". O objetivo das missões (em distinção ao evangelismo local, no qual a igreja já existe) é que exista uma igreja que adore a Deus por meio de Jesus Cristo em todos os povos, tribos, línguas e grupos étnicos do mundo. Vemos este objetivo muito claramente no resultado das missões, em Apocalipse 5.9. O cântico entoado a Cristo no céu será: "Digno és de tomar o livro e abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação". Jesus Cristo, o Filho de Deus, morreu para redimir um povo adorador

para seu Pai, proveniente de todos os povos, tribos, línguas e nações. As missões existem para plantar comunidades adoradoras de redimidos comprados por Cristo e que exaltam a Deus em todos os povos do mundo.

A paixão de um missionário – em distinção à de um evangelista – é plantar uma comunidade adoradora de cristãos em um povo que não tem acesso ao evangelho por causa da língua ou de barreiras culturais. Paulo foi um desses missionários transculturais: "Esforçando-me, deste modo, por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado... Mas, agora, não tendo já campo de atividade nestas regiões e desejando há muito visitar-vos, penso em fazê-lo quando em viagem para a Espanha" (Rm 15.20, 23-24).

A primeira grande paixão das missões, portanto, é honrar a glória de Deus restaurando o correto lugar de Deus no coração de pessoas que, presentemente, pensam, sentem e agem de modos que desonram a Deus todos os dias e, em particular, fazer isso criando uma comunidade adoradora entre todos os povos não alcançados do mundo. Se você ama a glória de Deus, não pode ser indiferente às missões. Esta é a principal razão pela qual Jesus Cristo veio ao mundo. Romanos 15.8-9 diz: "Cristo foi constituído ministro da circuncisão... *para que os gentios glorifiquem a Deus por causa da sua misericórdia*". Cristo veio para obter glória para seu Pai entre as nações. Se você ama o que Jesus veio realizar, você ama as missões.

Compaixão pelas pessoas, não apenas paixão por Deus

Mas agora vem a principal pergunta que este capítulo objetiva responder: "Como o motivo da compaixão pelas pessoas se relaciona com este motivo primário de uma paixão pela glória de Deus?" A maior parte de nós concordaria que Jesus veio não apenas para reivindicar a justiça de Deus e sustentar a glória de Deus, mas também para resgatar pecadores da miséria eterna.

Ao lado da verdade de que somos culpados de traição e desonramos nosso Rei, devemos, agora, colocar a verdade de que somos, portanto, merecedores de execução e punição eterna. Com o motim vem a desgraça. A incredulidade não apenas desonra a Deus, mas também destrói a alma. Tudo o que nos faz duvidar de Deus causa dano ao ser humano. Todo ataque contra a santidade de Deus é um ataque contra a felicidade humana. Todo sentimento, pensamento ou ação que faz Deus parecer errado ou irrelevante aumenta a ruína humana. Tudo o que diminui a boa fama de Deus aumenta nosso sofrimento.

Por isso, as missões são orientadas por uma paixão não somente por restaurar a glória de Deus ao seu devido lugar na alma adoradora, mas também por resgatar pecadores da dor eterna. Se há algo que quase todas

as pessoas sabem sobre Jonathan Edwards, é que ele cria na realidade e na eternidade do inferno.

Edwards queria honrar a Deus *e* resgatar pessoas do inferno

Em seu sermão mais famoso, "Pecadores nas mãos de um Deus irado", Edwards não foi um observador indiferente e desinteressado das pessoas que perecem. Ele foi um evangelista apaixonado que suplicou que as pessoas recebessem misericórdia enquanto ainda era tempo. Depois de se referir a Apocalipse 14.20, que fala do lagar e da fúria da ira do Deus Todo-Poderoso, ele diz:

> As palavras são excessivamente terríveis... "a fúria e a ira de Deus". A fúria de Deus! A fúria de Jeová! Oh!, como isso deve ser terrível! Quem pode expressar ou conceber o que essas expressões significam?... Considere isso, você que está aqui presente, que ainda permanece em um estado não regenerado... Agora Deus está pronto para ter compaixão de você. Este é um dia de misericórdia.[198]

E Edwards cria não apenas que o inferno fosse horrível e consciente, mas também que nunca teria fim. Ele ficaria horrorizado com a quantidade dos chamados evangélicos de hoje que abandonaram o ensino bíblico de que o inferno é um tormento eterno e consciente em favor de uma interpretação de aniquilação (Mt 25.41, 46; Mc 9.42-48; 2Ts 1.5-10; Ap 14.9-11; 20.10, 14-15).[199] Em resposta aos aniquilacionistas de sua própria época, Edwards pregou uma mensagem em 2 de abril de 1739, com a doutrina "A miséria dos ímpios no inferno será absolutamente eterna". Em outro sermão, ele afirma que a aniquilação não é a forma de punição que os incrédulos recebem, mas o alívio da punição que desejam e não recebem. "Os ímpios, futuramente, desejarão sinceramente ser transformados em nada e deixar de existir para sempre para que possam escapar da ira de Deus."[200] Creio que Edwards está certo e devemos tremer e correr para Cristo, nossa única esperança.[201]

Por isso digo novamente: as missões são orientadas não apenas por uma paixão pela supremacia de Deus em todas as coisas, mas também por uma compaixão pelas pessoas que estão perecendo, como todos nós também estivemos um dia.

Edwards pregou uma série de quinze sermões sobre o "capítulo do amor", 1Coríntios 13 ("O amor e seus frutos") e disse, no sermão quatro, sobre o verso 4: ("O amor é paciente, é benigno"): "Um espírito cristão dispõe as pessoas a suportarem humildemente o mal que é recebido dos outros e alegre e livremente fazerem o bem aos outros".[202] Uma de suas aplicações foi:

> Os homens podem fazer bem às almas de pessoas maldosas sendo os instrumentos para recuperá-las de seus caminhos maus. Eles podem fazer bem à alma de pecadores seguros e insensíveis conscientizando-os de sua miséria e do perigo que correm e, assim, serem instrumentos para despertá-los. E as pessoas podem ser os instrumentos da conversão de outras, levando-as a Cristo. Lemos em Daniel 12.3 sobre aqueles que conduzem muitos à justiça.[203]

O motivo do amor pelos pecadores e o desejo de fazer o bem a eles são essenciais ao espírito cristão. É o espírito do próprio Cristo. Marcos 6.34 diz: "Ao desembarcar, viu Jesus uma grande multidão e *compadeceu-se* deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor. E passou a ensinar-lhes muitas coisas". Em Lucas 15.20, na parábola do filho pródigo, Jesus descreve o coração de seu Pai da mesma maneira: "E, levantando-se, foi para seu pai. Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, *compadecido* dele, correndo, o abraçou e o beijou". "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). O amor de Deus pelos pecadores que estão perecendo o moveu a providenciar, com grande custo, um modo de resgatá-los da destruição eterna e as missões são a extensão desse amor aos povos não alcançados do mundo.

Como a compaixão pelas pessoas se relaciona com a paixão por Deus?

Aqui está a principal questão que estamos tratando de responder: "Qual é a relação entre nossa paixão pela supremacia de Deus – a glória de Deus, a honra de Deus e de seu Filho entre as nações – e nossa compaixão pelos pecadores que estão perecendo, cujo fim é o sofrimento eterno se não ouvirem o evangelho e crerem?" Ficarei surpreso se você nunca tiver sentido uma tensão em sua própria alma entre esses dois motivos. Eu já senti. É por isso que essa questão me interessa muito. Quero ser totalmente dedicado à causa da evangelização do mundo e quero que isso aconteça por motivos que exaltam a Deus e demonstram amor pelas pessoas. E esses dois motivos nem sempre parecem emocionalmente compatíveis. Eles são? Como? Jonathan Edwards tem uma resposta? Tentarei revelar a resposta em cinco passos:

1. A compaixão busca o resgate dos pecadores que estão perecendo. A compaixão nos move a trabalhar pelo resgate dos incrédulos da ira vindoura de Deus no inferno (1Ts 1.10). O maior problema do mundo para todo ser humano – do mais pobre ao mais rico, do mais enfermo ao mais saudável – é o mesmo: como escapar da ira de Deus que paira sobre todos os seres humanos por causa do nosso pecado. O amor requer que resgatemos as pessoas da ira de Deus.

2. O temor do inferno, em si mesmo, não salva ninguém. Edwards nunca se cansou de advertir as pessoas a fugirem da ira vindoura.[204] Mas ele sabia que o simples temor das consequências do pecado não é um temor salvador. As pessoas que amam pecar têm medo e, às vezes, lamentam as consequências do pecado.[205]

O que isso implica é que você pode espantar uma pessoa em direção ao céu, mas não pode espantar uma pessoa para dentro do céu. A fé salvadora significa receber Cristo como seu tesouro, não apenas como um libertador da dor. É possível ter fé em Cristo simplesmente como alguém que resgata pessoas do inferno. Essa fé não salva ninguém. Jesus disse: "Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede" (Jo 6.35). Ter fé salvadora é ir a Jesus para a satisfação da sede de sua alma.[206]

Até que sua alma tenha fome e sede de Jesus como o pão da vida e a água viva, você usará Cristo para aquilo que sua alma deseja. Muitas pessoas que alegam ter fé salvadora simplesmente usam Cristo para obter o que realmente querem, que não é Cristo, mas o que ele dá (escape do inferno, paz interior, saúde do corpo, um casamento melhor, uma rede de contatos sociais, etc.). Somos salvos por ir a Cristo não apenas como nosso libertador, mas também como nosso tesouro – irmos para tudo o que Deus é para nós em Jesus. Faça um teste com você mesmo: você gostaria de ir para o céu se Cristo não estivesse lá? Seu tesouro é ele ou o que ele dá?

3. Portanto, a compaixão não deve meramente advertir as pessoas sobre os sofrimentos do inferno, mas também atrair as pessoas para os prazeres de conhecer Cristo. O único caminho para se chegar ao céu é querer estar com Cristo e confiar no que ele fez para chegarmos lá. Querer evitar o inferno não é a mesma coisa que querer estar com Cristo e, por isso, não há compaixão em meramente advertir as pessoas sobre o inferno. Devemos revelar a elas as belezas de Cristo. A compaixão não meramente adverte as pessoas, ela procura alcançá-las. A compaixão tem o objetivo de despertar na pessoa um prazer por Cristo, não apenas um medo do inferno. Quem não ama Cristo não vai para o céu. Paulo disse: "Se alguém não ama o Senhor, seja anátema!" (1Co 16.22). A compaixão procura, com oração, pregação e serviço no poder do Espírito Santo, criar alegria em quem Cristo é. A compaixão estimula a satisfação em Cristo em seu coração, isto é a fé salvadora: estar satisfeito com tudo o que Deus é para nós em Jesus.

4. A chave para Jonathan Edwards: é precisamente esta satisfação no próprio Cristo que exalta a Cristo e glorifica a Deus. A chave para a coerência entre paixão pela glória de Deus e compaixão pelas pessoas que estão perecendo é que alegrar-se no próprio Deus, por meio de Cristo, glorifica

a Deus. O prazer que você tem em Deus é a medida do tesouro que você encontra nele. Você tem muita estima por ele e mostra que ele é grandioso quando encontra sua alegria nele, especialmente quando o gosto e a atração desta alegria o capacitam a deixar os confortos e arriscar a vida na causa das missões. Aqui está a citação-chave de Edwards:

> Portanto, Deus glorifica a si mesmo perante as criaturas também de dois modos: 1. Aparecendo ao... seu entendimento. 2. Comunicando-se com seus corações e no regozijo, no prazer e na alegria que elas têm nas manifestações que ele faz de si mesmo... *Deus é glorificado não somente quando sua glória é vista, mas quando as pessoas têm prazer nela.* Quando aqueles que a veem têm prazer nela, Deus é mais glorificado do que elas apenas a tivessem visto. SUA glória é, então, recebida por toda a alma, tanto pelo entendimento quanto pelo coração. Deus fez o mundo para que pudesse comunicar sua glória e a criatura pudesse recebê-la e para que ela pudesse ser recebida tanto pela mente quanto pelo coração. Aquele que dá testemunho de sua ideia da glória de Deus não glorifica tanto a Deus quanto aquele que dá testemunho, também, de sua aprovação dela e de seu prazer nela.[207]

Meu modo de dizer isso é: "Deus é mais glorificado em nós quando ficamos mais satisfeitos nele".[208]

Como este profundo discernimento de Jonathan Edwards sobre o propósito de Deus na criação e na redenção, vemos a unidade de nossos dois motivos para missões:

5. O objetivo da compaixão resgatar pecadores da dor eterna e o objetivo da paixão por ver Deus ser honrado não estão em conflito. Os pecadores escapam do inferno e honram a Deus com o mesmo ato: entesourando tudo o que Deus é para eles em Cristo, satisfazendo-se com tudo o que Deus é para eles em Cristo. Deus não recebe a honra que deveria e o homem não escapa da dor que escaparia se o próprio Cristo não for seu tesouro. Mas se, pela misericórdia de Deus, Cristo se torna o tesouro das nações e Deus se torna seu prazer, então ele é honrado e nós somos salvos.

E este é o objetivo das missões. Portanto, o duplo motivo das missões, misericórdia para o homem e glória para Deus, é um objetivo coerente. Por isso, tomemos nossa cruz e, pela alegria que está diante de nós, estejamos dispostos a entregar nossa vida para fazer as nações se alegrarem em Deus.

> Louvem-te os povos, ó Deus;
> Louvem-te os povos todos.
> Alegrem-se e exultem as gentes.
>
> salmo 67.2-3

7

A simplicidade interna e a liberdade externa da adoração

Escrevi este capítulo final[209] para esclarecer as duas primeiras sentenças do capítulo 1: "As missões não são o alvo fundamental da igreja. A adoração é". Quero esclarecer o que quis dizer com "adoração", para evitar que alguém pense que me refiro meramente à reunião de cristãos para o culto comunitário ou (de modo ainda mais limitador) a parte do culto comunitário em que se entoam cânticos e hinos. Amo esses momentos e encontro Deus poderosamente neles. No entanto, dizer que as missões existem para *isso* seria estreito demais e passaria longe do que quero dizer. Refiro-me a algo muito mais radical, fascinante e abrangente quando digo que a adoração é o objetivo das missões.

Um grau estonteante de indiferença pela forma externa

Minha tese é de que a adoração, no Novo Testamento, moveu-se em direção a algo radicalmente simples e interno, com múltiplas expressões externas na vida e na liturgia. Uma das razões para isso é que o Novo Testamento é uma visão para missões que é útil para milhares de culturas e, portanto, não poderia ser carregado de aspectos externos. Eu até me atrevo a afirmar (não que todo leitor ficará tão excitado com isso quanto eu) que essa simplificação radical está em harmonia com a tradição reformada. Em resumo, o que encontramos no Novo Testamento é um grau totalmente estonteante de indiferença com a adoração como uma forma externa e uma intensificação totalmente radical da adoração como uma experiência interna do coração.

Pouco ensino explícito no Novo Testamento sobre o culto comunitário

Comecemos com um fato surpreendente: as epístolas do Novo Testamento contêm muito poucas instruções que tratem explicitamente do culto comunitário – o que chamamos de culto público. Não que não houvesse reuniões comunitárias para adoração. Primeira Coríntios 14.23 fala de "toda a igreja" se reunindo. Atos 2.46 fala da igreja primitiva perseverando "unânimes no templo, partindo o pão de casa em casa" e Hebreus 10.25 diz "não deixemos de congregar-nos". Mas isso não é muito e o que é notável é que, nem mesmo quando essas reuniões são mencionadas, os apóstolos falam delas explicitamente como adoração.

Deixe-me ilustrar isso para que possamos sentir toda a força do argumento. No Antigo Testamento, a palavra mais comum para adoração é a palavra hebraica *hishtahavah* (ou uma forma cognata da palavra). Seu significado básico é "curvar-se" com o sentido de reverência, respeito e honra. Ela ocorre 171 vezes. No Novo Testamento grego, 164 dessas ocorrências da palavra hebraica são traduzidas pela palavra grega *proskyneo.* No Novo Testamento grego, esta é a principal palavra para adoração. No entanto, quando observamos seu uso, percebemos algo surpreendente.[210] Esse termo é comum nos Evangelhos (vinte e seis vezes) – as pessoas frequentemente se curvavam diante de Jesus em adoração. É comum, também, no livro de Apocalipse (vinte e uma vezes), porque os anjos e anciãos no céu frequentemente se curvam diante de Deus. No entanto, nas epístolas de Paulo, ocorre somente uma vez, a saber, em 1Coríntios 14.25, em que o incrédulo cai com rosto em terra por causa do poder da profecia e confessa que Deus está no meio da igreja. Este termo não ocorre nem uma só vez nas epístolas de Pedro, Tiago e João.

Isso é notável. A principal palavra para adoração no Antigo Testamento está virtualmente ausente das cartas do Novo Testamento.[211] Por que isso acontece? Por que as próprias epístolas que foram escritas para ajudar a igreja a ser o que deve ser nesta era evitou quase totalmente esta palavra e o ensino explícito sobre as especificidades da adoração comunitária?

Jesus é o novo "lugar" de adoração

Acredito que a razão é encontrada no modo como Jesus tratou a adoração em sua vida e em seu ensino. Sua principal afirmação sobre isso é encontrada em João 4.20-24. No entanto, antes de analisarmos esse texto, considere algumas outras coisas que ele disse. Por exemplo, sua atitude em relação ao templo, o principal local da adoração judaica, não foi nada do que os líderes judeus pensaram que seria.

Quando fez um chicote e expulsou os cambistas, ele disse que fez isso não tanto em favor da realização de sacrifícios adequados, mas por causa da oração – de fato, oração para *todas as nações*. "A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações" (Mc 11.17). Em outras palavras, ele desviou a atenção dos atos externos dos sacrifícios judaicos para o ato pessoal de comunhão com Deus para todos os povos.

Depois ele disse duas outras coisas sobre o templo que apontavam para uma opinião radicalmente alterada da adoração. Ele disse: "Aqui está quem é maior que o templo" (Mt 12.6) e "Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei" (Jo 2.19). Esta atitude em relação ao templo fez que não apenas ele fosse morto (Mc 14.58; 15.29), mas também Estêvão (At 6.14). Isso mostra sua importância.

Jesus se identificou como o verdadeiro templo. "Aqui está quem é maior que o templo." Em si mesmo ele cumpriu tudo o que o templo representava, especialmente o "lugar" onde os crentes se encontram com Deus. Ele desviou a atenção da adoração como uma atividade localizada com formas externas para uma atitude pessoal, espiritual com ele mesmo no centro. A adoração não tem a ver com um edifício, um sacerdócio e um sistema sacrificial. Ela tem a ver com o Jesus ressurreto.

Jesus desprendeu a adoração de lugar e forma

O que Jesus fez à adoração no modo como se relacionou com o templo se torna explícito em João 4.20-24. Aqui ele usa a palavra *proskyneo* – a principal palavra do Antigo Testamento para adoração – e mostra que ela está carregada com um significado externo e localizado. Então ele a transforma em um conceito que é principalmente interno, em vez de externo, e principalmente universal, em vez de localizado.

A mulher junto ao poço disse:

> Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é que se deve adorar. Disse-lhe Jesus: Mulher, poder crer-me que vem a hora, e já chegou, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai.
>
> João 4.20-21

Aqui Jesus desprende a adoração de suas conotações externas e localizadas. O lugar não é o problema: "Nem neste monte, nem em Jerusalém". Ele prossegue:

> Mas vem a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade.
>
> João 4.23-24

Aqui está a frase principal: a verdadeira adoração, que foi prevista para a era vindoura, havia chegado. "*Vem* a hora [na era vindoura] e já *chegou* [em mim]." O que caracteriza esta verdadeira adoração futura, que veio da gloriosa era vindoura e entrou no presente, é que ela não é presa por lugares específicos ou formas externas. Em vez de ser realizada neste monte ou em Jerusalém, ela é feita "em espírito e em verdade".[212]

Jesus despoja *proskyneo* de seus últimos vestígios de conotações localizadas e externas.[213] Não é errado que a adoração seja realizada em um lugar ou use formas externas, mas ele deixa claro e central que isso *não* é o que faz que a adoração seja adoração. O que faz que a adoração seja adoração é o que acontece "em espírito e verdade" – com ou sem um local e com ou sem formas externas.

O que significam estas duas cláusulas: "em espírito" e "em verdade"?

> Entendo que "em espírito" significa que esta verdadeira adoração é continuada pelo Espírito Santo e acontece, principalmente, em um evento interno, espiritual, não em um evento externo e físico. E entendo que "em verdade" significa que esta verdadeira adoração é uma resposta às verdadeiras compreensões de Deus e é formada e orientada por verdadeiras compreensões de Deus.[214]

Jesus, portanto, rompeu decisivamente qualquer conexão necessária entre a adoração e suas associações externas e localizadas. Ela é principalmente algo interno e não associado a localidades. Isso foi o que ele quis dizer quando afirmou: "Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens" (Mt 15.8-9). Quando o coração está longe de Deus, a adoração é vã, vazia, inexistente. A experiência do coração é a essência definidora, vital e indispensável da adoração.

Por que foi boicotada a principal palavra do Antigo Testamento para adoração?

Voltemos à nossa questão anterior. Por que a principal palavra do Antigo Testamento para adoração, *proskyneo,* foi virtualmente boicotada por Pedro, Tiago, João e Paulo nas cartas que escreveram às igrejas? Acredito que a razão para isso é que a palavra não deixou suficientemente clara a natureza interna e espiritual da verdadeira adoração. Ela possuía importantes conotações de lugar e forma. A palavra era associada à prostração física e à presença real de uma manifestação visível diante da qual o adorador se curvava.

Nos Evangelhos, Jesus estava presente em forma *visível* diante da qual o adorador podia se curvar, por isso *proskyneo* é usado com frequência.

No livro de Apocalipse, o ato de curvar-se costumeiramente acontece diante da manifestação de Deus no céu ou diante de falsos deuses na terra. Por isso, a palavra *proskyneo* é amplamente usada em Apocalipse também. No entanto, nas epístolas, algo muito diferente está acontecendo. Jesus não está presente em glória visível diante da qual as pessoas possam se curvar. Como resultado, a tendência da igreja primitiva foi tratar a adoração primariamente como interna e espiritual, em vez de externa e física, e primariamente universal, em vez de localizada.

Palavras que denotam a natureza não localizada e não formalizada da adoração

Para confirmar isso e ver ainda mais claramente quanto a adoração no Novo Testamento é orientada de forma não localizada e não formalizada, considere o que Paulo faz com algumas outras palavras relacionadas à adoração no Antigo Testamento. Por exemplo, a segunda palavra mais comum para adoração na tradução grega do Antigo Testamento é a palavra *latreuo*[215] (mais de noventa vezes, quase sempre traduzindo o termo hebraico *'abad*), que é frequentemente traduzida como "servir", como em Êxodo 23.24: "Não adorarás outros deuses nem lhes darás culto [*latreuses*]".

Quando Paulo usa esse termo para designar a adoração cristã, ele se preocupa em garantir que saibamos que ele não está se referindo a uma adoração localizada e externa, mas a uma experiência não localizada e espiritual. De fato, ele trata virtualmente toda a vida como uma adoração quando vivida no espírito correto. Por exemplo, em Romanos 1.9, ele diz: "Deus, a quem eu sirvo [*latreuo*] em meu espírito, no evangelho de seu Filho...". Em Filipenses 3.3, Paulo diz que os verdadeiros cristãos "adoramos a Deus *no Espírito* e... não confiamos na carne". E, em Romanos 12.1, Paulo estimula os cristãos: "Rogo... que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo e agradável a Deus, que é o vosso culto *racional*".

Até mesmo quando usa uma palavra do Antigo Testamento para adoração, Paulo se esforça por comunicar que o que tem em mente não é principalmente um evento localizado e externo, mas uma experiência interna e espiritual – porque vê toda a sua vida e todo o seu ministério como uma expressão dessa experiência interna de adoração.

O mesmo pode ser visto no uso que o Novo Testamento faz da linguagem do Antigo Testamento para fazer referência aos sacrifícios no templo e ao ofício sacerdotal. O louvor a gratidão dos lábios são chamados de sacrifício a Deus (Hb 13.15). O mesmo acontece com as boas obras praticadas na vida diária (Hb 13.16). Paulo chama seu próprio ministério de "sagrado encargo" e chama os convertidos de "oferta aceitável" a Deus (Rm 15.16;

Aqui está a frase principal: a verdadeira adoração, que foi prevista para a era vindoura, havia chegado. "*Vem* a hora [na era vindoura] e já *chegou* [em mim]." O que caracteriza esta verdadeira adoração futura, que veio da gloriosa era vindoura e entrou no presente, é que ela não é presa por lugares específicos ou formas externas. Em vez de ser realizada neste monte ou em Jerusalém, ela é feita "em espírito e em verdade".[212]

Jesus despoja *proskyneo* de seus últimos vestígios de conotações localizadas e externas.[213] Não é errado que a adoração seja realizada em um lugar ou use formas externas, mas ele deixa claro e central que isso *não* é o que faz que a adoração seja adoração. O que faz que a adoração seja adoração é o que acontece "em espírito e verdade" – com ou sem um local e com ou sem formas externas.

O que significam estas duas cláusulas: "em espírito" e "em verdade"?

> Entendo que "em espírito" significa que esta verdadeira adoração é continuada pelo Espírito Santo e acontece, principalmente, em um evento interno, espiritual, não em um evento externo e físico. E entendo que "em verdade" significa que esta verdadeira adoração é uma resposta às verdadeiras compreensões de Deus e é formada e orientada por verdadeiras compreensões de Deus.[214]

Jesus, portanto, rompeu decisivamente qualquer conexão necessária entre a adoração e suas associações externas e localizadas. Ela é principalmente algo interno e não associado a localidades. Isso foi o que ele quis dizer quando afirmou: "Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens" (Mt 15.8-9). Quando o coração está longe de Deus, a adoração é vã, vazia, inexistente. A experiência do coração é a essência definidora, vital e indispensável da adoração.

Por que foi boicotada a principal palavra do Antigo Testamento para adoração?

Voltemos à nossa questão anterior. Por que a principal palavra do Antigo Testamento para adoração, *proskyneo,* foi virtualmente boicotada por Pedro, Tiago, João e Paulo nas cartas que escreveram às igrejas? Acredito que a razão para isso é que a palavra não deixou suficientemente clara a natureza interna e espiritual da verdadeira adoração. Ela possuía importantes conotações de lugar e forma. A palavra era associada à prostração física e à presença real de uma manifestação visível diante da qual o adorador se curvava.

Nos Evangelhos, Jesus estava presente em forma *visível* diante da qual o adorador podia se curvar, por isso *proskyneo* é usado com frequência.

No livro de Apocalipse, o ato de curvar-se costumeiramente acontece diante da manifestação de Deus no céu ou diante de falsos deuses na terra. Por isso, a palavra *proskyneo* é amplamente usada em Apocalipse também. No entanto, nas epístolas, algo muito diferente está acontecendo. Jesus não está presente em glória visível diante da qual as pessoas possam se curvar. Como resultado, a tendência da igreja primitiva foi tratar a adoração primariamente como interna e espiritual, em vez de externa e física, e primariamente universal, em vez de localizada.

Palavras que denotam a natureza não localizada e não formalizada da adoração

Para confirmar isso e ver ainda mais claramente quanto a adoração no Novo Testamento é orientada de forma não localizada e não formalizada, considere o que Paulo faz com algumas outras palavras relacionadas à adoração no Antigo Testamento. Por exemplo, a segunda palavra mais comum para adoração na tradução grega do Antigo Testamento é a palavra *latreuo*[215] (mais de noventa vezes, quase sempre traduzindo o termo hebraico *'abad*), que é frequentemente traduzida como "servir", como em Êxodo 23.24: "Não adorarás outros deuses nem lhes darás culto [*latreuses*]".

Quando Paulo usa esse termo para designar a adoração cristã, ele se preocupa em garantir que saibamos que ele não está se referindo a uma adoração localizada e externa, mas a uma experiência não localizada e espiritual. De fato, ele trata virtualmente toda a vida como uma adoração quando vivida no espírito correto. Por exemplo, em Romanos 1.9, ele diz: "Deus, a quem eu sirvo [*latreuo*] em meu espírito, no evangelho de seu Filho...". Em Filipenses 3.3, Paulo diz que os verdadeiros cristãos "adoramos a Deus *no Espírito* e... não confiamos na carne". E, em Romanos 12.1, Paulo estimula os cristãos: "Rogo... que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo e agradável a Deus, que é o vosso culto *racional*".

Até mesmo quando usa uma palavra do Antigo Testamento para adoração, Paulo se esforça por comunicar que o que tem em mente não é principalmente um evento localizado e externo, mas uma experiência interna e espiritual – porque vê toda a sua vida e todo o seu ministério como uma expressão dessa experiência interna de adoração.

O mesmo pode ser visto no uso que o Novo Testamento faz da linguagem do Antigo Testamento para fazer referência aos sacrifícios no templo e ao ofício sacerdotal. O louvor a gratidão dos lábios são chamados de sacrifício a Deus (Hb 13.15). O mesmo acontece com as boas obras praticadas na vida diária (Hb 13.16). Paulo chama seu próprio ministério de "sagrado encargo" e chama os convertidos de "oferta aceitável" a Deus (Rm 15.16;

veja também Fp 2.17). Ele chega a chamar até mesmo o dinheiro que as igrejas lhe enviam de "aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus" (Fp 4.18). E sua própria morte por causa de Cristo ele chama de "libação" a Deus (2Tm 4.6).[216]

Tornando a adoração radicalmente interna, de modo que permeie toda a vida externamente

No Novo Testamento, a adoração é significativamente desinstitucionalizada, deslocalizada e desexternalizada. Toda a confiança é tirada das cerimônias, das estações, dos lugares e formas e colocada naquilo que está acontecendo no coração – não apenas no domingo, mas todos os dias e em toda a vida.

Isso é o que está em foco quando lemos textos como "quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus" (1Co 10.31) e "tudo que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai" (Cl 3.17). Esta é a essência da adoração: agir de um modo que a estima da glória de Deus no coração seja refletida. O Novo Testamento usa as mais importantes declarações sobre adoração sem qualquer referência aos cultos. Elas descrevem a vida.

Até mesmo quando Paulo nos chama a "enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (Ef 5.18-20), ele não faz referência a um tempo ou a um lugar ou a um culto. De fato, as palavras-chave são "sempre" e "tudo" – "dando *sempre* graças por *tudo*" (cf. Cl 3.16). De fato, isso pode ser o que devemos fazer em um culto, mas não é a ideia principal que Paulo quer nos comunicar. Sua ideia principal é requerer uma autenticidade radical e interna para a adoração e um alcance totalmente abrangente da adoração em toda a vida. Lugar e forma não pertencem à essência. O espírito e a verdade é que são fundamentalmente importantes.

O impulso puritano e reformado

Isso foi o que fascinou e formou a tradição reformada, especialmente os puritanos e seus herdeiros. A adoração é radicalmente orientada para a experiência do coração e liberta de formas e lugares. João Calvino expressa a liberdade da adoração da forma tradicional do seguinte modo:

> [O Mestre] não desejou prescrever, detalhadamente, disciplinas externas e cerimônias pelas quais devêssemos fazer isso (porque ele anteviu que isso dependeria das épocas e não considerou uma forma adequada para todas as épocas)... Por não ter ensinado nada especificamente

> e por essas coisas não serem necessárias à salvação e pelo fato de a edificação da igreja dever se acomodar variadamente aos costumes de cada nação e de cada época, será apropriado (quando o proveito da igreja assim requerer) mudar e abolir práticas tradicionais e estabelecer novas. De fato, admito que não devemos criar inovações de modo temerário e repentino, por motivos insuficientes. No entanto, o amor julgará melhor o que pode ferir ou edificar e, se deixarmos o amor ser nosso guia, tudo estará seguro.[217]

Lutero expressa a libertação da adoração de lugares: "A adoração a Deus... deve ser livre à mesa, em locais particulares, no andar inferior, no andar superior, em casa, fora de casa, em todos os lugares, por todas as pessoas, em todas as épocas. Quem lhes disser algo diferente disso está mentindo tão impiamente quanto o papa e o próprio diabo".[218] Os puritanos levaram a efeito a simplificação e a liberdade da adoração na música, na liturgia e na arquitetura. Patrick Collinson resume a teoria e a prática puritana dizendo que "a vida do puritano era, em certo sentido, um ato contínuo de adoração, vivida sob uma noção constante e vigorosa dos propósitos providenciais de Deus e constantemente renovada por atividade religiosa, pessoal, doméstica e pública".[219] Uma das razões pelas quais os puritanos chamavam suas igrejas de "casas de encontro" e as conservavam muito simples era desviar a atenção do lugar físico para a natureza interna e espiritual da adoração por meio da Palavra.

Uma intensificação radical da adoração como experiência interna e espiritual

Minha conclusão, então, é que, no Novo Testamento, há uma indiferença surpreendente em relação às formas externas e aos lugares de adoração. Ao mesmo tempo, há uma intensificação radical da adoração como uma experiência interna e espiritual que não tem limites e permeia toda a vida. Essas ênfases foram retomadas na Reforma e alcançaram clara expressão no ramo puritano da tradição reformada. Uma das razões para esse desenvolvimento no Novo Testamento é que o Novo Testamento não é um manual de culto. Em vez disso, é uma visão para missões em milhares de grupos étnicos diferentes ao redor do mundo. Em tais grupos, as formas externas de adoração variam drasticamente, mas a realidade interna de entesourar Cristo em espírito e em verdade é o terreno comum.

Qual é a essência dessa experiência radical e interna de adoração?

O que requer atenção agora é a questão: "Qual é a essência dessa experiência radical, autêntica, interna e unificadora chamada adoração e

como ela se expressa nas reuniões das congregações e na vida diária?" Minha resposta, por antecipação, é que o coração essencial, vital, indispensável e definidor da adoração é a experiência de *estar satisfeito com Deus*. E a razão pela qual essa adoração permeia toda a vida é que todo o comportamento cristão é apropriadamente motivado por uma sede de uma satisfação cada vez maior em Deus.

Em outras palavras, a razão básica pela qual o apóstolo Paulo faz tão pouca distinção entre a adoração como um culto comunitário, por um lado, e a adoração como um padrão para a vida diária, por outro, é que ambas estão unidas pela mesma raiz – uma valorização radical, um entesouramento carinhoso de Deus em Cristo e uma paixão por mais dele. O impulso para cantar um hino e para visitar um prisioneiro é o mesmo: um contentamento libertador em Deus e uma sede por mais de Deus – um desejo de experimentar tanta satisfação em Deus quanto pudermos.

Escrevi, por alguns anos, sobre essas coisas e tentei desenvolvê-las e defendê-las biblicamente, especialmente em *Desiring God,*[220] *Future Grace,*[221] *The Pleasures of God*[222] e *God's Passion for His Glory.*[223] Por isso, aqui darei apenas uma breve explicação para mostrar o fundamento bíblico de minha tese, que é tão crucial para o empreendimento missionário.

Começo com Deus. A raiz de nossa paixão e de nossa sede de Deus é a própria exuberância de Deus. A raiz de nossa busca por satisfação na glória de Deus é o zelo de Deus para que sua própria satisfação em sua própria glória seja conhecida e compartilhada por seu povo. Deus está infinitamente comprometido em preservar e revelar sua glória em tudo o que faz, da criação à consumação. E, nesse compromisso, vemos seu zelo, amor e satisfação em sua glória (como vimos nos capítulos 1 e 6). Deus planejou e agiu de modo que predestinação (Ef 1.4-6), criação (Is 43.6-7), encarnação (Rm 15.8-9), propiciação (Rm 3.25-26), santificação (Fp 1.10-11) e consumação (2Ts 1.10) têm o objetivo de exaltar sua própria dignidade e glória no mundo.

Em outras palavras, Deus é tão exuberante e francamente satisfeito com sua própria glória que dedica suas energias a torná-la conhecida. A criação do universo, a história da redenção e a consumação de todas as coisas são dirigidas, basicamente, por esta grande paixão no coração de Deus – exaltar-se completamente em sua própria glória, tornando-a conhecida e louvada entre todas as nações.

Mas se Deus fica tão satisfeito com sua glória que faz disso o objetivo de tudo o que faz, então não é sua própria satisfação em si mesmo a raiz de nossa satisfação nele? Mas apresentando a questão dessa maneira não conseguimos chegar ao coração do problema. Para chegar ao coração do

problema, precisamos perguntar: Por que é amoroso Deus ser tão autoexaltador e por que, se chegarmos a compartilhar de sua satisfação em si mesmo, essa é a essência e o coração da adoração?

Como C. S. Lewis me ajudou a ver o óbvio

A resposta à primeira questão – por que é amoroso Deus ser tão autoexaltador a ponto de fazer tudo o que faz para sua própria glória? – veio a mim com a ajuda de C. S. Lewis. Quando estava refletindo sobre o fato de que, em Efésios 1.6, 12, 14, Paulo diz que Deus realiza todos os atos de redenção de modo que possamos louvar sua glória, descobri que, em seus primeiros dias como cristão, Lewis ficou incomodado com os mandamentos de Deus para que sua glória fosse louvada. Eles pareciam inúteis.

Mas, então, ele descobriu por que eles não eram inúteis, mas profundamente amorosos da parte de Deus. Aqui está seu discernimento importantíssimo:

> O fato mais óbvio sobre o louvor... estranhamente me escapava... nunca tinha observado que toda alegria flui espontaneamente para o louvor... o mundo está repleto de louvor – amantes que louvam suas concubinas, leitores que louvam seu poeta favorito, viajantes que louvam o interior, jogadores que louvam seu jogo favorito – o louvor do tempo, de vinhos, de pratos, atores, cavalos, faculdades, países, vultos históricos, filhos, flores, montanhas, selos raros, besouros raros, até mesmo de alguns políticos e estudiosos... Minha dificuldade completa e geral sobre o louvor a Deus depende de minha negação absurda a nós, com respeito ao que é supremamente valioso, aquilo que temos prazer em fazer, aquilo que, de fato, não podemos ajudar a fazer, sobre tudo o mais que valorizamos.
>
> Acho que temos prazer em louvar o que apreciamos porque o louvor não meramente expressa, mas completa a apreciação. É uma consumação decretada. Não é falta de gentileza que as pessoas que se amam fiquem falando uma à outra sobre quanto são bonitas, pois o prazer está incompleto até que isso seja expresso.[224]

Em outras palavras, o louvor genuíno e sincero não é acrescentado artificialmente à alegria. É a consumação da alegria. A alegria por alguma beleza ou valor não é completa até que seja expressa em um tipo de louvor.

Ora, se Deus nos ama como a Bíblia diz que ama, então ele certamente nos dá o que é melhor para nós. E o que é melhor para nós é *ele mesmo*. Portanto, se Deus nos ama, ele deve nos dar Deus para nossa alegria, nada menos que isso. Mas se nossa alegria – se nossa satisfação em Deus – está incompleta até que chegue à completude em louvor, então Deus não seria amoroso se fosse indiferente ao nosso louvor. Se ele não nos ordenasse a

louvá-lo, ele não estaria nos ordenando que ficássemos tão satisfeitos quanto podemos e isso não seria amoroso.

Assim, o que emerge desta reflexão é que a autoexaltação de Deus – o fato de ele fazer tudo para revelar sua glória e receber nosso louvor – não é desamoroso, é o único modo como um Deus infinitamente glorioso pode amar. Seu maior dom de amor é nos dar uma participação na própria satisfação que ele tem em si mesmo e, então, chamar essa satisfação à sua plena consumação na expressão de louvor.

O amor de Deus é expresso pelos repetidos mandamentos bíblicos para que nos alegremos no Senhor (Fp 4.4), que tenhamos prazer em nós mesmos no Senhor (Sl 37.4), que sirvamos ao Senhor com alegria (Sl 100.2), que nos alegremos no Senhor (Sl 32.11) e pela múltipla promessa de que "na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente" (Sl 16.11).

A alegria em Deus é, em si mesma, um tributo à sua dignidade totalmente satisfatória, mesmo antes do louvor

Há mais um componente deste argumento que leva à conclusão de que a satisfação superabundante em Deus é a essência (não a totalidade) da adoração. Afirmarei isso lógica e exegeticamente. Logicamente, se nosso louvor é a consumação de nossa alegria em Deus e não um mero acréscimo, então nossa alegria deve ser um tributo a Deus. Essa alegria, mesmo antes de transbordar em louvor, é um reflexo (se pudermos enxergar dentro do coração) do mérito totalmente satisfatório de Deus. Isto é, ele é honrado pelo prazer que temos nele. Sabemos isso por experiência. Demonstrar alegria na presença de uma pessoa é honrar essa pessoa. Sentir constrangimento por estarmos perto de uma pessoa por obrigação não honra muito essa pessoa. Esta, então, é nossa conclusão: Deus é glorificado em nós quando nos satisfazemos nele. E como a adoração é, essencialmente, a experiência de exaltar a glória de Deus, a essência da adoração é estarmos satisfeitos em Deus.

Agora precisamos ver como isso está arraigado na Escritura. Observe Filipenses 1.20-21. Paulo diz: "Segundo a minha ardente expectativa e esperança de que... será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte. Porquanto, para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro". A questão é: "Como Cristo será honrado no corpo de Paulo?" Esta é uma questão de adoração. Como Paulo mostrará a dignidade de Cristo com seu corpo? Ele diz que quer honrar a Cristo "quer pela vida, quer pela morte", portanto, há um modo de honrar a Cristo no corpo pela morte. A questão é: "O que é isso? Como honramos a Cristo na morte?"

Paulo responde no verso 21: Ele diz, em resumo: "Minha ardente expectativa e esperança... Cristo engrandecido... pela morte... *para mim*...

morrer é lucro". Em outras palavras, se posso experimentar a morte como lucro, minha morte honrará a Cristo. Podemos ver, aqui, como a mente de Paulo está funcionando. A honra e o mérito totalmente satisfatório de Cristo estão refletidos em minha morte na medida em que, em minha alma, não estou lamentando a perda de todos os meus bens terrenos e de todas as minhas relações terrenas, mas estou considerando Cristo tão superior à morte que, para mim, ela é lucro. O pressuposto – que ele deixa claro no verso 23 – é que a morte significa uma intimidade mais estreita com Cristo. No verso 23, ele diz: "Tenho o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor". Portanto, a razão pela qual a morte é lucro é que ela traz uma experiência melhor com Cristo. A conclusão exegética, então, é que saborear Cristo acima de tudo o que perdemos na morte exalta a dignidade de Cristo. Na medida em que nos satisfazemos nele quando morremos, ele é honrado quando morremos. Ele é mais glorificado em nós quando mais nos satisfazemos nele – na vida e na morte.

Qual, então, é a essência da adoração?

De tudo isso, concluo (lógica e exegeticamente) que o coração essencial, vital, indispensável e definidor da adoração é a experiência de *estarmos satisfeitos com Deus em Cristo.* Esta experiência exalta sua dignidade e essa exaltação é o que é adoração. É por isso que Jesus e os apóstolos foram tão surpreendentemente indiferentes às formas externas e se concentraram tão radicalmente na adoração interna, espiritual e autêntica. Sem a experiência de satisfação sincera em Deus, o louvor é vão. Se o louvor genuíno puder fluir de um coração sem satisfação em Deus, então a palavra "hipocrisia" não tem significado e as palavras de Jesus são sem sentido quando ele diz: "Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim" (Mt 15.8).

Por isso, quando digo que "as missões não são o alvo fundamental da igreja. A adoração é", não me refiro aos cultos públicos nem aos cânticos de louvor. Ambos fazem parte da *expressão* da essência da adoração, mas essas coisas podem acontecer e não ser adoração. A adoração não é, antes de tudo, um ato externo, é um entesouramento interno e espiritual do caráter e dos caminhos de Deus em Cristo. É uma afeição a Cristo, uma satisfação com tudo o que Deus é para nós em Cristo. Quando essas coisas estão ausentes, não há adoração, não importa quais formas ou expressões estejam presentes.[225]

Implicações

Agora considere quatro implicações disso para a experiência de adoração e sua expressão nos cultos públicos.

1. A busca de alegria em Deus não é opcional. É nosso dever mais nobre. Milhões de cristãos têm absorvido uma ética popular que vem mais de Immanuel Kant que da Bíblia. Seu pressuposto é que é moralmente imperfeito buscar a felicidade – buscar alegria, desejar satisfação e nos dedicarmos a alcançá-las. Isso é absolutamente mortal para a verdadeira adoração. Na medida em que esta ética kantiana floresce, a adoração morre, pois a essência da adoração é satisfação em Deus. Ser indiferente ou até mesmo receoso da busca[226] daquilo que é essencial à adoração é opor-se à adoração – e à autenticidade dos cultos (em qualquer cultura ou forma).

Não poucos pastores alimentam exatamente isso dizendo coisas como "O problema é que nosso povo não vem ao domingo pela manhã para dar. Vem somente para receber. Se viesse para dar, teríamos vida." Provavelmente este não é um bom diagnóstico. As pessoas devem vir para receber. Elas devem vir com fome de *Deus*. Elas devem vir dizendo: "Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma" (Sl 42.1). Deus é poderosamente honrado quando as pessoas sabem que morrerão de fome e sede a menos que tenham Deus. O trabalho dos pastores é preparar um banquete para elas. Redescobrir a justiça e a indispensabilidade de buscar nossa satisfação *em Deus* é meio caminho andado para a restauração da autenticidade e do poder da adoração – seja sozinho, em um grupo de seis anciãos no Uzbequistão, em uma garagem alugada na Libéria, em uma megaigreja na América ou no patíbulo, no último momento antes do "lucro".

2. Outra implicação de dizer que a essência da adoração é satisfação em Deus é que a adoração se torna radicalmente teocêntrica. Nada faz que Deus seja mais supremo e mais central do que quando as pessoas estão totalmente persuadidas de que nada – nem dinheiro, nem prestígio, nem prazer, nem família, nem trabalho, nem saúde, nem esportes, ou brinquedos, ou amigos, ou ministério – trará satisfação ao coração dolorido a não ser Deus. Esta convicção gera uma pessoa que vai à igreja todo domingo pela manhã (ou em qualquer outro horário). Elas não se confundem sobre o motivo pelo qual estão ali. Elas não veem cânticos, orações e sermões como meras tradições ou meras obrigações. Elas os veem como meios de se achegarem a Deus ou de Deus se achegar a elas para mais de sua plenitude.

Se o foco muda para nós darmos a Deus, sutilmente o centro passa a ser não Deus, mas a qualidade daquilo que damos. Estamos cantando de modo digno do Senhor? Nossos instrumentistas estão tocando com qualidade adequada a uma dádiva ao Senhor? A pregação é uma oferta agradável ao Senhor? E, pouco a pouco, o foco muda da total indispensabilidade do próprio Senhor para a qualidade de nosso desempenho. Aí, então, passamos a definir

a excelência e o poder na adoração em termos da distinção técnica de nossos atos artísticos.

Nada mantém Deus no centro da adoração como a convicção bíblica de que a essência da adoração é uma profunda e sincera satisfação em Deus e a convicção de que a expressão e a busca dessa satisfação são o motivo pelo qual estamos reunidos. Nenhum ato externo pode substituir isso. O ato pode apenas expressá-lo (o que chamamos de culto público) ou substituí-lo (o que chamamos de hipocrisia).

3. Uma terceira implicação de dizer que a essência da adoração é a satisfação em Deus é que essa essência protege a primazia da adoração, forçando-nos a aceitar que a adoração é um fim em si mesma. Se a essência da adoração é satisfação em Deus, então a adoração não pode ser um meio para nada mais. Simplesmente não podemos dizer a Deus: "Quero ficar satisfeito no Senhor para que possa ter algo mais". Isso significaria que realmente não estamos satisfeitos em Deus, mas nesse algo mais e isso desonraria a Deus.

Para milhares de pessoas e pastores, porém, o evento de adoração na manhã de domingo (isto é, no culto) é concebido como um meio de realizar algo diferente de adoração. "Adoramos" ganhar dinheiro; "adoramos" atrair multidões; "adoramos" curar as feridas humanas; "adoramos" recrutar trabalhadores; "adoramos incrementar a moral da igreja". "Adoramos" dar a músicos talentosos uma oportunidade de cumprir seu chamado; "adoramos" ensinar aos nossos filhos o caminho da justiça; "adoramos" ajudar casais a permanecerem juntos; "adoramos" evangelizar os perdidos entre nós; "adoramos" motivar as pessoas a realizarem projetos de trabalho; adoramos dar às nossas igrejas um ambiente familiar e assim por diante.

Se não formos cuidadosos, quando falarmos em concentrar esforços nessas coisas "por meio da adoração", daremos testemunho de que não sabemos o que é adoração. Sentimentos genuínos por Deus (a essência da adoração) são um fim em si mesmos. Não posso dizer à minha esposa: "Sinto um forte prazer em você para que você me prepare uma boa refeição". Não é assim que o prazer funciona. O prazer termina nela. Ele não tem em vista uma boa refeição. Não posso dizer ao meu filho: "Amo jogar bola com você... para que você corte a grama". Se seu coração realmente tem prazer em jogar bola com ele, esse prazer não pode ser efetivado como um meio para que ele faça algo mais.

Não estou negando que a adoração (a essência e o culto) pode ter uma centena de bons efeitos na vida da igreja. O que estou dizendo é: a medida em que "adoramos" essas razões é a medida em que a adoração deixa de ser autêntica. Manter a satisfação em Deus no centro nos protege dessa tragédia.

4. Finalmente, a última implicação de dizer que a essência da adoração é estar satisfeito em Deus é que esta definição leva em conta o fato de que Paulo considera toda a vida uma expressão de adoração. Todo o comportamento cristão (em toda cultura ou nível) deve ser prática por causa da satisfação em Deus e com vista a preservar e aumentar a satisfação em Deus. Dediquei um capítulo em *Desiring God* ("Love: The Labor of Christian Hedonism") para justificar esta declaração, mas permita-me fazer isso para você agora usando uma palavra do Senhor Jesus.

Em Lucas 12.33, Jesus diz: "Vendei os vossos bens e dai esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus, onde não chega o ladrão, nem a traça consome". Entendo "tesouro nos céus" como uma referência a medidas aumentadas de alegria à mão direita de Deus e prazeres em sua companhia na era vindoura. Jesus diz que devemos nos prover disso – em outras palavras, fazer esforços para aumentar nossas alegrias com Deus no céu. Ele diz que o modo de se fazer isso é vendendo nossas posses e dando esmolas. Isso ilustra todos os modos de sacrifício e amor na vida cristã. Devemos viver dessa maneira para juntar tesouros no céu.

Em outras palavras, devemos objetivar, em tudo o que fazemos, maximizar nossa satisfação em Deus – agora e na era vindoura. Se alguém perguntar: "É amor dar esmolas com o objetivo de maximizar nossa própria alegria em Deus?", a resposta é um claro e sonoro "sim", pois, ao abrir mão das coisas terrenas para suprir as necessidades de outras pessoas, nosso objetivo é persuadi-las de que o tesouro de Deus, que nos liberta para dar desse modo, é tão valioso que elas também deviam recebê-lo e viver para ele e, assim, juntarem-se a nós nas alegrias do céu. Todos aqueles que passam a amar a Deus porque viram em nós que Deus é mais precioso que todas as coisas farão que nossa satisfação em Deus seja mais doce. Esta é uma razão pela qual as missões são um dos chamados mais profundamente satisfatórios do mundo. "Mais bem-aventurado é dar que receber" (At 20.35).

Por isso creio que pode ser mostrado biblicamente que todo o nosso comportamento deve ser motivado por uma degustação profundamente libertadora da bondade de Deus e por uma sede de uma satisfação em Deus cada vez maior. Portanto, a raiz da vida cristã e a raiz do louvor congregacional são a mesma e é por isso que, para Paulo, a adoração simplesmente não pode ser meramente ou até mesmo principalmente pensada em termos de cultos de domingo, mas de toda a vida. Sua compreensão da existência cristã é absolutamente saturada por Deus. Quando toda a nossa vida é consumida pela busca de satisfação em Deus, tudo o que fazemos destaca o valor e a dignidade de Deus, o que significa simplesmente que tudo se torna adoração. Que Deus se faça – manifesto em Cristo – precioso para nós.

É a isso que estou me referindo quando digo que "as missões não são o alvo fundamental da igreja. A adoração é". Nosso objetivo é ver que essa experiência acontece entre todos os povos do mundo. Que o poder do evangelho desperte os mortos, traga-os das trevas para a luz e do poder de Satanás para Deus, para que o vejam e o saboreiem com todo o coração. E que eles fiquem tão radicalmente satisfeitos nele que fiquem livres dos temores e dos prazeres deste mundo e sigam Jesus no caminho de amor do calvário. Então outros verão suas boas obras e glorificarão ao seu Pai no céu – e a Palavra seguirá de glória em glória.

Conclusão

O grande objetivo de Deus em toda a História é manter e manifestar a sua glória para o contentamento dos redimidos de toda tribo, língua, povo e nação. Seu propósito é a alegria do seu povo, porque Deus é mais glorificado em nós quando mais nos satisfazemos nele. Deleite é um tributo mais elevado que dever. O propósito principal de Deus é glorificar-se e desfrutar de sua glória para sempre. Uma vez que sua glória é mais magnificada nas paixões do seu povo jubiloso centradas em Deus, a autoexaltação de Deus e o nosso júbilo são um. As maiores boas-novas em todo o mundo são que a meta derradeira de Deus, que é ser glorificado, e o alvo do homem, que é ser satisfeito, não se opõem.

Adoração

O objetivo das missões, portanto, é a alegria dos povos na grandeza de Deus. "Reina o SENHOR. *Regozije-se* a terra, *alegrem-se* as muitas ilhas" (Sl 97.1). "*Alegrem-se e exultem as gentes*" (Sl 67.4). O mandamento missionário de nos alegrarmos em Deus é simplesmente um mandato para a consumação do louvor. O louvor professado a Deus sem satisfação nele é hipocrisia.

Portanto, a adoração é o combustível e a meta das missões. Ela é a meta das missões porque, nas missões, objetivamos trazer as nações à alegria transbordante da glória de Deus. E é o combustível das missões porque você não pode recomendar o que não estima. Você não pode exclamar: "*Alegrem-se* as nações!" até que possa dizer: "*Regozijo-me* no Senhor". As missões começam e terminam em adoração.

Oração

Isso quer dizer que Deus é absolutamente supremo nas missões. Ele é o princípio e o fim. Ele é, também, aquele que sustenta e confere poder a todo o processo. "Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois a glória eternamente" (Rm 11.36). O sustento de Deus a todo o instante para o movimento cristão preserva a sua supremacia, porque aquele que outorga o poder recebe a glória. "Se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado" (1Pe 4.11).

Eis por que Deus determinou que a oração tivesse um lugar tão essencial na missão da igreja. O propósito da oração é tornar claro a todos os participantes das missões que a vitória pertence ao SENHOR. "O cavalo prepara-se para o dia da batalha, mas a vitória vem do SENHOR" (Pv 21.31). A oração é o meio indicado por Deus para trazer graça ao mundo e glória a ele. "Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, *e tu me glorificarás*" (Sl 50.15). "E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, *a fim de que o Pai seja glorificado no Filho*" (Jo 14.13).

A oração coloca Deus no lugar do Benfeitor todo-suficiente e nos coloca no lugar dos beneficiários necessitados. Assim, quando a missão da igreja avança pela oração, a supremacia de Deus é manifestada e as necessidades dos missionários cristãos são supridas. Em oração, ele é glorificado e nós somos satisfeitos. "Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi e recebereis, *para que a vossa alegria seja completa*" (Jo 16.24). O propósito da oração é a fama do Pai e a plenitude dos santos.

Sofrimento

O próprio Deus é a plenitude sobre a qual vivemos e a fonte de vida que louvamos nas missões. Ele é o nosso tesouro. O seu amor imutável é melhor que a vida (Sl 63.3). Portanto, a grandeza do seu valor é vista mais claramente quando estamos dispostos a entregar nossas vidas pelo seu amor. Medimos o valor de um tesouro pelo que alegremente damos para conquistá-lo.

Sofrer por sofrer não prova nada. Mas a aceitação do sofrimento por causa da "sublimidade do conhecimento de Cristo" e de perdas "para ganhar a Cristo" (Fp 3.8) provam que Cristo é supremamente valioso. "Bem-aventurados sois quando, por minha causa,... vos perseguirem... Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus" (Mt 5.11-12). A extensão do nosso *sacrifício* associado à profundidade da nossa *alegria* demonstra o valor que damos à recompensa de Deus. Perda e sofrimento, alegremente aceitos pelo reino de Deus, mostram a supremacia da glória de Deus mais claramente no mundo do que toda adoração e oração.

Assim, Deus ordena que a missão da sua igreja avance não somente pelo combustível da adoração e pelo poder da oração, mas à custa de sofrimento. "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me" (Mc 8.34). "Não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros" (Jo 15.20). "Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?" (Mt 10.25). "Era necessário que o Filho do homem sofresse muitas coisas" (Mc 8.31). "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio" (Jo 20.21). "Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos" (Mt 10.16). "Eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome" (At 9.16).

É essencial conhecer a Cristo?

Uma vez que o preço é tão alto, alguém pode perguntar: é realmente necessário? Se a meta de Deus na História é manter e manifestar sua glória para o contentamento dos redimidos, pode ocorrer que ele redima pessoas sem as missões? Podem as pessoas vir a louvar ao Deus verdadeiro, de coração, pela fé salvadora, se ainda são ignorantes a respeito de Jesus e sua obra salvadora? Pode a natureza ou outras religiões conduzir as pessoas à vida eterna e à alegria com Deus?

A resposta bíblica que vimos é *não*. É uma sólida verdade no Novo Testamento que, desde a encarnação do Filho de Deus, toda fé salvadora deve, a partir dali, fixar-se nele. Isso nem sempre foi verdade. Antes de Cristo, o povo de Israel focalizava a fé nas promessas de Deus (Rm 4.20) que apontavam para a vinda de um Redentor. E às nações foi permitido andar em seus próprios caminhos (At 14.16). Mas aqueles tempos foram chamados de "tempos de ignorância". Agora, porém, desde a vinda do Filho de Deus ao mundo, Cristo tornou-se o centro consciente da missão da igreja. O propósito das missões é "*por amor do seu nome*,[227] [levar] a obediência por fé, entre todos os gentios" (Rm 1.5). A vontade de Deus é ser glorificado em seu Filho, fazendo dele o centro de toda a proclamação missionária. A supremacia de Deus nas missões é afirmada biblicamente pela confirmação da supremacia de seu Filho como o foco de toda a fé salvadora.

Povo ou povos?

Desde que o destino eterno de todo indivíduo reside no conhecimento de Cristo e na aceitação dele, com alegria, como o maior bem da vida, é, então, a tarefa das missões maximizar o número de pessoas redimidas ou o número de pessoas alcançadas? A resposta bíblica é que o chamado de Deus para as missões nas Escrituras *não pode* ser definido simplesmente em termos de alcançar várias culturas, visando a maximizar o número total

de indivíduos salvos.[228] Em vez disso, a vontade de Deus para as missões é que todo grupo de pessoas seja alcançado com o testemunho de Cristo e que um povo seja chamado por seu nome de todas as nações. Pode ser que essa definição de missões resulte, de fato, no maior número possível de adoradores inflamados do Filho de Deus. Mas isso cabe a Deus decidir. Nossa responsabilidade é definir as missões do seu modo e, então, obedecer.

O grande objetivo de Deus em toda a História é manter e manifestar a sua glória para o contentamento dos redimidos de *toda tribo, língua, povo e nação*. A beleza do louvor que virá ao Senhor da diversidade de nações é maior que a beleza que viria a ele se o coro de redimidos fosse culturalmente uniforme ou limitado. Além disso, há algo sobre Deus que é tão universalmente digno de louvor, tão profundamente belo, tão abrangentemente valioso e tão profundamente satisfatório, que ele encontrará admiradores apaixonados em cada grupo de pessoas no mundo. Sua grandeza verdadeira será manifesta na amplitude da diversidade daqueles que percebem e apreciam sua beleza. Quanto mais diversificados forem os grupos de pessoas que abandonam seus deuses para seguir o verdadeiro Deus, mais visível será a sua superioridade sobre todos os seus competidores.

Por focalizar todos os grupos de pessoas do mundo, Deus eliminou o orgulho etnocêntrico e recolocou todos os povos sob sua livre graça, em vez de qualquer característica que possam ter. Essa humildade é, para nós, o outro lado de render a Deus toda a glória. Humildade significa nos deleitarmos em sua graça, não em nossa bondade. Impulsionando-nos em direção a todos os povos, Deus está nos conduzindo para uma experiência mais humilde e profunda de sua graça e afastando-nos cada vez mais do nosso orgulho enraizado. Procedendo dessa maneira, ele está preparando para si um povo – de todos os povos – que estará apto a adorá-lo com liberdade e admiração superlativa.

Então, a igreja é compelida a engajar-se com o Senhor da Glória em sua causa. É nosso privilégio indescritível marchar com ele no maior movimento da História – a reunião dos eleitos "de todas as tribos, línguas, povos e nações", até que chegue a plenitude dos gentios, todo o Israel seja salvo, o Filho do Homem desça com poder e grande glória como Rei dos reis e Senhor dos senhores e a terra esteja cheia do conhecimento da sua glória como as águas cobrem o mar para todo o sempre. Então a supremacia de Cristo será manifesta a todos e ele entregará o reino a Deus Pai, que será tudo em todos.

Epílogo

A supremacia de Deus em ir e enviar

Tom Steller

Há uma passagem maravilhosa na frequentemente negligenciada 3João que resume belamente a incumbência deste livro. Desejamos deixar você, leitor, com essa verdade ressoando em sua mente e coração. Há apenas dois meios para respondermos à verdade que temos considerado sobre a supremacia de Deus nas missões. Devemos ir por amor do seu nome ou devemos enviar e manter alguém que o faça de modo digno de Deus. Leia as palavras do apóstolo João, que ouviu as batidas do coração de Jesus quando se encostou em seu peito e, com seus próprios ouvidos, as instruções da Grande Comissão:

> O presbítero ao amado Gaio, a quem eu amo na verdade. Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma. Pois fiquei sobremodo alegre pela vinda de irmãos e pelo seu testemunho da tua verdade, como tu andas na verdade. Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade. Amado, procedes fielmente naquilo que praticas para com os irmãos, e isto fazes, mesmo quando são estrangeiros, os quais, perante a igreja, deram testemunho do teu amor. *Bem farás encaminhando-os em sua jornada por modo digno de Deus; pois, por causa do Nome foi que saíram, nada recebendo dos gentios. Portanto, devemos acolher esses irmãos, para nos tornarmos cooperadores da verdade.* 3João 1.8

Vale a pena notar bem o que faz feliz um ancião piedoso. O apóstolo João, que se refere a si mesmo simplesmente como "o presbítero", está cheio de alegria e satisfação. Ele acaba de receber notícias de que Gaio, um de seus filhos espirituais, está andando na verdade. Não há maior alegria que essa!

Que evidência compele esse velho apóstolo a ser convencido de que a alma de Gaio está prosperando? Em que verdade Gaio está andando? Aparentemente, alguns evangelistas/missionários itinerantes, os quais João conhecia, tinham visitado Gaio e sido por ele acolhidos com um tipo de amor especial. Eles retornaram à igreja da qual João fazia parte e testificaram que Gaio os tratara bem, embora fossem estranhos para ele. Isso sensibilizou João de tal modo que o levou a escrever uma carta a Gaio para incentivá-lo a andar na verdade e agir fielmente. Ele desejou estimular Gaio a continuar agindo assim. "Bem farás encaminhando-os em sua jornada por modo digno de Deus."

Gaio foi lembrado pelo apóstolo de que era um "enviador". Essa expressão "encaminhar alguém em sua jornada" ocorre nove vezes no Novo Testamento, sempre em um contexto missionário.[229] O versículo mais descritivo encontra-se em Tito 3.13. Nesse versículo, Paulo escreve a Tito: "Encaminha com diligência a Zenas, o intérprete da Lei, e Apolo, a fim de que não lhes falte coisa alguma". Desse versículo podemos aprender que enviar é alguma coisa a ser feita diligentemente e incluindo tudo – "a fim de que não lhes falte *coisa alguma*".

Em 3João, essa diligência e eficácia são percebidas na frase "por modo digno de Deus" (v. 6). Isso eleva mais do que se possa imaginar a importância do envio. É um mandamento de Deus (observe o "devemos" do v. 8). A razão pela qual devemos enviá-los de modo digno a Deus é que eles saíram por causa do Nome. O nome de Deus está em jogo no modo como tratamos nossos missionários. Deus é glorificado quando os mantemos substancialmente com nossas orações, nosso dinheiro, nosso tempo e com miríades de outros meios práticos (note o "naquilo" do versículo 5). Deus não é glorificado quando os nossos missionários são simplesmente um nome na última página do boletim da igreja ou um item do orçamento.

Não é de importância secundária envolver-se nesse ministério de *enviar*. Trata-se de um chamado muito valioso. É estar andando na verdade. É a manifestação de uma alma saudável e próspera. Os que enviam missionários são trabalhadores companheiros da verdade. Enviar do modo digno de Deus é um chamado à excelência no apoio dos missionários. É uma participação direta no propósito de Deus. A magnificência do envio não pode ser exagerada. Mas isso não deve ser feito de uma maneira inferior e sim do "modo digno de Deus".[230] Há uma enorme diferença entre uma igreja "ter"

Epílogo

A supremacia de Deus em ir e enviar

Tom Steller

Há uma passagem maravilhosa na frequentemente negligenciada 3João que resume belamente a incumbência deste livro. Desejamos deixar você, leitor, com essa verdade ressoando em sua mente e coração. Há apenas dois meios para respondermos à verdade que temos considerado sobre a supremacia de Deus nas missões. Devemos ir por amor do seu nome ou devemos enviar e manter alguém que o faça de modo digno de Deus. Leia as palavras do apóstolo João, que ouviu as batidas do coração de Jesus quando se encostou em seu peito e, com seus próprios ouvidos, as instruções da Grande Comissão:

> O presbítero ao amado Gaio, a quem eu amo na verdade. Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma. Pois fiquei sobremodo alegre pela vinda de irmãos e pelo seu testemunho da tua verdade, como tu andas na verdade. Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade. Amado, procedes fielmente naquilo que praticas para com os irmãos, e isto fazes, mesmo quando são estrangeiros, os quais, perante a igreja, deram testemunho do teu amor. *Bem farás encaminhando-os em sua jornada por modo digno de Deus; pois, por causa do Nome foi que saíram, nada recebendo dos gentios. Portanto, devemos acolher esses irmãos, para nos tornarmos cooperadores da verdade.* 3João 1.8

Vale a pena notar bem o que faz feliz um ancião piedoso. O apóstolo João, que se refere a si mesmo simplesmente como "o presbítero", está cheio de alegria e satisfação. Ele acaba de receber notícias de que Gaio, um de seus filhos espirituais, está andando na verdade. Não há maior alegria que essa!

Que evidência compele esse velho apóstolo a ser convencido de que a alma de Gaio está prosperando? Em que verdade Gaio está andando? Aparentemente, alguns evangelistas/missionários itinerantes, os quais João conhecia, tinham visitado Gaio e sido por ele acolhidos com um tipo de amor especial. Eles retornaram à igreja da qual João fazia parte e testificaram que Gaio os tratara bem, embora fossem estranhos para ele. Isso sensibilizou João de tal modo que o levou a escrever uma carta a Gaio para incentivá-lo a andar na verdade e agir fielmente. Ele desejou estimular Gaio a continuar agindo assim. "Bem farás encaminhando-os em sua jornada por modo digno de Deus."

Gaio foi lembrado pelo apóstolo de que era um "enviador". Essa expressão "encaminhar alguém em sua jornada" ocorre nove vezes no Novo Testamento, sempre em um contexto missionário.[229] O versículo mais descritivo encontra-se em Tito 3.13. Nesse versículo, Paulo escreve a Tito: "Encaminha com diligência a Zenas, o intérprete da Lei, e Apolo, a fim de que não lhes falte coisa alguma". Desse versículo podemos aprender que enviar é alguma coisa a ser feita diligentemente e incluindo tudo – "a fim de que não lhes falte *coisa alguma*".

Em 3João, essa diligência e eficácia são percebidas na frase "por modo digno de Deus" (v. 6). Isso eleva mais do que se possa imaginar a importância do envio. É um mandamento de Deus (observe o "devemos" do v. 8). A razão pela qual devemos enviá-los de modo digno a Deus é que eles saíram por causa do Nome. O nome de Deus está em jogo no modo como tratamos nossos missionários. Deus é glorificado quando os mantemos substancialmente com nossas orações, nosso dinheiro, nosso tempo e com miríades de outros meios práticos (note o "naquilo" do versículo 5). Deus não é glorificado quando os nossos missionários são simplesmente um nome na última página do boletim da igreja ou um item do orçamento.

Não é de importância secundária envolver-se nesse ministério de *enviar*. Trata-se de um chamado muito valioso. É estar andando na verdade. É a manifestação de uma alma saudável e próspera. Os que enviam missionários são trabalhadores companheiros da verdade. Enviar do modo digno de Deus é um chamado à excelência no apoio dos missionários. É uma participação direta no propósito de Deus. A magnificência do envio não pode ser exagerada. Mas isso não deve ser feito de uma maneira inferior e sim do "modo digno de Deus".[230] Há uma enorme diferença entre uma igreja "ter"

um missionário e uma igreja "enviar" um missionário. Então, quando os enviamos do modo digno de Deus, ele é glorificado, nossas almas prosperam e somos trabalhadores companheiros da verdade. Estamos em sincronia com as batidas do coração de Deus e com seu propósito de ser glorificado entre todos os povos.

Porém, assim como há uma centralização em Deus para o envio, também há para a ida. Na verdade, as duas coisas estão intimamente relacionadas. Atente para a sequência do pensamento do apóstolo João: "Bem farás encaminhando-os em sua jornada *por modo digno de Deus*; *pois por causa do Nome* foi que saíram, nada recebendo dos gentios. *Portanto*, devemos acolher *esses* irmãos". De acordo com esse texto, somente certo tipo de pessoa deve ser sustentado e enviado para o campo missionário (observe a palavra "esses"). Somente aqueles *que por causa do Nome foi que saíram* devem ser sustentados.

Talvez aqui esteja a melhor definição de missionário no Novo Testamento. O missionário é alguém que sai por causa do Nome, nada aceitando dos gentios. Ganhos materiais não devem ser o motivo. E mesmo a preocupação humanitária genuína, embora essencial, não deve ser o motivo propulsor. Em vez disso, o missionário é impelido por um profundo amor pelo Nome e pela glória a Deus. Como o apóstolo Paulo, o alvo do missionário é "receber graça e apostolado por amor do seu nome, para a obediência por fé, entre todos os gentios" (Rm 1.5).

O propósito deste livro não foi apenas informá-lo da supremacia de Deus nas missões. Na verdade, do princípio ao fim, procuramos convidá-lo a se tornar mais pessoalmente engajado na causa das missões com sinceridade e paixão centralizada em Deus. Nossa meta não foi exaltar o missionário, mas exaltar a Deus e sua missão. A verdadeira natureza do seu envolvimento na causa das missões será diferente daquela de qualquer outra pessoa. Se você vai como missionário ou permanece como enviador é uma questão secundária. O ponto principal é que, seja o que fizer, faça-o para a glória de Deus (1Co 10.31), para o progresso do seu reino (Mt 6.33) e tenha em vista que a sua consumação abrangerá toda tribo, língua, povo e nação (Mt 24.14; Ap 7.9).

David Bryant intitula aquele que tem essa ideia fixa de "cristão global".[231] Nem todo cristão é chamado para ser um missionário. Porém, todo seguidor de Cristo é chamado para ser um cristão global. Um cristão global é alguém que está tão absorvido pela glória de Deus e pela glória do seu propósito universal que resolve se alinhar com a missão de Deus para encher a terra com o conhecimento da sua glória como as águas cobrem o mar (Hc 2.14). Tudo o que o cristão global faz, ele faz tendo em vista a santificação

do nome de Deus e a vinda do seu reino entre todos os povos da terra. A oração fervorosa do cristão global é "Louvem-te os povos, ó Deus; louvem-te os povos todos" (Sl 67.3). Assim, quer sejamos aqueles que enviam ou aqueles que vão, glorifiquemos a supremacia de Deus nas missões, dando as mãos e tomando parte no refrão dos tempos antigos: "Alegrem-se os povos!"

Tom Steller é pastor de desenvolvimento de liderança, *Bethlehem Baptist Church*, e Deão do *Bethlehem College and Seminary*, Mineápolis, Minesota.

Notas

[1] John Piper, *What Jesus Demands from the World* (Wheaton, Ill: Crossway Books, 2006).

[2] John Stott, *Romans: God's Good News for the World* (Downers Grove, Ill: Inter Varsity, 1994), 53.

[3] *Ibid.*

[4] Lamin Sanneh, *Disciples of All Nations: Pillars of World Christianity* (Oxford: Oxford University Press, 2008), xix.

[5] Danna Robert, "Shifting Southward: Global Christianity Since 1945", *International Bulletin of Missionary Research* 24, n. 2 (abril de 2000):50.

[6] Philip Jenkins, "Believing in the Global South", *First Things* 168 (dezembro de 2006):13

[7] *Ibid.*, 12.

[8] *Ibid.*

[9] Robert, "Shifting Southward", 53.

[10] Mark Noll, *The New Shape of World Christianity: How American Experience Reflects Global Faith* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2009), 10.

[11] *Ibid.*, 20.

[12] *Ibid.*, 21.

[13] *Ibid.*

[14] Veja o capítulo 5 para uma discussão extensiva sobre o entendimento bíblico de "povos não alcançados".

[15] Michael Horton, *Christless Christianity: The Alternative Gospel of the American Church.* (Grand Rapids: Baker Academic, 2008, 45).

[16] Citação de Bonnie Dolan, fundador e diretor do Centro de Missões Cristãs de Zâmbia. IBID., 45.

[17] Isaac Phiri e Joe Maxwell, "Gospel Riches", *Christianity Today* 51, n. 7 (julho de 2007):23.

[18] *Ibid.*

[19] *Ibid.*, 24.

[20] *Ibid.*

[21] *Ibid.*, 25.

[22] Arlene Sanchez Walsh, "First Church of Prosperidad", *Christianity Today* 51, n. 7 (julho de 2007):26-27; Ondina E. Gonzalez, *Christianity in Latin America; A History* (Nova York: Cambridge University Press, 2008).

[23] Por exemplo, veja o capítulo sobre "Money: The Currency of Christian Hedenism", em John Piper, *Desiring God: Meditations of a Christian Hedonist* (Sisters, Ore.: Multnomah, 2003); e o capítulo sobre "Vivendo para provar que ele é mais precioso que a vida", em John Piper, *Não jogue sua vida fora* (São Paulo: Cultura Cristã, 2005).

[24] Phiri e Maxwell, "Gospel Riches", 27.

[25] Por exemplo, Wayne Grudem desenvolveu uma série de palestras chamadas "50 fatores dentro das nações que determinam sua prosperidade ou pobreza". O ponto central destas palestras é que a fidelidade bíblica conduz uma cultura, em geral, para longe da pobreza e para perto da prosperidade. http://www.christianessen-tialssbc.com/messages.

[26] Veja adiante, *Seis razões pelas quais Deus designa sofrimento aos seus servos.*

[27] Veja adiante, *Seis razões pelas quais Deus designa sofrimento aos seus servos.*

[28] Na edição de 2003 deste livro, acrescentei um capítulo para esclarecer, mais detalhadamente e com aplicações, o que quero dizer com "adoração" e como isso se relaciona com os "cultos de adoração" e a adoração de obediência prática (Rm 12.1-2). Ele recebeu o título de "A simplicidade interna e a liberdade externa da adoração em todo o mundo". A tese é que o Novo Testamento é surpreendentemente silente sobre formas externas de adoração e focaliza radicalmente a experiência interior de estimar a Deus porque este é um livro que focaliza missões em todas as culturas, não um manual litúrgico que ensina como "adorar" em nossa cultura.

[29] Citado em *First Things* 18 (dezembro de 1991): 63 (ênfase acrescentada).

[30] Citado em Tom Wells, *A Vision for Missions* (Carslile, PA.: Banner of Truth Trust, 1985).

[31] Citado por Iain Murray em *The Puritan Hope* (Edimburgo: Banner of Truth Trust, 1971), p. 140.

[32] Tentei expor essa verdade maravilhosa do regozijo do Pai em si mesmo, isto é, seu Filho, em *The Pleasures of God: Meditation on God's Delight on Being God* (Portland: Multnomah Press, 1991) Capítulo 1, "The Pleasures of God in His Son".

[33] Veja especialmente "Appendix One: The Goal of God in Redemptive History", em *Desiring God: Meditations of a Christian Hedonist* (Portland: Multnomah Press, 1986), p. 227-238; e por inteiro em *The Pleasures of God.*

[34] Para uma introdução à vida de Edwards, as implicações de sua teologia para o evangelicalismo e o texto completo de *The End for Which God Created the World,* veja John Piper, *A paixão de Deus por sua glória* (São Paulo: Cultura Cristã, 2011).

[35] *Ibid.,* 246.

[36] Em defesa da realidade do consciente tormento eterno no inferno para aqueles que rejeitam a verdade de Deus, veja o Capítulo 4.

[37] Jonathan Edwards, *Charity and Its Fruits* (Edimburgo: Banner of Truth Trust, 1969, originalmente de 1852), p. 164.

[38] Para uma elaboração extensa desta tese, veja Piper, *Desiring God,* e sua versão abreviada, *The Dangerous Duty of Delight: The Glorified God and the Satisfied Soul* (Sisters, ore.: Multnomah, 2001). Veja também Sam Storms, *Pleasures Evermore: The Life-Changing Power of Enjoying God* (Colorado Springs: NavPress, 2000).

[39] Para ampliar o tratamento de como o "teocentrismo" de Deus é a razão de sua misericórdia, leia *The Pleasures of God*, p. 107-112.

[40] Estou ciente de que a Bíblia está repleta de exemplos do povo de Deus servindo-lhe. Discuti, com alguns detalhes, a maneira como o serviço pode ser concebido biblicamente, de modo a não colocar Deus na categoria de um empregador que depende dos funcionários. Veja *Desiring God: Meditations of a Christian Hedonist*, p. 144-49.

[41] Veja uma extensa lista desses textos no Capítulo 5.

[42] John R. Stott, "The Bible in World Evangelization", in *Perspectives on the World Christian Movement: A Reader,* 3ª ed. Ralph D. Winter e Steven C. Hawthorne (orgs.). Pasadena: William Carey Library, 1999, 22.

[43] Jonathan Edwards, *The Life of David Brainerd,* Norman Pettit (org.), *The Works of Jonathan Edwards*, vol. 7 (New Haven: Yale University Press, 1985), p. 474. Para uma versão mais acessível do diário de Brainerd, veja Philip E. Howard Jr., *The Life and Diary of David Brainerd, ed. By Jonathan Edwards with a Biographical Sketch of the Life and Work of Jonathan Edwards* (Grand Rapids: Baker, 1989).

[44] Andrew Murray, *Key to the Missionary Problem* (Fort Washington, Pensilvânia: Christian Literature Crusade, 1979), p. 133.

[45] Peter Beyerhaus, *Shaken Foundations: Theological Foundations for Missions* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1972), p. 41-42.

[46] John Dawson, *Taking Our Cities for God* (Lake Mary, Flórida: Creation House, 1989), p. 208-209.

[47] Wesley Duewel, *Ablaze for God* (Grand Rapids: Francis Asbury Press of Zondervan Publishing House, 1989), p. 115-116.

[48] Sobre este tema, veja o capítulo 6 deste livro, "A supremacia de Deus e a compaixão pela alma humana".

[49] Há outros textos que podemos examinar além daqueles citados, por exemplo, Apocalipse 6.2; 12.17; 17.14.

[50] C. S. Lewis, *Screwtape Letters* (Londres: Geoffrey Bles: The Centenary Press, 1942), 32.

[51] James Reapsome, "What's Holding Up World Evangelization?" *Evangelical Missions Quarterly,* vol. 24, nº 2, abril, 1988, p. 118.

[52] Para uma introdução ao Puritanismo, veja Leland Ryken, *Wordly Saints: The Puritans as They Really Were* (Grand Rapids: Zondervan, 1991); J. I. Packer, *A Quest for Godliness: The Puritan Vision of the Godly Life* (Wheaton: Crossway, 1994); Peter Lewis, *The Genius of Puritanism* (Morgan: Soli Deo Gloria, 1998); e Erroll Hulse, *Who Are the Puritans, and What Do They Teach?* (Darlington, Inglaterra: Evangelical Press, 2000).

[53] Para textos adicionais a respeito da promessa da vitória de Cristo sobre as nações e sua eventual conversão a ele, veja o capítulo 5.

[54] Cotton Mather, *The Great Work of Christ in America*, vol. 1 (Edimburgo: The Banner of Truth Trust, 1979, primeira edição em 1702), p. 562.

[55] Para um breve panorama da vida e do ministério de David Brainerd, veja John Piper, "'Oh, THat I May Never Loiter on My Heavenly Journey!' Misery and Mission in the Life of David Brainerd", in John Piper, *The Hiden Smile of God: The Fruit of Affliction in the Lives of John Bunyan, William Couper, and David Brainerd* (Wheaton: Crossway, 2001), 123-159. Uma versão anterior deste esquema biográfico pode ser encontrada em www.desiringgod.org. Veja também Jonathan Edwards, *The Life of David Brainerd,* Norman Pettit (org.), vol. 7 de *The Works of Jonathan Edwards* (1749; reimpressão, New Haven: Yale University Press, 1985).

[56] Para um breve panorama da vida e do ministério de Paton, veja John Piper, "'You Will Be Eaten By Canibals!' Courage in the Cause of World Missions: Lessons from the Life and Ministry of John G. Paton", em www.desiringgod.org. Veja também *John G. Paton: Missionary to the New Habredes, An Autobiography Edited by His Brother* (1889, 1891; reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth Trust, 1965).

[57] Quer a pessoa seja pós-milenarista, como foi a maior parte dos puritanos (embora não todos, como William Twisse, Thomas Goodwin, William Bridge e Jeremiah Burroughs, que foram todos teólogos pré-milenaristas de Westminster no século 17), quer seja pré ou

amilenarista, minha posição continua sendo a mesma. A esperança pelo sucesso incessante da missão de Cristo (quer você a veja como uma era de ouro do evangelho governando a terra, quer como um ajuntamento dos eleitos de cada grupo de pessoas da terra) é um elemento crucial na motivação e no poder para as missões. O livro de Iain Murray, *The Puritan Hope* (Edimburgo: The Banner of Truth Trust, 1971), é um relato inspirador e atrativo dessa verdade. Sua tese é: "Cremos que pode ser mostrado, conclusivamente, que a inspiração que fez surgir as primeiras sociedades missionárias da era moderna não foi outra senão a doutrina e a perspectiva que, revitalizadas pelo reavivamento do século 18, vieram dos Puritanos" (p. 135).

[58] Apresentei uma extensa defesa bíblica dessa verdade em "The Pleasure of God in Election", em: *The Pleasures of God* (Portland: Multnomah Press, 1991), p. 121-155.

[59] Esta é uma paráfrase de uma sentença que está enaltecida em minha memória em razão do efeito que, na ocasião, teve em minha vida.

[60] Foi precisamente essa verdade que estimulou o apóstolo Paulo, quando estava abatido em Corinto. "Teve Paulo durante a noite uma visão em que o Senhor lhe disse: 'Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, *pois tenho muito povo nesta cidade*'" (At 18.9-10). Em outras palavras, há ovelhas neste lugar, Jesus as chamará por seu intermédio e elas *virão*. Não esmoreça.

[61] Charles Spurgeon, *Twelve Sermons on Prayer* (Grand Rapids: Baker Book House, 1971), p. 105.

[62] Isso é o que defendo no capítulo 4.

[63] Procurei argumentar extensivamente sobre a soberania de Deus em sua irresistível percepção em "The Pleasure of God in All He Does", em *The Pleasures of God*, p. 47-75.

[64] "O crescimento da igreja na China desde 1977 não tem paralelo na História... Mao Zedong, inadvertidamente, tornou-se o maior evangelista da História... Ele tentou destruir toda 'superstição' religiosa, mas, no processo, retirou obstáculos espirituais para o avanço do Cristianismo. Deng [Xiaoping] reverteu os horrores infligidos por Mao e, ao abrir a economia, deu mais liberdade aos cristãos... [Hoje] a igreja do Senhor Jesus é maior que o Partido Comunista da China." Patrick Johnstone e Jason Mandryk, *Operation World: When We Pray God Works* (Carlisle: Paternoster, 2001), 161. A segunda frase é da edição de 1993 de *Operation World,* 164.

[65] A.T. Pierson, *The New Acts of the Apostles* (Nova York, 1894), p. 352ss.

[66] David Howard, "The Road to Urbana and Beyond", *Evangelical Mission Quarterly*, 21/1, janeiro, 1985, p. 115-116.

[67] George Mueller, *Autobiography*, compilado por G. Fred Bergin (Londres: J. Nisbet & Co. Ltd., 1906), p. 296.

[68] Todas as citações desse relato foram extraídas de *Journal and Letters of Henry Martyn*, Henry Martyn (Nova York: Protestant Episcopal Society for the Promotion of Evangelical Knowledge, 1851).

[69] Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship* (Nova York: Macmillan, 1963), 99.

[70] David Barret, "Annual Statistical Table on Global Mission: 2002", *International Bulletin of Missionary Research* 26, n. 1 (janeiro de 2002), 23.

[71] David Barret, George T. Kurian e Todd M. Johnson, *World Christian Encyclopedia: A Comparative Survey of Churches and Religions – AD 30 to 2200,* vol. 1 (Oxford: Oxford University Press, 2001), 11. Para não pensarmos que os cristãos são os únicos que sofrem martírio em grandes quantidades, Barret compara o Islã ao Cristianismo: 80 milhões de mártires islâmicos e 70 milhões de mártires cristãos ao longo da história de ambas as religiões. Ele observa que há 210 países que têm longas histórias de martírio e que agora estão plenamente evangelizados (11).

[72] Richard Wurmbrand, "Preparing the Underground Church", *Epiphany Journal* 5, n. 4 (outubro de 1985): 46-48.

[73] *MIssion Frontiers,* 10 n. 1 (janeiro de 1988):29.

[74] Charles Wesley, *Journal,* vol. 1 (Grand Rapids: Baker, 1980), 120-123.

[75] Os demônios nem sequer podem falar sem a permissão de Jesus: "Não lhes permitindo [Jesus] que [os demônios] falassem" (Mc 1.34). E muito menos podem eles fazer qualquer coisa mais prejudicial sem permissão, como está claro em Jó 1.12, 21; 2.6-7, 10. Entretanto, Satanás persegue a igreja. "Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova" (Ap 2.10). Para uma abordagem mais extensa do modo como a soberania de Deus se relaciona com as coisas más que os homens fazem, veja John Piper, *The Pleasures of God* (Portland: Multnomah Press, 1991), p. 66-75.

[76] Para uma discussão de duas diferentes formas de falar sobre a vontade de Deus (sua vontade de decreto e sua vontade de mandamento), veja John Piper, "Are There Two Wills in God? Divine Election and God's Desire for All to Be Saved", in *The Pleasures of God: Meditations on God's Delight in Being God* (Sisters: Multnomah, 2000), 313-340 (este artigo também é encontrado em Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware (orgs.), *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge and Grace* [Grand Rapids: Baker, 2000], 107-31). O ponto é que, quando pensamos na vontade de Deus, devemos distinguir entre as ações que ele ordena que sejam feitas, tais como "Não matarás" (Êx 20.13) e ações que ele ordena, em sua soberania, que aconteçam, como a morte de seu Filho nas mãos de malfeitores (At 2.23; 4.27-28). Em outras palavras, Deus algumas vezes ordena que coisas aconteçam segundo sua *vontade decretiva* que são contra sua *vontade preceptiva.* Este certamente é o caso na crucificação de seu Filho, que foi planejada desde a eternidade e, necessariamente, envolveu os pecados de homens no ato da crucificação. Mas a maioria dos cristãos sempre acreditou que não é pecado Deus desejar que o pecado aconteça. Esta é uma questão difícil e só a menciono aqui porque pode causar dificuldade a alguns leitores a afirmação de que o sofrimento é descrito como vontade de Deus. *É* em um sentido e pode *não ser* em outro. No entanto, o ser humano sempre continua sendo responsável por isso. Espero que o leitor que encontre dificuldades com isso procure ajuda no artigo mencionado acima e em outras partes do mesmo livro, como, por exemplo, o capítulo 2: "The Pleasure of God in All That He Does", 47-75.

[77] James Paton (org.), *John G. Paton: Missionary to the New Hebrides, na Autobiography* (1889, 1898; reimpressão; Edimburgo: Banner of Truth Trust, 1965), 80.

[78] *Ibid.,* 200. Para um breve panorama da vida e do ministério de Paton, veja John Piper, "You Will Be Eaten by Canibals!" Courage in the Cause of World Missions: Lessons from the Life of John Paton, em www.desiringgod.org.

[79] Jonathan Edwards, *The Works of Jonathan Edwards*, vol. 2 (Edimburgo: The Banner of Truth Trust, 1974), p. 902. A parábola dos trabalhadores na vinha que receberam o mesmo salário (Mt 20.1-16) não precisa entrar em conflito com o que Edwards (e os textos que ele cita!) ensina aqui. O que esse texto pode implicar é que todos nós somos lançados ao mesmo oceano de felicidade. Outro ponto dessa parábola é que Deus está livre para dar a cada um qualquer grau de bênção mais do que ele mereça e, se houver alguém que é autopiedoso ou orgulhoso sobre sua paciência, ele está, certamente, livre para exaltar uma pessoa mesmo acima dela, a fim de humilhá-la e fazê-la entender que o céu inteiro é todo em função da graça. Acho que Jonathan Edwards efetivamente responde a pergunta de Craig Bromberg: "Não é fundamentalmente autocontraditório falar de graus de perfeição?" ("Degrees of Reward in the Kingdom of Heaven", em *Journal of the Evangelical Theological Society,* 35/2, junho, 1992, p. 162-163.) Entretanto, desejo tomar partido de Blomberg contra aqueles que falam em "ganhar" recompensas e que distorcem as promessas condicionais do céu em promessas de níveis de recompensa no céu.

[80] *Journal and Letters of Henry Martin,* 240, 326-328.

[81] Para conhecer sua notável história, consulte as seguintes fontes: Elisabeth Elliot, *Through Gates of Splendor,* ed. de 40º ano (Wheaton: Tyndale, 1986); Elisabeth Elliot, *Shadow of the Almighty: The Life and Testament of Jim Elliot* (San Francisco: Harper San Francisco, 1989); Elisabeth Elliot, *The Savage My Kinsmen,* ed. de 40º ano (Ann Harbor: Servant, 1996); Steve Saint, "Did They Have to Die?" *Christianity Today* 40, n. 10 (16 de setembro de 1996): 20-27; e Russel T. Hitt, *Jungle Pilot: The Gripping Story of the Life and Witness of Nate Saint, Martyred Missionary to Ecuador* (Grand Rapids: Discovery House, 1997).

[82] Este é o nome da tribo antigamente conhecida como "Auca" ["savage"], pelos estranhos.

[83] Citado em Elisabeth Elliot, *Through Gates of Splendor* (Nova York: Harper and Row Publishers, 1957), p. 235-236.

[84] Steve Estes, *Called to Die* (Grand Rapids: Zondervan, 1986), 252.

[85] Veja a nota 25 sobre o desenvolvimento do Finishers Project, dedicado a ajudar as pessoas que estão prestes a se aposentar a darem sua energia, habilidades e coração à causa de Cristo. Parte de sua declaração de visão diz: "Podemos entregá-los a Jesus para ajuntar um tesouro no céu ou perdê-los".

[86] Michael Card, "Wounded in the House of Friends", *Virtue* (março/abril de 1991):28-29.

[87] O *Minneapolis Star Tribune* publicou um artigo em 3 de maio de 1991, do qual esses dados foram extraídos.

[88] Bill e Amy Stearns, *Catch the Vision 2000* (Mineápolis: Bethany, 1991), 12-13.

[89] Phyllis Thompson, *Life out of Death in MOzambique* (Londres: Hodder & Stoughton, 1989), p. 111.

[90] Herbert Schlossberg, *Called to Suffer, Called to Triumph* (Portland: Multnomah Press, 1990), p. 230

[91] Norm Lewis, *Priority One: What God Wants* (Orange: Promise Publishing, 1988), p. 120.

[92] Desde a primeira edição deste livro, em 1993, um dos importantes avanços na estratégia missionária cristã foi o surgimento de ministros focados em mobilizar pessoas de meia idade para a causa do cumprimento da Grande Comissão. As palavras de Paulo em Atos 20.24 ganharam vida para milhares de pessoas quando elas contemplaram um modo melhor de terminar suas vidas terrenas do que lançarem-se à pesca ou ao golfe no sonho antibíblico de vidas desperdiçadas chamado "aposentadoria". Paulo disse: "Em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus". Para mais informação sobre este movimento, veja o *site* de Finishers Project: www.finishers.gospelcom.net. O Finishers Project é um serviço destinado que fornecer informações a cristãos maduros e desafiá-los a descobrir oportunidades de ministério nos empreendimentos missionários – trabalhos de curto prazo, de tempo parcial ou uma segunda carreira. A declaração de visão diz (2004): "O Finishers Project é um movimento que fornece informação, desafios e caminhos para as pessoas se unirem a Deus em sua paixão por sua glória entre as nações. A geração que nasceu no pós-guerra é e será a geração mais saudável e educada de provedores de ninhos vazios que já houve. Esta geração é habilidosa e provida de uma multidão de talentos. Podemos dá-los a Jesus para ajuntar tesouro no céu ou perdê-los".

[93] Ralph D. Winter, "The Retirement Booby Trap", *Missions Frontiers* 7 (julho de 1985):25.

[94] Handley C. G. Moule, *Charles Simeon* (Londres: The InterVarsity Fellowship, 1948, original de 1892), p. 125. Para um esquema biográfico da vida de Simeon, veja "Charles Simeon: The Ballast of Humiliation and the Sails of Adoration", in John Piper, *The Roots of*

Endurance: Invincible Perseverance in the Lives of John Newton, Charles Simeon and William Wilberforce (Wheaton: Crossway, 2002).

[95] Samuel Zwemer, *Raymond Lull: First Missionary to the Moslems* (Nova York: Fleming H. Revell Company, 1902), p. 132-145.

[96] Paton, *John G. Paton*, p. 56.

[97] Veja John Piper, "The Battle Cry of Christian Hedonism", em *Desiring God* (Portland: Multnomah Press, 1996), p. 189-211.

[98] Para uma avaliação completa dos recentes desvios da crença histórica no inferno como o tormento consciente eterno dos ímpios, veja Ajith Fernando, *Crucial Questions about Hell* (Wheaton: Crossway, 1994); Robert A. Peterson, *Hell on Trial: The Case for Eternal Punishment* (Phillipsbourg: Presbyterian & Reformed, 1995); D. A. Carson, *The Gagging of God: Christianity Confronts Pluralism* (Grand Rapids: Zonderva, 1996), 515-536; Larry Dixon, *The Other Side of the Good News: Confronting the Contemporary Challenges of Jesus' Teaching on Hell* (Ross-shire, Escócia: Christian Focus Publications, 2003); Robert A. Peterson e Edward William Fudge, *Two Views on Hell: A Biblical and Theological Dialogue* (Downers Grove: Inter Varsity, 2000); e Robert Peterson e Chris Morgan (orgs.), *Hell under Fire: Modern Scholarship Reinvents Eternal Punishment* (Grand Rapids: Zondervan, 2004).

[99] Veja, por exemplo, seu sermão sobre "Justiça", em *Creation in Christ* (org.) Rolland Hein (Wheaton: Harold Shaw Publishers, 1976), p. 63-81, no qual ele argumenta vigorosamente que o "castigo é para correção e redenção. Deus é compelido por seu amor a punir o pecado, a fim de livrar suas criaturas: ele é compelido por sua justiça a destruir o pecado de sua criação" (p. 72). Apresentei uma extensa crítica à visão da justiça divina, autorredenção e universalismo de MacDonald em *The Pleasures of God* (Portland: Multnomah, 2000), p. 168-174.

[100] Clark Pinnock e Delwin Brown, *Theological Crossfire: An Evangelical/Liberal Dialogue* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1990), p. 226-227. "Fui levado à questão da crença tradicional no consciente tormento eterno por causa da reviravolta moral e de considerações teológicas mais amplas, não em razão das premissas das Escrituras. Não faz qualquer sentido dizer que um Deus de amor torturará pessoas pela eternidade por pecados cometidos no contexto de uma vida finita... É tempo de os evangélicos se manifestarem e dizerem que a doutrina bíblica e moralmente apropriada do inferno é o aniquilamento, não o tormento eterno." Cf. Clark Pinnock, "The Conditional View", in William Crockett (org.), *Four Views on Hell* (Grand Rapids: Zondervan, 1996), p. 135-136.

David Edwards, *Evangelical Essentials, with a Response from John Stott* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1988), p. 314-320. "Emocionalmente, acho o conceito [de tormento eterno consciente] intolerável e não compreendo como as pessoas podem viver com isso sem cauterizar seus sentimentos ou esmagá-los sob a tensão." Ele apresenta quatro argumentos que diz sugerir: "As Escrituras apontam em direção ao aniquilamento e esse 'consciente tormento eterno' é uma tradição que tem de se submeter à suprema autoridade das Escrituras... Eu não dogmatizo sobre a posição à qual cheguei. Mantenho-a experimentalmente. Porém, pleiteio um diálogo franco entre os evangélicos tomando como base as Escrituras. Acredito também que o aniquilamento final dos ímpios deve, ao menos, ser aceito como uma alternativa legítima e biblicamente fundamentada ao seu tormento eterno consciente."

Edward William Fudge, *The Fire that Consumes: The Biblical Case for Conditional Immortality,* edição revisada (Carlisle: Paternoster, 1994).

[101] John Hick, "Whatever Path Men Choose Is Mine", em John Hick e Brian Hebblethwaite (orgs.), *Christianity and other Religions*, (Filadélfia: Fortress Press, 1980), p. 188. Hick termina com uma citação do Bhagavad Gita, iv, 11: "Como quer que o homem

possa se aproximar de mim, assim mesmo o aceito; porque, de todos os lados, qualquer caminho que ele possa escolher é meu".

Para um panorama dos pensamentos de Hick, e também para uma resposta crítica, veja Harold Netland, *Dissonant Voices: Religious Pluralism and the Question of Truth* (1991; reimpressão, Vancouver: Regent Publishers, 1998); Harold Netland, *Encountering Religious Pluralism: The Challenge to Christian Faith and Mission* (Downers Grove: InterVarsity, 2001). De modo semelhante, John Parry, da Secretaria de Outras Crenças do Departamento da Igreja e Missão Mundiais, da Igreja Reformada Unida, em Londres, escreveu, em 1985: "É à fé de Jesus Cristo que somos chamados. A mudança de preposição de *em* para *de* é significativa. É uma fé mostrada na confiança de alguém em Deus, entregando-se aos propósitos de Deus, dando-se a si mesmo. Tal resposta de fé testemunhei entre meus amigos de outras crenças. Não posso crer que eles estejam longe do reino do céu, e mais, como o Dr. Starkey escreve '... as pessoas não serão julgadas por crenças doutrinárias corretas, mas por sua fé. Aqueles que entrarão no reino no dia do juízo serão aqueles que, com fé, corresponderam ao amor de Deus amando os outros'". ("Exploring the Ways of God With Peoples of Faith", em *International Review of Missions*, vol. lxxiv, nº 296, outubro, 1985, p. 512.)

[102] David Edwards, *Evangelical Essentials, with a Response from John Stott* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1988), p. 327. Por exemplo, John Stott diz: "Creio que a posição de muitos cristãos é permanecer agnóstica sobre essa questão... O fato é que Deus, ao longo de muitas advertências solenes sobre nossa responsabilidade de nos sujeitarmos ao evangelho, não revelou como irá lidar com aqueles que nunca o ouviram". Em William V. Crockett e James G. Sigountos (orgs.), *Through no Fault of Their Own* (Grand Rapids: Baker Book House, 1991); Timothy Phillips, Aida Besançon Spencer e Tite Tienou "preferem deixar o assunto nas mãos de Deus" (p. 259, nota 3).

[103] William V. Crockett e James G. Sigountos (orgs.) *Through no Fault of Their Own* (Grand Rapids: Baker Book House, 1991), incluem alguns ensaios de evangélicos que adotaram o ponto de vista de que aqueles que nunca ouviram [o evangelho] são, de fato, levados à salvação por meio da revelação geral. Sua conclusão é: "Aqueles que ouvem e rejeitam o evangelho estão perdidos. E aqueles que aceitam a luz da revelação geral devem ficar desejosos de renegar seus ídolos mortos e servir ao Deus vivo (1Ts 1.9). A revelação geral, então, cria neles um desejo de rejeitar a sua religião pagã; ela não os ajuda a ver a significância salvadora por si mesmos" (p. 260). Veja uma boa resposta a isso em Ajith Fernando, *Sharing the Truth in Love: How to Relate to People of Other Faiths* (Grand Rapids: Discovery House, 2001), 211-233.

[104] Erickson argumenta com base na revelação disponível na natureza, de acordo com Romanos 1 – 2 e 10.18. Os elementos essenciais da "mensagem do evangelho" na natureza são: "1) A crença em um Deus bom e poderoso. 2) A crença que ele (o homem) deve a esse Deus perfeita obediência à sua lei. 3) A consciência dele não cumpre esse padrão e, portanto, é culpado e condenado. 4) A compreensão de que nada que possa oferecer a Deus pode compensá-lo (ou redimi-lo) por seu pecado e culpa. 5) A crença de que Deus é misericordioso e que perdoará e aceitará aqueles que se entregarem à sua misericórdia. Pode ocorrer que uma pessoa que crê e age com base neste conjunto de princípios não esteja redentivamente ligada a Deus e receba os benefícios da morte de Cristo, quer conheça e entenda conscientemente os detalhes desta provisão ou não? Presumivelmente, esse foi o caso dos crentes do Antigo Testamento... Se isso é possível, se os hebreus possuíram a salvação na época do Antigo Testamento simplesmente pela virtude de terem a forma do evangelho cristão sem seu conteúdo, esse princípio pode ser estendido? Pode ser que aqueles que desde o tempo de Cristo não tiveram a oportunidade de ouvir o evangelho como é apresentado por meio da revelação especial, participem da salvação sobre esse mesmo fundamento? Sobre qual outro

fundamento eles poderiam ser justamente responsáveis por terem ou não a salvação (pela fé)?" Mas aqui ele é muito experimental, pois continua dizendo: "O que Paulo está dizendo no restante de Romanos é que muito poucos, se algum houver, realmente chegarão a tal conhecimento da salvação de Deus com base unicamente na revelação natural". (Millard Erickson, "Hope for Those Who Haven't Heard? Yes, But...", *Evangelical Missions Quarterly* 11, n 2, (abril de 1975), p. 124-125). Ele está seguindo, aqui, A. H. Strong: "Quem quer que, entre os pagãos, seja salvo deve, da mesma forma [isto é, como os patriarcas do Antigo Testamento], ser salvo lançando-se como pecador desesperado sobre o plano de misericórdia de Deus, vagamente representado na natureza e providência". *Systematic Theology* (Westwood, Nova Jersey: Revell, 1907), p. 842. Esta interpretação é diferente da interpretação do teólogo reformado mais antigo, Charles Hodge, que argumenta que somente pela Palavra de Deus ouvida ou lida o chamado efetivo à salvação se manifesta. *Systematic Theology*, vol. 2 (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1952), p. 646.

[105] Crokett e Sigountos, *Through No Fault of Their Own,* 260.

[106] Clark Pinnock, do McMaster Divinity College, argumenta que "o 'fogo' do julgamento de Deus consome o perdido... Deus não desperta os ímpios para torturá-los conscientemente para sempre, mas para declarar seu julgamento sobre eles e condená-los à extinção, que é a segunda morte". "Fire, Then Nothing", *Christianity Today*, 44, n. 10 (20 de março de 1987), p. 49.

[107] Edwards, *Evangelical essencials,* 317.

[108] Scot McKnight dedica um tratamento extenso a Mateus 25.46 em vista de recentes esforços (como o de John Stott) de ver o aniquilamento como consequência eterna da iniquidade. Sua conclusão é consistente: "Os termos para *eterno* em Mateus 25.46 pertencem à era final e uma característica distinta dela, em contraste com a atual, é que ela é eterna, infindável e temporalmente ilimitada. Logo, o significado mais provável de Mateus 25.46 é que, assim como a vida com Deus é temporalmente ilimitada para o justo, assim também a punição pelo pecado e pela rejeição a Cristo é temporalmente ilimitada... o estado final do ímpio é tormento eterno consciente". "Eternal Consequences or Eternal Conciousness", in William V. Crockett e James G. Sigountos (orgs.) *Through no Fault of Their Own* (Grand Rapids: Baker Book House, 1991), p. 157.

[109] Leon Morris, "The Dresdful Harvest", *Christianity Today* 35 n. 6 (27 de março de 1991): 36.

[110] Em David Edwards, *Evangelical Essentials, with a Response from John Stott*, p. 314, John Stott tenta honrar esse texto dizendo: "Temos seguramente de dizer que o banimento de Deus será real, terrível (de modo que 'melhor lhe fora não haver nascido', Mc 14.21) e eterno". Mas ele não nos oferece nenhuma ideia do motivo pelo qual, para um homem que come, bebe e tem uma vida feliz por 70 anos e depois deixa de ter qualquer tipo de consciência teria sido melhor não ter existido.

[111] *Ibid.,* 318.

[112] John Stott tem sido bastante gentil em corresponder pessoalmente comigo sobre esta questão do destino eterno dos perdidos. Para ser justo com alguém que considero um irmão e meu mentor teológico e pastoral por mais de 30 anos, desejo dar sua perspectiva sobre o que escrevi em uma carta pessoal datada de 1º de março de 1993. Ele escreve: "Não posso, honestamente, dizer que acho que você fez justiça sobre o que escrevi em *Evangelical Essentials*... Por exemplo, ratifico vigorosamente os versículos 'eterno' e 'inextinguível' que você cita e acredito em 'punição eterna'. Não é a eternidade, mas a natureza da punição que está em discussão. Você não esclareceu isso. Creio, também, em tormento no estado intermediário (como mostra a história do rico e de Lázaro) e que será terrível 'com choro e ranger de dentes', quando o perdido tiver ciência do seu destino. Penso e creio tão fortemente

como você que 'é algo terrível cair nas mãos do Deus vivo'. O que me perturba é o modo como você tende a citar textos de comprovação como argumentos decisivos, quando eles permitem interpretações alternativas. Eu apenas acho você superdogmático, como escrevi em minha carta anterior, não deixando espaço para o agnosticismo humilde que admite que Deus não tenha revelado tudo tão claramente como você entendeu". Mencionei ao Dr. Stott, em uma carta anterior, que minha atitude mais negativa que positiva em relação ao "agnosticismo" e "experimentabilidade" é, provavelmente, influenciada pelo mar de relativismo sobre o qual estou tentando navegar, tanto dentro como fora da igreja. Não desejo comunicar uma repugnância ao aprendizado ou à mudança quando nova luz emerge das Escrituras. Porém, meu diagnóstico da doença dos nossos tempos me inclina menos para o "agnosticismo humilde" e mais (espero) à humilde afirmação. Se mudei da garantida e bem assentada firmeza de convicção para o dogmatismo pobremente argumentado e sem garantia, deixo para outros julgarem.

[113] Uma pessoa que tem tido muitos problemas com a justiça do inferno e tem se movido para uma posição muito incomum sobre o aniquilacionismo e a posição tradicional do sofrimento eterno consciente é Greg Boyd, que representa a posição chamada "teologia relacional". Em sua obra *Satan and the Problem of Evil* (Downers Grove: Inter Varsity, 2001), Boyd tenta manusear os textos usados para argumentar em favor do tormento eterno consciente no inferno e os textos usados para argumentar em favor do aniquilacionismo, "afirmando que as duas opiniões são essencialmente corretas" (336). Por um lado, diz ele, "quando toda a evidência bíblica é vista em conjunto, deve-se admitir que a posição do aniquilacionismo é muito forte" (336). Porém, por outro lado, ele vê alguns textos que simplesmente não se encaixam na posição aniquilacionista (ele menciona Ap 14.10; 20.10; Mt 25.34, 41; 2Ts 1.6-9 [336]). Ele pergunta: "Para onde isso nos leva? Quanto a mim, isso me leva a um enigma. Não creio que a posição tradicional ou a dos aniquilacionistas faça justiça adequadamente à evidência bíblica citada em apoio à posição de cada lado. Apesar disso, não creio que a Escritura possa contradizer a si mesma (Jo 10.35). Isso levanta a questão: Há um modo logicamente consistente que afirma que as duas posições estão corretas" (336-337). Sua resposta é "sim". "Tentarei ir além do impasse das compreensões tradicional e aniquilacionista sobre a punição eterna e construir um modelo de inferno que nos permita afirmar a essência de ambas as perspectivas" (339). Ele tenta mostrar que "o inferno é o sofrimento eterno de agentes que foram aniquilados" (356). Ele afirma uma premissa essencial: "Não pode haver uma realidade compartilhada entre aqueles que dizem sim a Deus e aqueles que dizem não, assim como não pode haver realidade compartilhada entre a realidade que Deus afirma e as possibilidades que Deus renega" (347). Eis aqui a conclusão que segue: "O amor trata de relacionamentos e os relacionamentos tratam de realidade compartilhada. Portanto, quando, no *eschaton,* a realidade é exaustivamente definida pelo amor de Deus, a "realidade" de qualquer agente que se oponha ao amor não pode ser compartilhada por mais ninguém e, assim, não pode ser real para mais ninguém. Ela é experimentada como real a partir de dentro daquele que a sustenta desejando-a ativamente. Mas a todos que participam da realidade – isto é, que estão abertos para Deus e uns aos outros por meio do amor de Deus – isso é nada. É o nada desejado eternamente" (350). "O inferno é real somente a partir de dentro" (348). Por isso, "podemos afirmar que, em certo sentido, os habitantes do inferno são aniquilados, embora sofram eternamente. Pela perspectiva de todos que participam da realidade no *eschaton,* os condenados não existem mais (Ob 16). Eles existem apenas como uma completa negação... Continuam a sofrer tormento, mas um tormento causado por sua própria escola patética de uma realidade ilusória de sua própria imaginação condenada" (350). "Como diz a Escritura, estão extintos, reduzidos a cinzas, esquecidos para sempre... Mas também podemos aceitar o ensino escriturístico a respeito da eternidade do tormento

dos réprobos... A partir de dentro da realidade rebelde, o nada que desejaram é experimentado como um algo. Para todos os outros, é nada" (353). Não estou convencido de que o complexo e paradoxal "modelo" de Boyd possa sobreviver a exame minucioso. Uma extensa crítica desta posição excede os limites deste livro, mas escrevi uma resposta parcial intitulada "Greg Boyd on 'The Eternal Suffering of Agents Who Have Been Annihilated'", disponível em www.desiringgod.org.

[114] "Simplesmente não faz sentido dizer que um Deus de amor torturará pessoas para sempre por pecados cometidos no contexto de uma vida finita" (Clark Pinnock e Delwin Brown, *Theological Crossfire: An Evangelical/Liberal Dialogue* [Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1990], p. 226).

[115] "Não haveria uma séria desproporção entre pecados cometidos conscientemente por um tempo e o tormento experimentado conscientemente ao longo da eternidade?" (David Edwards, *Evangelical Essentials, with a Response from John Stott.*)

[116] Jonathan Edwards, "The Justice of God and the Damnation of Sinners", in *The Works of Jonathan Edwards,* vol. 1 (Edimburgo: Banner of Truth Trust, 1974), 669. Para exposições da posição de Edwards sobre o inferno, veja John Gerstner, *Jonathan Edwards on Heaven and Hell* (Morgan: Soli Deo Gloria Publishers, 1999); e Chris Morgan, *Hell and Jonathan Edwards: Toward a God-Centered Theology on Hell* (Ross-shire, Escócia: Christian Focus Publications, 2003).

[117] Veja a citação de Pinnock e a de Stott na nota 3. Veja também minha crítica ao modo como Pinnock segue o mesmo procedimento em relação à onisciência de Deus em meu livro *The Pleasures of God*, p. 57-59, nota 6. Outra coisa omitida é que, no inferno, os pecados dos impenitentes continuam para toda a eternidade. Eles não se tornam justos no inferno. Eles não abandonam a corrupção de sua natureza, de modo que continuam se rebelando e merecendo a punição eterna para sempre. Esse último discernimento foi sugerido a mim por meu companheiro Tom Steller.

[118] Observe que seria uma leitura superficial e incorreta desse texto, bem como de Romanos 5.17-19, admitir que é mostrado o universalismo, insinuando que todos os seres humanos serão salvos. "Todos" os que são absolvidos em Romanos 5 são definidos em Romanos 5.17 como sendo "os que recebem a abundância da graça". E "todos" os que serão vivificados em 1Coríntios 15.22 são definidos como "os que são de Cristo" (v. 23). O termo "justificação que dá vida", em Romanos 5.18, não significa que cada ser humano que está em Adão será justificado, de modo que ninguém perecerá e não há algo como punição eterna para ninguém. Digo isso por várias razões: (1) O verso 17 fala de "recebimento" do dom da graça, como se alguns o recebessem e outros não. Verso 17: "Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais *os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça* reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo". Isso não soa como se todos recebessem esse dom; (2) A "justificação que dá vida" a todos os homens, em Romanos 5.18, não significa que todos os seres humanos sejam justificados porque Paulo ensina, nesta mesma carta, que há uma punição eterna e que nem todos os seres humanos são justificados. Por exemplo, em Romanos 2.5, ele diz: "Segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus". Depois, nos versos 7 e 8, ele contrasta essa ira com a "vida eterna" e, assim, mostra que esta ira é eterna, não temporária. Portanto, haverá alguns que não serão justificados, mas ficarão sob a ira de Deus para sempre, e haverá outros que terão a vida eterna; (3) A "justificação que dá vida" a todos os seres humanos, em Romanos 5.18, não significa que todos os seres humanos sejam justificados em toda a carta de Romanos, até este ponto, a justificação não é automática, como se cada ser humano a recebesse, mas é "pela fé". Romanos 5.1: "*Justificados*, pois, mediante *a fé*...". Romanos 3.28: "O homem é *justificado* pela *fé*, independente das obras da

lei". Além disso, uma leitura universalista das afirmações de Paulo em que ele se refere a "todos" causa em Paulo uma dor intensa (Rm 9.3) – a ponto de ele desejar, se pudesse, perecer por todos eles – ininteligível.

[119] Para um estudo mais extenso da importância da morte de Cristo, reflita sobre os seguintes textos: Marcos 10.45; Mateus 26.28; João 1.29; 6.51; Romanos 4.25 – 5.1; 5.6, 8 – 10; 1Coríntios 15.3; 2Coríntios 5.18-21; Gálatas 1.4; 4.4; Efésios 1.7; 2.1-5, 13, 16, 18; 5.2, 25; Colossenses 1.20; 1Tessalonicenses 5.9; Tito 2.14; 1Timóteo 4.10; Hebreus 1.3; 9.12, 22, 26; 10.14; 12.24; 13.12; 1Pedro 1.19; 2.24; 3.18; 1João 2.2; Apocalipse 1.5.

[120] Veja as notas 6 e 7 sobre os representantes desta posição. Clark Pinnock adota a ideia de que as pessoas de outras religiões serão salvas sem conhecerem Cristo. "Não precisamos pensar na igreja como a arca da salvação, deixando todos os outros no inferno; podemos, antes, pensar nela como uma testemunha escolhida para a *plenitude* da salvação que veio ao mundo por meio de Jesus" (ênfase acrescentada). Clark Pinnock, "Acts 4.12 – No Other Name Under Heaven", in William V. Crockett e James G. Sigountos (orgs.), *Through No Fault of Their Own*, p. 113. Veja também Clark Pinnock, *A Wilderness in God's Mercy: The Finality of Jesus Christ in a World of Religions* (Grand Rapids: Zondervan, 1992); e Clark Pinnock, "An Inclusivist View", in Dennis L. Okholm e Timothy R. Phillips (orgs.), *More Than One Way? Four Visions on Salvation in a Pluralistic World,* (Grand Rapids: Zondervan, 1995), 95-113. Ele está seguindo outros com semelhantes visões: Charles Kraft, *Christianity in Culture* (Maryknoll: Orbis, 1979), p. 253-257; James N. D. Anderson, *Christianity and World Religions* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1984), Capítulo 5; e John E. Sanders, "Is Belief in Christ Necessary for Salvation?" *Evangelical Quarterly*, 60 (1988); p. 241-259. Para um breve panorama de representantes de ambos os lados da questão, veja Malcolm J. McVeigh, "The Fate of Those Who've Never Heard? It Depends", *Evangelical Quarterly*, 21, nº 4 (out. de 1985), p. 370-379. Para livros com as múltiplas posições apresentadas, veja Gabriel Fackre, Ronald H. Nash e John Sanders, *What About Those Who Never Had Heard? Three Views on the Destiny of the Unevangelized* (Grand Rapids: Zondervan, 1995); e Ockholm e Phillips, *More Than One Way?* Para críticas ao inclusivismo, veja Carson, *The Gagging of God,* 279-314; Dick Dowsett, *God, That's Not Fair!* (Sevenoaks: OMF Books, 1982); Ronald H. Nash, *Is Jesus the Only Savior?* (Grand Rapids: Zondervan, 1994); Ramesh Richard, *The Population of Heaven* (Chicago: Moody, 1984); Paul R. House e Gregory A. Thornbury (orgs.), *Who Will Be Saved? Defending the Biblical Understanding of God, Salvation and Evangelism* (Wheaton: Crossway, 2000), 111-160; e os colaboradores de R. Douglas Geivett e W. Gary Phillips, in *More Than One Way?*

[121] Há uma continuidade entre o caminho para a salvação nos tempos do Antigo Testamento e o caminho pela fé em Jesus Cristo nos tempos do Novo Testamento. Mesmo antes de Cristo, as pessoas não eram salvas à parte da revelação especial dada por Deus. Veja Fernando, *Sharing the Truth in Love,* 224-233. Não é como se a revelação geral por meio da natureza fosse eficaz em produzir fé antes de Cristo, mas tivesse deixado de ser eficaz depois de Cristo. De acordo com Romanos 1.18-23, a revelação geral por meio da natureza sempre foi suficiente para tornar as pessoas responsáveis por glorificar a Deus e dar-lhe graças, mas não era eficaz para a salvação. A razão dada para isso é que as pessoas, em sua condição natural, suprimem a verdade. Veja a nota 40. Portanto, a revelação especial sempre foi o caminho para a salvação e essa revelação especial era centrada em Israel, na promessa de um Redentor e nas pré-figurações desta salvação no sistema sacrificial do Antigo Testamento. Jesus é, agora, o clímax e o cumprimento desta revelação especial, de modo que a fé salvadora, que sempre foi focalizada na revelação especial, agora é focalizada nele.

[122] João Calvino, *The Acts of the Apostles*, 14-28, trad. John W. Fraser (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1973), p. 123.

[123] Tom Wells, *A Vision* for Missions (Edimburgo: The Banner of Truth Trust, 1985), p. 12-13.

[124] Expus isso dessa maneira para manter aberta a salvação de crianças e deficientes mentais, que não têm capacidade física sequer para apreender que há alguma revelação disponível. O princípio da responsabilidade em Romanos 1.20 (Deus torna o conhecimento disponível, sendo "[os] homens *por isso* indesculpáveis") é a base para essa convicção. A Bíblia não trata desse caso especial em detalhes e somos levados a especular que a adequação da conexão entre a fé em Cristo e a salvação será preservada por meio da vinda à fé das crianças, quando Deus as trouxer à maturidade no céu ou atingirem a maturidade na terra. Para uma defesa desta posição, veja Ronald H. Nash, *When a Baby Dies: Answers to Comfort Grieving Parents* (Grand Rapids: Zondervan, 1999); e Albert Mohler, "The Salvation of the 'Little Ones': Do Infants Who Die Go to Heaven?" *Fidelitas: Commentary on Theology and Culture* (http://www.sbts.edu/mohler/fidelitas/littleones.html). Mohler destaca que John Newton, Charles Spurgeon, Charles Hodge e B. B. Warfield sustentavam essa posição. Todos eles criam fortemente no pecado original, assim como eu, mas também criam que Deus provê um justo caminho para a salvação de crianças sem comprometer essa doutrina ou a doutrina da eleição incondicional.

[125] Millard Erickson, "Hope for Those Who Haven't Heard? Yes, but...", *Evangelical Missions Quarterly*, vol. 11, nº 2 (abril de 1975), p. 124-125.

[126] Don Richardson, *Eternity in Their Hearts* (Ventura, Califórnia: Regal Books, 1981), p. 56-58.

[127] W. Harold Fuller, *Run While the Sun is Hot* (Londres: Hazell Watson and Viney Ltd., s/d), p. 183-184.

[128] Clark Pinnock, "Acts 4.12 – No Other Name Under Heaven", 110. Pinnock admite que os comentaristas (como Bruce, Haenchen, Longenecker e Conzelmann) consideram Atos 4.12 como um suporte para o "paradigma exclusivista".

[129] *Ibid.*, 109.

[130] O verbo grego para "ouvir" (*akouo*) seguido por uma pessoa no caso genitivo significa *ouvir a pessoa*, não apenas ouvir sobre ela. Muitos comentaristas concordam com isso (*e.g.*, Murray, Cranfield e Moo).

[131] John Murray, *The Epistle to the Romans*, vol. 2 (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1965), p. 60.

[132] *Ibid.*, 62.

[133] Charles Hodge, *Commentary the Epistle to the Romans* (Nova York: A. C. Armstrong and Son: 1893), p. 548.

[134] Veja a nota 7.

[135] LXX é uma abreviatura para a tradução grega do Antigo Testamento chamada Septuaginta. Ela vem da tradição de que a tradução foi feita por 70 (LXX) estudiosos.

[136] Ele encontra apoio para essa conclusão também em Romanos 1.18-21. Mas o problema com isso é que, embora esses versículos ensinem a realidade da revelação geral, são suficientes para manter a humanidade responsável por glorificar a Deus (v. 21), entretanto eles também ensinam que os homens suprimem essa verdade em sua iniquidade (v. 18), *não* dão graças a Deus ou o honram como deveriam (v. 21) e são, portanto, indesculpáveis (v. 20). A revelação geral é suficiente para manter todos os homens responsáveis por adorar a Deus, porém não é eficaz para produzir a fé que salva. Eis por que o evangelho deve ser pregado a todas as pessoas. Deus honrará seu Filho acompanhando a pregação de seu nome com poder do coração reavivado.

[137] John Murray, *The Epistle to the Romans*, vol. 2, p. 61. "Uma vez que a proclamação do evangelho não é para todos sem distinção, é apropriado ver o paralelo entre a universalidade

da revelação geral e o universalismo do evangelho. A primeira é o padrão agora seguido na progressão do evangelho pelos cantos de toda a terra. A aplicação que Paulo faz do salmo 19.4 pode, pois, ser vista como expressiva não apenas nesse paralelo, mas também naquilo que é implícito no paralelo, ou seja, a difusão ampla do evangelho da graça." Charles Hodge, *Commentary on the Epistle to the Romans*, p. 549. "Este versículo deve, portanto, ser considerado como uma forte declaração do que Paulo provou que deveria ser feito e foi, de fato, realizado. A parede de divisão tinha sido demolida, o evangelho da salvação, a religião de Deus, estava livre de obstáculos, as ofertas de misericórdia se tornaram tão largas e gerais como a proclamação dos céus... seu objetivo ao usar as palavras do salmista foi, sem dúvida, proporcionar mais clara e generosamente à mente dos seus ouvintes a ideia de que a proclamação do evangelho estava, agora, tão livre de todas as restrições nacionais ou eclesiásticas quanto as instruções que eram derramadas dos céus sobre todas as pessoas que moravam sob ele. Paulo, por certo, não deve ter sido compreendido quando citou o salmista, como se o antigo profeta estivesse falando sobre a pregação do evangelho. Ele simplesmente usa a linguagem escriturística para expressar suas próprias ideias, como se faz quase involuntariamente por pregadores em seus sermões."

[138] As palavras "deles não se ouve nenhum som" não devem significar que a proclamação da mensagem cessou. No contexto de Paulo, o significado natural é que o evangelho foi propagado no mundo para alcançar todos os povos. Olshausen sugere que "'deles não se ouve nenhum som' deve ser compreendido como um dito profético; isso que está começado é visto como completo e, portanto, não precisamos procurar alguma explicação adicional sobre como Paulo pôde representar os mensageiros de Cristo como espalhados por toda a terra, considerando-se que, quando ele escreveu essas palavras, elas não tinham sido levadas como pregação de Cristo por todo o império romano". Hermann Olshausen, *Studies in the Epistle to the Romans* (Mineápolis: Klock and Klock Christian Publishers, Inc., 1983, original de 1849), p. 354.

[139] John Ellenberger, "Is Hell a Proper Motivation for Missions?" in William V. Crockett and James G. Sigountos, org., *Through No Fault of Their Own*, p. 225.

[140] *Ibid.*, 226.

[141] *Ibid.*, 44.

[142] *Ibid.*

[143] Para minha compreensão, seguindo Jonathan Edwards, sobre a relação entre a paixão pela supremacia e a compaixão pelas almas, veja o capítulo 6.

[144] Charles Hodge, *Commentary on the Epistle to the Romans*, p. 553.

[145] Uso a palavra "ganhar" com o mesmo significado utilizado por Paulo em 1Coríntios 9.19-22. O emprego de "salvar", no versículo 22, mostra que é isso o que ele tem em mente: ser usado por Deus com amor e testemunho para conquistar pessoas para a fé em Cristo e, assim, salvá-las do pecado e da condenação. "Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de *ganhar* o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de *ganhar* os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para *ganhar* os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para *ganhar* os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de *ganhar* os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, **salvar** alguns."

[146] A palavra "nações" neste capítulo não se refere ao moderno estado político, como as "Nações Unidas" ou a "nação" da Inglaterra. Veremos que o seu significado bíblico tem relação com um grupo étnico, que pode ou não ter dimensões políticas.

[147] Uso a palavra "evangelizar" no sentido amplo do Novo Testamento como pregar as boas-novas de Cristo e sua obra salvadora. A pregação visa a promover a fé e estabelecer

a igreja de Cristo (Rm 10.14-15; 15.20), mas a verdadeira evangelização não depende de uma resposta de fé (Hb 4.6). Para um estudo histórico notavelmente abrangente do conceito, veja David B. Barrett, *Evangelize! A Historical Survey of the Concept* (Birmingham: New Hope, 1987).

[148] Ralph Winter, "The New Macedonia: A Revolutionary New Era in Mission Begins", in Ralph Winter e Steven Hawthorne (orgs.), *Perspectives on the World Missions Movement* (Pasadena: William Carey Library, 1999), p. 346.

[149] Ralph Winter, "Unreached Peoples: Recent Developments in the Concept", *Missions Frontiers*, (agosto/setembro de 1989), p. 18.

[150] *Ibid.*, 12.

[151] Veja a nota 38 sobre esta diferença de perspectiva e seus efeitos.

[152] Harley Schreck e David Barrett (orgs.), *Unreached Peoples: Clarifying the Task* (Monrovia: Março, 1987), p. 6-7.

[153] Veja adiante, neste capítulo, para uma discussão do que significa não alcançado.

[154] Gálatas 2.14 parece ser uma exceção no texto inglês ("Sendo tu judeu, vives como *gentio* e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?"). Mas a palavra grega aqui não é *ethnos*, mas o advérbio *ethnikos*, que significa ter os padrões de vida dos gentios.

[155] A seguir estão todos os usos no singular no Novo Testamento: Mateus 21.43; 24.7 (Mc 13.8; Lc 21.10); Lucas 7.5; 23.2 (ambas referências à nação judaica); Atos 2.5 ("judeus... de todas as nações"); 7.7; 8.9; 10.22 ("de toda a nação judaica"), 35; 17.26; 24.2, 10, 17; 26.4; 28.19 (as cinco últimas referências são à nação judaica); João 11.48, 50, 51, 52; 18.35 (todas em referência à nação judaica); Apocalipse 5.9; 13.7; 14.6; 1Pedro 2.9. Paulo nunca usa o singular.

[156] Por exemplo, Mateus 6.32; 10.5; 12.21; 20.25; Lucas 2.32; 21.24; Atos 9.15; 13.46-47; 15.7, 14, 23; 18.6; 21.11; 22.21; Romanos 3.29; 9.24; 15.9, 10-12, 16; 16.26; Gálatas 2.9; 3.14; 2Timóteo 4.17; Apocalipse 14.18; 16.19; 19.15; 20.8; 21.24. Quando uso a expressão "indivíduos gentios", neste capítulo, não quero focalizar uma atenção indevida sobre pessoas específicas. Ao contrário, quero dizer não judeus de uma forma abrangente, sem referência a seus agrupamentos étnicos.

[157] De acordo com Dibelius, isso é sugerido por F. F. Bruce, *Commentary on the Book of Acts* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954), p. 358. Porém, Lenski está certo de que a próxima oração de Atos 17.26 se levanta contra tal tradução: "... havendo determinado a divisão das eras e dos limites de suas habitações". Isso se refere, como afirma também John Stott, a vários grupos étnicos com "as épocas de sua história e os limites de seu território". R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Mineápolis: Augsburg Publishing House, 1934), p. 729; John Stott, *The Spirit, the Church and the World* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1990), p. 286. O objetivo deste versículo é tirar o vento das velas do orgulho étnico em Atenas. Todos os outros *ethne* descenderam do mesmo "um" que os gregos, e não apenas isso, seja qual for a era e o território que um povo possua, é obra soberana de Deus e não há nada do que se vangloriar. "Tanto a história como a geografia de cada nação estão definitivamente sob o controle [de Deus]" (Stott).

[158] Minha pesquisa foi feita procurando por todas as variantes de *panta ta ethne* no plural. Os textos seguintes são referentes a versículos e divisões de capítulos do Antigo Testamento grego (LXX) que, ocasionalmente, não correspondem às versões para o hebraico e para o inglês. Gênesis 18.18; 22.18; 26.4; Êxodo 19.5; 23.22, 27; 33.16; Levítico 20.24, 26; Deuteronômio 2.25; 4.6, 19, 27; 7.6, 7, 14; 10.15; 11.23; 14.2; 26.19; 28.1, 10, 37, 64; 29.23; 30.1, 3; Josué 4.24; 23.3, 4, 17, 18; 1Samuel 8.20; 1Crônicas 14.17; 18.11; 2Crônicas 7.20; 32.23; 33.9; Neemias 6.16; Ester 3.8; salmos 9.8; 46.2; 48.2; 58.6, 9; 71.11, 17; 81.8; 85.9;

112.4; 116.1; 117.10; Isaías 2.2; 14.12, 26; 25.7; 29.8; 34.2; 36.20; 40.15, 17; 43.9; 52.10; 56.7; 61.11; 66.18, 20; Jeremias 3.17; 9.25; 25.9; 32.13, 15; 33.6; 35.11, 14; 43.2; 51.8; Ezequiel 25.8; 38.16; 39.21; Daniel 3.2, 7; 7.14; Joel 4.2, 11, 12; Amós 9.12; Obadias 15, 16; Habacuque 2.5; Ageu 2.7; Zacarias 7.14; 12.3, 9; 14.2, 16, 18, 19; Malaquias 2.9; 3.12.

[159] Karl Ludwig Schmidt argumenta que as *mishpehot* são "pequenas sociedades assemelhadas a um clã dentro de um grupo principal ou nação". Gerhard Kittel, traduzido por Geoffrey Bromiley, *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 2, (org.) (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), p. 365.

[160] Paulo pode ter escolhido usar *panta ta ethne*, porque foi desse modo que o Antigo Testamento grego traduziu a promessa de Deus a Abraão em três de suas cinco ocorrências (Gn 18.18; 22.18 e 26.4; porém em 12.3 e 28.14, que a traduzem como *pasai hai phulai*). Contudo, as palavras de Paulo não correspondem exatamente a nenhum desses cinco textos. Assim, ele pode muito bem ter dado sua própria composição para a tradução do hebraico.

[161] A evidência para isso seria, por exemplo, o uso repetido, no Antigo Testamento grego, da expressão "casas (ou lares) de famílias", que apresenta "família" (*pátria*) como um agrupamento maior do que um lar. Cf. Êxodo 6.17; Números 1.44; 3.24; 18.1; 25.14-15; Josué 22.14; 1Crônicas 23.11; 24.6; 2Crônicas 35.5; Esdras 2.59. Veja adiante "Quão pequena é uma família?".

[162] Este é um salmo para o rei e se refere, em sua aplicação conclusiva, a Cristo, o Messias, como é mostrado pelo uso do versículo 7 em Hebreus 1.9.

[163] Citado em Johannes Verkuyl, "The Biblical Foundation of the Worldwide Mission Mandate", in Ralph Winter e Steven Hawthorne (orgs.), *Perspectives on the World Christian Movement*, p. 44.

[164] A essas reflexões poderiam ser acrescentadas as palavras incisivas de Paulo em Romanos 10.14-15 referentes à necessidade de pessoas serem enviadas para pregar, a fim de que outras ouçam, creiam, invoquem o Senhor e sejam realmente salvas. Veja a discussão sobre esses versículos no capítulo 4.

[165] O que pode ajudar aqui é o sentido dado por João, para que víssemos a grande reversão da idolatria tão predominante na terra, expressa, por exemplo, em Daniel 3.7. Nabucodonosor tinha erigido um ídolo e conclamou todos a adorá-lo. As palavras usadas para indicar a extensão daquela adoração são quase idênticas às palavras que João usa em Apocalipse 5.9, ao mostrar a extensão da verdadeira adoração a Deus: "... se prostraram os *povos, nações e homens de todas as línguas* e adoraram a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor tinha levantado".

[166] Salmo 85.9 (LXX). Veja as considerações sobre esse texto mais atrás neste capítulo.

[167] The Bible Societies Greek New Testament (3ª ed.) e o Nestle-Aland Greek New Testament (26ª ed.) escolhem *laoi* como original. Na versão revista e atualizada, lê-se "povos", como nos comentários feitos por Heinrich Kraft, Leon Morris e Robert Mounce.

[168] De todos os usos de *panta ta ethne* no Antigo Testamento aos quais Jesus pode estar se referindo, pelo menos estes se relacionam à visão missionária do povo de Deus: Gênesis 18.18; 22.18; 26.4; Salmo 48.2; 71.11, 17; 81.8; 85.9; 116.1; Isaías 2.2; 25.7; 52.10; 56.7; 61.11; 66.18-20 (todas as referências são das divisões dos versículos e capítulos da LXX).

[169] Associações semelhantes são encontradas em salmo 2.8; 67.5-7; 98.2-3; Isaías 52.10; Jeremias 16.19; Zacarias 9.10. Entretanto, quatro diferentes expressões gregas são usadas nesses textos, das quais apenas uma (Jr 16.19) é a palavra exata da expressão em Atos 1.8.

[170] O Antigo Testamento grego traduz o hebraico *mishpehot* (famílias ou clãs) por *phylai*, que é traduzida por "tribos", em Apocalipse 5.9. Assim, pode parecer que essa não é uma categoria diferente de grupo. Mas, de fato, *phylai* é traduzido para o hebraico *shebet* e o hebraico *mishpehot* geralmente como *suggeneia*. Portanto, devemos considerar seriamente

a diferença entre *mishpehot* e "tribo", já que se trata nitidamente de uma unidade menor, de acordo com Êxodo 6.14s.

[171] Patrick Johstone e Jason Mandryk, *Operation World: When We Pray God Works* (Carlisle: Paternoster, 2001), 15.

[172] David Barret, George T. Kurian e Todd M. Johnson, *World Christian Encyclopedia: A Comparative Survey of Churches and Religions – AD 30 to 2200,* vol. 2 (Oxford: Oxford University Press, 2001), 27-28.

[173] *Ibid.,* 16.

[174] Ralph D. Winter, "Unreached Peoples: What, Where and Why?", p. 154.

[175] Veja a nota 24.

[176] Kittel, *Theological Dictionary of the New Testament,* vol. 2, 369.

[177] Tratarei, aqui, de dois problemas apenas de modo breve, porque eles não fazem parte da revelação bíblica e não parecem ter muita relevância na tarefa missionária. (1) Um é se todas as pessoas serão representadas perante o trono de Deus mesmo sem as missões, porque as crianças em cada um desses povos morreram e presumivelmente irão para o céu e atingirão a maturidade para o louvor de Deus; (2) Outro problema é se todos os clãs e tribos serão, de fato, representados diante do trono de Deus, uma vez que muitos clãs e tribos, sem dúvida, morreram antes de ser evangelizados. Com relação ao primeiro problema, acredito que as crianças que morrem estarão no reino. Baseio isso no princípio de que somos julgados de acordo com o conhecimento disponível a nós (Rm 1.19-20) e as crianças não têm nenhum conhecimento disponível, uma vez que a capacidade de discernimento delas ainda não está desenvolvida. Entretanto, Deus jamais menciona ou relaciona isso de nenhum modo ao empreendimento missionário ou à promessa de que todas as famílias da terra serão abençoadas. Em vez disso, parece ser seu propósito ser glorificado por meio da conversão de pessoas que reconhecem sua beleza e grandeza e venham a amá-lo acima de todas os deuses. Deus não seria honrado tão grandiosamente se o único meio de ele contar com os adoradores de todas as nações fosse pela mortalidade natural de suas crianças. Com respeito ao outro problema, pode ser verdade que alguns clãs e tribos desapareceram da História sem que nenhum de seus membros tenha sido salvo. A Bíblia não reflete sobre essa questão. Estaríamos especulando além da garantia das Escrituras se disséssemos que deveria haver outro meio de salvação para tais tribos além de ouvir e crer no evangelho de Jesus (veja embasamento para isso no capítulo 4). Em vez disso, deveríamos assumir, na ausência de revelação específica, que o significado da promessa e o ordenamento relativo às nações é que "todas as nações" refere-se a todos aqueles que existirão na consumação dos séculos. Quando chegar o fim, não haverá nenhum grupo de pessoas existente que será deixado fora da bênção.

[178] Ralph Winter, "Unreached Peoples: Recent Developments in the Concept", p. 12.

[179] "What Does Reached Mean? An EMQ Survey", *Evangelical Missions Quarterly,* vol. 26, nº 3 (julho, 1990), p. 316.

[180] A tradução da versão da Bíblia que estamos usando diz: "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho *a toda criatura*". Porém, "a toda criação" seria mais plausível. O paralelo mais próximo desta expressão grega (*pase te ktisi*) é encontrado em Romanos 8.22: "Sabemos que *toda a criação* [*pasa he ktisis*], a um só tempo, geme e suporta angústias até agora". As palavras e a sua colocação são idênticas; somente o caso gramatical é diferente, dativo em Marcos 16 e nominativo em Romanos 8. Para os meus propósitos aqui, não precisamos determinar se Marcos 16.9ss. é uma adição antiga ao Evangelho de Marcos. O versículo 15 representa um meio bíblico de expressar a Grande Comissão.

[181] "Fazei discípulos de todas as nações" pode ser entendido como significando: transformem todas as nações em discípulos. No entanto, as palavras dos versículos 19 e 20 apontam para outra direção. A palavra "nações" (*ethne*) é neutra em grego. Mas a palavra para "os" nas orações seguintes é masculina: "batizando-os [*autous*] em nome do Pai, e do

Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os [*autous*] a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado". Isso sugere que o discipulado em questão é a conquista de discípulos individuais das nações, em lugar de tratar a nação como um todo como o objeto de conversão e discipulado. Isso foi afirmado vigorosamente por Karl Barth, que lamentou que a interpretação que tomou *ethne*, com o sentido de discipulado, "tenha infestado o pensamento missionário e se conectado às fantasias dolorosas dos cristãos alemães. Isso é inútil". Karl Barth, "An Exegetical Study of Matthew 28.16-20", in Francis M. DuBose (org.), *Classics of Christian Missions* (Nashville: Broadman Press, 1979), p. 46.

[182] Esse problema, evidentemente, não existe por definição para Ralph Winter e outros estudiosos de missões, que definem um grupo de pessoas como "o grupo mais amplo dentro do qual o evangelho pode espalhar-se, como um movimento de formação de uma igreja, sem encontrar barreiras de compreensão ou aceitação" (Ralph Winter, "Unreached Peoples: Recent Developments in the Concept", p. 12). Em outras palavras, se uma "família" não evangelizada é culturalmente próxima de outra "família" evangelizada, o evangelho pode mover-se sem barreiras significativas. Então, por definição, essa família não evangelizada, de acordo com o Dr. Winter, não é "um grupo de pessoas não alcançadas". É simplesmente parte de um grupo alcançado que precisa evangelizar seus membros. A diferença entre a posição do Dr. Winter e a minha é que estou simplesmente tentando chegar a um acordo com o sentido bíblico de "famílias", em Gênesis 12.3, ao passo que ele está definindo grupos de pessoas em termos do que é necessário nos esforços missionários. As duas abordagens não são discordantes. Mas a diferença pode resultar em eu chamar uma "família" ou clã de um grupo de pessoas não alcançadas nos termos bíblicos (um dos *panta ta ethne* a serem discipulados) e o Dr. Winter dizer que são "alcançadas" para os propósitos especificamente missionários.

[183] Esses termos não são tão frequentes na literatura como eram quando a primeira edição deste livro foi publicada, em 1993, mas algumas igrejas (inclusive a igreja onde sirvo) e organizações ainda os utilizam como guias táticos úteis. O "E" significa evangelizar: E-1 – pessoas basicamente "como nós"; E-2 – pessoas que não são como nós, mas falam a mesma língua e são significativamente envolvidas na mesma cultura (*e.g.*, uma igreja branca suburbana em relação a um centro urbano negro); E-3 – pessoas que falam uma língua diferente e têm uma cultura muito diferente (independente de viverem perto ou longe de nós).

[184] *Biblicamente*, alcançar cada clã em uma região é uma tarefa missionária independentemente da sua proximidade cultural de outros clãs alcançados. Porém, *missiologicamente*, esse esforço pode não ser visto como parte da tarefa missionária. O que é necessário, talvez, são distinções mais esmeradas em nossa língua. Paulo certamente viu *sua* obra missionária como encerrada antes de cada clã, na Ásia, ter sido evangelizado. Entretanto, se a Grande Comissão de Mateus 28.19 inclui "todas as famílias da terra" em *panta ta ethne*, então a tarefa missionária *naquele sentido* não está completa até que todos os clãs estejam representados no reino. Na prática, é provavelmente mais sensato enfatizar a estratégia paulina como a essência das missões.

[185] "Vai, porque eu te enviarei para longe, aos gentios" (At 22.21).

[186] Empenhei-me em demonstrar isso nas Escrituras, no capítulo 1, e em *Desiring God: Meditations of a Christian Hedonist* (Sisters: Multnomah Press, 1996), p. 255-266; e *The Pleasures of God: Meditations on God's Delight in Being God* (Sisters: Multnomah Press, 2000), p. 97-119.

[187] A história da torre de Babel, em Gênesis 11, não significa que Deus desaprova a diversidade de línguas do mundo. *Não* nos foi dito que, se não fosse pela torre de Babel, Deus não teria criado diferentes línguas no mundo. Bloquear um ato de orgulho (Gn 11.4) foi a ocasião em que Deus iniciou a diversidade de línguas no mundo. Porém, isso não significa que a diversidade de línguas foi uma maldição que precisaria ser revertida na era vindoura.

Na realidade, a diversidade de línguas é *apresentada* em Gênesis 10.5, 20, 31, antes de a torre de Babel ser mencionada em Gênesis 11. O que aprendemos é que o plano de Deus de uma origem comum para todos os povos, por um lado, e seu plano para diversificar as línguas, por outro, refreiam o orgulho do homem dos dois lados: a diversidade restringe a tentação de se unir contra Deus (como em Babel) e a origem unificada reprime a tentação de se vangloriar da singularidade étnica (como veremos em Atenas). O milagre e a bênção das "línguas" no Pentecostes não foram uma declaração de que, na era da promessa, as línguas do mundo desapareceriam, mas uma declaração de que, na era da promessa, todos os obstáculos seriam humilhados e a *unidade* para glorificação de Deus pela fé prevaleceria.

[188] Veja a nota 24.

[189] Uma das questões levantadas por aqueles de nós que cremos que Deus quer buscar adoradores de todos os povos do mundo é: "E o que dizer de povos que existem e morrem antes que venha um testemunho evangélico? Se você acredita que essas pessoas estão perdidas, como você argumentou, então nenhuma delas será representada na adoração celestial". Tenho três respostas para esta pergunta: (1) Não sei com toda a certeza que a garantia bíblica de que Cristo tem "pessoas redimidas para Deus de toda tribo, língua, povo e nação" deve incluir aqueles que vivem e morrem antes que possam crer; (2) Embora o ensino bíblico sobre o estado final daqueles que morrem na infância não seja explícito, sustento a interpretação de que as crianças que morrem na infância não perecem, mas provam ser eleitas e são levadas à fé em Cristo e à vida eterna de modo que não somos informados (veja o capítulo 4, nota 27). Portanto, aqueles que morreram na infância em tribos que desapareceram serão representados entre os redimidos; (3) Mas o modo como argumento neste capítulo sobre por que a diversidade glorifica a Deus aponta em outra direção para a resposta decisiva. Entre as principais razões pelas quais a diversidade glorifica a Deus está o fato de que a submissão consciente a um líder de um grupo muito diferente exalta a glória singular do líder. Veja adiante. Mas isso sugere, então, que talvez o objetivo decisivo de Deus em ordenar a busca de pessoas *vivas* é que somente aqueles que ouvem falar de Jesus e o seguem conscientemente o glorificarão deste modo. Isso pode sugerir, então, que a questão de povos que desapareceram simplesmente não está em vista quando o "cada" de Apocalipse 5.9 é contemplado.

[190] Omito a discussão sobre a possibilidade real de que haja correlações misteriosas entre os números e os propósitos dos povos e os números de santos ou anjos. Deuteronômio 32.8 diz: "Quando o Altíssimo distribuía as heranças às nações, quando separava os filhos dos homens uns dos outros, fixou os limites dos povos, *segundo o número dos filhos de Israel*". O Antigo Testamento grego traz a estranha tradução: "... de acordo com o número dos *anjos de Deus*", seguida por outra versão de nossa Bíblia que afirma: "... de acordo com o número dos filhos de Deus". Dar muita atenção a isso seria especulação. Mas isso nos lembra de que Deus tem razões que são frequentemente elevadas e ocultas.

[191] F. F. Bruce, *Commentary on the Book of Acts* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1968), p. 357-358.

[192] Jonathan Edwards, *The End for Which God Created the World* é publicado em sua totalidade por John Piper, *God's Passion for His Glory: Living the Vision of Jonathan Edwards* (Wheaton: Crossway, 1998).

[193] *Ibid.*, 242.

[194] *Ibid.*, 183-251.

[195] *Ibid.*, 140 (itálicos no original).

[196] Ênfase acrescentada. A maioria das versões modernas traduz este verso de modo que "para si mesmo" é traduzido como "para seu próprio propósito": "O Senhor fez todas as coisas para seu próprio propósito, até mesmo o ímpio para o dia do mal". No entanto, isto é uma interpretação contextual, não um necessário elemento do texto. O hebraico *lamma 'anehu* pode ser apropriadamente traduzido como "para si mesmo".

[197] Alguns deles estão reunidos no capítulo 1.

[198] Jonathan Edwards, "Sinners in the Hands of na Angry God", in *The Works of Jonathan Edwards,* vol. 2 (Edimburgo: Banner of Truth Trust, 1974), 10.

[199] Veja minha resposta a esse abandono no capítulo 4.

[200] Citado em John Gerstner, *Jonathan Edwards on Heaven and Hell* (Grand Rapids: Baker, 1980), 75.

[201] Para uma discussão completa sobre o argumento de Edwards a respeito da justiça do inferno, veja o capítulo 4, nota 19.

[202] Jonathan Edwards, "Charity and Its Fruits", in *The Works of Jonathan Edwards,* vol. 8, *Ethical Writings,* org. Paul Ramsey (New Haven: Yale University Press, 1989), 185.

[203] IBID., 207-208. Daniel 12.3 diz: "Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente".

[204] Gerstner, *Jonathan Edwards in Heaven and Hell.* Veja, na página 51, um sermão de 1747, no qual ele comenta sobre quão frequentemente advertiu seu povo sobre os perigos do inferno.

[205] Observe o contraste em 2Coríntios 7.10 entre "a tristeza, segundo Deus" e a "tristeza, segundo o mundo": "Porque a tristeza, segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte".

[206] Para uma exposição detalhada desta declaração, veja John Piper, *The Purifying Power of Living by Faith in Future Grace* (Sisters: Multnomah, 1995).

[207] Jonathan Edwards, *The "Miscellanies",* in *The Works of Jonathan Edwards,* vol. 13, org. Thomas Schafer (New Haven: Yale University Press, 1994), 495, ênfase acrescentada. Miscelânea # 448; veja também # 87, 251-52; # 332, 410; # 679 (não contida no volume de New Haven).

[208] Para uma exposição desta declaração, veja John Piper, *Desiring God: Mediations of a Christian Hedonist* (Sisters: Multnomah, 1996); e John Piper, *The Dangerous Duty of Delight: The Glorified God and the Satisfied Soul* (Sisters: Multnomah: 2001).

[209] Este capítulo é uma adaptação do material originalmente publicado em JohnPiper, *Brothers, We Are Not Professionals* (Nashville: Broadman & Holman, 2002), cap. 8.

[210] Heinrich Greeven, in *Theological Dictionary of the New Testament,* org. Gerhard Friedrich, tradução de Geoffrey Bromiley, vol. 6 (Grand Rapids: Eerdmans, 1968), 765, observa o "fato surpreendente" de que, enquanto *proskyneo* é abundante nos Evangelhos (vinte e seis vezes) e Atos (quatro vezes) e Apocalipse (vinte e uma vezes), é quase completamente ausente nas epístolas (Hebreus 1.6 e 11.21 são citações do Antigo Testamento). Com exceção de Atos 24.11, em que *proskyneo* é um termo técnico para adoração no templo, a única ocorrência de *proskyneo* na comunidade cristã primitiva está em 1Coríntios 14.25, em que parece se referir, literalmente, a uma prostração. Em outros textos há uma referência a ajoelhar-se em oração (At 9.40; 20.36) e a levantar as mãos (1Tm 2.8), mas a palavra *proskynein* não é usada. Greeven conclui: Esta é, talvez, a maior prova da concretude do termo. *Proskynesis* requer a majestade visível diante da qual o adorador se curva. O Filho de Deus estava visível a todos sobre a terra (os Evangelhos) e o Senhor exaltado se tornará visível novamente aos seus quando a fé der lugar à vista (Apocalipse).

[211] Veja nota anterior sobre duas aparentes exceções em Hebreus.

[212] Em harmonia com o que vimos na nota 2, Heinrich Greeven observa que "se, em vez de estabelecer um local a que os peregrinos deviam ir para adorar, Jesus diz que o verdadeiro local de adoração é em espírito e em verdade, isso é um oxímoro. Concentrado em *proskyneo,* o ato de adoração que é concreto em local e gestos é elevado a uma nova dimensão: 'espírito e verdade'". *Theological Dictionary of the New Testament,* 6:764.

[213] Estou consciente de que Jesus pode não ter falado em grego com esta mulher junto ao poço e, por isso, pode não ter, de fato, usado a palavra *proskyneo.* Mas entendo que a tradução feita por João da intenção de Jesus é precisa e que o uso que João faz de *proskyneo* captura fielmente o que Jesus quis comunicar sobre o significado de adoração comunicado por esta palavra.

[214] Veja John Piper, *Desiring God: Meditations of a Christian Hedonist* (Sisters: Multinomah, 1996), 73-95, para uma discussão mais completa do contexto de João 4 e sua relação com a adoração em espírito e em verdade.

[215] O substantivo deste verbo é *latreia* e é usado para traduzir o substantivo *'abodah* cinco vezes no Antigo Testamento grego. Paulo a usa duas vezes, uma para designar a adoração no Antigo Testamento (Rm 9.4) e uma para designar a vida cristã (Rm 12.1).

[216] A mesma confiança é vista no imaginário do povo de Deus (corpo de Cristo) sobre o "templo" do Novo Testamento em que os sacrifícios espirituais são oferecidos (1Pe 2.5), onde Deus habita com seu Espírito (Ef 2.21-22) e onde todas as pessoas são vistas como sacerdócio santo (1Pe 2.5, 9). Segunda Coríntios 6.16 mostra que a esperança da Nova Aliança da presença de Deus está sendo cumprida neste momento na igreja como povo, não em um culto específico: "Nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo".

[217] Calvino, *Institutas,* IV.x.30.

[218] Citado em Ewald M. Plass (org.), *What Luther Says,* vol. 3 (St. Louis: Concordia, 1959), 1546.

[219] Citado em Leland Ryken, *Worldly Saints: The Puritans as They Really Were* (Grand Rapids: Zondervan, 1986), 116.

[220] Veja a nota 6.

[221] John Piper, *The Purifying Power of Living by Faith in Future Grace* (Sisters: Multinomah, 1995).

[222] John Piper, *The Pleasures of God: Meditations on God's Delight in Being God* (Sisters: Multinomah, 2000).

[223] John Piper, *God's Passion for His Glory: Living the Visiono f Jonathan Edwards* (Wheaton: Crossway, 1998).

[224] C. S. Lewis, *Reflections on the Psalms* (Nova York: Hartcourt Brace and World, 1958), 93-95.

[225] Não pense que quero dizer que o cristão verdadeiro nunca luta com períodos estéreis de afeições espirituais baixas e quase mortas. Nós lutamos. Veja especialmente a discussão crucial de três níveis ou estágios de adoração em Piper, *Desiring God,* 85-87. Há leves ecos da dignidade de Cristo que brilham mesmo quando estamos suspensos sobre a esperança nele pelos dedos do pé. Ele é honrado pela mulher moribunda que engasga com seu próprio vômito (falo de minha experiência pastoral) e não amaldiçoa Deus, mas se submete, mesmo com gritos, e espera contra a esperança que esse horror não seja ira, mas o último terror demoníaco antes da alvorada eterna.

[226] Estou muito consciente das críticas de que a busca da alegria desviando o olhar do Apreciado é mortal. Não estou recomendando que você vá ao Grand Canyon da grandeza de Deus e se sente na beirada com o dedo no pulso e sua mente em sua condição interior. Isso cancelaria o Canyon. Entregue-se ao Canyon. Contemple-o. Divirta-se nele. Absorva-o. Reflita sobre ele. Esse é o tipo de busca que tenho em mente. A glória totalmente satisfatória de Deus não é experimentada quando focalizamos a experiência, mas quando focalizamos a glória.

[227] O contexto deixa claro como cristal que "seu" se refere a Jesus Cristo: "Foi designado Filho de Deus em poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor, por intermédio de quem viemos a receber

graça e apostolado por amor do seu nome, para a obediência por fé, entre todos os gentios" (Rm 1.4-5).

[228] David Doran, em seu livro *For the Sake of His Name: Challenging a New Generation for World Missions* (Allen Park: Student Global Impact, 2002), 131-154, escreveu um capítulo chamado "The Territory of the Great Comission". Nele, Doran faz uma correção a uma ênfase assimétrica no foco sobre o grupo de pessoas em missões, às expensas do foco geográfico. Apesar de nossa interação, não penso que seja necessário mudar algo que escrevi. No entanto, alerto o leitor para o fato de que Doran interage comigo neste livro e, assim, pode fornecer uma perspectiva que eu esteja negligenciando.

[229] Veja especialmente os usos de *propempo* em Atos 15.3; Romanos 15.24; ICoríntios 16.6, 11; 2Coríntios 1.16 e Tito 3.15.

[230] John Stott, comentando o v. 6, diz: "Eles não devem apenas ser recebidos quando chegam, mas ter lugar para descansar e provisões (sem dúvida, suprimentos de comida e dinheiro) para serem enviados *do modo digno de Deus*... Tal envio cuidadoso dos missionários em sua jornada não é apenas uma 'coisa leal' (v. 5), mas uma coisa 'bonita' (v. 6, *kalos poieseis, bem fareis*)". *The Letters of John: An Introduction and Commentary* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1989), p. 225.

[231] David Bryant ajudou a definir e popularizar a noção de "cristão global" em seu livro *In the Gap: What It Means to Be a World Christian* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1979).

Índice de textos bíblicos

Gênesis

1.27, 47
3.5 , 47
10.5, 20, 31, 257
11, 257
11.4, 256
12.1-3, 172
12.2-3, 138
12.3, 67, 170, 172, 173, 180, 196, 254, 256
14, 158
17.4-5, 168, 180
18.18, 172, 173, 253, 254
18.18 LXX, 172, 254
22.18, 172, 253, 254
22.18 LXX, 172, 254
25.23, 194
26.4, 172, 253, 254
26.4 LXX, 172, 253, 254
28.14, 172, 254
49.10, 68

Êxodo

6.14-15, 194
6.14s, 255
6.17, 254
14.4, 41
14.17-18, 41
19.5 LXX , 253
23.22 LXX, 253
23.27 LXX , 253
33.16 LXX, 253

Levítico

20.24, 26 LXX, 253
26.12, 188

Números

1.44, 254
3.24, 254
14.21, 77
18.1, 254
25.14-15, 254

Deuteronômio

2.25 LXX, 253
4.6, 19, 27 LXX , 253
7.1, 168
7.6-7, 14 LXX, 253
10.15 LXX, 253
11.23 LXX, 253
14.2 LXX, 253
26.19 LXX, 253
28.1, 10, 37, 64 LXX, 253
28.64, 170
29.23-30.1, 3 LXX, 253
30.6, 79
32.43, 182
32.8, 257

Josué

4.24 LXX, 253
7, 194
7.14, 172, 194
22.14, 254
23.3-4, 17-18 LXX, 253

1Samuel

8.20 LXX, 253
10.20-21, 194
12.20-22, 41

2Samuel

7.23, 41

2Reis

5.26-27, 115
19.34, 41
20.6, 41

1Crônicas

14.17 LXX, 253
18.11 LXX, 253
23.11, 254
24.6, 254

2Crônicas

7.20 LXX, 253
32.23 LXX, 253
33.9 LXX, 253
35.5, 254

Esdras

2.59, 254

Neemias

6.16 LXX, 253

Ester

3.8 LXX, 253

Jó

1.12, 21, 243

2.6-7, 10, 243
26.14, 37
42.1, 80

Salmos

2.8, 67, 171, 175, 254
2.9, 171
9.2, 35
9.8 LXX, 253
9.11, 174
9.17, 55
16.11, 49, 53, 113, 224
18.49, 178, 182
19, 153
19.4, 151, 152, 153, 252
21.28 LXX, 174
22.27, 67, 174, 190
25.11, 42
37.4, 54, 59, 224
45.17, 175
46.2 LXX, 253
47.1, 174
47.9, 175
48.2 LXX, 253, 254
48.14, 103
50.15, 72, 231
57.5, 37
57.9, 178
58.6, 9 LXX , 253
63.3, 113, 231
66.4, 68
66.8, 175
67, 138, 182
67.1-2, 178
67.1-5, 177
67.3, 237
67.3-4, 10, 35, 53
67.4, 31, 59, 230
67.5-7, 254
69.32, 53
70.4, 53
71.11, 17 LXX, 253, 254
72.11, 177
72.17, 177
74.18, 55
81.8 LXX, 253, 254
85.9 LXX, 171, 253, 254
86.9, 67, **69**, 171, 175
87.6, 176
95.7 LXX, 174
96.3, 31, 36, 54, 175, 198
96.3-4, 199, 200
96.4, 38
96.7, 174
96.7, 10, 175
97.1, 35, 53, 230
98.2-3, 254
102.15, 176
102.22, 176
104.34, 35
105.1, 175
106.7-8, 20
108.3, 178
111.6, 175, 176
112.4 LXX, 254
116.1 LXX, 254
117.1, 39, 175, 182
117.10 LXX, 254

Provérbios

21.31, 231

Isaías

2.2 LXX, 254
11.10, 176, 183
12.4, 54, 175
14.12, 26 LXX, 254
25.6-7, 176
25.7 LXX, 254
28.16, 150
29.8 LXX, 254
30.18, 52
34.1, 175
34.2 LXX, 254
36.20 LXX, 254
40.15, 17 LXX, 254
40.25-26, 37
43.6-7, 40, 222
43.9 LXX, 254
43.25, 42
46.1-4, 53
48.9-11, 40, 207
49.3, 40
49.6, 176, 181
51.5, 176
52.10, 176, 254
52.10 LXX, 254
52.15, 176, 184
53, 140, 153
53.10, 98
55.10-11, 79
55.5, 176
56.7, 169, 177, 190, 254
56.7 LXX, 254
60.3, 177
61.11 LXX, 254
64.4, 52
66.18-19, 177
66.18, 20 LXX, 254
66.18-20 LXX, 254

Jeremias

2.13, 44
3.17 LXX, 254
9.25 LXX, 254
10.5, 53
13.11, 40
16.19, 254
25.9 LXX, 254
32.13, 15 LXX, 254
33.6 LXX, 254
35.11, 14 LXX, 254
43.2 LXX, 254
51.8 LXX, 254

Ezequiel

20.14, 41
25.8 LXX, 254
32.9, 170
36.22-23, 32, 42
36.26-27, 71
36.27, 79
38.16 LXX, 254
39.21, 23 LXX, 254

Daniel

3.2, 7 LXX , 254
3.7, 254
7.14 LXX, 254
12.2, 126

Joel

2.32, 149, 150
4.2, 11-12 LXX, 254

Amós

9.12, 170
9.12 LXX, 254

Obadias

15-16 LXX, 254

Jonas

3.10, 178
4.1-3, 179
4.10-11, 179

Habacuque

2.5 LXX, 254
2.14, 44, 236

Ageu

2.7 LXX, 254

Zacarias

7.14 LXX, 254
9.10, 254
12.3, 9 LXX, 254
14.2, 16, 18-19 LXX, 254

Malaquias

2.9 LXX, 254
3.12 LXX, 254

Mateus

3.12, 126
5.11-12, 101, 112, 231
5.16, 42, 209
6.9, 73
6.9-10, 55
6.10, 73
6.11, 75
6.12, 77
6.13, 76, 77
6.32, 23, 253
6.33, 21, 236
8.25, 127
9.13, 51
9.17, 127
9.36-38, 50
9.38, 31, 75
10.5, 253
10.6, 127
10.16, 98, 157, 158, 232
10.25, 24, 90, 232
10.28, 127, 128
11.28-30, 52
12.14, 127
12.21, 253
12.32, 128
12.39-41, 179
13.39-40, 166
13.44, 30, 85
13.49, 166
16.18, 31, 67, 69, 166, 187
18.8, 127
19.23, 54, 107
19.25, 54
19.26, 54
19.27, 55
19.29, 55
20.1-16, 243
20.25, 253
21.43, 26, 253
24.7, 167, 253
24.9, 169, 171
24.14, 31, 67, 78, 158, 169, 171, 190, 192, 196, 236
25.21, 23, 52
25.32, 169, 171
25.41, 127
25.41, 46, 127, 211
25.46, 45, 247
26.24, 128
26.28, 250
26.41, 76
28.18, 31, 166, 192
28.18, 20, 70
28.18-20, 13, 28, 165
28.19, 167, 169, 171, 190, 196, 253, 256
28.19-20, 255

Marcos

1.34, 243
3.29, 128
4.18-19, 66
4.19, 108
4.26-27, 80
8.31, 90, 232
8.34, 30, 88, 232
8.35, 88
9.24, 76
9.29, 74
9.37, 55
9.43-48, 126
10.22-23, 115
10.45, 52, 89, 90, 250
11.17, 169, 171, 190, 191, 217
13.8, 253
13.9, 109
13.10, 158, 169
13.11, 70
13.13, 61
16.9ss, 255
16.15, 196, 255

Lucas

2.32, 253
3.17, 126
6.23, 101
7.5, 253
8.11, 79
11.13, 74
11.49, 98
12.12, 159
12.29-30, 170
12.29-31, 115
12.30, 171
12.33, 22, 115, 228
12.4-5, 127
13.24, 61
14.14, 119
14.26, 88
14.33, 88
16.9, 115
16.23, 116
16.26, 128
17.25, 90
18.1, 83
18.7, 74
18.7-8, 83
19.17-19, 101
21.4, 116
21.10, 253
21.12-13, 109, 111
21.15, 159
21.24, 170, 253, 253
21.34-36, 65
21.36, 76
22.32, 76
23.2, 253
24.46-47, 133, 191
24.47, 140, 170, 171, 189, 190, 196
24.49, 70

João

1.12, 70
1.29, 250
3.16, 70
5.44, 42
6.35, 70, 157, 213
6.37, 69
6.44, 45, 69
6.51, 250
7.18, 42
7.38, 157
8.47, 69
10.4, 14, 157
10.15, 157, 159
10.16, 31, 69, 157, 158, 187
10.18, 80
10.26-27, 69
10.27, 70, 157
10.27-28, 157
10.28, 157
11.25, 157
11.48, 50-52, 253
11.51-52, 132, 186
11.51-53, 157
11.52, 158, 186, 187, 192
12.24, 80, 104
12.25, 88
12.27, 28, 42
12.46, 157
13.31-32, 42
14.6, 157
14.13, 42, 72, 83, 231
15.5, 72
15.7, 73
15.11, 52
15.16, 64
15.20, 24, 90, 232
16.13-14, 78
16.14, 43
16.24, 72, 231
17.1, 42
17.6, 69
17.12, 128
17.13, 26, 52
17.20, 70, 79, 157, 186
17.20-21, 75, 157
17.24, 43
18.35, 253
18.37, 69
20.21, 70, 90, 232
21.19, 118

Atos

1.8, 70, 107, 189, 190, 196, 254
2.5, 143, 167, 170, 171, 253
2.24, 80
2.38, 143
2.47, 70
3.19, 143
3.25, 172
4.1, 148
4.12, 132, 147-149, 250, 251
4.27, 194
4.27-28, 98, 243
4.29, 74
4.29-30, 74
4.31, 78
5.41, 113
5.5-6, 115
6.7, 79
6.10, 70, 108
7.7, 253
8.1, 107, 108
8.9, 167, 253
8.26, 29, 70
9.15, 184, 253
9.15-16, 96
9.16, 55, 59, 232
9.40, 75, 258
10.1-11.18, 141, 142
10.2, 141, 143
10.15, 141
10.22, 253
10.22,33, 142
10.28, 144, 145
10.31, 146
10.31-32, 141
10.34-35, 142
10.35, 143, 144, 147, 170, 171, 253
10.43, 143, 147, 149
11.14, 142, 147
11.18, 71, 141, 143, 147, 155
11.19, 107
12.5, 12, 75
12.23, 43
12.24, 79
13.2-3, 75
13.19, 168
13.38-39, 143, 155
13.45, 181
13.46-47, 181, 253
13.46-48, 155
13.47, 181, 184
13.48, 156, 159, 168
13.49, 79
14.3, 79
14.16, 26, 136, 137, 139, 155, 159, 170, 171, 232
14.22, 25, 93
14.23, 75
15.3, 260
15.7, 14, 23, 253
15.9, 155
15.14, 71, 147, 156
15.14-18, 156
15.16-17, 170
15.17, 171
16.7, 10, 70
16.9, 68
16.14, 71, 155
16.25-26, 75
17.23, 137, 140
17.25, 52, 208
17.26, 170, 171, 198, 201, 253
17.27, 146
17.30, 26, 123, 137, 139, 140, 159
17.30-31, 137
17.31, 140
18.6, 253
18.9-10, 242
18.10, 159
19.20, 79
20.23, 96
20.28, 133
20.35, 228
20.36, 258
21.11, 253
21.13, 56
22.21, 253, 256
24.2, 10, 17, 253
26.4, 253
26.15-18, 154
26.16-18, 70, 79
28.8, 74
28.19, 253

Romanos

1-2, 246

1.5, 10, 56, 123, 136, 159, 170, 171, 185, 198, 232, 236
1.16, 78, 154
1.18, 39, 137
1.18, 23, 44, 240
1.18-21, 251
1.18-23, 250
1.19-20, 255
1.19-21, 133
1.20, 251
1.20,21, 207
1.22-23, 43
2.6-8, 128
2.7, 101
2.12, 137
3.9-19, 154
3.9-20, 133
3.23, 43, 44
3.23-25, 133
3.25-26, 42, 222
3.28, 249
3.29, 253
4.11, 180
4.16-17, 181
4.17, 168
4.20, 232
4.25-5.1, 250
5, 249
5.2, 113
5.3, 61, 112
5.3-4, 99, 112
5.6, 8-10, 250
5.17, 249
5.17-19, 131, 249
6.6, 89
8.3, 91
8.7-8, 154
8.18, 101
8.22, 255
8.30, 61, 156, 159
8.31, 35-39, 91
8.35-39, 59
9.17, 41
9.22-23, 44
9.24, 253
9.30-10.21, 149
9.32, 150
9.33, 150
10, 151, 153
10.1, 74
10.3, 150
10.9, 150
10.10-13, 151
10.11, 150
10.11-21, 152
10.13, 149, 152
10.13-15, 149
10.13-14, 17, 78
10.14, 150, 152, 157
10.14-15, 150, 151, 253, 254
10.14-16, 151
10.14-21, 150
10.15, 150
10.16, 151
10.18, 151, 152, 246
10.19, 152
11-21, 152
11.14, 138
11.25-26, 138
11.36, 44, 206, 231
12.12, 61
15, 155, 182
15.7, 43
15.8-9, 49, 50, 182, 210, 222
15.9, 51, 182, 198, 253
15.9-12, 184
15.9-12, 16, 253
15.9-13, 136
15.10, 182
15.11, 182, 184, 192, 200
15.12, 183
15.15-18, 156
15.18, 200
15.18-19, 70
15.18-21, 183
15.19, 195
15.20, 184, 210, 253
15.21, 184
15.23, 183, 195, 210
15.24, 183, 210, 260
15.24, 28, 196
15.30, 61
15.30-31, 75
16.25, 137
16.25-27, 135
16.26, 185, 253

1Coríntios

1.21, 138, 139, 154
1.23-24, 139
1.24, 159
2.14-16, 154
3.6-7, 71
3.6-10, 196
4.13, 102
5.5, 129
6.20, 43
9.19-22, 252
9.22, 138
9.25, 61
9.26-27, 62
10.31, 43, 220, 236
12.2, 168
12.22, 102
13.3, 46
13.5, 45, 46
15.2, 154
15.3, 250
15.10, 71
15.21-23, 132
15.22, 249
15.41, 101
16.6, 11, 260

2Coríntios

1.5-6, 104
1.8-9, 99
1.9, 112
1.11, 81
1.16, 260
1.20, 140
2.17, 29
3.6, 71
4.17, 113
4.17-18, 100
5.18-21, 250
6.4-10, 97
6.10, 61
7.10, 258
9.6, 101
10.3-5, 27, 62
11.23-28, 97
12.9-10, 111, 112

Gálatas

1.4, 250
2.9, 253
2.14, 253
2.19, 30
2.19-20, 89

3.6-8, 173
3.7, 173, 180
3.8, 170, 171, 173, 180, 181, 184
3.13-14, 180
3.14, 253
3.16, 180
3.29, 173, 180
4.4, 250
5.24, 89

Efésios

1, 51
1.4-6, 40
1.5-6, 51
1.6, 51
1.6, 12, 14, 223
1.7, 91, 250
1.11-12, 51
1.12, 14, 40
1.14, 51
1.16, 18, 76
1.16, 19, 76
1.17, 76
2.1-3, 45
2.1-5, 250
2.2-3, 161
2.3-5, 154
2.11-21, 135
2.12, 161
2.13, 250
2.16, 250
2.18, 250
2.19–3.6, 136
2.21-22, 259
3.4-10, 134
3.5, 137
3.6, 134, 136, 139, 168
3.14, 18, 76
3.16, 76
3.17, 76
3.19, 74, 76
4.17, 161
4.17-18, 78, 154
4.18, 45
4.28, 22
5.1, 47
5.2, 250
5.6, 161
5.18-20, 220
5.25, 250
6, 64
6.7-8, 58
6.12-18, 27, 62
6.12-13, 62
6.15, 61
6.17-18, 74, 63
6.18-19, 74
6.19, 81

Filipenses

1.9-10, 76
1.9, 11, 43
1.10-11, 222
1.14, 102
1.19, 81
1.20-21, 30, 224
1.23, 30
1.29, 98
2.10, 140
2.10-11, 55
2.13, 71, 79
2.17, 61, 220
3.3, 219
3.7-8, 114
3.8, 55, 231
3.20, 28
4.4, 224
4.18, 220

Colossenses

1.4-5, 99
1.6, 154
1.9, 76, 77
1.10, 76, 77
1.11, 76, 77
1.16, 206
1.16-17, 80
1.20, 250
1.24, 31, 61, 89, 104, 106
1.26, 137
1.29, 61
3.2-3, 89
3.5-6, 116
3.17, 220
4.3, 81
4.12, 61

1Tessalonicenses

1.5-6, 104
1.9, 246
1.10, 212
2.5, 29
2.13, 159
2.16, 154
3.2-3, 93
3.3, 98
3.5, 61
3.10, 75
5.9, 250

2Tessalonicenses

1.5-10, 211
1.6-9, 248
1.9, 45, 127
1.9-10, 43, 129
1.10, 222
1.11, 77
2.10, 39
3.1, 73, 81, 154

1Timóteo

1.3, 183
1.18, 62
2.1-4, 65
2.2, 65
2.3-4, 65
2.5, 132
2.8, 258
3.12, 25
4.3, 113
4.10, 250
6.5, 29
6.7-8, 28
6.9, 116, 129
6.9-10, 21
6.12, 61
6.17, 21

2Timóteo

2.3, 28
2.4, 62
2.10, 105
3.12, 93
4.5, 196
4.6, 220
4.7, 60
4.17, 171, 253

Tito

1.5, 183
1.9, 18
2.1, 18
2.14, 250
3.13, 235
3.15, 260

Hebreus

1.3, 80, 250
1.9, 254
2.10, 206
4.6, 253
4.11, 61
4.15, 99
5.8, 99
6.1-2, 129
7.16, 80
9.25-26, 27
9.12, 250
9.22, 250
9.26, 91, 250
10.14, 250
10.25, 216
10.34, 30, 113
11.25, 113
12, 99
12.4-6, 98
12.10, 99
12.24, 250
13.5-6, 23
13.12, 250
13.12-14, 93
13.13, 95
13.15, 219
13.16 219
13.20-21, 71

Tiago

1.2, 113
1.5, 75
1.18, 78
4.13, 15, 98
5.14-15, 74
5.17-18, 74

1Pedro

1.6, 61
1.7, 115
1.13, 114
1.19, 250
1.21, 115
1.23, 78
2.5, 259
2.9, 167, 253, 259
2.11, 28
2.12, 42
2.20-21, 91
2.22-23, 92
2.24, 91, 250
3.8-9, 91
3.15, 114
3.17, 98
3.18, 250
4.1, 92, 96
4.11, 43, 71, 231
4.12, 92
4.12-14, 25
4.13, 61, 113, 115
4.19, 98, 115
5.9, 92

2Pedro

1.10, 61

1João

2.2, 250
2.15-16, 21

3João

1.8, 234
5, 235
6, 235
6-**7**, 56
7, 10, 56
8, 235

Judas

12-13, 129
24, 159

Apocalipse

1.5, 250
2.10, 243
5.9, 50, 77, 132, 156, 159, 167, 174, 186, 187, 192, 193, 194, 196, 198, 199, 209, 253, 254, 257
5.9-10, 132, 158, 185
6.2, 241
6.11, 31
7.9, 77, 158, 196, 236
7.9-10, 187
7.14, 158
11.9, 168
12.5, 171
12.17, 158, 241
13.7, 253
14.6, 253
14.6-7, 188
14.10, 248
14.9-11, 211
14.10-11, 130
14.11, 45, 129
14.18, 253
14.20, 211
15.3-4, 59
15.4, 171, 188
16.19, 253
17.14, 132, 241
19.3, 129
19.15, 253
19.16, 132
20.8, 253
20.10, 45, 211, 248, 127, 128, 129
20.10-11, 130
20.14-15, 211
20.13, 130
20.15, 130
21.3, 188, 194, 198, 199
21.8, 45, 130
22.2, 195
22.14, 158
21.23, 44
21.24, 253

Índice de pessoas

Alexander, John, 69
Anderson, James N. D., 250

Baldo, Suleyman Ali, 94
Barrett, David, 89, 165, 193, 253
Barth, Karl, 256
Baxter, Richard, 68
Beyerhaus, Peter, 57, 241
Bitterman, Chet, 104
Blomberg, Craig, 243
Bonhoeffer, Dietrich, 88, 242
Brainerd, David, 56, 57, 86, 103, 241
Brant, Albert, 146
Bridge, William, 241
Brown, Delwin, 245, 249
Bruce, F. F., 201, 251, 253, 257
Bryant, David, 236, 260
Burroughs, Jeremiah, 241

Cain, Glen, 146
Calvino, João, 220, 250, 259
Campos, Martinho, 110
Card, Michael, 105, 244
Carey, William, 38, 68, 69, 86, 139, 140, 241, 253
Carlisle, Thomas, 179, 242, 245, 255
Carmichael, Amy, 120
Conzelmann, Hans, 251
Cranfield, C. E. B., 251
Crockett, William, 125, 245, 246, 247, 250, 252

Dawson, John, 57, 58, 241
Dibelius, 253
Dinka (raça, tribo), 94
Dixon, Larry, 245
DuBose, Francis M., 256
Duewel, Wesley, 58, 241
Duff, Alexander, 69

Eddy, Sherwood, 120
Edwards, David, 245, 246, 247, 249
Edwards, Jonathan, 44, 46, 101, 130, 131, 205, 206, 211, 212, 213, 214, 240, 241, 243, 249, 252, 257, 258, 259
Einstein, Albert, 36
Eliot, John, 68
Ellenberger, John, 159, 160, 252
Elliot, Elisabeth, 244
Elliot, Jim, 82, 103
Erickson, Millard, 125, 141, 152, 153, 246, 247, 251
Estes, Steve, 244

Fernando, Ajith, 245, 246, 250
Fleming, Pete, 103, 245
Fudge, Edward, 124, 245
Fuller, W. Harold, 251

Gedeo (raça, tribo), 145, 146
Goodwin, Thomas, 241
Graham, Billy, 105
Grenfell, Lydia, 87

Haenchen, Ernst, 251
Hawthorne, Steven C., 241, 253, 254
Hebblethwaite, Brian, 245
Hein, Rolland, 245
Hick, John, 124, 125, 245, 246
Hodge, Charles, 151, 152, 153, 160, 247, 251, 252
Howard, David, 82, 242

Johnstone, Patrick, 11, 193, 195, 242
Joseph (guerreiro Masai), 105, 106
Judson, Adoniram, 69

Kelly, Stanford, 116

Kraft, Charles, 250
Kraft, Heinrich, 254
Kulichev, Hristo, 111

Lenski, R. C. H., 253
Lewis, Norman, 244
Livingston, David, 69, 120
Longenecker, Richard, 251
Lull, Raymond, 117, 118

MacDonald, 124, 125, 245
Mahmud, Ushari Ahmad, 94
Marshall, Frank, 109
Martyn, Henry, 85-88, 103, 242
Mather, Cotton, 68, 241
McCully, Ed, 103
McKnight, Scot, 247
McVeigh, Malcolm J., 250
Misner, Charles, 36
Moon, Lottie, 120
Morris, Leon, 127, 247, 254
Moule, Handley, 117, 244
Mounce, Robert, 254
Mueller, George, 83, 242
Murray, Andrew, 57, 241
Murray, Iain, 240, 242
Murray, John, 151, 152, 153, 251

Olshausen, Hermann, 252
Otis, George, 89

Packer, J. I., 241
Parry, John, 246
Paton, John, 100, 119, 241, 243, 245
Phillips, Timothy, 246, 250
Pierson, A. T., 81, 242
Pinnock, Clark, 124, 148, 245, 247, 249-251

Richardson, Don, 145, 251
Rizeigat (muçulmanos), 94

Saint, Nate, 103
Sanders, J. Oswald, 105, 116, 250
Sanders, John E., 250
Schlossberg, Herbert, 244
Schmidt, Karl Ludwig, 195, 254
Schreck, Harley, 165, 253
Sigountos, James, 125, 246, 247, 250, 252
Simeon, Charles, 86, 117, 244, 245
Spencer, Aida Besancon, 246
Spurgeon, Charles, 72, 242, 251
Stalin, Joseph, 108
Starkey, Dr., 246
Stearns, Amy, 108, 244
Stearns, Bill, 108, 244
Steller, Tom, 10, 12, 234, 237, 249
Stott, John, 10, 56, 124, 127, 129, 130, 239, 241, 245-249, 253, 260
Strong, A. H., 247

Taylor, Hudson, 120
Thompson, Phyllis, 244
Tienou, Tite, 246
Tozer, A. W., 36
Twisse, William, 241

Verkuyl, Johannes, 254

Wanga, Warrasa, 145
Wells, Tom, 139, 240, 251
Wesley, Charles, 95, 96, 243
Wiens, Art, 82
Winter, Ralph, 116, 163, 164, 193, 241, 244, 253-256
Wurmbrand, Richard, 92, 242

Youderian, Barbara, 103
Youderian, Roger, 103

Zedong, Mao, 242
Zwemer, Samuel, 120, 245

Índice de assuntos

Abençoado para ser uma bênção, 178

Adoração
  abordagem resumida, 230
  combustível das missões, 15, 230, 232
  metas das missões, 15, 230-232
  supremacia de Deus entre as nações, 161-201

Alegria
  proporcionada por Deus, 30
  no sofrimento, 24, 113, 115

Aliança, Nova, 71, 79, 259

Amilenismo, 242

Amor
  autoexaltação de Deus, 49, 224, 230
  busca sua própria alegria?, 46
  pode decidir a estratégia da missão?, 68, 186, 244
  quando é fraco, 57

Aniquilação, 124
  textos contra ela, 126-129

Apatia, 107

Aposentadoria e as missões, 116-120

Austeridade, 28, 62, 63, 115

Autonegação, 30, 119

Bens, 19, 22, 29, 30, 46, 55, 113, 115, 116, 120, 225, 228

Cegueira dos povos, 163, 164

China, 17, 58, 80, 242

Compaixão
  e zelo por Deus, 58

Cristo
  afirmação resumida de sua necessidade, 232
  missões por seu nome, 55, 149, 233
  seu nome é o único nome, 147-149
  supremacia nas missões, 123-160
  única esperança de salvação, 126
  vindo para glorificar Deus, 40, 49-51

Cura, 74

Deus
  a centralidade nele mesmo, 40
  age por nós, 52
  amar para buscar sua glória, 48-52
  autoexaltação como amor, 45-52
  fazer mais por sua glória, 56
  glorificado na diversidade eterna, 198-201
  meta para glorificar-se, 39-44, 66
  não para ser servido, 52-53
  poder de fazer o que não podemos, 45-48
  proporciona alegria, 52-53
  pura unicidade, 51-53
  quando mais glorificado em nós?, 47-48
  santificando seu nome, 54-55
  sua meta suprema, 39
  um ego orgulhoso?, 45

Diversidade
  como ela magnifica Deus, 199-201
  pretendida e eterna, 198-199

Eleição
  para a glória de Deus, 40, 50-51

Eleição, 51, 61, 69, 75
  focalizada agora em Cristo, 134-135

Esperança do Antigo Testamento, 150, 172-179
  anúncios, 177-178
  exortações, 174-175
  orações, 177
  promessas, 175-177

Esperança puritana, 67

Estilo de vida em tempo de guerra, 28, 63, 115-120

Ethnos, 166-171, 188, 191, 195, 253

Evangelho
a obra das missões, 79-81
como um chamado para a alegria, 52-53
deve ser ouvido para a salvação, 78-79
liberado pela oração, 133-152

Famílias da terra
quão pequenas são elas?, 194-195

Famílias da terra, 172, 180, 182, 189, 191, 194, 255, 256

Fé
sofrimento fortalecido, 99-100

Glória de Deus
alvo da oração, 60

Graça
Deus visa glorificá-la, 51-52

Grande Comissão, 27, 59, 69, 81, 138, 165, 166, 167, 174, 181, 189, 190, 234
dez razões pelas quais ela se refere aos povos, 191
Mateus, 190-192
versão de Lucas, 189-190

Grande objetivo de Deus, 25
carência dos humanos, 25
magnificado em nossa alegria, 48-49
zelo pelos movimentos missionários, 50

Grupo de pessoas
definição, 145, 163-165, 167-171, 174, 183, 185, 190-193, 195, 196, 198, 200, 201, 233, 242, 255, 256, 260

Guerra
estilo de vida, 28, 115-120
vida é guerra, 28, 60-62

Inferno, 44, 45, 63
consciente tormento eterno, 126-131
ecoa a glória de Deus, 130
injusto?, 131
mostra o valor de Deus, 44
terrível realidade, 130

Jesus (ver Cristo)

João – visão das missões, 157-158, 185-188

Luta da fé, 61

Martírio, 88, 89, 103, 106, 118, 242

Meta de Deus nas missões, 39-44

Misericórdia
motiva missões, 50
transborda da plenitude de Deus, 51

Missionário
definição, 236

Missionários como modelos, 85-88, 102-104

Missões
a obra das missões, 77-80
estratégia de sofrimento, 106-112
ideia de Paulo sobre a tarefa, 180-185
motivadas pela esperança, 67-69
não são a meta final, 15, 35, 38
necessidade temporária, 35
obra de Cristo, 69-71
sua tarefa, 163
transbordam do deleite em Deus, 38

Missões
Ideia de Paulo sobre tarefa missionária, 154-158, 180-185

"Mistério de Cristo", 134-137

Motivação para missões
como o nervo é cortado, 125, 159-160
intensificada por eficácia da revelação geral?, 158-160

Nova Aliança – promessas, 71-72, 79-80

Oração
abordagem resumida, 231
alcança o alvo de Deus, 77
casa para todas as nações, 190
comunicador em tempo de guerra, 60, 64-66, 81
libera o poder do Evangelho, 78
lugar extraordinário nas missões, 80-81
nome de Deus, 55
para a expansão do reino, 73
para a fé, 76
para a glória do Pai, 72
para a plenitude do Espírito, 74
para a unidade (ou união), 75
para cura, 74
para defender a causa de Deus, 74

para encorajamento, 76
para esperança, 76
para expulsar demônios, 74
para fortalecimento, 76
para levantar os mortos, 75
para o envio de missionários, 75
para o manuseio da palavra, 74
para o perdão, 77
para ousadia, 74
para proteção, 77
para sabedoria estratégica, 75
para salvar os incrédulos, 73
para sinais e maravilhas, 74
para que todas as nações venham, 73
pelo que a igreja primitiva orava, 73-77
prova a supremacia de Deus, 72
serve a Palavra, 77-78

Palavra de Deus
a obra das missões, 77-78
não pode falhar, 79
nas missões, 77-79

Panta ta ethne, 166-174, 182, 185, 188-192, 195, 253, 254, 256

Pecado
condição de todos, 43, 44, 133, 154-155
condição humana, 44

Pós-milenarismo, 241

Povos não alcançados
abordagem resumida sobre os povos, 232-233

Povos não alcançados,
a paixão de Paulo por, 182
como a diversidade eterna glorifica a Deus, 199-201
definição, 164, 195-196, 233
e a tarefa das missões, 163

Predestinação, 51, 69, 70, 222

Pré-milenarismo, 241

Promessas
para todas as nações, 174-177

Promessas do triunfo de Cristo, 67

Recompensas pelo sofrimento, 100-102

Redenção
necessária para a salvação, 131 -133
universalidade, 131

Religiões não cristãs, 131

Ressurreição de Jesus, 31, 79, 88, 131, 132, 134, 140, 141, 179

Revelação geral
um meio de salvação, 125, 148, 152, 153, 159, 246, 250-252

Riqueza, 19, 21- 24, 28- 30, 44, 54, 66, 67, 76, 108, 115, 116

Satanás
ataques à fé, 61
permitido afligir a igreja, 243

Segurança eterna, 61

Sinais e maravilhas, 70, 74, 79, 183

Sofrimento
abordagem resumida, 231-232
alegria no, 113, 115
amor perdido, 85-86
como estratégia missionária, 106-111
como reveses temporários, 106
de Cristo, 92
de Paulo, 96-97
determinado por Deus, 98
magnifica a Cristo, 111-115
mostra a supremacia de Deus, 85-120
o nosso completa o de Cristo, 104-106
para aumentar a fé, 99
preparando-nos para ele, 92-93
seis razões por que Deus o deseja, 99
várias recompensas pelo, 100-102

Supremacia de Deus
ao ir e enviar, 234-237

"Tempos de ignorância", 26, 137, 138, 141, 232

Universalismo
abordagem resumida, 232

Universalismo
três perguntas, 125

Urgência e missões, 125

A partir de cuidadosa análise bíblica John Piper demonstra que a adoração é o objetivo supremo da igreja e que o culto como Deus o requer é combustível para missões. O autor aborda o papel da oração, o universalismo e o aniquilacionismo, os incentivos da soberana graça de Deus para a evangelização e a nossa tarefa de pregar a povos ainda não alcançados.

***Alegrem-se os Povos* ajudará estudantes de missões e os crentes em geral a refletir a respeito da relação entre igreja e missão e a respeito da responsabilidade missionária de cada crente.**

John Piper é pastor na *Bethlehem Baptist Church* em Minneapolis, Minnesota (EUA). Entre os seus livros incluem-se *A paixão de Deus por sua glória*, *Casamento temporário*, *Fome por Deus*, *Não jogue sua vida fora*, *A Paixão de Cristo*, *Quando eu não desejo Deus*, *Sexo e a supremacia de Cristo*, *O sofrimento e a soberania de Deus*, todos publicados pela Cultura Cristã.

Missões / Vida cristã / Espiritualidade

ISBN: 978-85-7622-450-1

9 788576 224501

EDITORA CULTURA CRISTÃ
www.editoraculturacrista.com.br